

Gesiane Monteiro Branco Folkis

**ANÁLISE DO DISCURSO HUMORÍSTICO:
AS RELAÇÕES MARIDO E MULHER NAS PIADAS DE CASAMENTO**

Tese apresentada ao Departamento de
Linguística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Sirio Possenti

Campinas, SP
UNICAMP – 2004

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dr. Sírío Possenti (Orientador)

Membros: Prof^a. Dr^a. Tânia Maria Alkmim

Prof^a. Dr^a. Maria Irmã Hadler Coudry

Prof^a. Dr^a. Maria da Conceição Fonseca Silva

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina de Moraes Taffarelo

FICHA CATALOGRÁFICA

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL -
UNICAMP

F719a	<p>Folkis, Gesiane Monteiro Branco</p> <p>Análise do discurso humorístico : as relações marido e mulher nas piadas de casamento / Gesiane Monteiro Branco Folkis. - Campinas, SP : [s.n.], 2004.</p> <p>Orientador : Sírio Possenti</p> <p>Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Análise do discurso humorístico. 3. Humorismo. I. Possenti, Sírio. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
-------	---

AGRADECIMENTOS

Ao professor Sírío pela orientação dedicada, apoio constante e, particularmente, por ter acreditado em nosso trabalho.

Aos meus familiares: minha mãe, minha irmã Gesiara que buscou nos sebos e revistarias grande parte do material, revistas antigas, de onde retiramos os textos analisados. Aos meus outros irmãos que torceram por mim.

E, especialmente, àquele que ao longo dos anos de pesquisa e estudo esteve ao meu lado incentivando-me e apoiando-me. A você Walter, o meu amor e o meu eterno reconhecimento. Afinal, ao contrário do que dizem as piadas, o casamento pode ser uma grande felicidade.

SUMÁRIO

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 A escolha do tema	3
1.2 Os textos humorísticos: por que falam do que falam?	4
1.3 A razão de tanto “mal-estar”	10
1.4 O “poder-dizer” do discurso humorístico	12
2 OS TEÓRICOS DO HUMOR E O DISCURSO HUMORÍSTICO	15
2.1 Freud: os chistes e sua relação com o inconsciente	16
2.2 Bergson e a definição do riso	25
2.3 Possenti e os humores da língua	32
2.3.1 Os mecanismos lingüísticos na produção do humor	34
2.3.2 O discurso humorístico não tem autor	37
2.3.3 As piadas são críticas?	39
2.3.4 As piadas impõem um tipo de leitura?	40
2.3.5 O humor para crianças	41
3 A PRODUÇÃO DO DISCURSO HUMORÍSTICO	47
3.1 O discurso humorístico e os discursos proibidos	47
3.2 O discurso humorístico: burlando a exclusão ou reflexo da uma vontade de saber?.....	49
4 A HISTÓRIA DO CASAMENTO	56
4.1 Macfarlane, a história do casamento e do amor	58
4.2 Pateman, o contrato de casamento	77
4.2.1 As teorias do contrato e o contrato sexual	78
4.2.2 O contrato do casamento	79

4.3 Casamento e dote	87
4.3.1 A importância do dote	88
4.3.2 O sistema de dote: do século XVII ao século XX	88
5 MARIDO E MULHER: UMA RELAÇÃO DE GÊNERO	98
5.1 Gênero: as relações de poder e de dominação	102
5.2 Os textos “sérios”: o que aconselhavam as revistas femininas	106
5.3 Relações de gênero antes do casamento	108
5.4 Relações de gênero depois do casamento	126
6 HUMOR DE “ANTES” E DE “HOJE”	138
6.1 Do que falavam as piadas de casamento “antes” (1924 – 1954)	138
6.1.1 Sobre as esposas	140
6.1.2 Sobre os maridos	173
6.1.3 Sobre o casamento	180
6.1.4 Sobre os pretendentes	192
6.1.5 Sobre sogras e sogros	195
6.1.6 Solteironas e solteirões	200
6.1.7 Sobre a infidelidade conjugal	201
6.2 O que dizem as piadas de casamento “hoje” (1999 – 2004)	205
6.2.1 Sobre as esposas	213
6.2.2 Sobre os maridos	221
6.2.3 Sobre o casamento	227
6.2.4 Sobre sogras	237
6.2.5 O que dizem as piadas infantis sobre casamento	243
7 CONCLUSÃO	247
APÊNDICE	259
BIBLIOGRAFIA	272

RESUMO

Este trabalho objetiva estudar a análise do discurso humorístico das piadas de casamento. Pretendemos, pela análise dessas piadas, entender o mal-estar, um certo sofrimento, que ronda a relação marido e mulher no contexto do casamento. Entendemos que o discurso humorístico, assim como qualquer outro, traz as marcas sócio-históricas – as diversas manifestações culturais e ideológicas, valores arraigados que nele se manifestam e, por isso, aquilo que se diz nas piadas não pode, gratuitamente, ser deixado de lado.

Sendo assim, nosso trabalho apresenta uma parte inicial em que expomos os aspectos teóricos que servem de apoio à análise do discurso humorístico. Primeiramente, fizemos uma leitura de alguns dos principais teóricos que se dedicaram, mesmo que sob os diferentes enfoques, à análise de piadas. Em seguida, apresentamos aspectos históricos da instituição do casamento, das teorias do contrato, do sistema de dotes e das relações de gênero que definem e moldam as regras de comportamento e os significados das representações sociais estabelecidas como diferenças entre o feminino e o masculino, com o objetivo de compreender a ordem do discurso que justifica o aparecimento das piadas. A parte final destina-se a análise das piadas. Subdividida em duas partes, fazemos, na primeira, a análise dos discursos das piadas mais antigas veiculadas em magazines femininos no período de 1924 a 1954. Na segunda parte, analisamos as piadas mais recentes (1999 a 2004) veiculadas em livros, revistas, internet... Na conclusão, estas partes se articulam com o propósito de mostrar que o discurso das piadas de casamento, embora reflitam as mudanças de valores sociais que marcam a instituição, operam, principalmente, com estereótipos que, por isso mesmo, contribuem para a manutenção de conceitos e preconceitos que marcaram/marcam as relações marido e mulher no contexto do casamento.

ABSTRACT

The aim of this study is to analyze the humor discourse in marriage jokes. Through its analysis we intend to understand the bad feeling, a certain suffering, that it is present in the relation husband and wife in the marriage context. We comprehend that the humor discourse, like any other, brings social and historical marks – many cultural and ideological manifestations, rooted values that occur in them and, thus, what is said in the jokes cannot, for free, be ignored.

Thus, our study presents an initial part in which we mention theoretical aspects that support the analysis of humor discourse. First, we have read some of the main scholars that dedicate their studies, even with different focus, to the analysis of jokes. Secondly, we have presented historical aspects of the marriage institution, of the contract or law theory, of marriage-portion system and of the gender relations that define and mould the behavior rules and the meanings of social representations established as differences between female and male, with the objective to comprehend the discourse order that justify the recurrence of the joke. The last part is designated to the analysis of the jokes. Divided in two parts, we have done in the first one the analysis of the discourse of the oldest jokes propagated in female magazines during the period of 1924 and 1954. In the second part we have analyzed the most recent jokes (during the period of 1999 and 2004) propagated in books, magazines, on the Internet... In the conclusion, these parts are articulated aiming to show that marriage joke discourses although reflecting social values changes that mark the institution, operate mainly with stereotypes that, because of this, contribute to the maintenance of concepts and prejudice that marked/mark the relations between husband and wife in marriage context.

ANÁLISE DO DISCURSO HUMORÍSTICO: AS RELAÇÕES MARIDO/MULHER NAS PIADAS DE CASAMENTO

O humor não é um estado de espírito, mas uma visão de mundo.
(Wittgenstein)

Não consideramos nem a linguagem como um dado nem a sociedade como um produto; elas se constituem mutuamente. Se assim é, o estudo da linguagem não pode estar apartado da sociedade que a produz. Os processos que entram em jogo na constituição da linguagem são processos histórico-sociais.
(Orlandi, 1988, p.17)

1 INTRODUÇÃO

Os teóricos da Análise do Discurso (AD) estão, de maneira geral, de acordo em um ponto fundamental: qualquer estudo da linguagem não pode deixar de levar em conta aspectos da sociedade que a produz, uma vez que os processos que constituem a linguagem são processos histórico-sociais.

Enquanto manifestação de linguagem, o discurso humorístico não pode ser entendido como “bobageira”, “conversa fiada”, algo produzido apenas para provocar o riso. Não se nega, com isto, o aspecto lúdico que os textos humorísticos têm, a exemplo das piadas, porque, quem as conta provavelmente tem o objetivo primário de divertir quem as ouve. Mas, o discurso que nelas aparece é algo que pode merecer uma análise “séria”. O discurso humorístico, assim como qualquer outro, traz as marcas sócio-históricas – as diversas manifestações culturais e ideológicas, valores arraigados que nele se manifestam e, por isso, ele não deve ser entendido apenas como um instrumento de diversão; o que nele está sendo dito não pode ser simplesmente ignorado. Borba (1991, p. 13) já afirmara que um dos principais traços da linguagem humana é a “intencionalidade”, pois “todo ato de comunicação implica sempre um propósito claro e definido”. O discurso humorístico tem, certamente, seus propósitos. Enquanto diverte, produz efeitos de sentido entre interlocutores e, inevitavelmente, este processo de interlocução é afetado

pela situação, pelo contexto histórico-social, isto é, pelas condições de sua produção. O discurso humorístico (chistes, piada...), não afirma nenhuma novidade: como todo discurso, ele é resultado de outros discursos que socialmente estão sedimentados, institucionalizados.

Certamente não há temas ou assuntos que são engraçados por si mesmos. Freud (1905) já assinalara isto ao observar que o chiste consiste, essencialmente, numa certa forma, numa certa técnica. Não é o assunto que determina o efeito do humor, mas a maneira como ele, lingüisticamente, é construído. Alguns assuntos que são temas do texto humorístico são extremamente sérios. Contam-se, por exemplo, piadas sobre a morte, principalmente de pessoas famosas, ou que tenham certo prestígio social (artistas, políticos, Papa etc). Por ocasião da morte acidental do piloto Ayrton Senna e do grupo musical *Os Mamonas Assassinas*, e também do cantor João Paulo, integrante da dupla sertaneja *João Paulo e Daniel*, foram veiculadas as seguintes piadas:

Dizem que quando os Mamonas Assassinas chegaram no céu e encontraram com o Ayrton Senna, este foi logo dizendo:

- *Puxa gente! Vocês também morreram numa curva!*
- *É, responderam os Mamonas, mas nós fizemos a curva.*

- *Você sabe por que o Papa João Paulo está vindo ao Brasil?*
- *Não, por quê?*
- *Para formar uma nova dupla caipira, João Paulo II e Daniel.*

Um assunto é engraçado porque um certo modo, uma certa técnica na sua construção o torna assim: a forma como ele é tratado é que o deixa engraçado.

Nossa proposta de análise do discurso humorístico (as piadas que têm como tema o casamento), não privilegia, porém, a análise das técnicas que produzem o humor, mas as razões pelas quais tal discurso é socialmente produzido. De onde advém esse discurso que nos leva a rir, até mesmo dos nossos sofrimentos, - desse certo “mal estar” que nos acompanha em nossa relação com o mundo, com nós mesmos ou com os outros (FREUD, 1997)? Pensamos que um estudo sobre a ocorrência de certos temas freqüentes nos textos humorísticos pode ser bastante interessante e complexo, pois que os alvos preferidos das piadas giram, de maneira geral, em torno de temas socialmente não muito bem “resolvidos” (POSSENTI,1998).

1.1 A escolha do tema

O casamento é uma cerimônia em que dois se tornam um, um se torna nada e nada se torna suportável – Ambrose Bierce (CASTRO, 1991)

O casamento vem do amor, assim como o vinagre do vinho – Lord Byron (CASTRO, 1991)

Entre para os Casados Anônimos. Quando me dá vontade de casar, eles me mandam uma mulher de roupão e rolinhos no cabelo, para me queimar a torrada – Dick Martin (CASTRO, 1991)

Uma pesquisa nasce, provavelmente, da simpatia e da atração que determinados assuntos ou temas despertam. Da atração surge o desafio para a busca de soluções e respostas. Nosso desafio tem como objeto central a análise do discurso humorístico que trata da relação homem/mulher, particularmente nas piadas que têm como tema o casamento, ou algum outro aspecto ligado a ele (genro, sogra, solteironas etc). Preocupamo-nos, inicialmente, com o enfoque que daríamos ao trabalho: técnico, se considerados os aspectos lingüísticos para a construção do humor, ou temático, se consideradas as razões sociais, ideológicas, psicológicas, etc. que podem justificar a presença de certos temas presentes no discurso humorístico. Sob a perspectiva da Análise do Discurso (AD) optamos pelo temático. Isto não impede, porém, que se façam, nesta pesquisa, algumas considerações sobre a natureza lingüística do humor. Como dissemos, não há temas que sejam naturalmente humorísticos, mas eles o são pelo tratamento lingüístico que lhes é dado. Possenti (1998) observa que na análise das piadas não há como abandonar sua abordagem lingüística:

Para tornar as piadas interessantes para a lingüística, seria necessário considerar seus aspectos tipicamente lingüísticos, deixando em segundo plano, **mas sem excluí-las** (o destaque é nosso), as outras questões relevantes. Essas questões são aparentemente tão relevantes que são sempre as que interessaram aos outros estudiosos.(p. 22)

Certamente, muitos autores se dedicaram ao estudo do humor, dentre os quais se destacam Bergson, Raskin, Dascal, Propp, Chiaro, que procuraram esclarecer aspectos sobre a natureza e

os mecanismos do riso. Freud, o mestre da psicanálise, já havia, em 1905, publicado uma obra dedicada à compreensão da natureza dos mecanismos de produção dos chistes e suas prováveis relações com o inconsciente. No Brasil, destacam-se alguns autores que pesquisaram o assunto: Possenti (1998) e recentemente, Saliba (2002).

Assim, o que nos parece relevante na escolha do assunto “humor sobre casamento” é a sua própria natureza temática. Por que se faz tanto humor sobre a relação marido/mulher no contexto do casamento, ou sobre outros aspectos nela envolvidos, tal como, por exemplo, a sogra.

Para Freud (1905) a razão da existência dos chistes/piadas está vinculada a “determinantes subjetivos” que muitas vezes expressam uma situação particular. Observa, porém, que a grande maioria dos chistes circula anonimamente e que, “partilhar o riso diante dos mesmos chistes evidencia uma abrangente conformidade psíquica”. Poderia ser esta, talvez, a explicação para o tipo de discurso que aparece nas piadas que abordam a relação entre o marido e a esposa no contexto do casamento: a conformidade psíquica coletiva estaria na visão pouco positiva que se tem do casamento, quando se trata de questões ligadas à provável “perda da liberdade masculina”, à “impossibilidade de entendimento entre marido e mulher”, à “presença inoportuna da sogra”, ou ao “envolvimento de aspectos financeiros – casar por interesse” etc.

1.2 Os textos humorísticos: por que falam do que falam ?

*Pensamento: O riso nos dá perspectivas. Permite que nos afastemos de um fato, tratemos dele e depois continuemos.
(Bob Newhart)*

Do que falam os textos humorísticos e por que falam do que falam? Por que alguns temas são mais explorados pelas piadas do que outros? Vale a pena estudar o que elas dizem? Possenti (1998) nos dá três boas razões que podem justificar o interesse em se estudar piadas e que, de certa forma, também explicam o motivo da presença de alguns temas nelas recorrentes (sexo, política, racismo, bêbados, casamento...).

Primeiramente, considera que as piadas podem ser interessantes para os estudiosos porque, de maneira geral, tratam de temas que são socialmente controversos e podemos encontrar

nelas “um excelente *corpus* para tentar reconhecer (ou confirmar) diversas manifestações culturais e ideológicas, valores arraigados” (p.25). Certamente há, em relação ao casamento, uma das instituições mais antigas da sociedade, valores extremamente arraigados, tais como “o casamento tira a liberdade (dos homens)”; “anjos antes do casamento, os parceiros viram demônios depois”, “o casamento é uma tragédia”. Nas piadas seguintes podemos identificar alguns destes valores:

Encontro casual...

- *Oh! Quanta alegria por vê-lo, depois de tanto tempo. Disseram-me que a sua esposa está veraneando em Teresópolis.*
- *É verdade! Estou em liberdade provisória (JM – 25/03/1943)*

Pensamento: A trilogia do matrimônio: namorado é anjo; noivo é santo; casado é demônio. (Cavalcanti, J. – Potocas, piadas e pilherias)

Sentido Comum...

- *Que tal? Gostaste da peça a que assistimos?*
- *Gostei, mas só não pude compreender se aquilo é drama ou se é comédia.*
- *Tu pareces tolo! É uma tragédia, homem, uma tragédia!*
- *Mas por quê?*
- *Tu não vês que acaba num casamento?! (JM - 03/04/1941).*

Outra razão, apontada por Possenti (1998), que pode tornar o estudo das piadas interessante, é o fato de elas operam com estereótipos:

As piadas funcionam em grande parte na base de estereótipos, seja porque veiculam mesmo uma visão simplificada dos problemas, seja porque assim elas se tornam mais facilmente compreensíveis para interlocutores não especializados. Apenas para exemplificar, nas piadas, judeu só pensa em dinheiro, mulher inglesa é fria, português é burro, gaúcho é efeminado, japonês tem pênis pequeno, nordestino/brasileiro é mais potente do que qualquer gringo grandalhão, marido é traído e esposa é infiel, brasileiro/mineiro é o mais esperto etc. (p. 26).

Certamente, são muitos os estereótipos que encontramos nas piadas sobre casamento, principalmente quando fazem referência às esposas ou às sogras. De maneira geral, e é provável que haja uma justificativa histórico-social para este fato (preconceito social contra mulheres,

questões sobre gênero...), as esposas são os alvos preferidos destas piadas. Os exemplos abaixo podem ilustrar alguns estereótipos sobre esposas:

. **As esposas são feias:** Nas piadas, as esposas são figurativizadas como pessoas que têm aparência desagradável. Nas ilustrações, elas são, com frequência, representadas como velhas, desgrenhadas, extremamente gordas ou magras, com verrugas (como se fossem bruxas). O pau de macarrão nas mãos, ameaçador, é o instrumento com o qual aguardam a chegada do marido.

Velho casal...

A esposa: - Um desavergonhado teve o atrevimento de beijar-me na rua!

O marido: - Um desavergonhado?! Não teria sido um pobre cego? (JM – 04/02/1940)

. **As esposas não cumprem o juramento de obediência ao marido:** A história das mulheres está indissolúvelmente ligada à história da sua obediência ao poder masculino: primeiramente ao pai e, após o casamento, ao marido. Mas, as piadas dizem que as esposas não cumprem seu dever de obediência:

Na hora da briga...

O marido: - Lembra, Olga, que me juraste obediência perante o altar?

A esposa: - Perante o altar, é verdade, mas agora estamos em nossa casa.. (JM – 12/06/1941).

. **As esposas não deixam o marido falar:** “Mulher fala demais”, este é um dos principais estereótipos sobre a mulher e, nas piadas, este “defeito” parece piorar após o casamento:

Cena real...

- Tu tens muito a falar na nova comédia?

- Não! Eu faço o papel de marido (JM – 23/01/1941)

. **As esposas gastam muito (ou gastam o dinheiro do marido):** Os aspectos econômico-financeiros do casamento são, historicamente, motivos de muitas controvérsias: Quem ganha o dinheiro? Quem o gasta? As piadas dizem que as esposas gastam demais:

Morte suspeita...

O comissário: - O senhor está convicto de que o homem se suicidou?

A testemunha: - Eu não tenho a menor dúvida. Vi perfeitamente que ele tinha nas mãos uma fatura da costureira de sua mulher. (JM – 03/09/1943)

. **As mulheres casam por interesse (e não por amor):** O casamento justificado pelo interesse financeiro que, com frequência, estava na base dos contratos matrimoniais mais antigos (o dote era sempre bem vindo), passa a ser entendido, após a instituição do “casamento por amor”, como algo negativo:

Castelos...

Ele - Tu serias para mim a esposa ideal: um tesouro

Ela - Tu serias para mim o esposo sonhado: uma tesouraria (JM – 17/07/1941).

. **As esposas mandam no marido:** Quem manda em quem? Diz a tradição, apoiada nas diferenças de gênero, que é normal os maridos mandarem em suas esposas (traços do poder patriarcal transferido legalmente ao marido). Mas, nas piadas, as esposas é que são mandonas:

Plena harmonia...

- Então tu nunca discutiste com tua mulher?

- Nunca. Ela faz o que bem entende e eu também... faço tudo o que ela quer (JM – 07/11/1940)

E sobre os maridos? Quais os estereótipos mais comuns? Os maridos, quando são os alvos das piadas, geralmente são (1) “dominados” pelas esposas, (2) “são beberrões”, (3) “são cornos” etc.

(1) Tempos modernos...

O marido (lavando pratos na cozinha) - Tu pretendes voltar a que horas?

A esposa (pronta para sair) - Quando eu tiver vontade

O marido: - Mas que não passes um minuto, ouviste? (JM - 20/11/1941)

(2) Por amor...

A esposa: - Ah! Como eu sou infeliz! Tu vens sempre embriagado para casa. Já não me tens amor, depois de quatro anos de casados!

O marido: - Eu não te tenho amor? Pois se passo os dias inteiros bebendo à tua saúde!. (JM – 20/05/1943)

(3) *Um homem e uma bonita mulher estavam jantando à luz de velas num restaurante de luxo. De repente, o garçom notou que o homem escorregava lentamente para debaixo da mesa. A mulher não parecia reparar que o companheiro tinha desaparecido.*

- Perdão, senhora – disse o garçom, acho que seu marido está debaixo da mesa.

- Não está, não – disse a mulher, olhando calmamente para o garçom. – Meu marido acabou de entrar no restaurante. (Seleções – set./1997 – p. 44).

Possenti (1998) aponta, ainda, para o fato de que o estudo das piadas é interessante porque elas são, quase sempre, “veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas [...]” (p. 26). De maneira geral, as piadas veiculam discursos não explicitados correntemente, isto é, discursos pouco oficiais. As piadas de casamento parecem contradizer o discurso das primeiras histórias infantis que, geralmente, têm final feliz - “casaram-se e foram felizes para sempre”, ou aqueles discursos oficiais das cerimônias religiosas - “o que Deus uniu o homem não separa”, “unidos na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, até que a morte os separe”. Nas piadas, isto não funciona assim:

Um amigo para o outro:

- Eu e minha mulher fomos verdadeiramente felizes durante 20 anos.*
- E então, o que aconteceu?*
- Bem, nós nos conhecemos e nos casamos. (Seleções, agosto/97, p. 60)*

Coisas pretas...

A esposa - Eu te achei tão mal que resolvi chamar alguém que viesse te ver.

O marido doente - Mas quem foi que chamaste? O médico?

A esposa – Não. Um corretor de seguros de vida. (JM – 03/03/1940).

Ao discurso que valoriza as virtudes do casamento, contrapõe-se o discurso das piadas, o seu contra-discurso. Nelas, uma outra verdade aparece contada sem maiores censuras: os casados não vivem felizes para sempre, podem ser separados pelos homens (e aproveitando um trocadilho “ou pelas mulheres”) e não ficam unidos na alegria e na saúde (quanto mais na tristeza e na doença).

Coincidência...

O marido: - Morreu o capitalista Amaral e deixou dois mil contos para a viúva. Tu não tens inveja?

A esposa: - Não. Eu não quero ser viúva de ninguém... Só de ti, unicamente. (JM – 01/10/1942)

Remédio seguro...

O médico: - Fez efeito o remédio que eu noutra dia receitei para o seu esposo?

A dona de casa: - Estupendo, doutor. Duas horas depois de havê-lo tomado, ele estava morto. (JM, 14.8.1941)

A nossa tradição cultural aponta para o ideal da união do casal pelo “laços do matrimônio” (a expressão “laços do matrimônio”, certamente, pode merecer uma boa análise discursiva) e, por isso, há um discurso recorrente que afirma a necessidade de as pessoas casarem, principalmente as mulheres: as meninas aprendem a sonhar com o vestido de noiva, com a festa de casamento, a terem filhos e esperam não ficar “solteironas” ou para “titia”.

Tristeza...

- Você tem visto, Patrício, algo mais triste que um casamento sem filhas?

- Sim, senhora. Uma filha sem casamento, quando vai passando da idade. (JM – 13/03/1941)

Para os meninos há um outro discurso. Se não lhes cabe sonhar com a vestimenta ou com a festa de casamento, esperam ter herdeiros para dar continuidade a sua geração, um bom emprego para sustentar a família. Se o seu lugar não é o da cozinha (pelo menos, não era, há algumas décadas), nas piadas, quem acaba ficando com a obrigação dos trabalhos domésticos é o marido. Se há uma voz corrente que diz ser “obrigação do marido” o sustento da família, nas piadas, como a seguinte, ele “não gosta de trabalhar”:

Enfermidade...

O médico: - O seu marido está muito mal: é preciso que ele não trabalhe.

A dona de casa: - Ah! doutor. Há vinte anos que ele vem adotando esse remédio (JM – 22/05/1941)

1.3 A razão de tanto “mal estar”

Segundo Freud (1905), uma justificativa para a existência dos chistes está no fato de que eles estão vinculados a “determinantes subjetivos” que, muitas vezes, expressam uma situação particular. Observa, ainda, que o fato das pessoas partilharem o riso diante dos mesmos chistes pode ser sinal de uma “abrangente conformidade psíquica coletiva”. Que razões ou conformidade psíquica coletiva podem justificar este conflito, um certo “mal estar” que se deixa entrever nas relações marido e mulher? De onde se origina esta “impossibilidade”, conformam mostram as piadas, de entendimento entre o casal depois do casamento?

Talvez possamos buscar, ainda em Freud (1969), a resposta para entender o “mal estar” que ronda a relação marido e mulher no casamento, e um certo sofrimento que marca essa relação. Para Freud, seriam três as fontes responsáveis pelo sofrimento humano: duas delas, reconhecíveis de imediato e inevitáveis – o poder superior da natureza e a fragilidade do corpo humano, e a terceira (que, segundo ele, recusamos admitir), fonte social do sofrimento humano, refere-se à “inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade” (p. 25). Para o autor, há uma certa resistência/incapacidade dos homens em perceber que as normas estabelecidas pela sociedade com o propósito de lhes proporcionar proteção e benefício podem estar, ao contrário, trazendo-lhes sofrimento. Segundo Freud, “nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça”. Diante do reconhecimento dos benefícios da evolução da civilização, do progresso técnico-científico dos meios de comunicação e de transporte, do extraordinário desenvolvimento das ciências médicas, Freud contrapõe o questionamento de certos valores/benefícios alcançados pela civilização moderna:

Se não houvesse ferrovias para abolir as distâncias, meu filho jamais teria deixado sua cidade natal e eu não precisaria de telefone para ouvir sua voz; se as viagens marítimas transoceânicas não tivessem sido introduzidas, meu amigo não teria partido em sua viagem por mar e eu não precisaria de um telegrama para aliviar minha ansiedade a seu respeito. Em que consiste a vantagem de reduzir a mortalidade infantil, se é precisamente essa redução que nos impõe a maior coerção na geração de filhos, de tal maneira que, considerando tudo, não criamos mais crianças do que nos dias anteriores ao reino da higiene, ao passo que, ao mesmo tempo, **criamos condições difíceis para nossa vida sexual no casamento** (o grifo é nosso) e provavelmente trabalhamos contra os efeitos benéficos da seleção natural? Enfim, de que nos vale uma vida longa se ela se revela difícil e

estéril em alegrias, e tão cheia de desgraças que só a morte é por nós recebida como uma libertação?” (p. 40)

Certamente, as considerações de Freud nos levam a refletir sobre a relação marido e mulher no casamento, uma relação que, em certos momentos, é de total sofrimento. Pelo menos, é isto que diz o discurso humorístico, por exemplo, quando afirma que a esposa faz o marido sofrer:

No pretório...

O juiz de casamento (dirigindo-se à noiva):

*- Eu não lhe direi, minha senhora, que faça o seu marido feliz, mas limitar-me-
ei a rogar-lhe que não o faça sofrer demasiado. (JM- 04/02/1943)*

A instituição do casamento passou, nas diferentes épocas e civilizações, por uma série incontável de adaptações, modificações. As sociedades procuraram sempre, de algum modo, disciplinar/organizar a relação entre parceiros. Mas, o “mal-estar” do casamento resiste ao tempo: as mesmas normas criadas para discipliná-lo, quase sempre rígidas, parecem ser a causa do “sofrimento” que cercam as relações dos que nele estão envolvidos. Assim como para outros aspectos da vida, também para o casamento são criadas “condições difíceis” que perpetuam o “mal-estar” das relações marido e mulher. Acreditamos que, se tudo transcorresse harmoniosamente no casamento, se todos fossem “felizes para sempre”, talvez não proliferassem tantos discursos, tantos livros, artigos etc., preocupados em ensinar os parceiros a resolverem suas diferenças. “Consultório sentimental”, “como ser feliz no casamento”, “o que eles/elas esperam delas/deles no casamento”, “como conseguir um casamento duradouro”, “relações delicadas”, e milhares de outros títulos, fizeram e fazem parte das publicações que há várias décadas, objetivam auxiliar marido e mulher nas relações do casamento, passando fórmulas, ensinamentos, conselhos etc., para melhorar, eliminar os seus pontos de conflito. Pensamos que as piadas falam desse mal-estar, desse contrato social que impõe normas rígidas, “necessárias” para a sobrevivência da instituição: o marido deve sustentar a esposa; a esposa deve obedecer ao marido; a fidelidade é condição fundamental para a sobrevivência do casamento; a liberdade individual desaparece com o casamento etc... Não questionamos as regras sociais que envolvem o casamento. Elas existem e estão aí para serem cumpridas. O fato, porém, é que elas geram sofrimento. Pensamos que um certo desejo de libertação de “tanto sofrimento”, entre o casal,

pode estar manifestado, nas piadas, pelo desejo da morte do parceiro ou pela vontade de que ele desapareça:

Remédio seguro...

O médico: - Fez efeito o remédio que eu noutra dia receitei para o seu esposo?

A dona de casa: - Estupendo, doutor. Duas horas depois de havê-lo tomado, ele estava morto. (JM – 14/08/1941)

Ante o cadáver...

O parente do suicida: - Isso já era de esperar. A mulher dele tinha fugido...

O comissário: - Mas, não é o caso para suicidar-se!

O parente: - ...mas, na manhã de hoje, ela voltou. (JM – 18/03/1943)

1.4 O “poder dizer” do discurso humorístico

A análise do humor nos leva a considerar um aspecto fundamental abordado pela AD, que é a questão do sujeito-autor do discurso. As piadas, de maneira geral, não indicam seus autores. As piadas são contadas anonimamente, e circulam ao nosso redor (assim como muitos outros discursos) sem receber seu sentido ou sua eficácia de um autor ao qual seriam atribuídas. A inexistência da autoria parece fundamental nas piadas. Se a autoria é uma função social que o sujeito falante assume enquanto produtor do discurso, é fato, também, que essa é uma das funções enunciativas do sujeito mais afetadas pelas exigências de coerência, não-contradição e responsabilidade. Ser autor de um discurso implica a responsabilidade pelo que se disse. As piadas são anunciadas anonimamente: “sabe da última que ouvi?” ou “você sabe aquela piada do português que...” Às vezes, a responsabilidade de quem contou a piada é passada para quem não pode ser questionado: o papagaio, o bichinho da maçã... Se não há um autor, não há a quem responsabilizar pela circulação de um discurso eventualmente proibido ou desrespeitoso: não há julgamento moral sobre quem conta uma piada. Então, circulam piadas que falam de preconceitos raciais, da “burrice” dos portugueses e das loiras, de homossexuais, de esposas ...

Se, como supõe Foucault (1996, p.8), ao considerar que “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu

acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”, pensamos que o discurso humorístico caminha no sentido de burlar, fugir ao controle da interdição de um dizer que é censurado.

Há, socialmente, discursos permitidos e discursos proibidos. Não se diz exatamente o que se quer em qualquer hora ou lugar. Dizemos e fazemos, normalmente, o que socialmente se espera que digamos e façamos em determinados lugares ou momentos. Todavia, embora regrados pelas “restrições sociais”, os sujeitos nem sempre agem de acordo com as regras sociais estabelecidas. O discurso é marcado por atos falhos que, muitas vezes, deixam “escapar” o que não deveria ser dito, mas que é dito, mesmo que “por brincadeira”, como nas piadas (e principalmente ali). Nelas, aquilo que não é permitido dizer em determinadas circunstâncias encontra espaço para ser afirmado, direta ou indiretamente, de modo subentendido, implicitamente etc. As piadas parecem ser excelentes lugares para se dizer o que oficialmente não se pode falar por aí. Na questão do casamento, por exemplo, o discurso oficial não diz que as pessoas não devem casar porque o casamento pode ser marcado por interesses financeiros, que os cônjuges podem ser infiéis, que o casamento tira a liberdade, e que as esposas, eventualmente, podem ficar mandonas e “chatas”. O discurso do humor sobre o casamento é o contraponto do discurso “sério” sobre as suas virtudes. Através dele, as mazelas da relação marido e mulher podem ser abordadas sem quaisquer censuras, já que se constituem “apenas piadas”.

Casamento...

O garoto: - Mamãe, por que é que toda noiva se veste de branco?

A mãe: - Porque o branco é a cor da felicidade.

O garoto: - Então o desgraçado é sempre o noivo? (JM – 05/09/1940)

No pretório...

A noiva (estupefata, vendo o noivo fugir):- Que foi que houve, meu Deus?

Será que ele perdeu o juízo?

Um convidado: - Ao contrário, creio que o recobrou. (JM - 19/09/1940)

Todo processo discursivo, do qual o humor também faz parte, pressupõe efeitos de sentido num processo interlocutivo afetado pela situação, pelo contexto histórico-social, ou seja, pelas suas condições de produção. Possenti (1998, p. 37) observa que as piadas podem oferecer um material valioso para se “defender teses como a da relevância das condições de produção”. Se os discursos exigem um “solo” e regras a partir das quais se pode explicar “porque um

enunciado pode ocorrer em uma e não em outra circunstância”, as piadas são ótimos exemplos disso, pois que ocorrem num solo fértil de problemas. O casamento é, certamente, um desses solos.

Perspectiva...

- *O Roberto amanhã embarca par a Europa.*
- *Como!? Vai à guerra?*
- *É muito provável: vai encontrar-se com a mulher e a sogra (JM - 22/10/1942)*

2 OS TEÓRICOS DO HUMOR E O DISCURSO HUMORÍSTICO

Certamente, é bastante extenso o número de obras que versam sobre o humor. A comédia, um dos gêneros dramáticos mais antigos, aparece citada na *Poética* de Aristóteles, embora seu objetivo principal fosse o estudo da tragédia. Mesmo assim, há quem afirme a possibilidade de ele mesmo ter dedicado um segundo volume da *Poética* ao estudo da comédia. Verdade ou não, alguns pesquisadores, hoje, tentam trabalhar provas evidentes da existência desse segundo volume da *Poética* (Richard Janko, 1984, apud Letras Hoje, 1997, p. 5). Em torno dessa hipótese Umberto Eco desenvolve sua famosa obra *O nome da rosa*. Outros autores, sob os mais variados enfoques, também trataram do cômico, da piada, do riso Assim, destacam-se Kant (*Crítica da faculdade do juízo*), Propp (*Comicidade e Riso*), Chiaro (*The language of jokes: analysing verbal play*), Dascal (*Langage use in dreams and jokes: sociopragmatics vs. psychopragmatics*), Raskin (*Semantic mechanisms of humor*), Freud (*Os chistes e sua relação com o inconsciente*), Bergson (*Le rire*), Possenti (*Os humores da língua*), Saliba (*Raízes do Riso*). Podemos citar, ainda, como uma importante fonte de referência sobre estudos do humor, a revista francesa *Humoresques*, publicada a partir de 1990, pela Presses Universitaires de Vincennes de l'Université Paris, e criada pela Association Française para o Desenvolvimento de Pesquisas sobre o Comique, le Rire et l'Humour (CORHUM). A revista se propõe a ser “un lieu d'expression pluridisciplinaire des recherches concernant les différents genres du risible [...] sous les aspects les plus divers: littéraire ou linguistique, psychologique et psychanalytique, anthropologique, iconique, etc ”.

Se a proposta inicial desta pesquisa não é aprofundar-se na análise das obras ou teorias que tratam do humor, não resistimos à tentação de dar uma rápida passada por alguns dos principais teóricos que, de alguma maneira, se dedicaram à análise de suas várias manifestações. Neste capítulo, reportamo-nos a releitura de alguns autores que se dedicaram ao estudo do humor, tal como Freud (1905, 1969) e Bérson (1940). Para a análise do Discurso Humorístico, tomamos como base e fundamento Possenti (1998).

2.1 Freud: os chistes e sua relação com o inconsciente

No prefácio da obra de Freud, “Os chistes e sua relação com o inconsciente”, cuja primeira edição foi publicada em 1905, o editor cita um trecho de uma carta escrita por Freud em 1897, onde o psicanalista faz a seguinte observação: “Devo confessar que desde há algum tempo estou reunindo uma coleção de anedotas de judeus, de **profunda importância**” (p. 14 – o grifo é nosso). Não resistimos à tentação de utilizar a observação feita por Freud como argumento em favor da “profunda importância” em se analisar piadas. Se a análise de piadas sobre judeus se reveste de importância para Freud, certamente, por extensão, sentimo-nos muito confortáveis com o que estamos fazendo: a análise do discurso humorístico das piadas sobre casamento.

Na parte introdutória de sua obra, Freud (1905) lamenta o fato de que os chistes não vinham, ao longo dos estudos a eles dedicados, merecendo a atenção que lhes era devida, já que os autores, segundo ele, não consideravam a importância do papel que os chistes podem desempenhar em nossa vida mental. A partir da análise de autores que se dedicaram ao assunto (Fischer, em 1889, Lipps, em 1898), Freud sente-se motivado a tratar dos “chistes”, pois que percebe nele relações que considera importantes para os seus estudos sobre o inconsciente. As tentativas dos autores citados por Freud, ao conceituarem ou explicarem os chistes, embora consideradas interessantes, não satisfazem o mestre da psicanálise. Por outro lado, já ao final do primeiro capítulo de seu livro, Freud tenta eliminar eventuais dúvidas que possam existir sobre a importância de se estudar o tema dos “chistes”. A resposta ele mesmo sugere:

Valerá tanto trabalho o tema dos chistes? Pode haver, creio eu, dúvida quanto a isso. Deixando de lado os motivos pessoais que me fazem desejar conseguir uma penetração dos problemas dos chistes, os quais virão à luz no curso destes estudos, posso apelar para o fato de que há íntima conexão entre todos os eventos mentais, fato este que garante que uma descoberta psicológica, mesmo em campo remoto, repercutirá imprevisivelmente em outros campos. Podemos ter também em mente o encanto peculiar e fascinador exercido pelos chistes em nossa sociedade. Um novo chiste age quase como um acontecimento de interesse universal: passa *de uma a outra* pessoa como se fora a notícia da vitória mais recente. Mesmo homens eminentes que acreditam valer a pena contar a história de suas origens, das cidades e países que visitaram, das pessoas importantes com quem conviveram, não se envergonham de inserir em suas autobiografias o relato de algum excelente chiste que acaso ouvirem. (p. 28).

Ao tratar das técnicas dos chistes, Freud parte da seguinte questão: O que converte um comentário num chiste? Admitindo duas respostas possíveis: a primeira, segundo a qual “o pensamento expresso na sentença possui em si mesmo o caráter de um chiste” , e a segunda, segundo a qual “o chiste reside na expressão que o pensamento encontrou na sentença” (p. 29), ou seja, o chiste é resultado de uma técnica verbal, expressiva, Freud já avança no sentido de que o efeito humorístico é resultante de uma técnica lingüística.

Optando pela segunda resposta, formula, então, uma nova questão: Em que consiste a “técnica” do chiste? O que acontece ao pensamento quando o transformamos numa expressão de humor, num chiste que faz rir? É certo que rimos de fatos que não são naturalmente engraçados, como por exemplo, das piadas que tratam de acidentes trágicos, mortes etc. Lembramos, na introdução de nossa tese, das piadas que envolvem a morte de pessoas famosas (artistas, políticos etc.).

Dividida em três partes (parte analítica, parte sintética e parte teórica) a obra de Freud analisa, minuciosamente, na primeira parte, as três técnicas que, segundo ele, contribuem para a construção dos chistes condensação, múltiplo uso do mesmo material e duplo sentido.

Pela técnica da *Condensação*, entende-se o resultado de um processo particular que deixa um segundo vestígio na verbalização do chiste – a formação de um substituto responsável pelo efeito de humor e, para a qual ele dá os seguintes exemplo:

Relatava eu, a uma dama, os grandes serviços prestados por um homem de ciência que considerava injustamente negligenciado.

- *Mas como, disse ela, o homem merece um monumento (“monument”)!*
- *Talvez ele o tenha um dia, - repliquei, mas no momento (“momentan”) tem muito pouco sucesso.*
- *Bem, desejemos-lhe, então, um sucesso “monumentan”. (respondeu a mulher, fazendo a reunião dos dois termos ‘monument’ e ‘momentan’)*

O “múltiplo uso do mesmo material” faz parte de outra técnica de construção dos chistes:

Um jovem, parente do grande Jean-Jacques Rousseau, de quem ele trazia o nome, foi apresentado em um salão de Paris. Tinha, além do mais, os cabelos vermelhos. Comportou-se entretanto de maneira tão desajeitada que a anfitriã comentou criticamente para o cavalheiro que o apresentou: “Vous m’avez fait connaître un jeune homme roux (ruivo) et sot (tolo), mais non pas un Rousseau”. (p. 44)

O Sr. e Sra. X vivem em grande estilo. Alguns pensam que o esposo ganhou muito dinheiro e tem, portanto, economizado um pouco (dando pouco) [...]; outros, porém, pensam que a esposa tem dado um pouco [...] ganhando, portanto, muito dinheiro. (p.47)

Freud cita, ainda, um novo grupo de chistes, que embora possam ser considerados de “*uso múltiplo*”, ele prefere reunir num terceiro grupo, chamados de chistes de “*duplo sentido*” (de um nome ou de uma coisa; de significados literal e metafórico; duplo sentido propriamente dito, ou jogo de palavras):

Um médico, afastando-se do leito de uma dama enferma, diz a seu marido:

- *Não gosto da aparência dela.*
 - *Também não gosto e já há muito tempo, apressou-se o marido em concordar.*
- (p. 53).

A partir das três técnicas, Freud desenvolve uma subdivisão minuciosa que revela sua preocupação em determinar, detalhadamente, as diferentes técnicas de chiste: *condensação* (com formação de palavra composta ou com modificação); *múltiplo uso do mesmo material* (como um todo e suas partes, em ordem diferente, com leve modificação com sentido pleno e sentido esvaziado); *duplo sentido* (significado como um nome e como uma coisa, significados metafóricos e literal, duplo sentido propriamente dito - jogo de palavras, *double entendre* e duplo sentido com uma alusão).

Freud desconfia, porém, “de um certo exagero” no detalhamento das técnicas que apresenta, e pensa a possibilidade de reunir estas técnicas sob um único cabeçalho ou categoria mais ampla, denominada “condensação”. Todas essas técnicas, segundo ele, seriam dominadas por uma tendência à “compressão” ou “economia”. A “tendência à economia” parece-lhe a característica mais geral da técnica dos chistes.

Um outro grande grupo de chistes chama a atenção de Freud – os *trocadilhos*, que embora mais numerosos, são considerados inferiores àqueles que utilizam as técnicas de *condensação*, tal como o *jogo de palavras*, pois fazem menos uso das técnicas de expressão. Para que o *trocadilho* ocorra basta que “dois significados se evoquem um ao outro através de alguma vaga similaridade, ou uma similaridade estrutural geral, ou uma assonância rítmica, ou o compartilhamento de algumas letras iniciais etc” (p. 63). Freud prefere considerar os *trocadilhos*

uma subespécie do grupo de chistes formado pelos *jogos de palavra* propriamente ditos. O uso do trocadilho é responsável pelo efeito humorístico da piada abaixo:

Novo aspecto...

A esposa: - Agora que eu cortei meu cabelo à la garçonne, já não podes dizer que pareço uma velha.

O marido: - Não! Pareces um velho. (JM - 25/07/1940)

Merecem, ainda, especial atenção de Freud os chistes produzidos através da técnica do *deslocamento*, cuja “essência consiste no desvio do curso do pensamento, no deslocamento da ênfase psíquica para outro tópico que não o da abertura”. Freud argumenta que um chiste de deslocamento depende muito mais do curso do pensamento que da expressão verbal. Dentre seus exemplos, destacamos um chiste em que a técnica de deslocamento fica evidente: o tratador quer evidenciar a rapidez do cavalo que está sendo comprado, mas o freguês lhe dá uma resposta inesperada:

Um palafreireiro recomendava a um freguês um cavalo de sela: - Se você partir nesse cavalo às quatro da manhã, estará em Pressburg às seis e meia.

- E o que eu vou fazer em Pressburg às seis e meia da manhã?

Freud apresenta outro exemplo de uso da técnica de deslocamento com uma piada de casamento:

O Schadchen assegurara ao pretendente que o pai da moça não era mais vivo. Depois dos sponsais, soube-se que o pai estava ainda vivo, e cumpria, no momento, sentença em uma prisão. O pretendente protestou junto ao Schadchen que replicou: - Bem, mas o que foi que eu lhe disse? Você decerto não chama a isso de viver?

Muitas piadas de casamento que analisamos neste trabalho apresentam a mesma técnica:

(1) De quem é a culpa...

- De quem era realmente a culpa, quando vocês pediram o desquite?

- Da empregada! A imbecil entregou à minha mulher uma carta endereçada a mim. (JM – 16/10/1958)

(2) Resignação...

- Há dois anos, seguramente, que não falo com minha mulher.

- Mas, por quê?

- Porque não tenho coragem de interrompê-la. (JM - 13/03/1941)

Na piada (1), ao questionar de quem é a culpa do desquite o primeiro interlocutor quer saber se é do marido ou da mulher. Ao responder que a culpa é da empregada o segundo interlocutor produz o desvio. Na outra (2), “não falar com a mulher” dá a entender que é uma opção (por exemplo, o marido não quer falar com a esposa porque brigou com ela), mas o desfecho da piada desloca o sentido para “não fala com a esposa porque ela não para de falar”.

Outras técnicas, também consideradas uma forma de “*deslocamento*”, chamam a atenção de Freud: consistem no uso do “*nonsense*” (do absurdo) ou do “*raciocínio falho*”. Para exemplificar o uso do “*nonsense*”, Freud apresenta a seguinte piada:

Itzig fora declarado apto para prestar serviço na artilharia. Ele era nitidamente um rapaz inteligente, embora intratável e desinteressado no serviço. Um dos oficiais seus superiores, que lhe votava alguma simpatia, tomou-o de parte e disse-lhe: - Itzig, você não nos serve para nada. Vou lhe dar um conselho: compre um canhão e faça sua independência.

Certamente o efeito humorístico do chiste acima está no absurdo do conselho: canhões não estão à venda por aí e tampouco um indivíduo de posse de um deles poderia conquistar sua independência profissional criando uma unidade militar particular.

Para exemplificar o uso do “*raciocínio falho*”, Freud utiliza-se de algumas piadas que, coincidentemente, têm como tema o “casamento” e das quais trataremos mais adiante. Apresentamos, aqui, uma piada que ilustra esta técnica:

O noivo presuntivo lamentava-se que a noiva tivesse uma perna mais curta que a outra e mancasse. O Schadchen contrapôs-lhe: -Você está errado. Suponha que despose uma mulher com pernas direitas, saudáveis. Que ganha você com isso? Não há de ter nunca a certeza de que algum dia ela não caia, quebre a perna e torne-se coxa pelo resto da vida. Imagine o sofrimento, o transtorno, a conta do médico! Mas se você aceita esta noiva, isso não pode acontecer-lhe. Eis aqui um “fait accompli”.

O *raciocínio falho* está na justificativa do *Schadchen*. Casar com a moça já aleijada seria uma forma de evitar o risco de casar com uma moça sadia que poderia sofrer um acidente, o que traria uma série de transtornos.

Muitas outras técnicas, associadas ou não às anteriores, serão descritas por Freud: *unificação* (p. 84); *representação pelo oposto* (p.88); *exageração* (p.90); *similaridade ou afinidade* (p. 92); *alusão* (p.93); *omissão* (p.96); *analogia* (p.100). Reconhecendo a

impossibilidade de ter contemplado todas as possíveis técnicas de chistes, Freud observa ter conseguido conhecer, pelo menos, as técnicas mais comuns e importantes de sua elaboração

Ainda na primeira parte do livro, Freud se detém na análise do que denomina “os propósitos dos chistes”. A partir do “efeito perturbador” que um chiste pode ou não produzir, ele identifica dois tipos de chistes: aqueles que têm um fim em si mesmo, não servindo a um objetivo particular (chamados de *chistes abstratos* ou *inocentes*) e aqueles que têm um propósito (*chistes tendenciosos*). Observa que os chistes “*abstratos*” ou “*inocentes*” estão longe de ter o mesmo sentido dos chistes “*triviais*” ou “*carentes de substância*”. Parece-nos complicado pensar, sob a égide da Análise do Discurso, na existência de discursos inocentes ou carentes de substância.

Ao iniciar a análise dos chistes considerados “*inocentes*” e “*tendenciosos*”, Freud abandona o exame da técnica e destaca outro aspecto que considera “realmente o mais importante”. Chega ao que ele denomina a “segunda tese” na sua classificação dos chistes e que, segundo ele, recupera a sua importância:

[...] a atividade chistosa não deve ser, afinal, descrita como inútil e desinteressada, já que tem o propósito inequívoco de suscitar prazer em seus ouvintes”. Duvido que estejamos em condições de empreender qualquer coisa sem ter uma intenção em vista” (p. 115).

Para Freud, é fundamental esclarecer quais os propósitos dos chistes. Se o chiste não tem objetivo em si mesmo, isto é, se ele não é inocente, provavelmente atenderá a dois propósitos: ou será um chiste hostil (servindo ao propósito de agressividade, sátira ou defesa), ou será um chiste obsceno (servindo ao propósito de desnudamento: smut ou pornografia).

Os chistes tendenciosos têm o propósito fundamental de tornar possível a satisfação de um instinto (libidinoso ou hostil) diante de um obstáculo. São uma forma de se evitar esse obstáculo e de extrair prazer de “uma fonte que o obstáculo tornara inacessível”. Freud justifica os chistes como a possibilidade de superar as repressões sexuais.

O poder que dificulta ou impossibilita as mulheres, e em menor grau também os homens, de desfrutarem a obscenidade sem disfarce é por nós denominado “repressão”; reconhecemos nela o mesmo processo psíquico que, em caso de grave enfermidade, mantém fora da consciência todos os complexos de impulsos, junto com seus derivativos, processo que se tem revelado o principal fator na causação do que chamamos psico-neuroses. (p. 121)

Os chistes tendenciosos têm a seu dispor fontes de prazer que vão além daquelas abertas aos chistes inocentes. Se, para estes, o prazer está de alguma modo vinculado a uma técnica, para os chistes tendenciosos, além da técnica, há o prazer da superação de um obstáculo para a satisfação de um instinto. Freud aponta para o fato de que os chistes tendenciosos podem ter, ainda, um propósito hostil: hostilidade contra os estrangeiros, hostilidade contra negros, hostilidade contra homossexuais, hostilidade contra as mulheres...

Aqui, desde logo, encontramos a mesma situação. Desde nossa infância individual, e, similarmente, desde a infância da civilização humana, os impulsos hostis contra o nosso próximo têm-se sujeitados às mesmas restrições, à mesma progressiva repressão, quanto nossas tendências sexuais. (p. 122)

Para Freud, se não conseguimos ir tão longe a ponto de amar nosso inimigo, pelo menos socialmente aprendemos a controlar nossos impulsos hostis. Isto pode ser observado no fato de que uma possível reação de hostilidade brutal é, de modo geral, substituída por uma *invektiva verbal*, socialmente mais polida, educada – (mas nem sempre). A nossa “poderosa disposição herdada para a hostilidade” é substituída por um discurso que considera o uso de uma linguagem abusiva ou da manifestação da hostilidade como comportamentos indignos. Os chistes seriam modos de “contornar” a proibição de manifestação das nossas hostilidades contra nossos inimigos:

Tornando nosso inimigo pequeno, inferior, desprezível ou cômico, conseguimos, por linhas transversas, o prazer de vencê-lo [...] (p. 123).

Os chistes tendenciosos possibilitam superar os obstáculos e explorar nos “inimigos” – estrangeiros, pessoas em posição elevada que reivindicam o exercício da autoridade, ou outras categorias de pessoas que geralmente a sociedade trata como tal: negros, portugueses, loiras burras, homossexuais, mulheres/esposas etc.

Um chiste nos permite explorar no inimigo algo de ridículo que não poderíamos tratar aberta ou conscientemente devido a obstáculos no caminho; ainda uma vez, o chiste evitará restrições e abrirá fontes de prazer que se tinham tornado inacessíveis. (p. 123)

Curiosamente, Freud dedica alguns parágrafos aos chistes dirigidos aos agentes matrimoniais (Schadchen), personagens encarregados, em sua época, dos “arranjos de casamento”. Sobre estes personagens, bastante explorados pelo humor da época, Freud levanta a hipótese de que eles, embora personagens principais dos chistes, não eram, necessariamente, o seu alvo primeiro. Provavelmente, o alvo era o costume, na época, dos casamentos arranjados. As anedotas que colocam os agentes matrimônias em primeiro plano estariam sendo utilizadas para atingir algo mais importante, pois, “elas estão em condições de ocultar não apenas o que tenham a dizer, mas também o fato de que haja algo – proibido – a dizer”.(p. 126). E o próprio Freud indaga: “Não será o caso de dizer uma coisa e significar outra? Realmente não é possível rejeitar essa perspectiva” (p. 125). Um gracejo pode delatar algo sério e, no caso dos casamentos arranjados, a figura do agente matrimonial estaria apontando para o ridículo das atitudes dos pais que pensavam ser justificável a trapaça para arranjar um marido para as filhas, ou para a situação crítica das moças que se deixavam, dessa forma, ser levadas ao casamento, ou ainda sobre a desgraça dos casamentos contratados em tais bases. Freud considera que o agente matrimonial seria, provavelmente, o homem certo para manifestar críticas ao sistema de casamentos arranjados, mas, ele não o poderia fazer abertamente, pelo simples fato de que sua subsistência dependia da exploração dessa situação. Desse modo, os chistes o faziam por ele, apontado para os “riscos” de um casamento nestes moldes. Cumpre observar que os “riscos” nos arranjos de casamento, nos chistes apresentados por Freud, eram só dos homens.:

O Schadchen defendia a jovem, por ele proposta, dos protestos do rapaz:
 - Não gosto da sogra, dizia o último. Ela é uma pessoa desagradável e estúpida.
 - Mas, afinal, você não vai se casar com a sogra. Quem você quer é a filha dela.
 - Sim, mas esta não é jovem, nem se pode dizer que seja bonita.
 - Não importa. Se ela não é jovem nem bonita, será por tudo isso mais fiel a você.
 - Nem tem muito dinheiro.
 - Quem está falando em dinheiro? Você vai casar-se com o dinheiro?
 Afinal, é uma esposa que você quer.
 - Mas ela tem também uma corcunda nas costas.
 - Bom, e o que você quer mais? Não terá ela o direito de ter um único defeito? (p. 79)

Utilizado como exemplo da técnica do “raciocínio falho”, o chiste acima revela, indiretamente, aspectos ideológicos que, na época, definiam as características necessárias a uma

noiva, as condições que podiam caracterizar um casamento ideal: uma sogra agradável, a moça jovem, bonita, fiel, com dinheiro e sem quaisquer defeitos físicos. Um outro chiste caminha no mesmo sentido:

O noivo, ficando desagradavelmente surpreso quando a noiva lhe foi apresentada, chamou o agente a um canto e cochichou-lhe suas censuras:

- *Por que você me trouxe aqui? – perguntou recriminadoramente.*
 - *Ela é feia, velha, vesga, tem maus dentes e olhos remelentos.*
 - *Não precisa abaixar a voz - interrompeu o agente, ela é surda também.*
- (p. 82)

O casamento por interesse aparece em outro exemplo de chiste produzido pelo “raciocínio falho”:

O noivo fazia sua primeira visita à casa da noiva em companhia do agente, e enquanto aguardava, no salão, que a família aparecesse, o agente chamou sua atenção para um armário com portas de vidro onde se exibia o mais fino conjunto de peças de prata.

- *Veja! Olhe lá! Por estas coisas você vê como são ricos.*
- *Mas, - perguntou o desconfiado jovem, não seria possível que estas coisas finas tivessem sido reunidas apenas para esta ocasião – que elas fossem tomadas emprestadas para dar impressão de riqueza?*
- *Que idéia!, - protestou o agente. Quem você acha que emprestaria alguma coisa a essa gente? (p.83)*

Para Freud, o ataque dos chistes pode estar sendo dirigido às instituições ou às pessoas que representam as instituições, pois, algumas delas desfrutam de tanto respeito que só podem ser criticadas sob a máscara do chiste. Podem ser estas as intenções dos chistes dirigidos à instituição do casamento e aos actantes que, de alguma maneira, participam dela: maridos e esposas, sogra, o casamento religioso, a traição etc. Para Freud a grande maioria dos chistes sobre casamento pertence à categoria dos “chistes cínicos”:

Entre as instituições habitualmente atacadas pelos chistes cínicos, nenhuma é mais importante, mais estritamente guardada pelos códigos morais e, ao mesmo tempo, mais convidativa a um ataque, que a instituição do casamento, à qual, pois, se dirige a maioria dos chistes cínicos. Não existe reivindicação mais pessoal que a da liberdade sexual e em nenhum outro ponto a civilização exerceu supressão mais severa que na esfera da sexualidade. (p. 131).

Freud ilustra o comentário acima com o seguinte pensamento, retirado de um livro de pilhérias que circulava em sua época: *Uma esposa é como um guarda-chuva; mais cedo ou mais tarde toma-se um táxi* (p. 131). Fazendo uma extensa análise sobre a técnica desse chiste, Freud observa que ele, tal como muitos outros, cinicamente, diz algo que ninguém diz francamente:

Ninguém se aventura a declarar franca e abertamente que o casamento não é um arranjo planejado para satisfazer a sexualidade do homem, a não ser que se seja forçado a fazê-lo, talvez por amor à verdade e zelo reformador [...] A força desse chiste consiste no fato de que, não obstante – através de todas as vias transversas – isso tenha sido declarado. (p. 132)

O interesse de Freud ao analisar os chistes está ligado, primariamente, àquilo que, neles, pode explicar os mecanismos da mente e as organizações psíquicas, àquilo que eles estariam revelando do inconsciente humano e isto pode, certamente interessar aos profissionais da área. Mas, sua obra, na medida em que analisa minuciosamente as técnicas de produção dos chistes, e suas intenções de crítica a certas instituições, a certos costumes e valores sociais, pode, ainda, despertar o interesse dos estudiosos da Linguística ou da Análise do Discurso.

2.2 Bergson e a definição do riso.

Bergson (1940) em “Le rire – Essai sur la signification du comique”, obra composta a partir de três artigos por ele publicados na *Revue de Paris* em 1899, tem como proposta básica determinar os processos de produção do cômico. Sua obra é, fundamentalmente, dividida em três capítulos. O primeiro, subdividido em três partes, trata “sobre o cômico em geral; a comicidade das formas e dos movimentos e a força de expansão do cômico”. O segundo trata sobre “o cômico de situação e o cômico de palavras”. O terceiro dedica-se ao estudo do “cômico de caráter”.

Partindo de questões tais como “Que signifie le rire? Qu’y a-t-il au fond du risible? Que trouverait-on de commun entre une grimace de pitre, un jeu de mots, un quiproquo de vaudeville, une scène de fine comédie?” (p.1), Bergson, antes de respondê-las, chama a atenção para três aspectos. Primeiramente, para o fato de que não há comicidade fora do que é propriamente humano, pois rimos quando surpreendemos, nas coisas, uma atitude ou uma expressão humana. Segundo, para o fato de que há uma certa insensibilidade que acompanha o

riso: podemos rir de alguém que inspire piedade ou afeição, pois que o cômico, para produzir todo o seu efeito, funciona como uma espécie de anestesia momentânea do coração. E, finalmente, para o fato de que o riso exige sempre uma participação de outra inteligência que dele compartilhe: - o riso humano é sempre *riso de um grupo*. Para Bergson, o riso corresponde a certas exigências da vida em comum, ou seja, ele tem uma função social:

“Pour comprendre le rire, il faut le replacer dans son milieu naturel, qui est la société; il faut surtout en déterminer la fonction utile, que est une fonction sociale. Telle sera, disons-le dès maintenant, l’idée directrice de toutes nos recherches. Le rire doit répondre à certaines exigences de la vie en commun. Le rire doit avoir une signification sociale. (p.6)

O riso “deve ter uma função social”. Esta afirmativa, certamente corrobora nossa intenção de pesquisa: qualquer texto humorístico, enquanto discurso, nasce em um contexto histórico-social que o justifica. Que o cômico é uma técnica utilizada para provocar o riso não há dúvidas, mas tentar descobrir por que certos temas tornam-se os principais alvos dessas técnicas é algo que pode ser interessante na análise do discurso humorístico, particularmente, em nosso caso, daquele que tem como tema o casamento.

O riso é uma espécie de gesto social que castiga os costumes. Rimos do que é involuntário e desajeitado (por isso somos capazes de rir quando alguém tropeça e cai, ou dos aleijados), dos desvios (como por exemplo, da sexualidade padrão e, então, faz-se piadas sobre a homossexualidade), dos vícios (rimos das piadas sobre bêbados) e, particularmente, dos exageros da rigidez social (faz-se piadas de pessoas que se destacam pela rigidez de caráter e de costumes, tais como padre e freiras, moças castas e virgens...):

Toute raideur du caractère, de l’esprit e même du corps, sera donc suspecte à la société, parce qu’elle est le signe possible d’une activité que s’endort et aussi d’une activité qui s’isole, qui tend à s’écarter du centre commun autour duquel la société gravite, d’une excentricité enfin. Et pourtant la société ne peut intervenir ici par une répression matérielle, puisqu’elle n’est pas atteinte matériellement. Elle est en présence de quelque chose qui l’inquiète, mais à titre de symptôme seulement, - à peine une menace, tout au plus un geste. C’est donc par un simple geste qu’elle y répondra. Le rire doit être quelque chose de ce genre, une espèce de ‘geste social’. Par la crainte qu’il inspire, il réprime les excentricités, tient constamment en éveil et en contact réciproque certaines activités d’ordre accessoire que risqueraient de s’isoler et de s’endormir, assouplit enfin tout ce qui peut rester de raideur mécanique à la surface du corps social. (p. 15)

Ainda no primeiro capítulo de sua obra, Bergson dedica-se ao estudo do cômico das fisionomias, das deformidades e dos gestos. A rigidez, ou imitação de rigidez, nestes casos, é apresentada como responsável pelo efeito cômico. A partir daí, ele estabelece uma série de “leis” que, segundo ele, regulamentam o cômico:

Lei 1 - “Peut devenir comique toute defformité qu’une personne bien conformée arriverait à contrefaire” (p. 18)

A primeira lei trata do cômico das fisionomias, a feiúra cômica das imitações, dos gestos involuntários (automatismos), do exagero das caricaturas, dos disfarces. Uma segunda lei, trata do cômico das formas, gestos e movimentos.

Lei 2 - “Les attitudes, gestes et mouvements du corps humain sont risibles dans l’exacte mesure où ce corps nous fait penser à une simple mécanique” (p. 22-23)

Reconhecendo certa impossibilidade de pensar uma única fórmula para explicar todos os efeitos cômicos, Bergson diz existir três direções das quais se pode extrair a fórmula do cômico, todas elas relacionadas ao que chama “mecânico calcado no vivo”. Assim, segundo ele,

- a) será cômica “ une raideur quelconque appliquée sur la mobilité de la vie, s’essayant maladroitement à en suivre les lignes et à en contrefaire la suplesse » (p. 29) – e isto se aplica a qualquer mecanismo inserido na natureza, como por exemplo, uma mecanização artificial do corpo humano ou regulamentação automática da sociedade;
- b) será cômico “tout incident qui appelle notre attention sur le physique d’une personne alors que le moral est en cause” (p.39) – ri-se, por exemplo, de uma pessoa que espirra no momento mais sério de um discurso;
- c) será cômica e “nous rions toutes les fois qu’une personne nous donne l’impression d’une chose” (p. 44) – rimos, por exemplo, de alguém transformado numa bala de canhão e voando pelo espaço.

Já, no segundo capítulo de sua obra, Bergson trata do que chama de “comicidade de situações e comicidade de palavras”. Para exemplificar sua teoria, busca exemplo no “teatro bufo” e na comparação do prazer de brincar da criança (boneco de mola; fantoche de cordões; a

bola de neve) com o gosto do adulto pelas comédias, nas quais se repetem os movimentos das brincadeiras infantis. Define, então, uma nova lei que justificaria o cômico do teatro bufo:

Lei: Est comique tout arrangement d'actes et d'événements qui nous donne, insérées l'une dans l'autre, l'illusion de la vie et la sensation nette d'un agencement mécanique (p. 53).

Ao tratar da comicidade de palavras, Bergson observa a necessidade de distinguir entre “o que é espirituoso e o que é cômico”, embora reconheça uma certa dificuldade em perceber os limites dessa distinção:

D'un côté, en effet, nous voyons qu'il n'y a pas de différence essentielle entre un mot comique e un mot d'esprit, et d'autre part le mot d'esprit, quoique lié à une figure de langage, évoque l'image confuse ou nette d'une scène comique. Cela revient à dire que le comique du langage doit correspondre, point par point, au comique des actions e des situations et qu'il n'en est, si l'on peut s'exprimer ainsi, que la projection sur le plan des mots. (p.84-85).

A mesma rigidez que dá comicidade às ações e situações existe também na linguagem. Uma frase pronunciada automaticamente, desde que encerre um absurdo, um erro grosseiro ou uma contradição, poderá produzir um efeito cômico. Dessas considerações infere uma regra geral:

Règle générale: On obtiendra un mot comique en insérant une idée absurde dans un moule de phrase consacré. (p. 86)

A mesma lei anterior (rimos sempre que nossa atenção é desviada para o aspecto físico de uma pessoa, ou quando está em causa um aspecto moral) pode ser aplicada à linguagem, pois a maior parte das palavras “présentent un sens physique e un sens moral, selon qu'on les prend au propre ou au figure” (p. 87). A lei assume, então, a seguinte forma:

On obtient un effet comique quand on affecte d'entendre une expression au propre, alors qu'elle était employée au figuré”. E completa: “Dès que notre attention se concentre sur la matérialité d'une métaphore, l'idée exprimes devient comique. (p.87-88)

Para Bérqson, uma frase será cômica se obedecer a uma das três leis fundamentais do que denomina “transposição cômica das proposições”. Sendo assim uma frase se tornará cômica se tiver uma das três características:

- 1) se ainda tiver sentido mesmo invertida (característica da *inversão*);
- 2) se exprimir indiferentemente dois sistemas de idéias totalmente independentes (característica da *interferência*);
- 3) ou se for obtida com a transposição da idéia para uma tonalidade que não é a sua (característica da *transposição*).

Dessas três características, que para ele não têm a mesma importância, destaca a da *transposição*, da qual extrai uma regra geral:

On obtiendra un effet comique en transposant l'expression naturelle d'une idée dans un autre ton" (p. 94).

Distinguindo dois tipos de tons extremos – o solene e o familiar, o efeito cômico será obtido pela transposição de uma para outro, surgindo daí duas direções opostas da “fantasia cômica”, a *paródia* (pela transposição do solene ao familiar) e a *degradação* (quando uma coisa respeitada é apresentada como “medíocre e vil”).

No terceiro e último capítulo, Bergson analisa a “comicidade de caráter”, parte que ele considera a mais importante de sua tarefa:

Convaincu que le rire a une signification et une portée sociales, que le comique exprime avant tout une certaine inadapation particulière de la personne à la société, qu'il n'y a de comique enfin que l'homme, c'est l'homme, c'est le caractère que nous avons visé d'abord. (p. 101-102)

Para Bergson, a comédia começa quando alguém deixa de nos comover, ou seja, quando ocorre um “*raidissement contre la vie sociale*”, certo enrijecimento contra a vida social. O riso é uma espécie de “trote social”, pois que uma espécie de humilhação para quem é objeto dele. Para ele, os elementos cômicos do teatro são os mesmos da vida:

De là le caractère équivoque du comique. Il n'appartient ni tout à fait à l'arte, ni tout à fait à la vie. D'un côté les personnages de la vie réelle ne nous feraient pas rire si nous n'étions capables d'assister à leurs démarches comme à un spectacle que nous regardon du haut de notre loge ; ils ne sont comiques à nos yeux que parce qu'ils nous donnent la comédie. Mais, d'autre part, même au théâtre, le plaisir exclusivement esthétique, absolument désintéressé. Il s'y mêle une arrière-pensée que la société a pour nous quand nous ne l'avons pas nous-mêmes. Il y entre l'intention inavouée d'humilier, et par là, il est vrai, de corriger tout au moins, extérieurement. C'est pourquoi la comédie est bien plus près de la vie

réelle que le drame. Plus un drame a de grandeur, plus profonde est l'élaboration à laquelle le poète a dû soumettre la réalité pour en dégager le tragiques à l'état pur. Au contraire, c'est dans le vaudeville et la farce, que la comédie tranche sur le réel : plus elle s'élève, plus elle tend à se confondre avec la vie, et il y a des scènes de la vie réelle que sont si voisines de la haute comédie que le théâtre pourrait se les approprier sans y changer un mot. (p. 103-104)

Os defeitos alheios fazem rir em razão de sua *insociabilidade* e não exatamente por sua *imoralidade*. Os vícios da humanidade não são cômicos, mas mediante artifícios apropriados podem tornar-se cômicos e para isso, ressalta o autor, é preciso que eles não comovam. Bergson sugere uma nova fórmula que explicaria a diferença entre o *cômico* e o *drama*: enquanto que neste, a atenção se concentra nos atos, no cômico ela se concentra sobretudo nos gestos. Os *gestos* são entendidos como coisas diferentes das *ações*: enquanto as ações são intencionais, os gestos escapam, são automáticos.

J'entends ici par 'gestes' les attitudes, les mouvements et même les discours par lesquelles un état d'âme se manifeste sans but, sans profit, par le Seul effet d'une espèce de démangeaison intérieure. (p.109).

Bergson resume o que chama de as “três condições essenciais para o cômico”: a insociabilidade do personagem; a insensibilidade do espectador e o automatismo, este último, provavelmente, o mais importante, - condição para a qual chama a atenção desde o início do livro:

[...] il n'y a d'essentiellement risible que ce qui est automatiquement accompli. Dans un défaut, dans une qualité même, le comique est ce par où le personnage se livre à son insu, le geste involontaire, le mot inconscient. Toute distraction est comique. Et plus profonde est la distraction, plus haute est la comédie. (p. 111-112)

Todo caráter (o que há de já feito em nós, capaz de funcionar automaticamente) será cômico se tiver algo de repetido, um certo tipo, e que, por isso, poderá ser imitado.

Nas suas considerações finais, Bergson conclui que o riso não traz consigo as marcas da solidariedade e da bondade mas é um castigo, feito para humilhar, uma forma da sociedade vingar-se “das liberdades que se tomaram com ela”:

Le rire est, avant tout, une correction. Fait pour humilier, il doit donner à la personne qui en est l'objet une impression pénible. La société se venge par lui des

libertés qu'on a prises avec elle. Il n'atteindrait pas son but s'il portait la marque de la sympathie e de la bonté. (p. 150)

Creemos que muitas piadas podem, efetivamente, corroborar a tese proposta por Bergson – através das piadas a sociedade castiga as liberdades que foram tomadas com ela mesma. Mas, entendemos que as piadas pretendem, acima de tudo, ridicularizar qualquer coisa que se desvie do que é considerado socialmente “normal”, sejam os excessos de liberdade, os excessos de rigidez nos costumes, hábitos sociais arraigados etc. Para o autor, o riso não é justo nem bom, ele tem a função de “intimidar humilhando”: ele é uma espécie de herança da natureza que teria deixado em cada um de nós um saldo de maldade ou de malícia. É o efeito de um mecanismo montado pela natureza, por um prolongado hábito da vida social:

Le rire châtie certains défauts à peu près comme la maladie châtie certains excès, frappant des innocents, épargnant des coupables, visant à un résultat général et ne pouvant faire à chaque cas individuel l'honneur de l'examiner séparément. (p. 151)

Esta função de “intimidar humilhando” parece estar presente nas piadas, de português, loiras burras, negros, homossexuais, mulheres casadas que traem, mas, é perfeitamente discutível se esta seria a sua intenção primária.

No apêndice da vigésima terceira edição de sua obra, Bergson, ao responder a uma crítica de um certo Sr. Yves Delage, para quem o efeito do cômico depende de uma “desarmonia” entre o efeito e a causa, ressalta que é preciso procurar qual é a causa específica da desarmonia (ou de outra condição qualquer) que produz o efeito cômico. Para ele, o que é fundamental é buscar qual é o fato “atentatório” à vida social que leva a sociedade a manifestar-se através do humor:

Il faut bien qu'il y ait dans la cause du comique quelque chose de légèrement attentatoire (et de 'spécifiquement' attentatoire) à la vie sociale, puisque la société y réponde par un geste qui a tout l'air d'une réaction défensive, par un geste qui fait légèrement peur. C'est de tout cela que j'ai voulu rendre compte. (p. 105)

A tese, proposta por Bergson, de que as piadas seriam uma forma de a sociedade castigar as liberdades que se tomaram com ela, nos parece interessante. Que pretendem as piadas de casamento castigar? Que desvios ou excessos (de liberdade, de rigidez ou flexibilização dos costumes, de hábitos sociais arraigados etc.) vêm sendo considerados nas piadas de casamento?

Acreditamos que pela Análise do Discurso é possível discutir as intenções da sociedade ao rir de certas « desarmonias » sociais, esse algo de atentatório à vida social que justifica, na visão de Bergson, a causa da comicidade.

2.3 Possenti e os humores da língua

Numa obra que tem como tema central a análise dos fundamentos do discurso humorístico, Possenti (1998) alerta para o fato de que não se pode ignorar que o humor é produzido a partir de mecanismos lingüísticos. Introduce algumas observações de Delia Chiaro (*The language of jokes*, 1992), a respeito de obras que tratam do humor, tais como: que são muitas as obras que versam sobre o assunto; que existem várias razões que levam as pessoas a rir (os aspectos fisiológicos, sociológicos, psicológicos do humor), e que, finalmente, são poucas as obras que versam sobre os aspectos lingüísticos envolvidos no humor. Atualmente já existe um número razoável de autores que se dedicam aos estudos dos aspectos lingüísticos do discurso humorístico.

Mas, como já afirmamos, não é o estudo dos mecanismos lingüísticos de produção do humor que nos interessa primariamente nesta pesquisa, mas sim, sob a égide da Análise do Discurso, *o estudo do humor a partir daquilo que ele quer significar*. Embora Possenti afirme ser “desnecessário um outro livro sobre as motivações do humor”, exceto se “houver um novo ponto de vista disponível no mercado”, não resistimos à tentação de pesquisar sobre a “motivação” que leva as pessoas a contarem piadas e, particularmente aqui, piadas sobre a instituição do casamento e sobre a relação das pessoas nela envolvidas.

As piadas de casamento (ou sobre quaisquer temas) revelam um discurso que merece ser estudado. Não creio que esta proposta seja inédita no sentido de que trata o humor a partir de um novo ponto de vista, mas ela pode ser interessante na medida em que trata dos aspectos discursivos envolvidos nas piadas. Ainda em Possenti (1998), encontramos a motivação para esta pesquisa. Sobre os temas abordados pelos textos humorísticos, o autor, nos esclarecimentos iniciais sobre a natureza de sua obra, afirma que “o que se diz sobre esses temas com base nas piadas não poder ser posto de lado gratuitamente”. Nessa mesma obra, Possenti apresenta um

texto de Millôr Fernandes (*Diário da Nova República* - vol. 3 - Editora L&PM) que nos leva a algumas reflexões sobre a motivação para a produção do humor:

Inextirpável no ser humano, mesmo o mais sensível, o gosto perverso de contar piadas sobre minorias (no Brasil negros, judeus, portugueses, bichas), grupos já discriminados pela natureza (anões, corcundas, aleijados), pessoas marcadas por características dramáticas (caolhos, capengas, manetas), ou com defeitos ridicularizáveis (gago, fanho, surdo) etc.

Quanto aos grupos étnicos as piadas no Brasil se referem desprimorosamente a argentinos (que por sua vez nos chamam de macaquitos), franceses, alemães, porém, preferivelmente, detratam judeus, portugueses e negros.

Mas, reparem bem, vocês já viram portugueses contando piadas de português, é comuníssimo judeu contar piada de judeu, mas eu, pelo menos, não me recordo de negro contando piada de negro. A explicação me parece simples; a piada sobre português (burrice) ou sobre judeu (principalmente argentarismo) é perfeitamente assimilável. A sobre negro (vagabundo, ladrão, primata) é dolorosamente ofensiva, humilhante, não assimilável pelos, sem trocadilho, alvos. Com a palavra teólogos, psicólogos, antropólogos e demais ociólogos. (p.14-15)

Certamente muitos psicólogos podem responder, se já não responderam, à alusão de um provável “inextirpável gosto perverso” dos humanos em contarem piadas, assim como outros especialistas podem responder ao problema levantado pelo autor ao constatar que não se recorda de negro contando piada de negro. Pode ser que negros, de maneira geral, não contem piadas sobre negros mas, se este não é um comportamento comum da comunidade negra, esporadicamente ele pode acontecer.

Há, porém, nas piadas, aspectos que nos parecem fundamentais Por que as piadas falam do que falam? Por que veiculam os discursos que veiculam? Poderíamos utilizar várias piadas - sobre negros, judeus, portugueses, loiras “burras”, homossexuais etc., - para responder às questões, mas vamos tentar respondê-las considerando um dos assuntos que constitui um dos alvos privilegiados das piadas: *o casamento*.

Para Possenti (1998), se as piadas são bons exemplos para explicitar princípios de análise lingüística, elas fornecem, também, excelentes argumentos para várias teses ligadas às teorias textuais e discursivas, particularmente para a Análise do Discurso, quando esta se propõe a defender a tese da relevância das condições de produção. As piadas só ocorrem “num solo fértil de problemas” particularmente naqueles cultivados durante séculos de disputas e de preconceitos. O casamento é, certamente, dentro da história das sociedades, um solo fértil de problemas.

Em sua obra o autor destaca alguns aspectos considerados fundamentais para a análise do discurso humorístico e sobre os quais faremos algumas considerações.

2.3.1 A produção do humor depende de mecanismos lingüísticos

Freud (1905), ao tratar dos chistes, já destacara que não há assuntos que são inerentemente engraçados: o que há é uma certa técnica para a produção dos chistes, ou dito de uma outra forma, existem mecanismos lingüísticos responsáveis pela produção do humor. Possenti (1998) observa que, embora não exista uma lingüística do humor, o texto humorístico, particularmente os chistes ou piadas, pode ser explicado a partir dos mecanismos lingüísticos que fazem dele um tipo especial de texto: voltado para os efeitos de sentido humorísticos e para provocar o riso.

Outro autor (citado em Possenti), Raskin, propõe uma caracterização semântica dos principais ingredientes que constituiriam um chiste, e que podem ser resumidos do seguinte modo. Para que um chiste seja considerado enquanto tal ele deve:

- a) apresentar mudanças de um modo “bona-fide” (de boa fé) de comunicação para um modo “não bona-fide”;
- b) ser considerado chistoso;
- c) apresentar dois “scripts” (parcialmente) superpostos compatíveis com o texto;
- d) apresentar uma relação de oposição entre os dois “scripts” e,
- e) apresentar um gatilho, implícito ou explícito, que permitirá a passagem de um “script” para outro.

A partir de uma perspectiva particularmente lingüística, Possenti (1998) destaca alguns mecanismos que, nas piadas, são responsáveis pela produção do humor. Tais mecanismos podem envolver vários níveis lingüísticos, como por exemplo, o fonológico, o morfológico, o lexical, a dêixis, além de outros ligados aos elementos de coerência textual - pressuposição, inferência, conhecimento prévio, ou ainda, questões de variação lingüística ou de tradução. Num livrinho de piadas para crianças, baseadas em questões da língua portuguesa (50 Piadas – Português)

encontramos exemplos interessantes para ilustrar os vários mecanismos lingüísticos sugeridos por Possenti e que podem estar contribuindo para a produção das piadas:

- Fonologia:

- *Diga uma palavra que comece por H.*
- *Agarrar.*

- Morfologia:

- O professor: - Quem vende leite é leiteiro. Quem vende pão é padeiro. E quem vende carne...*
- *É carneiro, professor.*

- Léxico

- A professora está ensinando o uso de pronomes e pede para o Carlinhos:*
- *- Faça uma frase com o pronome consigo!*
- E o Carlinhos:*
- *Eu não consigo correr muito.*

- Dêixis

- A professora diz:*
- *Juquinha, diz aí dois pronomes!*
- *Quem? Eu?*
- *Está certo, pode sentar!*

- Conhecimento prévio

- *O idioma francês é o mais interessante e útil, dizia uma.*
- A outra: - Qual nada! Acho que é o idioma inglês.*
- Uma outra: - Mas o que vem a ser idioma?*
- *Idioma quer dizer Língua.*
- *Ah! É? Então fiquem sabendo que eu gosto muito é de idioma de vaca com cebolas e batata.*

- Inferência

- Ele: - Querida, estou procurando palavras que possam exprimir o meu amor por você!*
- Ela: - Desse jeito? Você pensa que tenho o dicionário tatuado em mim?*

- Níveis lingüísticos

- *Zé, olha um largato!*

- *Largato ou lagarto?*
- *Chi! Passou tão depressa que eu nem reparei.*

- Tradução

Na aula de Latim:

- *Você aí, queira traduzir: “Ó tempora, ó mores”.*
- *É pra já: Óh! Tempo de amoras.*

Possenti observa que, além de constituírem um material muito interessante, que podem ser excelentes exemplos para explicitar princípios de análise lingüística, as piadas podem fornecer excelentes argumentos para pesquisas ligadas às teorias textuais ou discursivas. Particularmente, do ponto de vista discursivo, as piadas fornecem um excelente material de análise, por várias razões, das quais destaca três:

1º) As piadas versam sobre temas socialmente controversos e, nelas, podemos reconhecer diversas manifestações culturais, ideológicas ou valores arraigados, tais como os temas ligados ao sexo, aos preconceitos raciais, à corrupção política, às instituições sociais (ao casamento), à aparência física das pessoas etc.

2º) As piadas operam intensamente com estereótipos (judeu é sovina e só pensa em dinheiro; a traição faz parte do casamento ou o casamento pressupõe interesses financeiros; freiras e padres não são castos; português é burro, assim como as loiras também o são, gaúcho não é macho etc.).

3º) As piadas geralmente veiculam um discurso proibido, subterrâneo, não oficial. O discurso humorístico permite a veiculação de discursos que não são (ou não podem ser) explicitados correntemente. As piadas de casamento dizem, por exemplo, que maridos e esposas traem. Se alguém deixa transparecer, por exemplo, o preconceito contra negros, poderá, certamente, sofrer as sanções previstas na Lei 7.716/ 89, do Código Civil, que descreve os crimes resultantes de preconceitos de raça e cor. Mas, se é contada uma piada sobre negros, o ato pode ser considerado, como comumente se diz, uma simples “piada”, uma “brincadeira inocente sem quaisquer intenções racistas”. O fato é que o discurso humorístico consegue dizer o que não pode/deve ser dito, provavelmente porque não há um juízo de valor sobre quem conta ou quem

ouve piadas. As piadas funcionam como o lugar onde as leis (morais, éticas...) que regem a sociedade são suspensas.

Pensamento: *Acredito no nó indissolúvel do casamento – desde que ele esteja bem atado em volta do pescoço da mulher.* – W.C. Fields (O Melhor do mau humor, 1989, p. 21)

2.3.2 O discurso humorístico não tem autor

De modo geral, as piadas não são acompanhadas da indicação de seus autores. Nunca ouvimos algo parecido com “vou contar uma piada da autoria de.....” mas sim, “ouvi contar uma piada” ou “sabe aquela do papagaio ...”. O mesmo não acontece com os pensamentos. Pensamentos, chistosos ou não, ocasionalmente podem vir acompanhados de seus autores (se verdadeiros, ninguém sabe) ou sua origem: “diz um pensamento chinês que...”.

Pensamento: *Todas as tragédias terminam em morte e todas as comédias em casamento* – Lord Byron (O melhor do mau humor, 1989)

Pensamento: *Sou contra noivados muito longos. Dão tempo às pessoas de conhecer o caráter uma da outra, o que não me parece aconselhável antes do casamento.* – Oscar Wilde (O melhor do mau humor, 1989)

Onde e quando Lord Byron e Oscar Wilde emitiram os pensamentos acima? Foram eles os autores desses pensamentos? Não sei se o importante é a verdade sobre a autoria. O fato é que a indicação de um autor (e quanto mais famoso, melhor) dá maior credibilidade à “verdade” contida nos pensamentos. Se a questão da autoria é fundamental para o estabelecimento da unidade e sentido do texto, por outro lado, a não-autoria presente no discurso humorístico tem, também, um papel fundamental. Se ser autor é ser responsável pelo que se diz, as piadas não devem/podem ter um autor. Possenti (1998) entende que as piadas “são uma evidência de que existem discursos que se dizem - que são ditos por todos - dadas certas condições, sem que sua origem esteja relacionada a um indivíduo de forma relevante” (p. 37). E esta característica permite que os discursos humorísticos veiculem, além de seus sentidos mais apreensíveis, outros que podem estar vinculados a conceitos/preconceitos socialmente arraigados. Nas piadas sobre

casamento, o que se diz sobre a esposa é o que geralmente se diz sobre as mulheres, como, por exemplo, a afirmação de que “as mulheres falam demais”:

Marido à mulher:

- Eu não estava bocejando enquanto você falava. Estava tentando dizer alguma coisa. (Seleções, maio 1997, p. 144)

Possenti observa que, pelas suas especificidades, as piadas oferecem excelentes argumentos para quem quer defender hipóteses sobre autoria, texto e leitura:

- As piadas parecem demonstrar a possibilidade de uma leitura sem a consideração do autor. O que importa é o efeito que se quer produzir quando se conta uma piada e não tem absoluta importância quem a contou.
- As piadas oferecem argumentos poderosos para quem quer defender a hipótese de que o leitor é fundamental no processo da leitura: cabe ao leitor da piada, dentre os sentidos possíveis, afastar o que é óbvio e descobrir o menos óbvio, aquele que é relevante para o efeito humorístico da piada.
- As piadas oferecem excelentes argumentos para quem quer defender a hipótese de que o texto é o fator mais relevante no processo de leitura, na medida em que o efeito humorístico exige atenção aos detalhes lingüísticos responsáveis pelos seus efeitos, como por exemplo, nos textos onde a leitura intertextual é fundamental:

Nos Estados Unidos foi feita uma pesquisa entre as mulheres a quem foi feita a seguinte pergunta: Você teria um caso com o Presidente Clinton? 85% responderam “Outra vez não...” (Folha de S.Paulo, janeiro 1998).

Por que a piada faz referência ao Presidente Clinton e não a um outro presidente qualquer? Certamente porque é preciso saber que foi ele quem se envolveu em um escândalo de traição conjugal com uma estagiária e que, eventualmente, esta traição não foi uma ocorrência isolada.

- As piadas podem fornecer excelentes argumentos para a distinção de diferentes atividades no terreno da leitura, tais como a diferença entre compreender e interpretar.

A compreensão dos efeitos de sentido do texto é fundamental para o estabelecimento do efeito humorístico nas piadas, como na piada acima, quando se compreende que o que a piada quer dizer é que a traição do Presidente não foi com uma, mas com a grande maioria das mulheres americanas (85%). Certamente podem ocorrer outras interpretações, tal como sobre a moralidade das americanas.

2.3.3 As piadas são críticas?

Possenti (1998), ao tratar sobre algumas “falácias” a respeito do humor, rebate a afirmativa de que o humor teria uma função crítica. Não nega, porém, a existência de um certo tipo específico de humor crítico. Segundo o autor, o humor parece estar muito mais ligado ao fato de se poder dizer, através dele, algo que é mais ou menos proibido do que, necessariamente, a um propósito crítico, revolucionário ou contrário a certos costumes arraigados (*castigat ridendo mores*). O que é novo na piada é sua forma e não aquilo que ela diz. A função fundamental do humor não é melhorar/criticar os costumes sociais: “o humor tem apenas a obrigação de ser bom tecnicamente”. Mas não se pode negar que existem piadas que fazem crítica à sociedade, mas, tais críticas não são novidades, pois as piadas reproduzem, “e só indiretamente, discursos que já circulam de alguma forma”. Como já destacamos anteriormente, é justamente este aspecto de reprodução de discurso que nos interessa na análise que fazemos das piadas de casamento: por que a instituição do casamento é alvo do discurso humorístico? Que discursos são reiterados nesse tipo de discurso e por que o são?

Possenti observa que há um tipo de humor que é crítico na maioria das vezes, referindo-se ao humor político. Ao lado do humor que trata de questões ligadas à sexualidade, o humor político é, provavelmente, um dos campos mais produtivos das piadas críticas. Elas, todavia, são transitórias, uma vez que parecem explorar características específicas de certos políticos ou de certas etapas da história política de alguns países ou governos.

2.3.4 As piadas impõem um tipo de leitura?

Não há como ignorar o papel do texto e do leitor no processo de leitura e interpretação. Parece certo dizer que nenhum texto é unívoco e que nenhum leitor pode “impor a qualquer texto qualquer interpretação”. Possenti destaca que os textos humorísticos supõem uma espécie de controle de sua interpretação, isto é, se não acontecer a apreensão necessária do efeito humorístico, eles perderão sua função principal: serem percebidos como textos humorísticos. O texto humorístico desautoriza outra leitura. Não se nega, com isso, a possibilidade de outras interpretações. Um exemplo destacado por Possenti, ilustra bem essa questão:

- *Desculpe, querida, mas eu tenho a impressão de que você quer casar comigo só porque eu herdei uma fortuna do meu tio.*
- *Imagina, meu bem! Eu me casaria com você mesmo que tivesse herdado a fortuna de outro parente qualquer! (p. 53)*

Na piada, o tema do “casamento por interesse” só pode ser percebido se o leitor atentar para a deslocação do foco: o humor reside no fato de que ocorre um desvio de sentido entre o que o primeiro interlocutor quis dizer e o que o segundo respondeu. Para que a piada seja entendida é fundamental que o leitor perceba o efeito humorístico produzido pelo desvio do sentido do advérbio “só”: ele não se refere à fortuna herdada do tio, mas a “casar só porque herdou uma fortuna”.

Mas, dizer que um texto pode impor uma leitura única, como no caso das piadas, não significa que o leitor é um receptor passivo, um mero decodificador. A leitura de um texto sempre pode ser outras, mas o fato é que “as piadas têm sua própria estratégia de imposição de leitura, que consiste basicamente em apresentar ao leitor diversas possibilidades, para em seguida impedir-lhes algumas” (p. 62). Este é o caso, também, das piadas que exigem operações epilingüísticas para serem entendidas (operações ativas que o leitor faz sobre certos dados lingüísticos, analisando-os a partir de vários mecanismos ou segmentações alternativas da cadeia lingüística nos mais diversos níveis: morfológico, fonológico, supra-segmental...).

Perguntaram ao português:

- O que é um homossexual?

- É um sabão para lavar as partes.

Se o leitor não conseguir separar o morfema “*homo*” e não puder perceber a nova leitura que o português fez da palavra “*homossexual*” - *homo* = *Omo* (*sabão em pó*), certamente o efeito humorístico se perderá. É neste sentido que se pode afirmar que o texto humorístico, assim como qualquer outro, não impede mais de uma leitura mas, por outro lado, para ser entendido como um texto humorístico ele impõe uma única leitura e impede uma outra qualquer.

2.3.5 Humor para crianças

Crianças produzem discursos humorísticos? As crianças são temas dos discursos humorísticos? Possenti (1998) responde afirmativamente sobre a possibilidade de existência das duas situações.

Há, porém, considerada a natureza de nossa tese, uma outra questão sobre o humor infantil que entendemos ser fundamental: o humor produzido para crianças. É fato que, atualmente, existe um espaço próprio na literatura infantil ou infanto-juvenil dedicado a um tipo de humor produzido intencionalmente para criança, e que é veiculado em revistas, jornais (páginas especializadas para o público infantil), ou livros infantis especializados em piadas (*A Anedotinhas do Bichinho da Maçã*, de Ziraldo; *Coleção 50 Piadas*, da Ciranda Cultural; *O livro do riso do Menino Maluquinho*, de Ziraldo). Há, ainda, inúmeros sites da internet que veiculam um humor direcionado para o público infantil.

Que dizem as piadas produzidas para criança? São elas inocentes? Possenti observa que os discursos veiculados nas piadas de crianças não são nada infantis. Se, de maneira geral, as piadas para crianças não são obscenas, nem por isso deixam de ser maliciosas, sexistas, racistas, preconceituosas. As piadas infantis, como quaisquer outras, veiculam discursos proibidos, controlados. Vejamos alguns aspectos das questões acima levantadas.

Crianças produzem discursos engraçados, levadas pela inocência ou pela pouca compreensão que têm de certos acontecimentos ou situações. Na revista “Seleções”, num espaço reservado para que os leitores registrem suas experiências pessoais (*Flagrantes da vida real*), podemos encontrar vários exemplos de situações engraçadas protagonizadas por crianças:

Quando tinha 3 anos, minha irmãzinha perguntou ao nosso pai:

- *Por que você e a mamãe não fazem um irmãozinho pra brincar comigo?*
- *Porque ainda é muito cedo para ter outro filho.*

- *Então quem sabe mais à noitinha?* (Seleções, abril/1998, p. 52)

Para Possenti, outro aspecto a ser destacado, e talvez mais relevante para a análise do discurso humorístico infantil, é aquele que constata a existência de um tipo de discurso humorístico do qual a criança é o principal personagem. Como já dissemos, isto não significa que tais piadas sejam “inocentes” ou que sejam exatamente “infantis”. Assim como nas piadas onde o personagem principal é um papagaio, as piadas cujos personagens são crianças possibilitam a veiculação de um discurso que em outras circunstâncias circulariam com maiores restrições. A presença da personagem infantil nas piadas (assim como a do papagaio, do bobo da corte, do bêbado, do louco...) pode fazer parte de uma estratégia que permite colocar em circulação discursos que de algum modo são socialmente proibidos ou reprimidos:

Tais personagens, no dia-a-dia, nas rodinhas de piadas, ou nos livros que as colecionam, dizem os discursos que muitos de nós gostaríamos de dizer em nosso próprio nome, não houvesse as regras que os e nos controlam. Vale observar, no entanto, que, se tais discursos persistem, é porque são mantidos vivos, e a maneira de mantê-los vivos é enunciá-los, apesar de controlados. (p. 142)

Nas piadas de criança há a possibilidade de se colocar em circulação os discursos que não são ditos normalmente, como por exemplo, dizer a uma visita que a sua presença é inoportuna:

Sabe aquela mãe que adora pegar no pé pra que a gente faça tudo certinho? Pois a mãe do Junin é assim. Ele era pequenininho, e a mãe ficava em cima: “Diga muito obrigado, cumprimente as pessoas, peça licença...”

Um dia, eles receberam uma visita que ficou um tempão na casa deles. Na hora em que a pessoa se despediu, a mãe disse pro Junin:

- O que é que se diz quando uma visita vai embora?

E o Junin:

- Graças a Deus! (Zirardo, O livro do riso do Menino Maluquinho)

A piada acima pode servir de exemplo a um dos dois principais discursos veiculados, segundo Possenti, nas piadas de criança. Primeiramente, que as crianças violam as regras do discurso e dizem coisas que normalmente não se pode dizer, ou que os adultos não dizem, pelo menos em determinadas situações.

A professora: - Se eu digo “fui bonita”, é passado. Se eu digo “sou bonita”, é o que, Doca?

Doca: - É mentira! (50 piadas - Família).

O segundo tipo de discurso parece destruir a “hipótese da ignorância das crianças sobre certos temas secretos ou tabus”.

A avó vai com os netinhos ao Jardim Zoológico. Diante do viveiro de aves, pára e diz:

- Aqui vocês podem ver a cegonha, que leva os bebês para as mães.

O menino de cinco anos cochicha com a irmãzinha:

- Vamos contar a verdade ou deixar que a vovó morra inocente?(50 piadas

- Família).

A mãe chama o filho de 9 anos e, um tanto constrangida, lhe diz:

- Filho, senta aqui ao meu lado, precisamos ter uma conversa bastante séria!

- O que foi, mãe?

- O assunto é sexo!

- O que a senhora quer saber? (50 piadas - Ética)

Através de piadas que têm personagens crianças, violam-se certas leis do discurso, certas regras sociais, regras da etiqueta ou da boa educação. A violação de regras surge como um elemento fundamental na construção de piadas infantis, pois que coloca em “contato dois discursos - um esperado e outro inesperado, quer pela situação, quer pela personagem”. (p. 147)

Finalmente chegamos ao terceiro aspecto do humor infantil que queremos destacar: o humor produzido para criança. Certamente, se o discurso humorístico infantil não trata abertamente sobre temas racistas, sexistas ou qualquer outro tema considerado não “adequado” para criança, não se pode evitar que eles ali estejam presentes, mesmo que subliminarmente. Possenti observa que, de modo geral, os discursos veiculados pelas piadas não são nada infantis.

Mas, que dizem as piadas produzidas para crianças?

Numa série de livros de piadas para crianças, “*Anedotinhas do Bichinho da Maçã*” e “*O livro do riso do Menino Maluquinho*” de Ziraldo, vamos encontrar muitos temas que fazem parte das piadas não-infantis. Assim como as outras piadas, as infantis, tratam de temas polêmicos (sexo, escola, casamento...) e operam com estereótipos. As crianças, nas piadas, podem “inocentemente” dizer o que um adulto, em determinadas situações, não pode/deve dizer. O

discurso humorístico direcionado ao leitor infantil, ainda que de forma subliminar, reitera conceitos, preconceitos, tal como, o que se afirma sobre a relação marido e mulher (1), louras burras (2), mulheres dirigem mal (3), cantam mal (4), sexo (5) etc.

(1) *Maluquinho e a Julieta, teve um dia em que os dois brigaram. E trocaram umas ofensas que só o Maluquinho e a Julieta seriam capazes de trocar.*

- *Se você fosse casada comigo eu te dava um copo de veneno!*

E a Julieta:

- *Se você fosse meu marido, eu tomava!* (Ziraldo, *O livro do riso do Menino Maluquinho*)

(2) *A namorada 'loura burra' pergunta pro namorado:*

- *Você me leva pra passear no domingo?*

- *Levo, minha querida. Mas, escuta uma coisa, e se chover?*

E ela:

- *Não tem problema. Você me pega no sábado.* (Ziraldo, *O livro do riso do Menino Maluquinho*)

(3) *Na estrada o policial mandou parar um carro que vinha voando baixo. Lá dentro do carro estava uma moça toda risonha. O guarda foi chegando e dizendo:*

- *Senhorita, você estava a mais de cento e vinte por hora!*

E a mocinha, feliz da vida:

- *O senhor não achou bárbaro? Aprendi a dirigir ontem e já estou assim...* (Ziraldo, *O livro do riso do Menino Maluquinho*)

(4) *A mulher do vizinho estudava canto. Toda vez que ela cantava, o vizinho vinha para a varanda do apartamento e ficava ali, fumando cachimbo.*

Um dia, a mulher disse pra ele:

- *Você não gosta da minha voz.*

E ele disse:

- *Gosto sim, meu bem.*

E a mulher perguntou:

- *Então, por que você vai sempre pra varanda, quando eu começo a cantar?*

E o marido:

- *Pra todo mundo ficar sabendo que eu não estou batendo em você.* (Ziraldo, *O livro do riso do Menino Maluquinho*)

(5) *Julieta e o Maluquinho estavam indo para a praia quando passou uma moça linda por eles, com um biquíni dest'amanhinho. Aí, a Julieta perguntou:*

- *Você viu o biquininho daquela moça?*

E o Maluquinho respondeu:

- *Não. Eu só olhei pra onde não tinha biquíni.* (Ziraldo, *O livro do riso do Menino Maluquinho*)

A piada seguinte sugere que as crianças já sabem coisas a respeito de “controle de natalidade”? Pode ser inocente a criança de cinco anos pensar que filhos nascem de ovos, mas não é inocente pensar a possibilidade de se evitar filhos quebrando os ovos, algo que funciona como a possibilidade de “abortar”.

Juquinha já tinha uns cinco anos quando se chegou pro pai e disse:

- Pai, eu vou me casar com a Betinha.

A Betinha tinha quatro anos, imagina! Aí, o pai perguntou, todo sério, pro Juquinha:

- Mas, Juquinha, como você vai fazer pra sustentar os seus filhos?

E o Juquinha:

- Já combinei com a Betinha, papai. Toda vez que ela botar um ovo, a gente quebra. (Ziraldo - Anedotinhas do Bichinho da Maçã)

Como a criança entende uma piada que trata da impossibilidade de amor entre o elefante e a formiguinha? Como impossibilidade decorrente da diferença de tamanho entre os dois bichos (um muito grande e outro muito pequeno), ou a implícita impossibilidade da relação sexual entre os dois:

- Você sabe o que foi que o elefante disse para a formiguinha?

- Não entendo por que você acha que o nosso amor é impossível!!! (Ziraldo - Anedotinhas do Bichinho da Maçã)

A piada “infantil”, abaixo, informa que, para a mulher que “dá bola para qualquer um” atribui-se o termo “piranha” (nunca se diz o mesmo para homens que tenham o mesmo comportamento):

Por falar nisso, como se chama a vampira que dá bola pra qualquer um?

- Vampirinha. (Ziraldo - Anedotinhas do Bichinho da Maçã)

Poderíamos pensar que as piadas direcionadas ao leitor infantil deveriam veicular temas diferentes daqueles direcionados aos adultos? As piadas para crianças mostram que não: se alguns temas são mais inocentes, outros não o são. O discurso que encontramos nelas veicula conceitos/preconceitos sobre determinados assuntos ou pessoas. Também as piadas para crianças trabalham estereótipos que circulam socialmente, os valores arraigados que, desde cedo, organizam o modelo social por onde circulam nossos valores e crenças. Mais adiante veremos, mais detalhadamente, como as piadas infantis enfocam o tema casamento e vários aspectos a ele relacionados.

3 . A PRODUÇÃO DO DISCURSO HUMORÍSTICO

“Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?” (Foucault – A ordem do discurso, 1996, p. 8)

3.1 O discurso humorístico e os discursos proibidos

Possenti (1998) já afirmara que as piadas “veiculam um discurso proibido, subterrâneo, não oficial”, que sofre certas restrições sociais:

Outra face da mesma característica é que as piadas veiculam discursos não explicitados correntemente (ou, pelo menos, discursos pouco oficiais). Segundo as piadas, por exemplo, as pessoas casam por interesse (e não por amor), os governantes são ridículos (e não competentes e dedicados), os professores são incompetentes (e não dedicados e sábios), os padres e freiras violam seus votos (ao invés de lutarem para mantê-los), as línguas são cheias de ambigüidades (e não códigos que servem para a comunicação eficiente e a expressão clara do pensamento) etc. (p.26)

Supomos que um discurso socialmente proibido pode estar submetido a uma espécie de lei implícita, tal como a de que, por exemplo, “não se deve manifestar regozijo diante da morte de ninguém”. Diante da morte, uma reação normal e comumente esperada é o choro, a lamentação, a dor, o desespero, a tristeza etc. Menos o riso. Mas, piadas sobre a morte de alguém são contadas e as pessoas riem. Outra regra poderia ser a de que não se pode agredir alguém verbalmente, através de um discurso que, por exemplo, revele preconceitos raciais (o que pode implicar sanções previstas por lei). Mesmo assim, piadas veiculam preconceitos raciais (as piadas de preto, de português...). A questão da sexualidade é um fato que deve ser tratado com seriedade, mas não é o que acontece, por exemplo, nas piadas sexistas. E assim por diante.

Não são poucas, por exemplo, as piadas que têm como tema a morte, particularmente quando se trata da morte acidental de pessoas famosas. Por ocasião da morte do piloto Airton Senna e do acidente aéreo em que pereceram todos os integrantes do grupo musical “Mamonas Assassinas”, ouvi a seguinte piada:

Dizem que quando os Mamonas Assassinas chegaram no céu e encontraram com o Ayrton Senna, este foi logo dizendo:

- *Puxa gente! Vocês também morreram numa curva?*
- *É, responderam os Mamonas, mas nós fizemos a curva.*

Uma outra piada, sobre o mesmo tema, foi contada por ocasião da visita do Papa João Paulo II ao Brasil, logo após a morte do cantor João Paulo, integrante da dupla sertaneja João Paulo e Daniel:

- *Você sabe por que o Papa João Paulo está vindo ao Brasil?*
- *Não, por quê?*
- *Para formar uma nova dupla caipira - João Paulo II e Daniel.*

Mesmo diante das restrições (sociais, legais, morais...) aos discursos que manifestam preconceitos de raça e cor as piadas não se detêm. Não sei se poderíamos afirmar que algumas delas chegam a ser extremamente maldosas, perversas. Embora a história da humanidade lamente e condene o extermínio dos judeus pelo nazismo, as piadas encontram uma maneira de fazer rir do fato. Possenti (1998) nos fornece exemplo de uma piada racista que pode ilustrar bem o que dissemos:

Perguntaram a um fulano se ele era racista. Ele disse que não, só não gostava muito de alemão. Mas logo de alemão? Por quê? E ele respondeu: é que eles poderiam ter acabado com os judeus e fizeram um serviço de preto.(p. 38)

Além do preconceito contra judeus, a piada acima manifesta preconceito contra pretos: fazer um serviço mal feito é sempre fazer um “serviço de preto”. Brancos também fazem serviços mal feitos, mas brancos não são discriminados nas piadas e nenhum discurso, provavelmente, dirá que foi feito um “serviço de branco” para algo que não foi corretamente realizado.

As piadas de português, de maneira geral, privilegiam sempre o mesmo tema, o de que português é burro:

Um mês depois, o sujeito volta ao hospital e pergunta ao cirurgião:

- *O senhor sabe o nome do doador das minhas orelhas?*
- *Deixe-me ver...hummmm... aqui está... Antônio dos Santos! – responde o médico, consultando o computador.*

E o transplantado:

- *Ele é português, não é?*
 - *Sim, como o senhor sabe? – estranha o doutor.*
 - *Fácil! É que eu ouço tudo, mas não entendo nada! – explica o coitado.*
 (Piadas Seleccionadas n. 6 – Especial sobre Portugal, 2001)

Vingança contra os nossos antigos colonizadores? Embora as relações entre Brasil e Portugal sejam amigáveis, parece provável que as raízes históricas de nossa antiga dependência justifiquem essa “vingança” contra os portugueses. Não se pode evitar, na análise daquilo que se diz nas piadas, as suas relações com a história. Este é, certamente, o ponto principal de nossa tese: identificar, de alguma maneira, que fatores histórico-sociais podem ser determinantes naquilo que comumente se diz nas piadas de casamento.

Não sabemos se as piadas podem/devem falar do que falam, mas, o fato é que elas expõem pontos de vista que não podem/devem ser manifestados em certos contextos ou situações. Ninguém é condenado por contar piadas racistas, sexistas ou qualquer outra que revele preconceitos, assim como não é condenado quem se diverte com elas. Há uma espécie de acordo tácito sobre o discurso veiculado pelas piadas: se o discurso proibido aparece sob a forma de piada, então “pode” ser pronunciado, já que não é para ser levado a sério, pois que aparece sob a forma de uma “brincadeira”.

Mainueneau (1997), ao tratar dos aspectos pragmáticos da linguagem, afirma que os atos de fala acionam convenções que regulam, institucionalmente, as relações entre sujeitos. Ao enunciar, um sujeito “presume uma espécie de ritual social da linguagem implícito, partilhado por interlocutores” (p.30). Também o discurso humorístico, particularmente o que trata dos temas proibidos, é sancionado por uma certa convenção que permite a sua circulação, como se apagassem as normas culturais que regulam as representações de linguagem ou vice-versa. O sujeito que anuncia estar contando uma piada coloca-se numa posição de poder dizer o que, eventualmente, estaria proibido em outra situação discursiva. O ato de anunciar algo parecido como “*vou contar uma piada*”, ou “*sabe da última do papagaio?*”, “*e tem aquela do bichinho da maçã...*” etc., estabelece um acordo entre os interlocutores: há uma espécie de contrato social que permite a veiculação da piada entre os sujeitos sem que isto lhes traga maiores contratemplos ou sanções negativas. Certamente, podem ocorrer críticas às piadas que falam de pretos, portugueses, homossexuais, mulheres burras etc., mas pessoas que contam ou ouvem tais piadas não são punidas por isso. Ao enunciar uma piada, assim como outros discursos, o sujeito presume uma espécie de “ritual social da linguagem” implícito, partilhado pelos interlocutores, um

contrato entre os sujeitos que lhes permite contar e ouvir piadas sem que isto lhes valha sanções negativas. A respeito desse contrato, Charaudeau (1983, apud MAINGUENEAU, 1997), faz a seguinte observação:

A noção de contrato pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais sejam capazes de entrar em acordo a propósito das representações de linguagem destas práticas. Conseqüentemente, o sujeito que se comunica sempre poderá, com certa razão, atribuir ao outro (o não-Eu) uma competência de linguagem análoga à sua que o habilite ao reconhecimento. O ato de fala transforma-se, então, em uma proposição que o EU dirige ao TU e para a qual aguarda uma contrapartida de convivência. (p. 30)

A convivência que parece existir, na prática social, entre os indivíduos que contam e ouvem piadas, está, talvez, no fato de se “fingir”, ignorar quaisquer aspectos ofensivos ou preconceituosos que elas possam estar veiculando. As piadas surgem como discursos que têm como objetivo primário fazer com que as pessoas dêem risadas, e elas riem. E as piadas são contadas como algo natural, nada “sério”, puramente uma “brincadeira”. Pelo menos é este o acordo.

3.2 O discurso humorístico: burlando a exclusão ou reflexo de uma vontade de saber?

O que pretende o discurso humorístico? Burlar os princípios de exclusão que, em toda sociedade, controlam a produção dos discursos ou, por outro lado, revelar uma “vontade de saber”, uma vontade de incitar um discurso que, mesmo proibido, não se detém diante de tabus? Pensamos na possibilidade de levantar, a partir de Michel Foucault, algumas hipóteses, para essas questões.

Controle dos discursos? Pode ser. Em “*A ordem do discurso*” Foucault (1970) trata da produção dos discursos e das coerções que “limitam seus poderes”, “dominam suas aparições aleatórias”, e que “selecionam os sujeitos que falam”.

Vontade de saber? Provavelmente. Ao tratar a “*História da sexualidade humana*”, Foucault (1988) defende a hipótese de que o discurso da sexualidade (que a exemplo dos discursos clandestinos, circunscritos, codificados, estaria sujeito às mais diversas formas de repressão – interdição, inexistência, mutismo etc) revela essa *vontade de saber*, humana, que não

se detém diante dos tabus e das interdições, e que, na verdade, serve de suporte e instrumento das produções discursivas. Pensemos as duas perspectivas.

Foucault (1970), entende que a produção do discurso implica num certo número de procedimentos que têm como função “dominar seus poderes e perigos”:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (p. 8-9)

Dentre os procedimentos de controle dos discursos, Foucault destaca os procedimentos de **exclusão**, dos quais o princípio da *interdição* surge como o mais evidente e familiar (o princípio da palavra proibida).

Sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. (p. 9)

Considerando os três tipos de interdição citados por Foucault, *tabu do objeto*, *ritual da circunstância*, *direito privilegiado ou exclusivo do sujeito*, entendemos que as piadas são uma forma de texto ou mecanismos que permitem que se fale do que é tabu, do que é proibido, particularmente quando se referem às regiões “onde a grade é mais serrada e os buracos negros se multiplicam” (p. 9), tais como as da política, da sexualidade, do preconceito racial, das relações homem/mulher no contexto do casamento, e outras. Como dissemos anteriormente, as piadas giram em torno de temas que são tabus ou que sofrem algum tipo de restrição e, por isso mesmo, são passíveis de interdições, “proibidos” de circularem em determinados momentos e lugares. Porém, abordadas pelo discurso humorístico, as interdições parecem desaparecer e então, são contadas piadas sobre sexo, morte, padres e freiras que não são castos, preconceitos de raça e cor, políticos etc. Discursos não humorísticos sobre esses mesmos temas, fora de seus contextos (seminários científicos, divã do analista...) podem trazer alguns problemas para seus emissores. Pessoas são condenadas por manifestarem preconceito racial, outros são/foram presos, queimados ou torturados por usarem discursos políticos ou religiosos proibidos. É fato, porém, que mesmo o

discurso humorístico tem seus espaços e sujeitos definidos: quando, onde e por quem ele pode ser pronunciado. Acredita-se, por exemplo, que padres e freiras não contam, ou não devam contar, piadas obscenas, que certas piadas não podem ser contadas em qualquer lugar (piadas que não são “de salão”) ou diante de certas pessoas (senhoras, crianças...)

Para Foucault, as interdições que atingem o discurso revelam sua ligação com o *desejo* e o *poder*: O discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (p. 10). Na relação marido/mulher essa luta pelo poder estaria representada nos discursos que tentam definir, através das piadas, “quem é que manda” “quem diz a última palavra” ou “quem tem direito à palavra?”. Estas questões podem estar representadas nas seguintes piadas:

Lá em casa sou eu quem dá a última palavra. Para tudo o que minha mulher diz eu sempre respondo: Sim, querida!

Resignação...

- *Há dois anos, seguramente, que não falo com minha mulher.*
- *Mas, por quê?*
- *Porque não tenho coragem de interrompê-la. (JM – 13/3/1941)*

Troca de idéias...

- *A tua esposa é uma criatura interessante. Pode-se passar horas inteiras a escutá-la.*
- *Eu que o diga. Desde que nos casamos, nunca fiz outra coisa. (JM - 27/11/41)*

Destacando outro princípio de exclusão, *o da separação ou rejeição*, Foucault observa que a linguagem do louco, aquele cujo discurso não pode circular como o das outras pessoas e cuja palavra é considerada nula, desprovida de verdade e importância, recebeu, em alguns momentos de nossa história, “estranhos poderes”, uma certa função mágica, capaz “de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar um futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber” (p.11). Pensamos que o discurso humorístico tem esse poder de, através do simulacro da voz do louco (ou de outras vozes, tal como a do bêbado, da criança...) resgatar esse “estranho poder” de dizer as verdades escondidas, aquelas que não podemos ou devemos dizer:

O doido, sentado num banquinho, segura uma vara de pescar mergulhada em um balde de água. O médico passa e pergunta:

- *O que você está pescando?*
- *Otários, doutor.*
- *Já pegou algum?*
- *O senhor é o quinto. (50 Piadas sobre loucos)*

Podemos pensar que o fato de ser excluído do rol dos discursos considerados “sérios”, os que têm certo grau de credibilidade, faz com que o discurso humorístico de natureza crítica, política, preconceituosa, obscena etc., não implique em sanções negativas mais graves para quem dele se utiliza, assim como o discurso do louco. Se uma reação diante do discurso do louco pode gerar uma avaliação do tipo “Ele é louco, não leve em consideração porque ele não sabe o que diz”, diante de uma piada, essa reação pode ser parecida – “Não leve a sério, é apenas uma piada”. Como o discurso do louco, o discurso humorístico funciona, socialmente, como se fosse desprovido de verdade ou importância. Assim como os loucos podem dizer o que querem, as piadas também podem, mesmo as que não são de loucos. A piada, esse discurso “fora da lei”, aponta para verdades escondidas, diz com toda “ingenuidade” e inconseqüência as coisas que socialmente não se pode dizer, como por exemplo, afirmar que o (1) “casamento é pior que inferno”, (2) “quem casa é louco” ou (3) “está fora de seu juízo perfeito”:

(1) O marido morreu e a mulher ficou lá firme, feiosa, bruta, durona na queda. E chata! Muito chata! Como sempre tinha sido durante toda a vida dele. Um dia ela foi a um centro espírita e o marido baixou lá:

- *É você marido?*
- *Sim, sou.*
- *Você está feliz, marido?*
- *Muito, mulher. Muito feliz.*
- *Mais feliz do que quando estava aqui comigo, seu bostéia?*
- *Sim, muito mais.*
- *Então, vá: me conta como é o céu.*
- *Quem te disse que eu estou no céu? (Novas anedotinhas do Bichinho da Maçã, p.17).*

(2) Compreensão...

- *Patroa, anda por aí um doido que eu creio que fugiu do hospício.*
- *Então agora compreendo! Deve ser o sujeito que, nesta manhã, me pediu que eu me casasse com ele. (Jornal das Moças, 05/9/1940)*

(3) No pretório...

- *A noiva (estupefata, vendo o noivo fugir):*
- *Que foi que houve, meu Deus? Será que ele perdeu o juízo?*

Um convidado:

- Ao contrário, creio que o recobrou. (JM - 19/09/40)

Além dos princípios da interdição e da separação ou rejeição, Foucault aponta para um outro: o princípio da oposição entre o **falso e o verdadeiro**, uma “*vontade de verdade*” que atravessa os vários séculos e que se submete, por isso mesmo, a um sistema histórico, institucionalmente constrangedor que separa os discursos falsos dos discursos verdadeiros. Foucault faz uma interessante observação a esse respeito:

Porque, ainda nos poetas gregos do século VI, o discurso verdadeiro – no sentido forte e valorizado do termo –, o discurso verdadeiro pelo qual se tinha respeito e terror, aquele ao qual era preciso submeter-se, porque ele reinava, era o discurso pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido; era o discurso que pronunciava a justiça e atribuía a cada qual sua parte: era o discurso que, profetizando o futuro, não somente anunciava o que ia se passar, mas contribuía para a sua realização, suscitava a adesão dos homens e se tramava assim com o destino. Ora, eis que um século mais tarde, a verdade a mais elevada, já não residia mais no que ‘era’ o discurso, ou no que ele ‘fazia’, mas residia no que ele ‘dizia’: chegou um dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado. (p.14-15)

O discurso verdadeiro do século VII a.C. não será mais o discurso do poeta, pois que não estará ligado à “nova ordem”. A verdade se desloca do ato ritualizado da emissão do discurso, para seu sentido, seu objeto, sua referência, do valor de sua enunciação para o do seu enunciado. Apoiada sobre um suporte institucional, essa vontade de verdade que acompanha o discurso, assim como qualquer outro sistema de exclusão, é reforçada e reconduzida pelo conjunto das práticas sociais e tende a exercer sobre os outros discursos “uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (p. 18). Seria essa vontade de verdade que impulsiona o discurso humorístico? A verdade, por exemplo, na relação que se estabelece entre marido e mulher pela instituição do casamento. Essa vontade da verdade não é, de certa forma, essa vontade de saber que é inerente à própria constituição do sujeito?

Em a sua “*História da Sexualidade – A vontade de saber*”, volume I, Foucault (1988) apresenta alguma modificação no seu pensamento. Esta modificação revela-se como uma certa “atmosfera diferente”, certa mudança de perspectiva ao considerar os discursos da sexualidade humana que, historicamente, foram submetidos a uma determinada ordem de restrições/repressões.

Tal como os discursos que sofreram grandes restrições ao longo dos séculos, o discurso da sexualidade foi, predominantemente, um discurso proibido: ora encerrado no espaço que lhe era designado, - no seio da família, quando considerado legítimo -, ou, no caso das “sexualidades ilegítimas”, confinado em outros espaços - o prostíbulo, o consultório médico, o divã do psicanalista ou do psiquiatra, ou até mesmo, acrescentaríamos, nas piadas. A condenação ao silêncio pode, outras vezes, ser a forma de sanção imposta e esse “discurso anormal”:

O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer – sejam atos ou palavras. As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifesta-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado. (p. 10)

Segundo Foucault, a repressão pode funcionar como condenação ao desaparecimento, mas, pode ainda, funcionar como “injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber” (p. 10). Há uma espécie de tríplice decreto que regula os tipos de discursos clandestinos: a interdição, a inexistência e o mutismo. Para ele, o discurso sobre “a repressão moderna do sexo” se sustenta porque é facilmente dominado, já que justificado por “uma grave cautela histórica e política” que o protege. Há, ainda, segundo Foucault, uma outra razão gratificante que justificaria a formulação, em termos de repressão, do discurso da sexualidade: uma vontade de “transgressão deliberada”. Acreditamos que essa vontade de “transgressão” pode justificar o aparecimento das piadas que têm como tema a sexualidade ou outras sobre temas que sofrem algum tipo de interdição, restrição, como é o caso do casamento.

Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência, ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de “transgressão deliberada”. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menor que seja, a liberdade futura – daí essa solenidade com que se fala, hoje, do sexo. (p. 12)

Pedir desculpas quando se torna necessário tratar de “assuntos tão baixos e fúteis” quanto o sexo (como faziam os demógrafos e os psiquiatras do século XIX), o cuidado na escolha dos “termos adequados” para “esse assunto tão delicado”, ou esta “pose” que assumimos quando falamos de sexo, revelam, segundo Foucault a

[...] consciência de desafiar a ordem estabelecida, tom de voz que demonstra saber que se é subversivo, ardor em conjurar o presente e aclamar um futuro para cujo apressamento se pensa contribuir. Alguma coisa da ordem da revolta, da liberdade prometida, da proximidade da época de uma nova lei, passa facilmente nesse discurso sobre a opressão do sexo. Certas velhas funções tradicionais da profecia nele se encontram reativadas. Para amanhã o bom sexo. [...] Falar contra os poderes, dizer a verdade e prometer o gozo, vincular a iluminação, a liberação e a multiplicação de volúpias; empregar um discurso onde confluem o ardor do saber, a vontade de mudar a lei e o esperado jardim das delícias – eis o que, sem dúvida, sustenta em nós a obstinação em falar do sexo em termos de repressão; eis, também, o que explica, talvez, o valor mercantil que se atribui não somente a tudo que dela se diz como, também, ao simples fato de dar atenção àqueles que querem suprimir seus efeitos. (p.12-13).

Foucault define, então, o ponto que lhe interessa: - não discutir o porquê de sermos reprimidos em relação ao sexo, mas pensar o que nos leva a dizer “com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos, que somos reprimidos” (p. 14). Para ele, não se trata de negar a existência repressão da sexualidade humana, nem o fato de que o sexo tenha sido proibido, mascarado ao longo dos séculos, mas revelar a existência de uma “vontade de saber” que sempre serviu de suporte e instrumento das produções discursivas. Sua proposta parte do princípio de que, ao longo dos séculos, “a colocação do sexo em discurso” revela um mecanismo de crescente incitação; que as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeceram a um princípio de seleção rigorosa, mas princípios de disseminação e implantação das “sexualidades polimorfas”. A vontade de saber não se deteve diante do tabu irrevogável e, mesmo diante de muitos erros ao longo da história, acabou por instituir uma ciência da sexualidade.

Que tipos de discurso constituem as piadas? Reacionários, na medida em que tentam burlar o caráter coercitivo dos discursos; violadores das regras de controle, seleção e organização da produção do discurso e seus procedimentos de redistribuição na sociedade? Ou reveladores de uma “vontade de saber” que não se detém diante de “tabus irrevogáveis”, que desloca os discursos para os lugares onde não os atingem os mecanismos de interdição e exclusão? Não cremos ser contraditória a possibilidade de pensar que, o que incita os discursos humorísticos, que de alguma maneira violam as interdições, tem sua origem nessa “vontade de saber”. Foucault (1970) já antecipara algumas considerações sobre certa “vontade da verdade” “ou vontade de saber”.

4. A HISTÓRIA DO CASAMENTO

Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne. (Gênesis 2:24)

É uma verdade universalmente aceita que um homem solteiro na posse de algum dinheiro há de querer uma esposa. (Jane Austen: Orgulho e preconceito)

Em vários textos nos quais se dedica à análise de piadas, Possenti destaca a importância de se considerar os fatores lingüísticos que são relevantes na sua produção. Possenti (2002), embora ratifique seu interesse em estudar o texto humorístico a partir de suas propriedades verbais ou textuais (lingüísticas), observa que um analista do discurso pode considerar os outros fatores relevantes que contribuem para explicar seu aparecimento (fatores históricos, psicanalíticos, sociológicos, pragmáticos...). Sendo assim, o ponto que gostaríamos de comentar, prioridade justificada pela natureza de nosso trabalho, refere-se às relações do discurso humorístico com a história.

*Elementos da história são relevantes nas piadas, em termos genéricos, pela razão de que só há piadas em terrenos que se tornaram lugares de discursos bastante controlados – tabus, de alguma forma. **Só a história pode explicar a existência desses lugares.** Essa característica das piadas pode ser explicitada dizendo-se que as piadas são um tipo de texto que veicula um discurso que sofre algum tipo de controle, de repressão. (p. 148 – grifo nosso).*

Possenti observa que se há piadas racistas é porque o racismo existe, e ele é, de alguma forma, reprimido, controlado. O mesmo controle acontece com outros temas abordados pelas piadas: sexo, casamento... Podemos dizer, parafraseando Possenti, que se há piadas de casamento é porque, aí, existem problemas mal resolvidos. Obrigações, deveres, controle e mesmo repressões (se pensarmos as questões sobre gênero) fazem parte do casamento. Pensamos, relendo Possenti, que as piadas de casamento são resultado de uma identificação representada através de estereótipos cuja melhor compreensão podemos encontrar na história do casamento.

Através dela, pensamos poder compreender, por exemplo, certos aspectos identitários dos personagens que circulam pelas piadas de casamento e os estereótipos que os caracterizam.

Na análise do discurso humorístico que trata das relações marido e mulher, ou de outras relações afins, não podemos deixar de considerar que aquilo que se diz tradicionalmente nas piadas de casamento é resultado de um processo histórico-social. Quais podem ser as razões do aparecimento de algumas identidades presentes nas piadas de casamento, tais como *lugar de mulher é na cozinha, o casamento tem como base o interesse, as esposas falam demais...*? Sem quaisquer pretensões de aprofundarmo-nos no estudo das raízes do casamento, pensamos que a compreensão de certos aspectos de sua história pode ser relevante para explicar o porquê daquilo que se diz nessas piadas: suas referências, as identidades e estereotípias.

Qual a origem do casamento? Por que as pessoas se casam? Tantas quantas foram as civilizações e as épocas, tantos foram os princípios e normas sobre os quais se apoiaram as bases do casamento e a sua motivação. Provavelmente, uma das mais antigas histórias do casamento aparece na Bíblia. A primeira união entre um homem e uma mulher (simbolizada pelas figuras de Adão e Eva, representação da intenção divina que sacramenta a união dos corpos, considerada a necessidade de conservação da espécie), caminha, pelo relato da Bíblia, para um final nada feliz. Eva, deixando-se levar pela tentação da serpente, desobedece a Deus, colhe o fruto proibido, oferece-o a Adão. Descoberta a desobediência, ambos são castigados com a expulsão do paraíso.

16. Depois, disse à mulher: Aumentarei os sofrimentos da tua gravidez, os teus filhos hão de nascer entre dores. **Procurarás compaixão a quem serás sujeita:, o teu marido.**

17. A seguir, disse ao homem: Por que ouviste as palavras da tua mulher e comeste o fruto da árvore a respeito da qual eu te havia ordenado: não comerás dela. Maldita seja a terra por tua causa. E dela só arrancarás alimento a custa de penoso trabalho em todos os dias de tuas vidas.

18. Ela produzirá espinhos e comerás a erva dos campos.

19. **Comerás o pão com o suor do teu rosto**, até que voltes à terra de onde foste tirado... (Gênesis, cap. 3)

Expulsos do Paraíso e condenados a viver lado a lado na Terra, as palavras divinas determinam os papéis do homem e da mulher: ele o provedor da família que ganhará o alimento com o suor do rosto, e ela, condenada a parir os filhos na dor e a viver sob a sujeição e

compaixão do marido. Chistosamente, consideramos que tal divisão de poderes só poderia ter gerado encrencas.

Na tentativa de resgatar um pouco da história das relações que unem homens e mulheres ao longo dos séculos, mas sem pretender aprofundar a questão, buscamos em alguns teóricos aspectos que podem ser esclarecedores dessas relações.

Através de Macfarlane (1990), analisamos a história do casamento na Inglaterra dos séculos XIV ao XIX, modelo de casamento que vai se difundir pela Europa e outros continentes, inclusive o americano. Paterman (1993), na sua história do contrato sexual, apresenta uma interessante discussão sobre as teorias dos contratos que permeiam as relações humanas e, particularmente, do contrato sexual ou de casamento. Em Nazzari (2001), temos um excelente relato histórico dos acordos econômicos (os dotes) estabelecidos no Brasil, por ocasião dos casamentos, durante o período compreendido entre os séculos XVII e XIX. A autora relata o início da história da instituição do dote no Brasil, até o seu desaparecimento, quase trezentos anos depois.

4.1 Macfarlane, a história do casamento e do amor

Uma das leituras bastante interessante a respeito da história do casamento é a do antropólogo inglês Alan Macfarlane (1990). Em sua obra, o autor busca esclarecer a história do casamento, e suas práticas matrimoniais, tal como ele era visto na Inglaterra no período de 1300 a 1840. O modelo do casamento inglês desse período, que vai se difundir por toda Europa e outros continentes, estaria intimamente associado ao surgimento do capitalismo e ao desenvolvimento econômico dos países. A necessidade do casamento, nesse período, estaria fundamentada, principalmente, em aspectos econômicos.

Curiosamente, Macfarlane inicia seu livro fazendo uma referência a Charles Darwin que, em 1838 e com 29 anos de idade, considerava as vantagens de um possível casamento. Darwin deixa rabiscada, em uma folha de papel, uma análise sobre os custos e benefícios das vantagens e desvantagens entre casar ou não casar. Dentre os argumentos a favor do casamento, que via como uma espécie de aventura comercial, destaca a possibilidade de filhos e a presença da mulher como uma companhia para afastar a solidão, principalmente na velhice. Numa boa dose de humor sarcástico reconhece na mulher um “objeto de amor e distração - melhor do que um cão, de

qualquer forma”, algo parecido com um animal de estimação superior. Além da vantagem de afastar a solidão, principalmente na velhice, a mulher seria, ainda, “alguém para tomar conta da casa”. Provavelmente, já motivado pelo seu trabalho sobre a descoberta da origem das espécies, através da chamada “seleção natural”, Darwin desespera-se ante a possibilidade de estar trabalhando “por nada”: “Meu Deus, é inconcebível pensar em passar a vida inteira, como uma abelha operária, trabalhando, trabalhando, e, depois de tudo, nada - Não nem pensar” (apud MACFARLANE, 1990, p.18). A idéia de ter um lar ao lado de uma “bela e delicada esposa num sofá, uma boa lareira, livros e música talvez”, sobrepõe-se à idéia de viver solitariamente os dias “num quarto sujo e enfumaçado de Londres”. O medo da solidão na velhice aliado ao medo de não deixar nenhum herdeiro que represente a lembrança de sua existência, - parecem ser os argumentos mais fortes de Darwin: “Não ter filhos (nenhuma segunda via), ninguém para cuidar da gente na velhice - qual a utilidade de trabalhar sem o afeto de amigos próximos e queridos - quem são os amigos próximos e queridos na velhice senão os parentes” (apud MACFARLANE, 1990, p.18)

Contrariamente, ao apresentar os argumentos que poderiam justificar as vantagens de não casar, a lista elaborada por Darwin é bem ampla e nela se repetem muitos dos argumentos que são motivos das piadas de casamento:

Liberdade de ir onde quiser - escolher a vida social, e pouco dela. **Conversas com homens inteligentes nos clubes** - **Não ser forçado a visitar parentes e a envolver-se com ninharias** - ter despesas e preocupações com os filhos - **brigas talvez** - Perda de tempo - não poder ler à noite - gordura e ociosidade - angústia e responsabilidade - **menos dinheiro para livros** etc. - ter muitos filhos requer maior esforço para ganhar a vida (mas **trabalhar demais pode ser prejudicial à saúde**). Talvez minha esposa não goste de Londres, neste caso a sentença é o **banimento e a degradação** em meio a gente tola e ociosa. (apud MACFARLANE, 1999, p.18-19 – os grifos são nossos)

Algumas desvantagens do casamento, apresentadas por Darwin, são temas constantes nas piadas:

- o casamento tira a liberdade do homem:

Um marido em apuros...

- *O policial da ronda: - O senhor tem qualquer explicação para estar na rua a esta hora da madrugada?*
- *O interpelado: - Se eu tivesse já há muito tempo que estaria em casa.* (JM - 19/9/1940)

- conversar com amigos, certamente, é mais interessante do que com a esposa:

Troca de idéias...

- *A tua esposa é uma criatura interessante. Pode-se passar horas inteiras a escutá-la.*
- *Eu que o diga. Desde que nos casamos, nunca fiz outra coisa.* (JM - 27/11/1941).

- a possível convivência com parentes é um fardo, mesmo diante de uma simples visita, principalmente se este parente é a sogra:

No lar...

- A esposa: - Recebi uma carta de mamãe. Ela se queixa de viver tão só. Se tu concordasses...*
- O marido: - Bem, dar-lhe-emos um rádio para que ela se divirta* (JM - 16/10/1941)

O cachorro começou a latir, inesperadamente, todas as noites, por volta das quatro da madrugada. O dono, preocupado com o barulho que poderia estar perturbando os vizinhos, tentou, durante três noites, descobrir o que estava acontecendo. Então, na quarta noite, descobriu que alguém estava jogando pedrinhas na direção do cachorro. Correu ao quintal e encontrou o culpado. Abaixado do outro lado do muro estava um pacato vizinho, a última pessoa de quem se poderia esperar semelhante comportamento. Imediatamente o dono do cachorro pediu explicações para aquela estranha atitude.

- Minha sogra está em casa passando uns dias -, respondeu o vizinho, embaraçadíssimo. – Mas disse que ia embora se não conseguisse dormir outra noite. (*Seleções* – out./1997 – pág. 100).

Em uma das piadas acima, o marido interrompe a esposa antes que ela possa dar qualquer sugestão de visita ou possibilidade de a sogra morar com o casal; no relato humorístico de *Seleções*, o vizinho tenta abreviar o período de visita da sogra, mesmo que para isto tenha que recorrer a atitudes que não correspondem ao seu modo “pacato” de agir. Para ficar livre da sogra, são válidos quaisquer artifícios, até mesmo assegurar-se de que ela está definitivamente morta e enterrada:

Noção de trabalho...

- *Mas então tu não assististe ao enterro de tua sogra?*
- *Não, eu tenho muito que fazer e para mim o trabalho está acima de qualquer diversão* (JM - 08/10/1942)

Viajando pela Europa, um industrial recebeu um telegrama de seu sócio:

- *Sua sogra faleceu. Que devemos fazer: enterrá-la ou cremá-la?*

Resposta:

- *As duas coisas. Não podemos facilitar... (Seleções. nov./1997 – p.56)*

. algumas piadas confirmam as dúvidas de Darwin sobre a possibilidade de brigas no casamento:

Matrimônio...

O padre, aos noivos que estão brigando durante a cerimônia do casamento:

- *Por favor, vocês terão tempo de sobra para isso! (JM, 26/11/1942)*

No reverso da mesma folha, Darwin relaciona, ainda, mais uma série de dificuldades ou desvantagens: casar velho demais é ruim para quem quer ter filhos, já que o caráter da pessoa mais velha vai ficando mais inflexível; despesas para mobiliar a casa; deveres matinais; constrangimento, “perda de tempo todo dia (a esposa não é mais um anjo, há uma série de ajustes)” (apud MACFARLANE, 1990, p.19). Não param aí, porém, as desvantagens anotadas: provavelmente não poderá realizar suas tarefas, pois será obrigado a levar a esposa para passear ou, ainda, não mais poderá viajar pelo mundo; o casamento é o mesmo que viver na escravidão. Novamente um humor sutil pontilha suas observações: “pobre escravo - tua situação será pior do que a de um negro - E a ameaça terrível da pobreza (sem a esposa que era um anjo e tinha dinheiro)” (p.19). A mulher, antes um anjo, depois do casamento poderá ser a razão de sua miséria e pobreza. Mais adiante, após voltar ao tema da preocupação com a solidão e a velhice, Darwin conclui ironicamente: “Não se preocupe, confie na sorte - fique atento - Há muitos escravos felizes.” (p.20). Decidido a casar, Darwin deseja a si mesmo sorte e felicidade, mesmo que na “escravidão” do casamento. As preocupações de Darwin com a perda da liberdade, a mulher que deixa de ser um “anjo”, o dinheiro que desaparece nas mãos da esposa, são, também, alguns dos principais temas das piadas de casamento:

Entre maridos...

- *Quanto recibes de saldo do teu ordenado no fim de cada mês?*

- *Nada.*

- *Nada? Mas como?*

- *Sim, a minha mulher vai à oficina todos os dias de pagamento e ela mesma recebe o saldo. (JM - 29/8/1940)*

De duas uma...

- *A tua esposa é um anjo!*
- *De duas, uma: ou não conheces minha mulher, ou nunca viste um anjo em toda tua vida. (JM, 25/7/1940)*

Experiência...

- *Não sei que hei de dar a minha esposa no dia do seu aniversário.*
- *E por que não lhe perguntas o que ela deseja?*
- *Oh! Não. O meu dinheiro não dá para tanto. (JM, 12/12/1940)*

No mesmo ano em que Darwin fez suas reflexões sobre as vantagens e desvantagens do casamento, divulgou suas teorias sobre a seleção natural das espécies. No ano seguinte, em 29 de janeiro de 1839, casou-se. Quem sabe, talvez, seu instinto da preservação tenha falado mais alto que os argumentos contra o casamento?

Macfarlane observa que as reflexões de Darwin a respeito do casamento, bem como sua teoria sobre a evolução das espécies, foram influenciadas pela leitura da obra de Thomas Malthus - *Ensaio sobre a população* - um modelo teórico sobre o sistema de casamento na Inglaterra no início do século XIX. Malthus, um clérigo inglês que viveu no final do século XVIII, apresenta em sua obra um conjunto de pressupostos sobre a natureza e os propósitos do casamento, para ele, evidentes e “naturais”, embora pouco usuais nas sociedades de sua época. Em sua história do casamento, Macfarlane toma como ponto de partida a teoria malthusiana para explicar o sistema de casamento na Inglaterra. Alguns pontos dessa teoria são interessantes e merecem ser destacados, principalmente porque relacionam casamento, crescimento populacional e economia:

- A humanidade é motivada por forte desejo de intercuro sexual e, se não houvesse dificuldades para o sustento de uma família, certamente os jovens casariam cedo.
- Os casamentos precoces levam a um rápido crescimento da população.
- Os recursos econômicos, geralmente, não acompanham esse crescimento.
- Há uma tendência para que qualquer crescimento nos recursos seja rapidamente absorvido pelo aumento populacional.

Segundo a teoria malthusiana, o atraso no casamento funcionava como um dos mais poderosos meios de controle que, na Europa moderna, iria manter a população ao nível dos meios

de subsistência e, conseqüentemente, afastada da miséria. Esse atraso, de alguma maneira, afetava os quatro grandes agrupamentos da sociedade inglesa: ricos, estratos médios, assalariados e servos, – cada grupo teria comportamentos diferentes em relação ao casamento. O casamento envolvia consideráveis custos econômicos e sociais que deveriam ser pesados antes de ser realizado, – as suas desvantagens deveriam ser consideradas ao lado de suas vantagens. Os *ricos* eram relutantes em casar porque temiam perder o padrão de vida a que estavam acostumados quando solteiros. Segundo a teoria malthusiana, havia uma espécie de combinação da pressão econômica e da social: uma mistura do temor à pobreza, à perda do *status*, à perda dos momentos de lazer e de prazer. Tais temores pareciam suficientes para manter os ricos afastados do casamento. Os *medianamente ricos*, agricultores e comerciantes, eram exortados a não casar, e geralmente seguiam o conselho, até que estivessem estabelecidos em algum negócio ou propriedade rural, - algo que lhes possibilitasse sustentar uma família. Neste caso, as pressões não eram apenas econômicas, mas também sociais, pois o casamento poderia significar o sacrifício das carreiras, ou das posições sociais alcançadas e uma conseqüente queda dos difíceis degraus da íngreme escada social. Os *assalariados* também se confrontavam com o duplo risco de custos econômicos e da humilhação social no caso de cometerem algum erro: casar muito cedo ou, em alguns casos, casar muito tarde:

O trabalhador que ganha dezoito pences ou dois xelins por dia e consegue manter-se enquanto solteiro, hesitará em dividir por quatro ou cinco essa pequena quantia não mais suficiente que para um. **Talvez esteja disposto a enfrentar as dificuldades com a alimentação e o trabalho em troca de viver com a mulher amada;** mas ele deve estar consciente de que, tendo uma família grande e surgindo um infortúnio qualquer, nenhuma frugalidade, nenhum empenho de sua capacidade manual, o preservarão da dilacerante sensação de ver os filhos passando fome, ou de ser obrigado a recorrer à paróquia em busca de auxílio (p. 25 – grifo nosso)

O texto destaca o conflito entre o desejo de casar com a mulher amada e a percepção racional dos prováveis riscos. As recompensas do trabalho pareciam tão restritas que, se eram suficientes para a sobrevivência de uma só pessoa, não o eram para o sustento de uma família.

Quanto aos *servos*, que trabalhavam em casa de famílias ricas, envolvidos com certo conforto, comida garantida, as perspectivas de casamento também não eram boas, já que não tinham conhecimento nem capital para iniciar algum negócio ou atividade rural ou para ganhar a

vida como diaristas. Eles, geralmente, não se casavam, pois havia o risco de perder as vantagens da segurança e da subsistência garantidas pelos patrões.

O casamento, fosse qual fosse a camada social a que pertencia o indivíduo, implicava, sempre, uma escolha, uma decisão consciente que podia ser tomada cedo ou adiada, com custos e benefícios que deviam se considerados. Dentre os benefícios se destacavam: a satisfação da paixão entre os sexos; o desejo de viver com a mulher amada; ou mesmo, vantagens sociais – como, por exemplo, o casamento de mulheres jovens com homens idosos por conta da “maior distinção conferida às mulheres casadas e da desconsideração a que eram expostas as solteiras de idade avançada” (p. 26). Isto forçava as mulheres, muitas vezes, a uma união matrimonial com homens que lhes desagradavam. Para a mulher, era preferível um casamento ruim a ficar solteira.

O medo de ficar “solteirona” ou ficar para “titia” era um risco que permanecia/permanece nos discursos que indicam o casamento como o destino mais “adequado” para as mulheres. O temor é compartilhado pelos pais:

Tristeza...

- Você tem visto, Patrício, algo mais triste que um casamento sem filhas?

- Sim senhora. Uma filha sem casamento, quando vai passando da idade.
(JM - 13/3/1941)

Às vantagens biológicas, sociais e econômicas do casamento, opunha-se a desvantagem de seus custos. Os custos do casamento a serem considerados eram de várias ordens: econômica (era mais oneroso ser casado e com filhos do que ser solteiro); social (o casamento poderia levar o indivíduo a rebaixar seu nível, forçando-o a abandonar seus antigos hábitos, além do que, seus esforços poderiam ser insuficientes para resguardar a família da miséria ou que os filhos decaíssem socialmente). Com efeito, uma mescla de argumentos econômicos e sociais contrabalançava as pressões psicológicas e biológicas a favor do casamento. Malthus, entendia que diante de tal situação, não havia necessidade de se criar leis proibindo o casamento precoce, pois a maioria das pessoas agiria de maneira economicamente racional e adiaria o casamento. Assim, o controle preventivo do casamento funcionava através da combinação de quatro características, que constituía uma espécie de ética geral: (1) as pessoas eram encorajadas a buscarem ganhos econômicos e sociais; (2) uma sociedade hierarquizada e desigual fazia com que as pessoas se esforçassem constantemente para subir e jamais descer na escala social; (3) a

instituição da propriedade privada, assegurada pelo governo, permitia que as pessoas conservassem seus ganhos e, (4) a valorização de um padrão geral de vida que estivesse bem acima do nível de subsistência, fazendo com que as pessoas passassem a apreciar os confortos e as vantagens da civilização. Essa combinação criava uma situação propícia e única para o funcionamento do controle preventivo na Inglaterra: os indivíduos estavam menos predispostos a arriscar tudo por um casamento precoce, social e economicamente desastroso. As relações entre crescimento econômico e o crescimento demográfico vão justificar a importância do casamento malthusiano até meados do século XVIII.

A partir da metade do século XVIII, a Inglaterra conhece um período de grande crescimento populacional. A um período de menor crescimento da população, mas de acúmulo de infra-estrutura para a industrialização, sucede-se um período de explosão demográfica, fundamental para o fornecimento da mão-de-obra necessária para a expansão industrial e colonial que a Europa vai conhecer a partir do século XIX. O fato leva alguns historiadores a considerarem que a Revolução Industrial pode ter sido uma resposta ao desafio do crescimento da população. A Inglaterra (e muitos outros países em desenvolvimento na Europa) passa por um período de transição demográfica que pode ser entendida a partir de três momentos: um primeiro, que vai até a metade do século XVIII, um período de alta fertilidade equilibrada pela alta mortalidade; um segundo, caracterizado como um período de avanços na área da medicina (o que possibilita a *melhoria da saúde*, e o *desaparecimento das epidemias*, responsáveis pela dizimação de grande parte da população, a *alta fertilidade* e a *diminuição drástica do número de mortes*) o que certamente contribuiu para o acelerado crescimento da população e, um terceiro momento, de equilíbrio, durante a qual a fertilidade tende a diminuir com a introdução de métodos de controle da natalidade. O declínio da mortalidade é entendido, pela maioria dos teóricos, como a principal causa do aumento nas taxas de crescimento populacional nos séculos XVIII e XIX. Outros, preferem explicar o aumento da população como uma mudança no valor econômico dos filhos (que poderiam aumentar os vencimentos da família), ou a vigência de menores restrições ao casamento de servos e aprendizes, fatos que podem ter feito baixar a idade do casamento.

Para Macfarlane, as idéias de Malthus sobre o casamento eram revolucionárias e estavam bem além da realidade que se observava em grande parte das sociedades de sua própria época. Na sua visão sobre o casamento, já se encontram elementos diferenciadores entre o que os teóricos chamam de sistema “tradicional” ou “familiar” e sistema “moderno” ou “individualista” do

casamento. O sistema moderno de casamento descrito por Malthus distingue-se dos padrões comumente observados em sua época. Suas idéias pressupõem a monogamia (embora a maior parte das sociedades praticasse a poligamia); uma relação razoavelmente igualitária (quando o que prevalecia era a dominância masculina); um casamento indissolúvel (quando o divórcio era permitido); liberdade para casar de novo (na maioria das sociedades o 2º. casamento era proibido); residência independente (contrariamente ao costume matrilocal ou patrilocal); contribuição eqüitativa para o dote conjugal (quando os bens ou vinham da noiva ou do noivo). Para ele, cabia ao indivíduo, homem ou mulher, decidir com quem casar ou, se deveria ou não casar (na maioria das sociedades a decisão do casamento não cabia ao casal, mas aos pais e parentes). Em sua análise, não aparecem as regras mais complicadas que na maior parte das sociedades obrigam o indivíduo a casar dentro de um certo grupo ou categoria, regras tais como parentesco, casta, classe, religião ou ocupação. Na Inglaterra havia a *possibilidade de escolha* em matéria de casamento e a decisão de casar ou não casar competia ao indivíduo. Se na sua época predominava certa crença de que o casamento era tão “natural” e automático quanto o nascimento ou a morte, para Malthus, ele era um acontecimento que se assemelhava ao da escolha de uma carreira.

Outra importante diferença entre a sociedade inglesa e grande parte das sociedades humanas daquele período residia no fato de que, se para estas, filhos e esposas representam riqueza e felicidade, na Inglaterra malthusiana, o casamento e a educação dos filhos são entendidos como econômica e socialmente custosos. Na maioria das sociedades não há uma oposição entre desejo individual (forças biológicas e psicológicas) e riqueza individual (opressões econômicas e sociais): de maneira geral essas duas coisas marcham lado a lado sem conflitarem – a riqueza dependia precisamente do casamento e sobretudo dos filhos e de seus cuidados.

De maneira geral, Macfarlane diferencia dois sistemas de sociedades familiares, estabelecidas pelo casamento: um sistema “tradicional” ou “familiar” e um sistema “moderno” ou “individualista”. Dentro do *sistema tradicional*, destacam-se algumas características: poder autoritário do marido sobre a mulher; escolha conjugal determinada pelos pais; ausência de amor romântico; trocas econômicas vantajosas que envolviam não apenas uma relação de bens e serviços, mas também um vasto círculo de parentes, incluindo os recém-casados que tendiam a morar com os pais; a finalidade suprema do casamento é a procriação e ninguém é uma pessoa completa até que se case e procrie; a herança é automática, ditada pelas linhas de parentesco.

Nos *sistemas modernos ou individualistas* (ou sistema ocidental, capitalista, de família nuclear), as características são outras: as famílias são pequenas, diminuem em tamanho e função: a família imediata é formada pelo casal e os filhos; relativa exclusão de parentes dos assuntos do jovem casal - menores obrigações para com os parentes e maior concentração nos filhos; o casal, após o casamento, se estabelecerá em residência separada e será relativamente independente; surge o namoro romântico que se baseará na atração mútua entre o casal, e não mais nos interesses da família; os filhos são um peso para os pais na medida em que implicam despesas; mas os filhos podem ser uma benção na medida em que através deles o casal tem outras vantagens: eles são frutos da paixão entre os sexos e são bem vindos (principalmente dentro do casamento); uma gratificação psicológica para os pais, preenchendo suas necessidades: o desejo biológico de reprodução nas mulheres e o desejo de todo ser humano de ver sua imagem reproduzida, o desejo de companhia, de amor e de carinho. Tanto filhos quanto filhas são bem-vindos, mesmo que com uma notável preferência pelos primeiros - os filhos são os que permanecem para cuidar dos pais e se tornam os herdeiros de seus bens, as filhas exigem dote e vão embora.

Pensamos que podem ser justificados por esta última característica alguns ditados populares: “*Cuidar de uma filha é como regar a árvore do vizinho*”; “*As filhas são galinhas, criadas para a mesa de outros homens*”. Certamente, essa comparação de mulheres a galinhas fornece excelente material para a análise sobre preconceito contra o feminino.

Outra característica do sistema moderno de casamento, apontada por Macfarlane, está ligada à produção. A unidade de produção deixa de ser a família e passa a concentra-se no indivíduo, que, geralmente, só pode expandir-se em direção a outra pessoa, através do casamento. A unidade básica permanente é o indivíduo solitário ou o casal: não há posse comunitária ou familiar da propriedade, não há o consumo partilhado. Produção e reprodução não estão mais intrinsecamente ligadas. Sexo e procriação são atividades separadas – um número maior de filhos não aumenta o prestígio da família, nem mesmo dos próprios pais e, ao contrário, torna-se uma ameaça à felicidade deles, à saúde da mãe, ao conforto e ao bolso do pai.

Nos sistemas familiares modernos, casamento e procriação implicam custo; o celibato deixa de ser um estigma e passa a ter seus atrativos; a limitação da família tende a ser encorajada; a idade de casamento tende a aumentar, e as pessoas passam a refletir antes de casar e ter filhos. Segundo Macfarlane esse novo mundo de expectativas e encargos familiares predominou na

Inglaterra a partir da primeira metade do século XIX, espalhando-se pela Europa e o resto do mundo.

Na Inglaterra, o nascimento dos filhos, pelo casamento, era inevitável e, de maneira geral, era bem vindo. Os filhos eram uma espécie de entretenimento para os pais e motivo de alegrias, uma prazer adicional, mas, uma prole numerosa não era bem vinda. Eles eram desejados, mas com moderação e riscos calculados. Um número de filhos maior do que o previsto causava grande apreensão pois implicava em desgastes maiores, tanto econômicos, para o pai, quanto físicos, para a mãe. Embora a Igreja afirmasse que os filhos deveriam ser acolhidos como dádivas de Deus, o risco de ter uma quantidade de filhos criava uma espécie de confronto entre riscos e alegrias: eles geram alegrias, mas também, cuidados, despesas que podem prejudicar a riqueza da família. Segundo a visão malthusiana, essa era uma das razões que levavam as pessoas a se casarem tardiamente, ou mesmo a não se casarem. Nem mesmo a idéia de que os filhos pudessem servir de segurança na velhice dos pais, funcionava como motivação. A obrigação de ajudar os pais idosos ou necessitados era transferida dos filhos para outras unidades maiores: para o dono das terras; para as guildas (localizadas nas cidades para ajudar os cidadãos), pela Igreja ou pelo Estado (Lei dos Pobres de Tudor).

Na terceira parte de seu livro, Macfarlane se dedica a um dos pontos fundamentais do casamento: a escolha do parceiro. Na Inglaterra, a partir do século XVIII, a escolha do cônjuge e a decisão de casar são do indivíduo (e isso está relacionado ao casamento seletivo e tardio, com a avaliação de custos e benefícios), e essa decisão pode implicar preferências e sentimentos. Se, na grande maioria das sociedades humanas, os pontos de vista práticos precediam e mantinham o estado conjugal, eclipsando o romance e a atração individual no contexto do casamento, na Inglaterra o mesmo não ocorria. Na maioria das sociedades antigas, o casamento é um assunto demasiadamente importante para se deixado à decisão das pessoas nele envolvidas e, *sentimentos, emoções e amor*, entre parceiros, importam muito pouco. O sistema de casamento na Inglaterra tinha um caráter especial na medida em que podia acontecer a partir de uma escolha entre os indivíduos interessados, com base numa atração mútua. O consentimento dos pais, embora indicado como ideal, não era exatamente necessário:

Não havia necessidade absoluta do consentimento paterno ou de uma certa idade para casar. Todos os jovens chegados à puberdade eram declarados capazes de casar com base em sua própria decisão. Nenhuma cerimônia religiosa, nem mesmo registro ou testemunhas, eram essenciais. O acordo privado e até mesmo

secreto dos noivos, contanto que expresso, era considerado suficiente para um contrato válido. É verdade que a Igreja fazia exigências impondo sanções por seu não-cumprimento; mas o casamento, ainda que realizado sem elas, não perdia sua validade... (p. 137)

Essa doutrina revolucionária, que considera o casamento como um contrato que envolvia apenas o casal, é abafada, em muitos países da Europa, pelas doutrinas do direito romano que conferem grandes poderes ao pai. No século XVIII, nesses países, homens com menos de 25 anos e mulheres com menos de 20 anos não poderiam casar sem o consentimento dos pais. Apenas na Inglaterra o direito romano não prevaleceu, pois, lá, “o direito consuetudinário, igualmente baseado nos antigos costumes germânicos, em vez de reforçar o direito canônico enfatizava que o casamento era apenas um contrato entre *duas partes*” (p. 137): o casamento, para ser válido, como em qualquer contrato, supõe apenas o consentimento do casal. Por essa razão, já no começo do século XVI, no início das cerimônias de casamento, perguntava-se solenemente aos noivos: *Você deseja esta mulher (homem) como sua legítima esposa (esposo)?*. No caso de uma resposta negativa de qualquer um dos dois, a cerimônia não podia prosseguir. Macfarlane destaca uma piada do século XVII que ilustra o fato:

Os dois prestes a casar, o padre pergunta ao homem:

- *Você aceita esta mulher como legítima esposa?*
- *Sim, responde ele.*

Então o padre pergunta se ela o aceita como legítimo esposo.

- *Não, responde a moça.*
- *Mas, então, o que está fazendo aqui?*
- *Bem, responde ela, é que eu disse isso várias vezes às minhas amigas, e agora quero dizer ao senhor*

Assim, quando ocorre a declaração de consentimento, cada um dos noivos empenha sua palavra tomando a decisão individual de se submeter aos laços sagrados do matrimônio. Este é o mesmo modelo que seguimos atualmente: o consentimento mútuo, seguido das promessas de amor e fidelidade é fundamental para a validação do casamento. Macfarlane aponta para o fato de que, já no século XVII havia muitas críticas ao casamento forçado e às suas conseqüências. Os pais deviam ser cautelosos e consultar seus filhos a respeito de suas inclinações, atitude que colaboraria para que houvesse menos casais infelizes e evitaria arrependimentos gerados por atitudes severas e desastrosas. Um poema do final do século XIII manifesta algo de rebeldia e atitude soberana dos filhos diante do casamento:

Você parece um professor,
 sabe falar macio e doce;
 mas procure se conformar
 que não vou dar meu amor.
 Nem pai nem mãe vão me dizer
 a quem devo amar;
 eu a amo e ela me ama
 - por que não se alegrar (p.147)

Um dos fatores considerados fundamentais para o sucesso do casamento estava na aprovação dos pais e dos amigos para a união do casal que se amava. Todavia, não era incomum que nas camadas superiores (ricos ou nobres) se mantivesse um controle bem mais rigoroso sobre o amor e o namoro do que nas camadas inferiores: as filhas da pequena nobreza e da aristocracia eram, ainda, as maiores vítimas dos casamentos arranjados.

Quais eram, efetivamente, os propósitos do casamento na Inglaterra? Embora na maioria das sociedades o casamento diga respeito à reprodução, à produção de herdeiros, na visão malthusiana, os propósitos econômicos e psicológicos do casal sobrepõem-se ao da procriação que deixa de ser sua finalidade principal. Sob a perspectiva feminina, o casamento é um meio para a mulher resolver um provável impulso biológico para ter filhos e a escolha do marido tem como fundamento a possibilidade de o pretendente ser um bom pai. Porém, a procriação não deixa de ser uma experiência ambígua para as mulheres que oscilam entre o prazer de ter um filho e as dores do parto (além da preocupação com a alta taxa de mortalidade dos recém-nascidos e das parturientes). Outro aspecto que torna o casamento importante para a mulher refere-se ao seu *status*. As vantagens podem ser grandes em termos de proteção e segurança, mas de alguma maneira isto implica a perda da liberdade, pois ela se torna uma espécie de súdito do marido.

[Ela] é privada, privada absolutamente, de sua liberdade quando as duas partes se juntam: ela concede ao marido o direito absoluto de determinar onde e de que maneira deve viver; concede-lhe o poder de tirar dela, e usar para seus próprios fins, todos os bens, com exceção daqueles reservados por algum instrumento legal; e, acima de tudo, entrega a ele sua pessoa. (p. 160)

Macfarlane observa que, ao lado do caráter ambíguo que cerca o casamento, surge uma tradição cínica, segundo a qual, para as mulheres, seria uma grande vantagem se o casamento

pudesse levá-las a uma rica viuvez. Obter vantagens financeiras com a morte do marido é um tema constantemente abordado nas piadas:

Desprendimento...

O marido: - Morreu o capitalista Amaral e deixou dois mil contos para a viúva. Tu não tens inveja?

A esposa: - Não. Eu não quero ser viúva de ninguém... Só de ti, unicamente. (JM - 21/05/1942).

Entendemos que as piadas sobre o casamento abordam algumas questões que podem ter permanecido problemáticas nesse novo modelo de família conjugal, principalmente em relação às questões de relacionamento do casal. A relação entre marido/mulher caracteriza-se como um dos mais importantes vínculos do casamento e à medida que as emoções entre o casal tendem a ser intensas, o relacionamento entre eles torna-se intrinsecamente instável.

Mas, parece que as desvantagens do casamento acabam superadas. No final do século XVII e início do século XVIII, alguns textos sugerem que a demanda por maridos excedia a oferta. Em 1695, na Inglaterra, um decreto impõe taxas aos homens maiores de 25 anos e também aos viúvos sem filhos que não se casavam de novo.

De maneira geral, uma corrente predominante na literatura moralista do século XV ao XIX, destaca três razões principais que justificam o casamento: (1) procriação dos filhos, educados no temor e louvor a Deus; (2) o casamento era um remédio contra o pecado, uma forma de resolver os impulsos biológicos e evitar a fornicção e (3) mútua convivência de ajuda e conforto que o casal deve prestar um ao outro.

Macfarlane observa que, relativamente ao primeiro item, o casamento, visando a procriação, não tinha uma importância fundamental na Inglaterra. As outras razões que justificavam o casamento (remédio contra o pecado e mútua convivência de ajuda e conforto) serão fortemente “maltratadas” pelas piadas. As piadas dizem que, no casamento, há fornicção:

Indignação...

- Senhorita, desejo um lápis de batom que não marque o beijo...

Quero fazer um presente a uma amiguinha, mas sou casado. (JM – 12/11/1942)

Numa roda de amigos, no boteco, um deles pede ao garçom uma dose dupla e a entorna de um só gole.

- *A coisa tá ficando preta – resmungando, com ar abatido. – Minha mulher decretou que só vamos transar duas vezes por semana.*
- O companheiro ao lado bate em suas costas e procura consolá-lo:*
- *Calma, calma, imagine que podia ser pior. Com alguns de nós, por exemplo, ela reduziu para uma* (Playboy, janeiro de 1999).

A “mútua convivência de ajuda e conforto” também não parece bem, nas piadas:

No pretório...

O juiz de casamento (dirigindo-se à noiva):

- *Eu não lhe direi, minha senhora, que faça o seu marido feliz, mas limitar-me-ei a rogar-lhe que não o faça sofrer demasiado.* (JM – 04/02/1943)

Um homem entra em sua casa correndo e grita para a sua mulher:

- *Marta, arrume as suas coisas. Eu acabei de ganhar na loteria!*

E a Marta responde:

- *Você acha melhor que eu leve roupas para frio ou calor?*

O homem responde:

- *Leve tudo, você vai embora!* (recebida por e-mail em 20/10/2003)

Certamente, as motivações para o casamento são ambíguas e polêmicas, mas alguns conceitos parecem predominar na Inglaterra, principalmente a idéia do casamento companheiro que implicava em conforto mútuo (ajuda e compaixão); convivência civil do amor e da amizade; procriação; assuntos domésticos e satisfação do desejo sexual. Semelhantes, mas suficientemente diferentes, homem e mulher deveriam remediar, com o casamento, as deficiências um do outro. Um texto de John Milton, de 1626, citado por Macfarlane, descreve as virtudes de uma boa esposa:

[Ela é] um mundo de felicidade [...] um conforto que excede em contentamento, tão precisa que não pode ser comparada, na verdade mais inestimável do que é possível avaliar. Ela é o melhor alter ego de um homem, o espelho de constante honestidade, a cuidadosa provedora da frugalidade, e o objeto mais querido da felicidade do homem [...]. Ela é uma dádiva de Deus ao homem, uma doce companhia na sua aflição, a parceira para todas as ocasiões (p. 169)

Um outro texto de Shakespeare enobrece as qualidades femininas:

...não serão as mulheres tidas como fracas apenas porque sua natureza é pura? E não serão necessárias apenas porque o homem não consegue viver sem sua companhia? Quando estamos desamparados elas nos confortam; melancólicos, nos animam; elas têm o poder de nos livrar das portas do inferno. Exasperados,

suas línguas musicais afastam os maus espíritos; enfeitados, seu amor desarma os demônios torturantes; e quando somos tragados no abismo da licenciosidade, elas nos ajudam a escapar da fornalha infernal. (p.169)

Por volta de 1230, um frei inglês, Bartolomeu Ânglico, descreve as obrigações do marido:

[...] no contrato de casamento ele se compromete a viver com a esposa sem abandoná-la, bem como ajudá-la e amá-la acima de todos os outros. Um homem deve ter tão grande amor por sua esposa que por ela seja capaz de afrontar qualquer perigo; ela se encontra acima do amor à sua própria mãe; porque ele vive com a esposa e abandona pai e mãe. (apud MACFARLANE, 1990, p.170).

Mas, depois do casamento, as atenções carinhosas do marido não impedem, que se necessário, ele a advirta se não se comportar bem fora e dentro de casa:

[...] é seu companheiro na cama e na mesa, fazendo-a senhora de seus bens, de sua casa e de seu dinheiro. É tão diligente e cuidadoso para com ela quanto para consigo: especialmente amoroso, ele a adverte quando ela faz algo errado e cuida para que se comporte bem, observando seus passos e atitudes, sua maneira de falar e olhar, dentro e fora de casa. (apud MACFARLANE, 1990, p.170).

Mas ao ideal sobrepõe-se o real. Havia dificuldades para que o casamento se realizasse e permanecesse dentro dos padrões ideais: complicações de ordem econômica e social acabavam por pesar na balança. Havia, por isso, uma constante preocupação na escolha acertada do parceiro adequado. Por maior que fosse o amor e a atração física, uma grande disparidade econômica podia arruinar um casamento.

As questões de ordem econômica parecem ser fundamentais. Conselhos sobre os cuidados para se evitar o casamento com mulher pobre, mesmo que de linhagem nobre, entram em conflito com a possibilidade de casamento com mulher rica, porém feia e deselegante, o que também não é o ideal, pois a figura de uma esposa sem beleza, pode gerar desprezo e aversão. Por outro lado a mulher não deve ser nem baixinha nem tola, o que pode implicar, no primeiro caso, em uma prole de pigmeus, e no segundo, em uma convivência penosa e aborrecida ao lado de uma mulher tola. O ideal seria a união entre pessoas do mesmo nível social. A esposa perfeita deve ser bela, rica, jovem, inteligente, alegre, “de porte majestoso”. Um poema do século XVII enumera as características da esposa ideal:

1. *Donzela, mas com vontade de ser mãe.*
2. *Jovem, porém madura. Bela, sendo morena.*
3. *O lado claro para mim, o escuro para os outros.*
4. *Recatada, mas que saiba conversar.*
5. *Rica o bastante, não em excesso.*
6. *Sábia, não para ensinar, mas para ver seus erros.*
7. *Santa, expressando sua fé com o homem que ama.*
8. *Bem nascida, mas não tanto que me deixe abaixo.*

Há no texto acima um confronto entre o equilíbrio das virtudes necessárias a uma esposa e os excessos que ela pode deixar entrever. A reiteração do operador argumentativo *mas*, deixa evidente o conflito entre as virtudes da esposa ideal. Os excessos deviam ser evitados na escolha da esposa: não enfatizar demais a beleza de um lado (a beleza é perecível), nem o dinheiro de outro. Por outro lado, o casamento que se apóia na riqueza naufraga, já que não há amor. Virtude e retidão de caráter deveriam sobrepor-se às virtudes econômicas e de beleza. Segundo o poema acima, o perfil da esposa ideal estaria alicerçado no equilíbrio entre virtudes e defeitos.

O que parece importante é justamente essa busca de equilíbrio entre qualidades e defeitos, desse conflito em busca da definição do ideal que pautava e pauta os discursos sobre o ideal feminino no casamento. Tais discursos não serão diferentes ao longo dos séculos. Virtude, juventude, beleza, maturidade, honestidade, sabedoria, riqueza ou dote, recato, nível social, constituíam/constituem as características idéias de uma esposa. A essas características, somam-se, ainda, as virtudes da castidade, sobriedade, diligência, frugalidade, limpeza, conhecimento das lides domésticas, bom gênio. Tamanho rol de virtudes de uma esposa não poderia deixar de ser alvo das piadas: nelas, as esposas não são virtuosas, jovens, maduras, honestas, sábias, ricas, recatadas ou oriundas de bons níveis sociais.

A lista dos traços de caráter necessários aos homens é menor que a das mulheres. Os maridos também devem ser escolhidos pelas suas virtudes: preferencialmente oriundos de uma boa família, educados, com uma ocupação honesta para ganhar a vida, praticantes da verdade e da sinceridade. As piadas parecem contestar algumas virtudes masculinas, tais como a prática da verdade, amor pelo trabalho...

Ciúmes...

- *Juro-te, querida, que essa pequena não me interessa.*
- *Não te interessa?! Pois se eu, no outro dia, te vi a beijá-la! Que é que dizes, então?*
- *Mas foi por mera gratidão! Ela me disse que eras a garota mais linda do universo...* (JM - 29/04/1943)

Apaixonado...

- *Sarita, tu sabes que te amo desde tantos anos e não posso viver sem tua resposta? Queres ser minha esposa?*
- *Eu não já te disse que não na semana passada?*
- *Ah! Foste tu? (JM - 03/04/1941)*

Coitado...

- *Pobre do meu pai! Ele agora tem que sustentar duas mulheres.*
- *Por quê? Ele casou-se outra vez?*
- *Não, mas fui eu que me casei. (JM-10/7/41)*

Macfarlane detalha uma expressiva literatura que, na época, adverte as pessoas dos perigos e desvantagens do casamento, especialmente onde impera a pobreza, ou a “dificuldade em achar uma mulher leal”.

Se antes da Idade Média os casamentos eram arranjados pelos pais, apoiados em interesses familiares, se não se podia falar de amor sexual, a partir do final do século XV, época das grandes descobertas e do surgimento do Capitalismo, haverá uma conseqüente liberdade para o contrato de casamento. O jogo amoroso passa a ser um direito humano. Engels, observa que “com a transformação das coisas em mercadorias, o capitalismo dissolveu todas as relações herdadas e tradicionais, substituindo os costumes consagrados e o direito histórico pela compra e venda, pelo *contrato livre*”(1902, apud MACFARLANE, 1990, p. 329). Para fazer contratos as pessoas precisam ser livres e iguais. Assim, a criação de pessoas “livres” e “iguais” torna-se um dos princípios básicos da produção capitalista. A partir do momento em que o casamento passa a ser um “contrato”, uma questão legal, o princípio da liberdade coloca a decisão nas mãos do casal e não mais da família, dos pais. Essa liberdade, para a maioria da população, manifesta-se na possibilidade do “amor romântico” e do “casamento por amor”. O casamento surge como um “subproduto do surgimento de sociedades capitalistas, contratuais e individualistas” (p. 329).

Contra o argumento de que de que a paixão sexual e o amor, os mais poderosos fatores não racionais da vida humana, poderiam estar em total desacordo com as exigências do capitalismo e transformar-se em uma grande ameaça à racionalidade das metas econômicas dos indivíduos, Macfarlane observa que “graças a uma transformação sutil, o amor e o sexo foram domesticados, sua força canalizada, convertendo-se em elementos dinâmicos essenciais do sistema capitalista” (p.330). Para Weber (1970, apud MACFARLANE, 1990), à medida que as sociedades se tornam mais burocratizadas e racionais, em seu núcleo, como forma de oposição,

desenvolve-se uma emoção individual impulsiva, irracional, não capitalista. Através do amor, o amante, pode libertar-se “das frias amarras da ordem racional, bem como da banalidade da rotina cotidiana”.

Liberto das obrigações do mundo externo, do poder da família, da classe e dos costumes, e podendo jogar-se com fé ali onde o cálculo é tão impossível quanto inoportuno, o amante seleciona seu parceiro para o resto da vida. Numa visão moderna, poder-se-ia dizer que “indivíduos racionais e orientados para o lucro jamais se casariam, a não ser por causa da irracionalidade institucionalizada do amor romântico”. (p. 330/331)

Segundo Macfarlane, há uma certa relação entre o amor romântico irracional e a paixão irracional expressa pelo “desejo implacável de possuir”, pela “acumulação sem fim”, características nucleares do capitalismo:

Não apenas há uma congruência lingüística entre querer “adquirir” objetos num mercado e o desejo de “ter” ou “possuir” completamente um outro ser humano, como também as emoções podem ser revestidas de brilho e sedução por aqueles que tentam “vender” uma mercadoria”. Assim, a “venda” de bens de consumo através da publicidade e as paixões entre as pessoas reforçam-se mutuamente. (p. 331)

Jules Henry (apud MACFARLANE,1990, p. 331) observa que “sem a exploração pecuniária do amor romântico e da juventude e beleza femininas, as indústrias de cosméticos e vestuários para mulheres em grande parte desapareceriam, e o cinema, a TV e a indústria de disco deixariam de ser economicamente viáveis”. A escolha individual, a posse, a propriedade e a “livre iniciativa” estariam tanto na base do capitalismo, quanto do amor romântico.

Relativamente à procriação, é possível observar o contraste entre as formas capitalistas e as formas pré-capitalistas de economia. Nestas, onde predominava um “modo de produção doméstica” não capitalista, os negócios e a lavoura funcionam como unidade de produção e consumo, a procriação é estimulada, pois, o aumento da família irá contribuir para o aumento da produção e do consumo. Com o surgimento do capitalismo há uma grande separação entre o parentesco e a ordem econômica: as famílias não necessitam ser grandes e não há mais um fluxo automático de riquezas dos filhos para os pais. Como decorrência, as formas de reprodução e

produção entram em conflito: as pessoas vão decidir sobre as vantagens e desvantagens do casamento e do desejo de ter ou não filhos.

Gêmeos...

- *No Maranhão nasceram cinco gêmeos e a mãe continua passando bem.*
- *E o pai?*
- *Atirou-se sob as rodas de um bonde. (JM – 12/11/1942)*

Embora considere sedutoras as teorias que relacionam o sistema de casamento e o capitalismo, Macfarlane observa que há uma certa incompatibilidade temporal entre eles. Pare ele, o sistema de casamento, na Inglaterra, teria aparecido bem antes do capitalismo, pois se a revolução capitalista ocorre entre a segunda metade do século XV e o final do século XVII, o sistema de casamento é anterior ao século XIV. Questões tais como a idade certa para casar, já apareciam em Tácito, no primeiro século da era Cristã. O casamento monogâmico também é anterior ao capitalismo: os germânicos, ao invadirem a Inglaterra, já eram monogâmicos, premissa cultural que apenas será reforçada pela Igreja cristã. Sendo assim, não são encontradas quaisquer referências, antes dos séculos XIII e XIV, sobre regras e normas definindo com quem não se deveria casar ou mesmo proibindo o casamento entre pessoas de diferentes classes sociais. Também os costumes relativos a pagamento de dotes, legados, arras, presentes, por ocasião do casamento, são derivados de antigas práticas teutônicas e já faziam parte das leis e costumes anglo-saxônicos no século XIII.

Mas, o grande mérito da obra de Macfarlane está no confronto de teorias ali expostas que, através da história, tentaram “explicar de que maneira chegamos a ser aquilo que somos”. Um outro mérito da obra, como ele mesmo conclui de maneira chistosa, está na possibilidade de poder “ajudar aqueles que ainda não sabem o que a escolha implica”.

4.2 Pateman, o contrato de casamento

“Contar histórias de todos os tipos é a principal forma desenvolvida pelos seres humanos para atribuírem sentido a si próprios e a sua vida social” (Carole Pateman)

4.2.1 As teorias do contrato e o contrato sexual

Pateman (1993) observa que o casamento é, no interior da chamada “teoria do contrato”, uma instituição política contratual (assim como muitas outras), mas que, de maneira geral, entendido como um contrato sexual, o casamento nunca é mencionado pelos teóricos do contrato. Se, para a autora, as formulações a respeito das teorias do contrato, tais como o social ou o de trabalho, são sistematicamente deturpadas, o sexual é ignorado e sobre ele paira o mais absoluto silêncio.

A teoria do contrato social é, convencionalmente, apresentada como uma história sobre a liberdade: pelo contrato original os homens, que viviam em estado natural, trocaram as inseguranças de sua liberdade pela liberdade civil assegurada e protegida pelo Estado - o contrato social cria uma sociedade em que os indivíduos podem fazer acordos, seguros de que seus atos são regulamentados pela legislação civil e que, se necessário, o Estado fará com que eles sejam cumpridos. O contrato social permite que indivíduos se submetam voluntariamente ao Estado e à legislação civil; a liberdade transforma-se em obediência e, em troca, recebe-se proteção. Reflexos do contrato original, os contratos da vida cotidiana passam a envolver uma troca de obediência por proteção, a que Pateman chama de “dominação e subordinação civis”.

Para os teóricos, as questões da dominação dos homens sobre as mulheres ou as do “direito masculino de acesso sexual regular a elas” são justificadas pelo pacto original, a partir do qual o contrato social seria visto como *a história da liberdade*, enquanto que o contrato sexual seria entendido como *uma história de sujeição*.

O pacto original é tanto um contrato sexual quanto social: é sexual no sentido de patriarcal – isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres-, e também sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens aos corpos das mulheres. O contrato original cria o que chamarei, seguindo Adrienne Rich, de “lei do direito sexual masculino”. O contrato está longe de se contrapor ao patriarcado; ele é o meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno. (p. 17)

A omissão do contrato sexual ou do casamento, dentro da teoria do contrato, se justificaria pelo fato de que a sociedade civil se divide em duas esferas, e só uma delas merece atenção e é considerada importante: enquanto a história do contrato social é tratada como sendo constitutiva da esfera pública da liberdade civil, a outra esfera, a privada, não é encarada como

sendo politicamente relevante. Entendidos como fatos da esfera privada o casamento e o contrato matrimonial serão, ao longo da história, considerados politicamente irrelevantes.

4.2.2 O contrato do casamento

O termo contrato pode ser definido como um princípio de associação e uma das formas mais importantes de instituição das relações sociais. O casamento, a exemplo de outras relações humanas, também começa com um contrato e, provavelmente, esta pode ser a origem de grande parte de seus problemas. Pateman observa que conhecer um pouco da história do casamento ou do contrato sexual “ajuda a explicar por que aparecem problemas específicos nos contratos em que as mulheres estão envolvidas” (p.20). Pensamos que, estendendo essa observação um pouco além, conhecendo um pouco dessa história, podemos entender melhor as piadas de casamento, objeto de nossa análise .

Os teóricos clássicos do contrato, de maneira geral, constroem uma versão patriarcal da masculinidade e da feminilidade. Segundo eles, os seres masculinos seriam os únicos dotados das capacidades e qualidades necessárias para participar dos contratos, “dentre os quais o mais importante é a posse da propriedade em suas pessoas; quer dizer, somente os homens são indivíduos” (p. 21). Quanto às mulheres, elas não são consideradas “indivíduos”, pois não possuem, pela sua natureza, as mesmas capacidades masculinas. As mulheres não nascem livres, não têm liberdade natural, não têm os atributos e as capacidades dos “indivíduos”. Sem essas condições, elas, certamente, não participaram do contrato original através do qual os homens puderam transformar sua liberdade natural na segurança da liberdade civil: elas foram, na verdade, objeto desse novo contrato. Para Pateman, “o contrato sexual é o meio pelo qual os homens transformam seu direito natural sobre as mulheres na segurança do direito patriarcal civil” (p. 21). Essa concepção patriarcal da diferença sexual vai se incorporar à estrutura da nossa sociedade e da nossa vida cotidiana.

Se, a partir do século XX, ocorrem mudanças na legislação e na condição social das mulheres, tais mudanças não garantem totalmente a mesma situação civil para homens e mulheres. Se, no século XIX, não prevalecem mais os amplos direitos que os homens exerciam sobre suas mulheres, quando então as esposas estavam na condição legal de propriedade, ainda

no século XX, segundo Pateman, permanecerá certa tradição cultural de subordinação das esposas a seus maridos, firmada pelo contrato do casamento. Ainda hoje, não se pode escapar completamente das conseqüências sociais e legais desse contrato. Mesmo que casais não se comportem da mesma maneira, mesmo que os padrões estabelecidos para “esposas” e “maridos” não sejam os mesmos, não há como fugir da reprodução de certas relações matrimoniais patriarcais. Alguns discursos recorrentes nas piadas podem ser uma evidência disto: na piada veiculada em 1940, o marido ainda cobra da esposa o juramento de obediência que ela fez diante do altar:

Na hora da briga...

O marido: - Lembro-te, Olga, de que me juraste toda obediência perante o altar.

A esposa: - Perante o altar, é verdade: mas agora nós estamos em nossa casa. (JM - 27/07/1940)

Pateman entende que a história do contrato sexual pode elucidar a questão da diferença sexual entre o ser “homem” e o ser “mulher” e que, esta diferença, embora tratada pelos teóricos do contrato como sendo natural, é essencialmente uma diferença política e socialmente construída.

As idéias revolucionárias do século XVII, período em que predominaram as doutrinas de liberdade e da igualdade (“os indivíduos nascem livres ou iguais”) põem em prontidão os conservadores, preocupados com o fato de que elas se tornassem realidade e, portanto, se tornariam nocivas e perigosas à ordem social, segundo a qual, o direito dos homens sobre as mulheres é “natural”. Os teóricos do contrato insistem em afirmar que os direitos do homem sobre a mulher têm uma base natural: as mulheres nascem dentro de uma sujeição. Mesmo autores contratualistas, que negam a existência de uma situação de dominação natural dos homens sobre as mulheres, não abandonam a idéia da sujeição, pois entendiam que, na sociedade civil, a sujeição das esposas aos maridos estaria, então, assegurada pelo contrato de casamento (Hobbes, apud PATEMAN, 1993, p. 78)

Pufendorf (1934, apud PATEMAN, 1993, p. 81), mesmo considerando as mulheres como “indivíduos”, entende que, embora “homem seja superior à mulher em capacidade do corpo e da mente”, essa diferença não é suficiente para justificar a dominação natural dele sobre ela. Para ele a sujeição se dá pelo casamento, um pacto desigual, através do qual a esposa deve obediência ao

marido em troca de sua proteção. O direito conjugal tem sua origem num “pacto interveniente e na submissão voluntária por parte da esposa”.

Para Locke (1967, apud PATEMAN, 1993, p. 84) as mulheres também não são “indivíduos” livres e naturais e iguais, mas súditos naturais: a submissão de Eva não era “nada mais do que a submissão que [as esposas] devem normalmente ter em relação a seus maridos”. Para ele, somente os homens detêm por natureza as características de seres livres e iguais entre si, enquanto que as mulheres são naturalmente subordinadas aos homens e a ordem da natureza está refletida nas relações conjugais. A submissão da mulher, segundo Locke, se justifica

[...] porque “geralmente as leis da humanidade e os costumes das nações assim o determinaram; *existe, eu garanto, um fundamento da natureza para isso*”. O fundamento natural que garante que prevaleça a vontade do marido e não a da esposa é o de que o marido “é mais capaz e mais forte”. (p. 84)

Também para Rousseau (1979, apud PATEMAN, 1993, p. 84), a ordem civil depende do direito do marido sobre a esposa, e esse direito, para ele, advém da natureza, da diferença de atributos naturais entre os sexos.

De maneira geral, destaca Pateman, “muitos enigmas, anomalias e contradições, derivam da *manobra teórica* dos pensadores clássicos do contrato social na questão do direito conjugal e da liberdade e da igualdade naturais” (p. 85 – o grifo é nosso). Segundo Pateman, nenhum deles explica o fato de que, se é verdade que as mulheres são naturalmente submetidas pelos homens, que elas não têm as condições e as aptidões dos “indivíduos”, e se não têm as aptidões necessárias para participar do contrato original, como se explica, então, o fato de eles insistirem que elas devem participar de um contrato, o do casamento. Nem Locke, observa Pateman, para quem o contrato do casamento é um contrato entre dois seres iguais, “explica por que o contrato de casamento é necessário, uma vez que as mulheres são declaradas como naturalmente submetidas aos homens” (p. 86). A afirmativa dos teóricos clássicos do contrato de que “as mulheres não podem ser incorporadas à sociedade civil tal como os homens porque elas são naturalmente privadas das aptidões necessárias para se tornarem indivíduos civis” (p.143), de modo geral, limita-se à referência da maior força física e mental ou da capacidade superior do homem.

A melhora da condição social das mulheres, com a conseqüente melhora das condições físicas e da saúde, juntamente com as transformações tecnológicas,

tornaram o argumento da força, apesar de ainda ser ouvido hoje em dia, menos e menos plausível. Entretanto, não se deve esquecer que, na prática, os homens continuam a sustentar seu direito patriarcal sobre as mulheres por meio da “força”, ou seja, por meio da força e da violência (p. 143).

O argumento de que a diferença entre homens e mulheres está na maior força física e mental ou na superior capacidade dos homens, foi sempre, e amplamente, criticado pelas feministas. Para elas, “a habilidade aparentemente maior dos homens é resultado da educação deficiente das mulheres e da artimanha social (dos homens), não da natureza” (p.144)

Para os teóricos do contrato, as mulheres além de serem privadas tanto de força quanto de capacidade num sentido geral, são por natureza deficientes quanto à capacidade especificamente *política*, de criar e manter o direito político. Por isso, elas devem ser submetidas ao poder masculino, já que são naturalmente subversivas à ordem política dos homens.

Outros teóricos, como Rousseau (apud PATEMAN, 1993, p. 146), também acreditam na natural submissão da mulher ao poder masculino. Para ele “o desenvolvimento inter-relacionado da razão, da língua e das relações sociais é simultâneo ao desenvolvimento da diferença sexual, uma diferença que necessariamente implica **a dependência e a submissão das mulheres aos homens**” (o grifo é nosso). Além da diferença física entre os sexos, a moral deles também é diferente: “as mulheres, diferentemente dos homens, são incapazes de desenvolver a moralidade necessária na sociedade civil” (p. 147). Embora os homens também tenham paixões, pelo menos eles são capazes de utilizar a razão para dominá-las, característica que permite que eles possam se encarregar da “criação e manutenção da sociedade política” (p. 147). Para Rousseau o freio das mulheres está no fato de elas terem “pudor”, caso contrário, “o resultado seria, em pouco tempo, a ruína de ambos [os sexos], e a humanidade pereceria através dos meios estabelecidos para a sua preservação [...] Os homens seriam, finalmente, vítimas (das mulheres) e se veriam arrastados à morte sem ao menos ser capazes de se defender” (p. 147). Incapazes de sublimar a paixão, as mulheres são a fonte de perpétuas desordens e, por isso, elas devem se submeter às decisões masculinas.

Por isso, Rousseau aconselha o jovem (*Emile*) a se preparar para o casamento como os soldados se preparam para a guerra: o homem deve se preparar para ser o chefe da família, o senhor de sua esposa e ela, a ele deverá se submeter, “à primazia que a natureza atribui ao marido”,. A educação feminina (*Sophie*) visará ao desenvolvimento do pudor, da limpeza e da cordialidade que a mulher deverá dispensar ao homem, embora, tal educação “nunca será

suficiente para superar a propensão feminina para a desordem”. Como marido e chefe de família, Emile pode assumir seu lugar de cidadão, mas Sophie, e todas as outras mulheres, têm que ser rigorosamente excluídas da vida política para que a ordem prevaleça. Se o bom filho, o bom marido e o bom pai fazem o bom cidadão, a boa esposa será a que for “obediente” e que souber manter a ordem na esfera doméstica. A família é o lugar onde a mulher reina e esse reinado consiste na sua capacidade de “reconhecer a voz do chefe da casa”. Para Rousseau, se a mulher falha o resultado é a desordem, o infortúnio, o escândalo e a desonra. As mulheres são incapazes de pensar de maneira adequada:

Princípios abstratos e verdades especulativas estão reservadas aos homens. As mulheres devem estudar as mentes dos homens aos quais estão submetidas, para que saibam como se comunicar com seus senhores. Rousseau desprezava as mulheres cultas; “uma esposa brilhante é uma praga para seu marido, seus filhos, amigos, criados, todo mundo. [...] fora de sua casa ela é sempre ridicularizada [...] essas mulheres muito talentosas somente impressionam os tolos”. (p. 152)

Também analisado por Pateman, Freud não será muito diferente dos teóricos do contrato. Segundo Freud, na passagem da natureza animal para a natureza humana, as fêmeas foram obrigadas, com suas crias indefesas, a permanecerem ao lado dos machos, naturalmente mais fortes. Novamente a força masculina justifica a submissão feminina. A diferença entre os sexos é fundamental para a ordem política. Diferentemente das mulheres, os homens são capazes de desenvolverem sentimentos de fraternidade e comunidade e estendê-los para além do mundo familiar.

Freud argumenta que “o trabalho da civilização se tornou cada vez mais de responsabilidade dos homens, confrontando-os com tarefas mais difíceis e obrigando-os a fazer sublimações instintivas, das quais as mulheres são pouco capazes”. As mulheres, assim, descobrem que são “compelidas a ficar em segundo plano por causa das demandas da civilização” e adotam uma “atitude hostil contra ela” [...] As mulheres são incapazes de superar sua hostilidade em relação à participação dos homens na vida civil, ou de se juntar a eles nos deveres civis. As mulheres **continuam a ser uma ameaça permanente à ordem social e política, porque seu superego é mais fraco, ou até inexistente**, o qual é “o representante interno”, em cada indivíduo, da moral e das normas políticas [...] (p. 149-150)

Pateman resume a visão tradicional sobre as mulheres: “são criaturas com desejos insaciáveis, incapazes de sublimar suas paixões como os homens”, os únicos capazes de se estabelecerem como indivíduos civis.

As mulheres, seus corpos e suas paixões carnis, representam a “natureza” que tem que ser controlada e superada para que a ordem social seja criada e mantida. No estado de natureza, a ordem social na família é mantida somente se o marido for o senhor. O desejo feminino insaciável tem que ser controlado pelo direito patriarcal. As relações das mulheres com o mundo social têm que ser sempre mediadas pela razão do homem; os corpos das mulheres têm que ser sempre submetidos à razão e às decisões do homem para que a ordem não seja ameaçada. [...] A “base natural” do direito masculino é a impossibilidade de as mulheres desenvolverem a moralidade política necessária aos participantes da sociedade civil. (p. 151).

De maneira geral, para os teóricos do contrato, as mulheres são incapazes de superar suas paixões sexuais, seus vínculos particulares ou de voltarem sua razão para as coisas que são de ordem universal. Elas não podem tomar parte do contrato original, pois estão privadas das condições necessárias para criar e manter a ordem política: elas não são “indivíduos”. As mulheres são “o contrário” da legislação civil, - representam tudo o que os homens têm que dominar para que possam organizar à sociedade civil. Para a maioria dos teóricos clássicos o contrato de casamento, a vida conjugal e a familiar são parte de uma condição natural: os homens possuem uma superioridade “natural” e “quando as mulheres se tornam esposas, supõe-se que elas *sempre concordaram* em participar do contrato de casamento que as submete aos seus maridos” (p. 163). A submissão feminina adquirida pelo contrato de casamento, que significa a desistência da liberdade (e tudo o mais) em favor do homem, é comparada, pelos movimentos feministas do século XIX, como uma situação de “escravidão”. Igualmente a um escravo a mulher é incluída entre os bens do marido: suas rendas, dotes e seus filhos são propriedades dele. Assim como os escravos são demarcados por nomes atribuídos pelos seus senhores, a mulher casada pode ser demarcada como a Sra. John Smith (ou Sra. João da Silva, como ocorre ainda hoje). Com a abolição da escravidão a mulher passa a ser a única “serva” da família. A dona de casa faz as tarefas que antes eram distribuídas entre escravos e criados: limpar, cozinhar, lavar, passar... Pelo casamento, a mulher pôde ganhar proteção e meios de se sustentar e de executar suas tarefas domésticas, por isso a importância de se empenhar em conseguir um “bom senhor”. Mesmo durante o século XX, período em que as mulheres têm maior liberdade para buscar emprego remunerado (poucos empregos e mal remunerados) fora de casa, o casamento continua a ser um contrato vantajoso. A posição de “esposa” é, para alguns teóricos, a única que sua criação, sua deficiência de educação e instrução, somadas às pressões sociais, deixam para ela.

Muitos discursos vão revelar a incapacidade feminina para outro tipo de realização que não seja a do casamento, apontando-o como o caminho natural para o qual devem se dirigir todas as mulheres, o prêmio máximo a que todas devem almejar. Trataremos desses discursos mais adiante.

Pateman observa que os contratos de casamento antigos funcionavam como contratos de trabalho: através do casamento a moça torna-se dona-de-casa e passa a trabalhar, no lar conjugal, para o marido, seu senhor. Muitas vezes o trabalho da mulher é comparado ao dos servos e escravos. A partir do século XVII, a comparação das mulheres e das esposas com os escravos será cada vez mais freqüente nos discursos das feministas. O contrato de casamento, segundo elas, significa, para a mulher, a desistência da liberdade em favor do homem. Um certo *Tratado da legislação das relações domésticas*, publicado nos Estados Unidos em 1874, afirma que “um senhor é alguém que tem autoridade legal sobre outra pessoa; e a pessoa sobre quem tal autoridade pode ser propriamente exercida é o ser” (apud PATERMAN, 1993, p. 176). O livro, segundo Pateman, contém uma discussão detalhada sobre as “incapacidades das mulheres casadas, não deixando dúvidas de que a esposa era a serva de seu marido” (p. 176 – 177). Em 1870, a feminista norte-americana Laura Curtis Bullard declara:

A escravidão ainda não foi abolida nos Estados Unidos. [...] Foi um dia glorioso para essa República quando ela se libertou da desgraça da escravidão negra [...] Será um dia ainda mais glorioso em seus anais quando a República declarar a injustiça da escravidão sexual, e libertar suas milhares de mulheres cativas (apud Pateman, 1993, p. 181)

Por esta razão, o contrato de casamento foi muitas vezes chamado de “código da escravidão branca”. Não faltaram, ao longo dos séculos, discursos a respeito das condições da mulher no casamento. Argumentos de que a situação da mulher era pior do que as das escravas; que a tirania masculina podia levar a mulher ao “mais baixo nível de degradação de um ser humano”; que a maneira como a sociedade se organizou, “sob o poder do homem, é um grande estupro do sexo feminino”, são recorrentes nos discursos feministas. Além dos discursos que tratam do direito do marido sobre o corpo da mulher, um outro argumento que favorece a comparação da esposa com um escravo (e que hoje ainda permanece) será o de que, a esposa que trabalha o dia inteiro dentro de casa não tem direito a uma remuneração. Pateman observa que até bem pouco tempo “a lei da sociedade conjugal ratificava o fato de a mulher estar para seu marido

como um servo está para seu senhor”. (p. 189) Certamente serão muitas as polêmicas que essas comparações, e outras centenas, vão gerar.

A história do contrato de casamento está longe de ser esclarecida (se é que pode). O que nos parece interessante aqui não é discutir suas verdades ou equívocos, mas constatar algumas visões que, ao longo da história do casamento, estiveram no centro das discussões. Ainda a pressão para a mulher se tornar esposa é muito forte, e a opção por ficar solteira é bastante criticada. Há, ainda, a crença de que mulheres solteiras não têm uma situação social definida e aceitável. Assim, a única maneira de a mulher adquirir uma identidade social reconhecida será através do casamento. Pateman observa que “se as mulheres exercessem sua liberdade de permanecer solteiras em larga escala, os homens não poderiam se tornar maridos – e o contrato sexual seria abalado”. (p. 198). As mudanças sociais que permitiram ou justificaram o trabalho da mulher fora do lar não representaram, em alguns momentos, grandes avanços. Nos anos de 1980, nos Estados Unidos, muitas mulheres trabalham meio período para poderem guardar parte de suas energias para os serviços domésticos que as aguardavam em casa e evitar, dessa forma, conflitos com o marido. Muitas mulheres, revelam algumas pesquisas, ainda se sentem donas-de-casa, mesmo quando trabalham fora do lar. Não cremos que isto tenha sofrido grandes alterações de lá para cá. Após o término de sua jornada de trabalho fora do lar, a mulher ainda se preocupa com a refeição dos outros membros da familiar, em arrumar a casa, lavar e passar, fazer as compras de mercado... Os finais de semana, muitas vezes, não são dedicados ao lazer, mas às atividades mais pesadas de faxina do lar.

Da leitura de Pateman resta-nos a compreensão de que as teorias do contrato são muitas e polêmicas. Que a posição da mulher no contrato de casamento é marcada, de maneira geral, por visões pouco positivas que as sociedades, ao longo dos séculos, tiveram da mulher, visões que foram corroboradas por grandes pensadores da nossa história. Hegel, em sua *Phenomenology of Spirit*, a exemplo de outros teóricos, afirma que as mulheres são política e naturalmente subversivas, culpadas, mesmo da derrocada do antigo mundo:

[...] o que ela elimina e ao mesmo tempo é essencial para ela: um inimigo interno – as mulheres de uma maneira geral. As mulheres – a eterna ironia na vida da comunidade – transformam pela perfídia a finalidade universal do governo numa finalidade privada, transformam a atividade universal em um trabalho de alguns indivíduos particulares, e pervertem a propriedade universal do Estado em um bem e em um ornamento da família. (apud Pateman, 1993, p. 261).

Pateman conclui observando que, durante os últimos 300 anos, o problema da subordinação das mulheres ainda existe e é encarado como uma questão pouco importante. Para ela, as discussões sobre o contrato contam apenas metade da história, e que a história do contrato original ainda carece de ser contada à luz de novas perspectivas. Os argumentos de que a sujeição das mulheres aos homens tem uma base natural, foram aceitos tacitamente, sem uma análise mais detalhada. É certo que cenário político-social mudou substancialmente nas últimas décadas e a história do contrato original é contada em um contexto político menos hospitaleiro: suas bases tradicionais são fortemente contestadas. Permanece, porém, a hipótese de que as teorias que justificam as desigualdades de capacidade entre o feminino e o masculino, ainda aparecem nos discursos que separam homens e mulheres, maridos e esposas.

4.3 Casamento e dote

A justificativa para falarmos sobre o “dote” no contexto do casamento fundamenta-se na possibilidade de que ele pode estar na base de alguns discursos que tratam das relações matrimoniais e das questões financeiras que cercam a instituição do casamento, situando-o como um acordo financeiro. Adquirindo fundamental importância em determinado período da civilização européia, e no Brasil nos séculos XVII e XVIII, o dote veio a desaparecer no século XIX. Mas seu desaparecimento, em decorrência das profundas mudanças de costumes da sociedade, pode ter deixado marcas que fazem reacender uma série de questionamentos sobre os aspectos financeiros que marcam as relações do casal dentro do casamento: afinal, de quem é o dinheiro, quem ganha e quem gasta; as esposas só dão prejuízo; as esposas não trabalham e exploram seus maridos...

Nazzari (2001) observa que a existência do dote dava às mulheres uma posição bastante privilegiada no equilíbrio do poder do casamento e que, seu desaparecimento, trouxe-lhes uma conseqüente dependência e subjugação aos maridos. Somente após o ingresso da mulher no mercado de trabalho essa situação será revertida e ela vai recuperar, lentamente, certa autonomia e independência financeira. Isto não impede porém que as piadas continuem afirmando que as mulheres gastam o dinheiro do marido. Para compreendermos melhor estas questões, achamos interessante refazer um pouco o percurso da história do dote no Brasil.

4.3.1 A importância do dote

Nazzari, a partir da análise de documentos que atestam a concessão de dote para o casamento das filhas, faz um ensaio bastante minucioso sobre o hábito do dote na sociedade paulista brasileira dos séculos XVII e XVIII e o seu paulatino desaparecimento no século XIX. De acordo com os costumes europeus, trazidos ao Brasil pelos portugueses, era dever de todo pai conceder um dote às filhas. Tal dote variava conforme a amplitude dos recursos de que a família dispunha. O dote, acreditava-se, era uma garantia de casamento para a moça e de eventual felicidade para o casal. Havia, por outro lado, um aspecto negativo: moças mais ricas corriam o risco de atrair caçadores de fortuna, ao invés de candidatos que valorizassem suas qualidades pessoais. O casamento por interesse vai ser tema das piadas que abordam questões do dote e da herança que as moças levam para o matrimônio. Em uma delas o pedido de casamento causa estranheza ao pai, já que a filha é feia e não tem dote, o que leva ao julgamento de que o pretendente, certamente, é um louco..

Pedido de casamento...

- *Então o senhor quer se casar com minha filha, que não tem dote nem beleza! Há algum louco na sua família?*
 - *Não, senhor: eu sou o primeiro.* (JM - 22/8/1940)

Em outra piada, o fato do pai ameaçar deserdar a filha pode funcionar como um desestímulo ao pretendente:

Namoro da filha...

O marido: - Tu já preveniste a nossa filha que, se insistir em querer casar-se com aquele sujeito, eu a deserdarei?
A esposa: - Não, meu querido: eu preveni a ele. (JM - 10/10/1940)

4.3.2 – O Sistema de Dote: do Século XVII ao Século XX

O sistema de dote, no Brasil e em outras sociedades européias, vinculava-se a aspectos econômicos que caracterizavam o modelo de família nuclear estabelecido. No século XVII, o sistema familiar será caracterizado pela existência de famílias extensas ou clãs. Considerando-se

a inexistência de um Estado forte e de companhias ou sociedades comerciais formais, a *família proprietária* será responsável pelas atividades econômicas mais importantes: quanto maior a família, maior o seu poder. As famílias nucleares implicavam, então, um grande número de pessoas: pais, filhos, avós, cunhados, parentes etc. Nesse contexto as alianças matrimoniais eram, basicamente, alianças de negócios e o tamanho de um patrimônio podia crescer, dependendo da herança e de um casamento bem sucedido. A piada seguinte pode conter resquícios dessa situação:

Homem franco...

- *Eu venho pedir-lhe a mão de sua filha. Ganho o suficiente para sustentar uma família.*

- *Está muito bem; eu a concedo. Mas previno-o de que somos oito. (JM - 19/09/1940)*

Nesse período o casamento deixava de ser um assunto pessoal ou do casal, e se tornava um assunto de família, pois as vantagens financeiras advindas com o casamento poderiam favorecê-la de muitas maneiras. Casar uma filha não significava perdê-la, mas sim ganhar um genro ou, na verdade, um novo sócio. Quando um genro se ajustava ao tipo de negócio que o sogro tinha, o casamento era duplamente vantajoso.

Pedido de casamento...

O futuro sogro – E quais são suas perspectivas para o futuro?

O futuro genro – Magníficas! Se forem exatas as informações que a sua filha me deu. (JM - 20/3/1941)

Nazzari observa que o dote, adquire fundamental importância na estrutura econômica do século XVII. As famílias funcionavam como unidades empresariais e as alianças matrimoniais eram alianças de negócios.

O casamento era o modo como se formava uma nova empresa produtiva, em que o dote da esposa proporcionava a maior parte dos meios de produção necessários para dar início de uma nova unidade. Casar-se com uma mulher com um dote constituía também um dos poucos modos pelo qual um jovem adquiria recursos independentes. Conseqüentemente, o dote era uma instituição econômica importante e o casamento não era assunto privado que interessasse apenas aos indivíduos envolvidos, como viria a ser no século XIX. (p. 28)

Provavelmente, alguns “jovens rebeldes” tentavam burlar as regras dessas alianças. Em 1603 é publicado um documento, as *Ordenações*, que permitia aos pais renegarem e deserdarem as filhas que casassem sem o seu consentimento.

O dote garantia a maior parte da mão-de-obra e dos meios necessários para que o casal desse início a uma nova unidade produtiva. Doado logo após o casamento, o dote tinha maiores vantagens que a herança, já que esta dependia da morte daquele (pai) ou daquela (mãe) donos dos bens. Os filhos homens, de maneira geral, não tinham dotes, mas recebiam doações, geralmente menores que os dotes dados às filhas. Em alguns casos os filhos homens deviam ajudar, com seu trabalho, na formação do dote das irmãs.

Nesse contexto, o dote dava à mulher uma situação privilegiada, pois embora ele fosse integrado aos bens do casal, era a garantia do futuro da mulher, além de fonte de orgulho. O dote dava um novo “status” às mulheres dentro do casamento, já que elas colaboravam com os bens da família. Mas o dote era vantajoso para os dois lados. Quanto maiores os dotes mais propensos ficavam os homens com o casamento, um ótimo negócio. Os casamentos arranjados eram comuns, pois eram pesadas, para os dois lados, as vantagens de aliança entre o casal, e que podia significar o início de uma nova unidade produtiva. Outro aspecto vantajoso dos casamentos arranjados e de um bom dote estava na possibilidade de casamento entre nobres falidos e moças ricas sem nobreza.

O século XVIII será marcado por grandes mudanças sociais que também se refletirão na estrutura familiar. A crescente diminuição dos mercados agrícolas regionais, predominantes no século XVII, cede espaço a um crescente comércio inter-regional. A abolição da escravidão indígena e o crescimento da escravidão africana serão fatores fundamentais nessa transição. Nazzari observa que, na luta das famílias para se adaptarem às novas circunstâncias dá-se o enfraquecimento do sistema patriarcal e uma conseqüente mudança na prática do dote.

A mudança de uma sociedade baseada na capacidade militar e na família extensa corporativa para uma sociedade cada vez mais baseada na posse do capital e na capacidade empresarial criou oportunidades que possibilitaram aos filhos homens tornarem-se mais independentes dos pais, ao mesmo tempo em que o comércio permitia que, com relativamente poucos recursos, muitos homens fizessem fortuna. Assim, ingressaram no mercado matrimonial muitos pretendentes que não tinham necessidade de grandes dotes que contivessem bens produtivos, como ocorria com outros homens. Inevitavelmente, a presença desses pretendentes auto-suficientes transformou o pacto matrimonial. (p. 86)

Novas formas de economia passam a atrair os homens, tal como a descoberta de ouro em Minas Gerais. Os homens, ao saírem em expedições que buscavam o metal precioso, distanciam-se da família e do controle patriarcal. A conseqüência do êxodo dos paulistas para as minas de ouro, segundo Nazzari, teve como resultado a decadência do poder patriarcal, a fragmentação da família extensa e de sua fortuna. A Coroa de Portugal, nesse período, firma seu poder, intervindo administra e militarmente no Brasil, o que certamente vai abalar o poder das famílias. Essas mudanças são fundamentais para o desenvolvimento de uma nova ordem individualista da família que será consolidada no século XIX.

Nazzari aponta, ainda, como fator do enfraquecimento do poder patriarcal no século XVIII, o crescimento do índice de alfabetização entre as mulheres ricas. As mulheres alfabetizadas já podiam assinar seus nomes. Nos documentos vai desaparecendo a informação “por ser mulher e não saber ler e escrever”, bastante comum no século anterior. Paulatinamente a alfabetização feminina começa a ser indispensável, pois funciona como um meio de a mulher defender seus bens.

Contudo, um bom casamento para a filha continuará a ter certa importância como estratégia familiar, principalmente porque elas podiam casar-se com os novos comerciantes ricos. Há uma clara mudança na prática do dote, pois algumas famílias já deixavam que suas filhas fossem para o casamento de mãos vazias e, mesmo quando proviam suas filhas com dotes, este já eram menores do que no século anterior. As filhas já não têm todos os privilégios nas doações do dote e a igualdade de direitos entre os demais herdeiros torna-se mais importante do que os arranjos de casamento, que vão diminuindo.

Nazzari observa que as novas oportunidades de acúmulo de capital por meio do comércio geram o fortalecimento da posição dos comerciantes como futuros noivos e este fato implicará em modificações no pacto matrimonial: há uma mudança no perfil dos pretendentes, além do que os maridos passam a contribuir mais do que suas esposas para os bens do casal. Há uma maior obediência às *Ordenações*, legislação que restringia o poder dos progenitores na distribuição de seus bens entre seus herdeiros. Os dotes excessivos que pudessem prejudicar outros herdeiros serão proibidos. A diminuição do valor do dote, ou o seu total desaparecimento, gera uma outra situação para a mulher dentro do casamento: o aumento de sua dependência ao marido. Embora no século XVIII, ainda permaneça a importância do dote, algumas famílias permitem que suas

filhas casem sem dote. A diminuição do dote restringe “a capacidade do patriarca de escolher um genro, levando assim a mudanças no pacto matrimônias”. (p. 139).

As grandes mudanças que marcaram o século XIX são fundamentais para o desaparecimento do dote e o fortalecimento do casamento por amor. Um Brasil independente de Portugal, uma nova Constituição, nova legislação penal e comercial, mudanças no conceito de propriedade são algumas dessas mudanças. Em meados do século era visível que o sistema de dote estava se extinguindo. Um maior individualismo contribuiu para a decadência do caráter corporativo da família. Surge uma nova classe média, formada de famílias urbanas possuidoras de poucos bens. O sustento dessas famílias caberá quase que exclusivamente ao pai. A família deixa de ser uma unidade de produção e passa a ser uma unidade de consumo. Nazzari observa que o estudo dos inventários da época mostra que poucas famílias ainda dotavam suas filhas. Apenas as famílias mais ricas mantinham uma porcentagem maior de dotações. Como a maioria das noivas não levava para o casamento quaisquer dotes ou então, levava pequenos dotes, o sustento do casal passa a depender cada vez mais da contribuição do marido. Arriscamo-nos a pensar que essa sobrecarga de responsabilidade do marido pela manutenção da família estaria na base do conflito sobre questões financeiras nas relações do casal. Os homens passam a ser avaliados como bons maridos a partir de sua competência em sustentar uma família e administrar seus bens.

Projetos...

O noivo: - Tu me amas, querida?

A noiva: - Sim, profundamente.

O noivo: - Poderás viver com meu ordenado?

A noiva: - Eu posso. Agora não sei como te arranjarás... (JM - 12/2/1942)

Se, no século XVIII, ainda uma boa parcela dos casamentos era arranjada pelos pais, a partir do século XIX as famílias deixam de controlar os casamentos das filhas e quase não conseguem impor sua vontade. As esposas passam a usar o sobrenome dos maridos, prática que as torna cada vez mais independentes de sua família de origem, mas, por outro lado, as deixa mais dependentes dos maridos.

Ao mesmo tempo, o casamento passou a ser encarado muito menos como uma questão de bens e muito mais como um vínculo pessoal entre indivíduos, tendo no amor seu motivo preponderante. Como os bens já não constituíam o *sine qua non*

do casamento, os jovens do Brasil passaram a poder escolher, com maior frequência, escolher seus cônjuges. No decorrer desse processo, diminuiu a autoridade dos pais sobre os filhos adultos, enquanto o poder do marido sobre a esposa pode ter aumentado. (p. 211)

Assim, à medida que a família muda para uma unidade básica de produção para unidade de consumo, aspecto facilitado pelo aparecimento de profissões liberais, ou outras carreiras que permitem aos homens sustentarem suas esposas sem herdar dotes, o casamento passa a ser uma escolha do casal, tendo como princípio a existência do amor.

O pacto matrimonial no século XIX enfatiza mais os aspectos pessoais e emocionais do casamento, tal como a felicidade da noiva, e acentuava a capacidade do noivo de proteger (sustentar) a noiva. O conceito de proteção e sustento da noiva implica, ademais, um relacionamento assimétrico dentro do casamento, em que o marido é o parceiro mais forte e a esposa, a dependente” (p. 227)

Com o desaparecimento do dote, as famílias preocupam-se muito mais com a educação das moças, pois não havia como assegurar um casamento com alguém mais rico ou do mesmo nível social e, por isso, era preciso prepará-las para as conseqüências incertas do casamento sem dote. Aquelas que ainda dispunham de dote eram alertadas para o perigo de se casarem com algum caçador de dotes. A piada seguinte tem como tema o casamento por interesse.

Generosidade...

Marta: - Má notícia, querido Júlio. Papai acaba de arruinar-se.

Júlio: - Está bem. Sei qual é o meu dever: portar-me como homem de honra.

Marta: - Como és bonzinho, Júlio!

Júlio: - O teu pai, há quinze dias, concedeu-me a tua mão. Como hoje, em face da sua situação, tu és o seu único tesouro, não quero arrebatá-lo de suas mãos; devolvo-te a tua palavra: és livre, Marta. (JM- 22/5/1941)

O desaparecimento do dote pode, em alguns momentos, ter contribuído para piorar a situação da mulher dentro do casamento, pois, com o dote, ela contribuía para o sustento do casal e o marido lhe era devedor. Com o desaparecimento do dote, a mulher leva para o casamento apenas a expectativa de uma herança, quando há, e a mudança na forma de sustento inicial do casal, contribuirá para o fortalecimento do poder do marido.

A mulher foi relegada à esfera doméstica, onde se tornou economicamente dependente do marido e perdeu o status e o poder de negociação no casamento, que seu papel como produtora lhe havia assegurado [...]. O casamento, que sempre fora uma instituição para sustentar os filhos (com a renda proveniente dos bens com que ambos os cônjuges haviam contribuído), tornou-se também uma instituição para o sustento das esposas”. (p. 268-269)

Ao final do século XIX, mais pessoas de todas as classes casavam. Esses casamentos, baseados no amor, são mais numerosos e desiguais do que os casamentos do período colonial, que eram em menor número, mas nos quais ambos parceiros contribuíam para o sustento da família. Algumas piadas do início do século XX, retiradas de uma coleção particular de piadas, que datam de 1924 e 1925, parecem trazer resquícios do desequilíbrio entre as condições econômicas do marido e da esposa ou dos casamentos que têm como base o amor:

- *Sim... Meu pai está arruinado.*
 - *Oh!... Que pena, minha querida. Mas, por mim tão te aquietes. Eu arranjarei facilmente outra noiva.*

O diretor de um manicômio visita seus pensionistas em companhia de um amigo:
 - *Este, diz ele mostrando-lhe um, é um infeliz que ficou louco porque amava uma mulher, que se casou com outro.*
 - *Ah!...Mas parece tranqüilo, responde o amigo. E aquele que está ali tão furioso?...*
 - *É o que se casou com a mulher que o primeiro amava.*

Justa causa...

- *Senhora! – exclama a criada, o patrão está desmaiado em seu quarto, com um caixa em uma das mãos e um papel amarrotado na outra.*
 - *Ah, bem! – diz a esposa, sem se inquietar. Já sei o que aconteceu. Trouxeram meu chapéu novo... com a conta...*

No início do século XX, o Código Civil Brasileiro de 1916 legaliza plenamente a mudança de um sistema de casamento que se apoiava numa relação de propriedade entre iguais, para uma instituição do casamento que tinha como base o relacionamento pessoal entre os cônjuges, e na qual as esposas, geralmente, dependiam economicamente de seus maridos. Foi no meio desse processo que a prática do dote desapareceu. O Código Civil obriga a esposa a adotar o sobrenome do marido e exige dele o sustento não só dos filhos como também da esposa,

independentemente dela ter trazido, ou não, bens para o casamento. As piadas sobre casamento parecem refletir o conflito que se instaura nessa dependência.

Um casal estava discutindo sobre as finanças. O marido explodiu e falou

- Se não fosse pelo meu dinheiro esta casa não estaria aqui.

A mulher respondeu:

- Querido, se não fosse pelo seu dinheiro, EU não estaria aqui!''. (Internet, 01/11/01)

Foi sob a égide do Código Civil de 1916 que a sociedade moderna viveu até o início do século XXI. Muitas críticas foram feitas a ele, pois, criado no início do século XX, tinha como fundamentos os princípios ideológicos do século XIX, sob forte influência do pensamento liberal clássico. Inspirado numa visão patriarcal, esse Código Civil tem o casamento como a única forma de constituição da família, da qual a figura do marido é a mais importante, ficando a mulher ainda sob uma situação de submissão e dependência. O poder na família é estabelecido como um “pátrio poder”. Certamente, ao longo do seu quase um século de existência o Código Civil de 1916 sofre muitas críticas e torna-se alvo de grandes polêmicas, pois não atende a evolução rápida dos novos costumes e os modos de existência da sociedade civil, particularmente os que se referem aos aspectos das relações conjugais: direito do homem à anulação do casamento diante da descoberta de que a mulher não se casou virgem; adultério; poder familiar; direito patrimonial; mudança na idade permitida para o casamento; responsabilidades do homem e da mulher... Sua vigência foi cercada por uma grande quantidade de legislação que, de alguma forma, tentou compensar sua grande defasagem com os novos costumes.

Em 11 de janeiro de 2002 passa a vigorar o novo Código Civil (Lei 10.406) que, embora novo, já recebe severas críticas. Encaminhado ao Congresso Nacional em 1975 e aprovado quase trinta anos depois, o novo Código Civil, que na visão de muitos nasceu velho, tem muitos de seus artigos já ultrapassados, uma vez que, como o código anterior, também não atende o estágio de desenvolvimento da sociedade. Todavia não restam dúvidas que ele traz avanços fundamentais em relação à instituição da família, do casamento e das relações marido e mulher no casamento, seus direitos e obrigações, dos quais destacamos alguns:

- Idade para casar: a idade da maioridade civil diminui de 21 para 18 anos: a partir desta idade, os jovens não dependem mais de consentimento dos pais para casarem;

- Família: formada não mais só pelo casamento, mas também pela união estável entre pessoas de sexo diferentes;
- Filhos: desaparecem as expressões “filho legítimo e filho ilegítimo”. Todos os filhos, gerados dentro ou fora do casamento passam a ter os mesmos direitos; em caso de separação dos pais, a guarda dos filhos caberá a quem tiver melhores condições; validação do exame de DNA para comprovação de paternidade;
- Pátrio poder: A expressão “pátrio poder” é substituída, no novo Código, pela expressão “poder familiar” e a mulher ganha o direito de exercê-lo;
- Casamento: o casamento religioso passa a ter efeito civil; é gratuito para pessoas de comprovada pobreza; não pode mais ser anulado mediante justificativa de “defloração da mulher” anteriormente ao casamento; possibilidade do marido poder pedir pensão alimentícia da ex-mulher em caso de impossibilidade de sustento; o marido pode acrescentar ao seu nome, o da esposa (antes só a mulher podia fazê-lo); homens e mulheres, com a igualdade plena, só precisam assinar separação total de bens aos 60 anos de idade (antes, para a mulher, era aos 50 anos);
- Adulterio: continua a ser motivo que justifica a separação do casal, mas não impede que o cônjuge adúltero se case novamente;
- Separação: pode ser solicitada mediante declaração de falta de amor; abandono do lar, para qualquer um dos cônjuges, não implica em perda automática do direito à pensão alimentícia e à guarda dos filhos;
- Fecundação: ao lado do conceito de fecundação natural, decorrente do ato sexual (antes, a única possível), são aprovadas outras formas de fecundação e inseminação artificial;
- Herança: igualdade absoluta entre cônjuges e filhos no ato de partilha da herança;
- Trabalho: os cônjuges são obrigados a concorrer, na proporção de seus bens e rendimentos do trabalho, para o sustento e a educação dos filhos;
- Responsabilidade dos Filhos: Os filhos que tiverem condições financeiras terão que dar assistência a pais idosos, mesmo que estes estejam recolhidos em asilos ou hospitais;
- Deveres do homem e da mulher: todos têm os mesmos direitos e deveres.

Esses são apenas alguns aspectos interessantes das modificações do novo Código Civil que, não há dúvidas, é resultante das sensíveis transformações pelas quais passou a família brasileira até chegar ao século XXI, tanto em relação aos seus valores quanto à sua composição. Lobo (2004), em um artigo que analisa o novo Código Civil, apresenta dados recentes do IBGE e da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios, comprovantes que o paradigma da família brasileira está se modificando:

A família está se adaptando às novas circunstâncias, assumindo um papel mais concentrado na qualidade das relações entre as pessoas e no desejo de cada uma. A família constitui-se por múltiplos arranjos, sem a rejeição legal e social que enfrentavam no passado; é menor, nuclear, menos hierarquizada, contempla mais a dignidade profissional da mulher. A redução da taxa de fecundidade tem sido justificada pelo interesse das famílias em maior dedicação aos filhos. Se a família perdeu sua função de unidade econômica, se seus membros são vistos em relação aos outros muito mais em suas dimensões pessoais e em comunhão de afetos, e também em razão dessa mudança de fatos, então não faz sentido que os interesses patrimoniais permaneçam à frente na aplicação do direito da família. (www1.jus.com.br/doutrina/texto).

As histórias do casamento e as teorias do contrato não poderão, com exatidão, explicar as origens das relações que unem um homem a uma mulher. Vários aspectos justificaram, ao longo da história, o contrato do casamento, que esteve alicerçado sobre os mais diferentes interesses: econômicos, familiares, ou românticos. Muitos foram os códigos civis e as legislações que tentaram disciplinar as relações humanas estabelecidas através do pacto matrimonial. O fato é que, pela sorte de aspectos que a relação homem e mulher no casamento implica, ela será (e sempre foi) problemática e polêmica. Os discursos que tentam explicar, justificar, disciplinar essas relações, estão longe de serem finalizados. Ao lado dos discursos “sérios”, aqueles que continuam a disciplinar o casamento, estão os discursos que o abordam humoristicamente, talvez na tentativa tão humana de quebrar a seriedade e a complexidade dos fatos, através de um simulacro da sua não-seriedade.

5. MARIDO E MULHER: UMA RELAÇÃO DE GÊNERO

O uso da categoria gênero é uma maneira de afirmar os componentes históricos e sociais das identidades e das relações baseadas nas diferenças sexuais, em outras palavras, que os significados do masculino e do feminino e as relações entre os sexos possuem historicidade e são socialmente constituídos. (BASSANEZI, 1992, p. 9)

Considerando que a proposta desta tese é a análise dos discursos sobre marido e mulher que permeiam as piadas de casamento num período de quase um século, não podemos ignorar que aquilo que se disse ou se diz nas piadas é resultado de uma história. Mas qual história? Os avanços e transformações da historiografia moderna, originados na crise paradigmática de seus instrumentos de pesquisa, dentre várias contribuições, possibilitaram duas: a de se pensar “outras histórias” e a conseqüente ampliação do saber histórico. As discussões sobre os novos paradigmas das ciências sociais permitiram, no rol das discussões históricas, a inclusão do estudo sobre as mulheres e sobre a categoria gênero; a possibilidade de uma releitura dos paradigmas tradicionais que encerram a história da mulher em um quadro de “verdades” consideradas universais, tais como, por exemplo, “sua inferioridade intelectual em relação aos homens”, “seu dom natural para o amor e para a maternidade”...

Não pretendemos discutir a história da mulher e nem fazer um levantamento exaustivo da ampla produção, no Brasil e em outros países, dos estudos sobre gênero. Hoje, o campo das pesquisas sobre o assunto é bastante amplo e polêmico, e envolve várias perspectivas de análise. No Brasil, já existe uma tradição bastante consolidada de pesquisa na área, dentre as quais se destaca o Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Estadual de Campinas. O Núcleo edita, periodicamente, os Cadernos Pagu, publicação especializada no aprofundamento de estudos do gênero. Outro grupo de pesquisa é o Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero, da Universidade Federal Fluminense, que edita a revista Gênero. Não queremos fazer injustiça a outros grupos de pesquisa, mas as publicações desses dois Núcleos foram importantes fontes de pesquisa para a elaboração deste trabalho. Não pretendemos, ainda, discutir as várias linhas ou tendências teóricas que tratam do assunto, mas buscar, em algumas delas, algum entendimento

para as diferenças que marcam o discurso do masculino e do feminino nas piadas sobre casamento.

Dentre as obras utilizadas como fonte de pesquisa, queremos destacar o trabalho da pesquisadora Carla Beozzo Bassanezi (originalmente, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, junto ao Departamento de História, no ano de 1992), publicado, com algumas modificações, pela Editora Civilização Brasileira, em 1996. O interesse particular pela pesquisa de Bassanezi (1992, 1996) justifica-se porque a autora trabalha, nela, as relações homem-mulher tal como eram entendidas nas revistas femininas que circulavam no Brasil, no período de 1945 a 1964. Destaca-se, em sua pesquisa, a revista feminina *Jornal das Moças* que, coincidentemente, constituiu-se a principal fonte da qual foram retiradas as piadas mais antigas analisadas em nosso trabalho.

Bassanezi (1996), partindo da consideração de que as relações homem-mulher fazem parte das relações de gênero (as representações sociais, culturais e históricas do masculino e do feminino moldadas para o ser homem e o ser mulher), procura resgatar, nos discursos das revistas femininas, as regras de comportamento, significados e a multiplicidade dos papéis socialmente construídos que definem e moldam as representações e diferenças entre o masculino e o feminino. Sob esta perspectiva, seu trabalho enfoca uma série de tópicos que tratam da relação homem/mulher sob vários aspectos: namoro, noivado, casamento, poderes, trabalho feminino, relacionamento entre pais e filhos etc... Estes tópicos consistiram fontes fundamentais para nossa pesquisa, pois ali encontramos grande quantidade de referências sobre os discursos que nortearam e disciplinaram essas relações. Utilizamos, quase abusivamente, algumas referências feitas pela autora, pois que serviram de embasamento para as discussões, por nós propostas, sobre o discurso humorístico das piadas mais antigas. Que diziam os discursos “sérios” (os conselhos) das revistas femininas e qual a contrapartida dos discursos “não-sérios” veiculados sob a forma de piadas nas mesmas revistas ?

A análise feita por Bassanezi busca mostrar que representações tidas como aparentemente naturais e fixas, na diferenciação dos sexos, são percebidas, “na categoria de gênero, como situações e concepções produzidas, reproduzidas e transformadas ao longo do tempo, nos diversos contextos sociais” (1992, p. 9). Dessa forma, a autora critica as teorias que colocam as origens da opressão feminina na necessidade masculina de controle da sexualidade das mulheres (as teorias do patriarcado), ou àquelas que colocam a origem dessa opressão no capitalismo

(utilizada como forma de controle da força de trabalho feminina e na divisão sexual do trabalho), ou ainda, na manutenção de um exército reserva de mão-de-obra (teorias marxistas). Para Bassanezi, as teorias não avançam muito na explicação histórica das diversidades das formas de opressão sexual, dos jogos de poder, e das representações do masculino e do feminino nos diferentes contextos e culturas. Para a autora,

[...] as desigualdades entre homens e mulheres, as expressões da sexualidade, a maternidade, os relacionamentos familiares, as práticas de sociabilidade, as relações de trabalho, as manifestações subjetivas, os jogos de poder etc, são concebidos e representados de maneiras diferentes configurando relações de gênero distintas em vários espaços e momentos históricos.

Os meios de comunicação, no caso revistas femininas, fazem parte dos diversos espaços possíveis onde o gênero é reproduzido/construído (e até contestado). Estes espaços incluem também a família (ou o privado), a escola, a igreja, o Estado e outras instituições, assim como o mercado e os locais de trabalho, a política, as escolhas individuais etc. [...]

As referências ao gênero - a conceitos de masculino e feminino - estabelecem, legitimam ou contestam os limites da distribuição diferencial de poder na ordem social. As representações da diferença sexual possuem historicidade, mas aparecem como fixas porque fazem alusão ao natural, ao biológico. P. 11

Sob essa perspectiva, entendemos que a compreensão das questões sobre a categoria gênero é fundamental para a análise do discurso humorístico das piadas sobre casamento. Um texto humorístico, na medida em que veicula preconceitos e estereótipos (ideologias) na relação marido-esposa, reproduz as diferenças históricas que, em cada época, marcam os significados desses sujeitos, atores históricos, suas relações e a distribuição de seus poderes na ordem social. Bassanezi observa que “muitas vezes, diante dos desafios, os discursos dominantes se transformam na aparência para que as mesmas relações hierárquicas de poder dos gêneros possam ser mantidas e reproduzidas apesar das mudanças sociais” (p. 14). Acreditamos que os discursos humorísticos das piadas de casamento representam bem as relações hierárquicas de poder que estão no centro das relações entre homens e mulheres, como por exemplo, quem manda em quem?

Ser ou não ser...

- *Vamos passear?*

- *Tenho de pedir licença à minha mulher*

- *Mas você é um homem ou um rato?*

- *Um homem; se fosse um rato minha esposa teria medo de mim. (JM - 15/11/1955)*

Revolta...

O marido: - Até agora foste tu quem sempre mandou; fiques sabendo de que hoje em diante...

A esposa: - Que é que estás dizendo?

O marido: - ...de hoje em diante, serei eu quem obedecerá. (JM - 03/06/54)

Não restam dúvidas de que, dentre as relações homem/mulher, sociais ou privadas, o casamento, que os transforma em novos sujeitos sociais, adquire significativa importância e, na mesma proporção, inúmeros problemas. Historicamente, homens e mulheres, nas sociedades onde o casamento aparece como forma institucionalizada de união, estiveram, inexoravelmente, predestinados à união matrimonial, como forma ideal para a constituição da “família” ou a preservação da espécie. Se “inexorável” pode parecer um termo forte, lembramos que, aos que não se casam, em uma sociedade como a nossa, cabe o estigma de “solteirões” e “solteironas”, termos que, geralmente, não significam, apenas, “alguém que não é casado”. Esta imposição/obrigação social do casamento não poderia deixar de ser polêmica, e ela encontra, no discurso humorístico, um dos seus mais poderosos meios de crítica/contestação, em alguns momentos, ou de conservação/manutenção de valores, em outros.

A definição histórico-social de parâmetros de escolhas possíveis nas relações homens/mulheres, também no casamento, não elimina, e isto nos parece importante, o dialogismo entre discursos de construção, reprodução ou contestação dos valores socialmente estabelecidos. Os exemplos abaixo nos parecem ilustrativos do que afirmamos, pois, se há um discurso que confirma a necessidade de o casamento ter como base uma relação de amor, não é este o discurso que aparece nas piadas: homens e mulheres casam por interesse:

Oh! O amor...

A noiva: - Ele é baixo, gordo, careca e tem um milhão de contos.

As amigas (em coro): - Oh! Luiza, que sorte a tua! (JM - 13/8/1942)

Debacle...

O marido: - Ai, meu Deus! Eu estou completamente arruinado!

A esposa: - Mas não te desespere, querido. Eu farei de conta, de hoje em diante, que me casei por amor. (JM - 27/02/1941)

Pedido...

- Eu preciso do seu consentimento para casar-me com sua filha.

- Vamos lá rapaz! Fale com toda franqueza de quanto “precisa” você? (JM - 01/01/1942)

Se no casamento as relações entre marido e mulher devem ser cordiais e gentis, as piadas dizem o contrário:

Maneiras de ver...

- *Notei que te agrada a delicadeza com que Paulo te trata. Por que não te casas com ele?*

- *Por isso, porque me agrada a delicadeza com que me trata. (JM – 19/02/53)*

As piadas de casamento reforçam discursos enraizados, conceitos e preconceitos, tal como o discurso que diz que o (1) "lugar da mulher é na cozinha", e não importam outras virtudes que eventualmente ela possa ter ou lugares que possa ocupar, assim como revela preconceito, o discurso que avalia a mulher pela quantidade de maquiagem que ela usa:

(1) *Referências...*

A dama: - Eu não digo porque ela seja minha filha, mas Zizinha é uma jovem muito prendada: desenha, toca piano, fala quatro línguas, monta a cavalo.

O cavalheiro: - Se eu soubesse cozinhar me casaria com ela. (JM – 22/10/1942)

(2) *Conselho de pai...*

- *Meu filho, tu deves casar-te com Juraci. Ela é um anjo.*

- *Sim papai, mas pinta-se demasiado.*

- *E tu já viste, por acaso, algum anjo que não seja pintado? (JM - 26/12/40)*

5.1 Gênero: as relações de poder e dominação

Bassanezi (1992) observa que, nas relações sociais entre os sexos, há uma hierarquia que privilegia a relação de dominação do masculino sobre o feminino, e que "os significados de gênero nas formas encontradas, conferem aos homens o direito de controle e dominação sobre as mulheres" (p.15). Esse direito, na cultura dominante, é entendido, muitas vezes, como a única forma possível, pois que estaria justificado em diferenças "naturais" entre os sexos.

A relação de dominação que encobre conflitos e contradições e legitimam desigualdades, frequentemente respaldada pelas leis, pela moral vigente, pelos costumes, pode se impor de várias formas: sem conflitos, quando o poder masculino se mostra muito superior ao feminino ou

sob a forma de “compensações” que atenuam a exclusão do feminino no controle de certos poderes. Pode, ainda, se definir pela disputa por espaços ocupados por homens e mulheres, na política, no trabalho, na organização do espaço doméstico, na criação dos filhos etc. As relações de poder entre homens e mulheres são dinâmicas, embora apareçam como estáticas, pois os papéis sociais já são estabelecidos, os preconceitos já estão arraigados, e as funções e espaços do homem e da mulher, pré-definidos. Para Bassanezi, essa aparente estaticidade contribui para a manutenção das desigualdades, pois as “diferenças” dos papéis sociais entre homem e mulher são entendidas como normais, próprias à natureza de cada sexo: o homem é mais forte, a mulher é mais fraca; homem não chora, mulher chora, o homem é mais corajoso ... etc.

O que nos parece importante diante dessas observações é que as piadas que tratam das relações homem-mulher no casamento refletem, de maneira exemplar, os aspectos dinâmicos dessas relações e, nelas, o casamento surge como a arena ideal da luta pelo poder que é travada entre os sexos. Lembramos de uma frase “pichada” em um muro: *O casamento é a única guerra onde os dois inimigos dormem lado a lado*. Outro aspecto que também achamos importante é o fato de que as piadas, ao mesmo tempo em que contribuem para a reprodução de valores estabelecidos (preconceitos, mentalidade, estereótipos), podem funcionar, ainda, como pontos de resistência, tanto para as relações de poder e dominação, ou como crítica a valores arraigados (a felicidade eterna no casamento, a autoridade do marido etc.).

As relações de poder entre o masculino e feminino, nas piadas, estão representadas, algumas vezes, na imagem pouco favorável às mulheres, freqüentemente tratadas de forma pejorativa e depreciativa, o que, de alguma forma, enfatiza a “superioridade” e a “racionalidade” masculina diante da “inferioridade” e “falta de inteligência” feminina. A mulher, em algumas piadas, beira a estupidez e a incompetência: (1) a esposa não reconhece o valor de uma coleção de selos, (2) a esposa não sabe dirigir

Filatelia...

- A esposa: *Eu não sei para que serve a tua coleção de selos.*
- O esposo: *Por quê?*
- A esposa: *Eu ontem fique louca, procurando um selo de quatrocentos réis para uma carta, e não houve jeito de encontrá-lo. (JM - 11/12/1941)*

Experiência...

(figura mostrando a mulher do capitão entrando num tanque de guerra, para dirigi-lo)

- Esta é a última experiência que se faz com o Tanque. Se a mulher do capitão não conseguir arreventá-lo ele está à prova de qualquer canhão. (JM-8/10/1942)

Mas, as piadas, contrariamente, podem funcionar como uma crítica à idéia da supremacia do poder masculino. Em algumas piadas, os maridos não mandam, são dominados/domesticados pelas esposas, não são homens corajosos...

Tempos modernos...

O marido (lavando pratos na cozinha): - Tu pretendes voltar a que horas?

A esposa (pronta para sair): - Quando eu tiver vontade.

O marido: - Mas que não passes um minuto, ouviste? (JM - 20/11/194)

Domadora...

O marido: - Tu nunca hás de conseguir que esse cachorro te obedeça.

A esposa: - Que tolice! É só uma questão de paciência. Eu também encontrei contigo muita dificuldade, a princípio. (JM - 12/09/1940).

De madrugada...

A esposa: - Eu creio que há ladrões dentro de casa, Antônio. Estás acordado?

O marido: - Não. (JM - 24/12/1942)

No final de sua obra, sobre a forma de apêndice, Bassanezi (1996) dedica alguns comentários sobre as piadas veiculadas pelo Jornal das Moças. Ao observar que as relações homem-mulher aparecem como um dos temas mais freqüentes das piadas, destaca que uma certa ambigüidade as caracteriza: se por um lado funcionam como estereótipos que reproduzem, reforçam, idéias preconcebidas sobre essas relações, por outro lado, como instrumentos de crítica, podem, em alguns momentos, estar contribuindo para a reversão de tais idéias:

No que diz respeito às relações de gênero, estas piadas contribuem na reprodução das normas estabelecidas, por exemplo, reforçando preconceitos contra a capacidade das mulheres para determinadas atividades ou raciocínios lógicos, ridicularizando a inversão de papéis e de autoridade na família, maliciando determinadas profissões femininas etc. O cômico pode atuar como forma de controle, aprovação ou desaprovação de determinadas atitudes ou situações. Sendo assim, estas piadas reforçam a ordem e mantêm a hierarquia dominante que atribui, ao masculino, superioridade com relação ao feminino. Por outro lado,

algumas das piadas podem funcionar como crítica como valores sociais tais como a felicidade no casamento, a autoridade paterna, o consumismo, a manutenção das aparências a qualquer custo, o romantismo etc. E, além disso, podem expressar uma visão alternativa, uma crítica aos hábitos sociais, mostrando possibilidades e ampliando opções de comportamento em situações tais como mulheres ousadas, namoradeiras, casamentos por interesse, esposas com poder sobre homens submissos, relações extraconjugais. (p. 450-451)

Nesse sentido, a autora destaca três funções das piadas:

a) Reforço à ordem e manutenção da hierarquia. Diz-se que uma boa esposa deve saber cozinhar para agradar ao marido. Mas, na piada abaixo, temos a informação de que a esposa, datilógrafa, acabou de queimar os bifés. Provavelmente, a razão para que ela não saiba cozinhar justifica-se pela escolha de outra profissão que não a que lhe é “de direito”, ou seja, ser apenas dona de casa e cumprir bem os seus deveres, dentro os quais, saber cozinhar.

Recém-casados...

(Figura – A esposa jogando o bife queimado no lixo)

A datilógrafa: - Querido, vai comprar depressa outro quilo de carne para bife antes que eu faça uma asneira. (JM – 11/03/1943)

b) Mudança de valores. Será que o lugar das mulheres é mesmo na cozinha? Em algumas piadas elas parecem não querer permanecer lá:

O atraso do almoço...

O marido: - Mas então o almoço não está pronto!?. Eu vou ao restaurante!

A esposa: - Espera ao menos quinze minutos.

O marido: - O almoço ainda não estará pronto.

A esposa: - Mas eu estarei vestida para ir contigo. (JM – 12/02/1942)

c) Crítica aos valores sociais. Embora se afirme que a fórmula para um casamento perfeito é a manutenção de um clima de felicidade e harmonia entre o casal, as piadas mostram que realidade pode ser outra coisa:

Exemplos paternos...

A irmãzinha: - Olhe, Jorginho, já estou cansada de brincar de papai e mamãe. Vamos fazer as pazes, antes de acabar a brincadeira. (JM – 09/05/1957)

5.2 Os textos “sérios”: o que aconselhavam as revistas femininas

Chamamos de “sérios” os textos publicados em algumas revistas femininas do passado que tinham como objetivo “dar conselhos” às senhoritas, antes do casamento, e às senhoras, depois de casadas. Destacamos, nesse capítulo, alguns textos analisados em Bassanezi (1992, 1996), referentes ao periódico mensal feminino, *Jornal das Moças*. Já justificamos nosso interesse em Bassanezi pelo fato de termos retirado, do mesmo *Jornal*, grande parte de antigas piadas de casamento que analisamos neste trabalho. Pretendemos, assim, fazer um confronto entre os “textos sérios”, artigos, contos etc., publicados na revista, e os “textos não-sérios”, as piadas ali publicadas. Bassanezi (1992) observa que o discurso que se repete nas revistas femininas do passado funciona como um mecanismo de normatização e disciplinarização, já que reforçam e reproduzem padrões sociais ideais para as mulheres. Cremos ser possível simplificar esses padrões: o destino das mulheres será, principalmente, através do casamento, ser *dona de casa, esposa e mãe*. Pelo casamento a mulher torna-se respeitável, pois constitui a base da estrutura familiar.

O *Jornal das Moças* (JM), revista dedicada ao público feminino, foi editada no Rio de Janeiro, em 1914. Voltada para as classes média e alta a revista torna-se muito popular e traz várias sessões de interesse feminino: bordados, figurinos de moda, conselhos de beleza, regras de etiqueta, culinária, entrevistas, fofocas, lições de inglês, francês, italiano, espanhol, além de notícias sobre a sociedade brasileira, a vida de artistas do rádio e do cinema etc... A revista tem como proposta ensinar tudo o que uma “boa moça”, futura dona de casa, esposa e mãe de família devia e podia saber. De influência norte-americana, a revista se propõe a não descuidar da “moral” e dos “bons costumes”. Seu objetivo é ensinar com seriedade e “sem exageros”, isto é, orientar com discrição mães e filhas, evitando, assim, “comentários maldosos” sobre seus artigos ou a irritação dos maridos que pudessem entender que, de alguma forma, a revista estaria contribuindo para o desequilíbrio das finanças domésticas ou reforçando as “futilidades femininas”. Embora trate da vida “glamourosa” dos artistas hollywoodianos, a revista o faz com muitos cuidados. Nenhum fato que os desabone é revelado, mas apenas aqueles que servem de bons exemplos para suas leitoras: as artistas, de modo geral, embora profissionalmente famosas, são apresentadas como portadoras dos ideais de donas de casa e mães de família, ideais diante dos quais “não hesitariam em largar sua profissão e sucesso”. Textos de cultura geral (religião,

moral, lendas, sonhos, contos, arte culinária, música...) também fazem parte da revista e objetivam contribuir com os conhecimentos necessários para que as mulheres “cumpram bem os seus papéis”. Constituem, ainda, assunto do *Jornal*, notas sociais, chás beneficentes, bailes, festas. De política fala-se muito pouco, mas um tom ufanista perpassa as referências sobre a pátria, particularmente nas edições publicadas durante o período da Segunda Guerra Mundial.

Colocando-se como líder das revistas femininas da época e representante da mulher no lar e na sociedade, a revista apresenta-se como uma batalhadora na contribuição da organização e manutenção de lares felizes, arauto de resistência às ondas “imoralidade” que põem em perigo os bons costumes, tendo sempre, como base, a moral católica religiosa.

Ao lado dos textos sérios, a revista traz uma seção permanente de piadas, denominada “Rir é o melhor Remédio”. Bassanezi (1992) faz uma rápida referência às piadas no apêndice de sua obra. Sem aprofundar o assunto, reconhece nelas uma excelente fonte de pesquisa, pois que revelam estereótipos e algo do “espírito” da época: as tensões, ressentimentos de homens e mulheres que os artigos e contos da revista, eventualmente podem ocultar. Para Bassanezi, “as piadas [...] algumas vezes reforçam as relações sociais vigentes, podendo atuar como uma forma de controle, aprovação ou desaprovação de determinadas atitudes ou situações” e em outros momentos, “podem servir como a expressão de uma visão alternativa, uma crítica aos hábitos e normas sociais”. (p. 29).

No Brasil, embora o período entre 1945 e 1964 seja marcado por importantes mudanças nos valores e práticas sociais decorrentes do clima de otimismo que caracteriza o período pós-guerra, e o aceleramento do processo de urbanização e industrialização que faz crescer a participação feminina no mercado de trabalho e, ainda, um expressivo aumento no nível de escolaridade da população, particularmente da feminina, não são abandonadas as concepções arraigadas de que o principal papel das mulheres é a dedicação exclusiva ao lar, ao marido e aos filhos. O trabalho feminino ainda é visto sob a lente dos preconceitos e, quando ele acontece, é considerado como “subsidiário” ao trabalho do marido, que é o chefe de família e principal responsável pelo seu sustento. Nesse período, mesmo com as sensíveis modificações nas regras e nas práticas sociais, ainda prevalecem os aspectos tradicionais das relações de gênero, tais como: as divisões rígidas de papéis sociais, a autoridade máxima do pai-chefe-da-casa, a valorização da virgindade feminina, a dupla moral sexual etc. Os padrões tradicionais de casamento permanecem e a família conjugal é o modelo dominante. Casar, ter filhos, dedicar-se a sua

educação e às tarefas de dona de casa são os ideais últimos a que uma “boa moça de família” deve/pode almejar. A Igreja, uma das mais conservadoras instituições, reforça a luta contra os modernismos (prega a submissão da esposa ao marido, faz crítica ao trabalho feminino fora do lar, defende a indissolubilidade do casamento e as virtudes da maternidade).

Não se pode pensar, todavia, que a definição desses papéis sociais não se fez sem resistências, ora mais, ora menos intensas. Não serão os traços de rebeldia feminina, explorados pelas piadas, mecanismos para se colocar em xeque a hierarquia de poderes estabelecida? Nas piadas, as esposas não cumprem bem o seu papel de esposa e dona de casa: elas não são obedientes, cozinham mal, são mandonas, falam demais... Vítimas ou heroínas rebeldes? Constituem, as piadas, críticas ao comportamento feminino ou refletiriam uma tendência, no comportamento feminino, de rebeldia contra a ordem estabelecida? Cremos que a questão não é saber se a piadas revelam uma coisa ou outra, mas certamente elas revelam uma relação que, por uma razão ou outra, é de conflitos. As piadas, como dissemos, giram em torno de questões sociais mal resolvidas: sexo, raça, casamento...

Nas piadas de casamento, o discurso sobre o ideal da mulher “rainha do lar”, rica de “prendas domésticas”, é sobreposto pelo discurso da “megera” e “péssima dona de casa”. A esposa, na piada seguinte, é um “mal” que ninguém merece:

Rusga...

A esposa: - Tu querias, naturalmente, que eu me casasse com outro, não é?

O marido: - Deus me livre! Eu não desejo o mal de ninguém. (JM – 27/11/1941)

5.3 Relações de gênero antes do casamento

“Em geral toda mulher deseja casar-se. É raro aquela que, por temperamento, não nutre esse ideal. Desde pequena já manifesta tendências para dona de casa e, quando mocinha, passa a sonhar com o príncipe encantado(...). (Cr 03.09.1955, apud BASSANEZI, 1992, p. 75)

Como já dissemos, na leitura de Bassanezi (1992, 1996) encontramos um vasto material que documenta a história das relações homem-mulher compreendida entre o período de 1945 a

1964. Justificamos a sua importância para a nossa tese, pois tratamos também da análise de piadas veiculadas, mais ou menos nesse período, no magazine feminino *Jornal das Moças*.

Na reflexão que faz sobre a situação das mulheres em relação ao casamento, seja antes dele (senhoritas) ou depois deles (senhoras), Bassanezi (1992) observa que um dos temas recorrentes nas revistas femininas, do período analisado, é a idéia de que a aptidão para o casamento é um traço próprio da “natureza feminina”. É natural que as mulheres queiram casar, ter filhos, assim como é natural que os homens, mais fortes, se tornem os defensores da família. Textos da época alertam para as “diferenças naturais” que as crianças já manifestam desde a infância, como por exemplo, na escolha dos brinquedos: “meninos gostam de carrinhos e meninas gostam de bonecas”. Esses valores, e muitos outros, funcionam como reprodução da mentalidade vigente, presente na Família, a Igreja e na Escola. A ênfase aos papéis femininos e masculinos estabelece os limites entre a masculinidade e a feminilidade: “Criança que chora é criança. Homem que chora é mulher. Mulher que não chora é homem” (*Jornal das Moças*, 30.08.45, apud BASSANEZI, 1996, p. 57).

Que conselhos as revistas femininas do passado davam às moças? Como deveriam se comportar para conquistar um “bom partido” e realizar um “bom casamento”?

O **casamento** é o “caminho correto”, para a realização dos ideais femininos, e para ele as moças são educadas. Quaisquer outras pretensões, tais como, estudo, trabalho etc., não podem “atrapalhar” o papel para o qual a mulher está destinada – o de ser esposa e mãe.

No período que antecede a “preparação para o casamento”, destaca-se o papel das mães. Verdadeiras guardiãs da moral, dos bons costumes, as mães devem estar sempre à frente da educação das filhas, atentas para que elas não se desviem dos padrões morais vigentes. Isto significa preservar as filhas dos maus costumes, das más companhias, dos perigos da realidade, das más influências do cinema, da literatura e dos perigos do próprio casamento. Imaginamos se essa figura de mãe guardiã não teria contribuído para o aparecimento dos discursos tão depreciativos que fazem referência às sogras. Primeiramente, a educação da filha solteira é de total responsabilidade da mãe. Depois de casada, passa para a tutela do marido. Pode ocorrer, nesta passagem, um conflito de “poder” entre a mãe (agora sogra) e genro? Ressentem-se os homens dessa figura de mãe que ainda pode influenciar suas filhas, mesmo depois de casadas e que colocam em risco o “poder” do marido? Observamos que as sogras dos maridos (e não as das esposas, ou então os sogros de ambos os lados) são as mais comumente “atacadas” nas piadas:

Alternativa...

A mãe: - Se o Alberto pedir tua mão, dize-lhe que venha falar comigo.

A filha: - E se ele não pedi-la?

A mãe: - Dize-lhe que então eu falarei com ele. (JM - 05/12/1940)

Temor...

- Disseram-me que vais te casar.

- É verdade, mas estou com muito medo do passo que vou dar.

- Por quê? Tu não dizes que tua noiva é uma pérola?

- Isso é exato, mas o que eu temo é a madre pérola. (JM - 23/06/1945)

Com um excelente trocadilho (pérola/madrepérola) a piada acima destaca o conflito da relação genro e sogra.

As revistas cobram atenção e vigilância especiais para com as moças. Os maus hábitos, os novos costumes, a má influência do cinema, tudo que pode desviar as moças do bom caminho deve ser evitado. As histórias e contos, nelas veiculados, procuram reforçar os bons exemplos. As heroínas são, quase sempre, caracterizadas por moças ingênuas e puras, susceptíveis de se deslumbrarem e corromperem pelos “maus exemplos”. Se bem educadas, saberão como afastá-las. Mas, para aquelas que agem de maneira inconseqüente e impensada, o castigo, fatalmente, será a condenação social: cairão no ridículo ou ficarão sujeitas à maledicência, pois a sociedade não deixa impunes os comportamentos condenáveis. O castigo maior poderá ser, todavia, não encontrar pretendentes que queiram casar-se com elas.. A maior recompensa e o final feliz para uma “boa moça de família” é o casamento, através do qual ela pode tornar-se uma esposa exemplar e extremosa mãe de família.

Que sentimentos tudo isso poderá deixar na imaginação de nossas jovens adolescentes? Como impedir que estes ensinamentos cheguem até elas? Impossível: o mal está em todas as partes. Somente as mães podem lutar, ainda que com armas desiguais. [...] Torna-se necessário fazer compreender às jovens de hoje que a sociedade não deixa impunes as aparências condenáveis, ainda que sejam somente aparências. Que as mocinhas que procedem incorretamente têm muitos admiradores, porém, que todos eles se sentem temerosos ante a idéia de convertê-las em suas esposas, pois o casamento é para a vida toda, e nenhum homem deseja que a mãe de seus filhos seja apontada como uma dodivana” (Roberto M. Torres – *Bom dia senhorita*, JM 07/07/55, apud BASSANEZI, 1992, p. (79).

Uma dupla moral social diferencia as “moças que são para casar” das “garotas de programa”. Bassanezi observa que o código de moralidade vigente busca atender aos interesses

de preservação da “boa família”, uma forma de perpetuar as bases da hierarquia de gênero e das relações sociais estabelecidas. Atitudes como o footing e o flerte são rigorosamente combatidos. A moça que flerta pode ser mal interpretada e ter sua reputação prejudicada.

Geralmente as moças flertam para distrair-se e, com isso, mancham o idioma do amor. Gostam de sentir-se perturbadas e perturbar o coração dos homens; depois vem o cansaço e buscam sempre novos *partenaires*. Estas criaturas não pensam em amor, mas jogam com uma ilusão, um divertimento leve, que encobre uma sensualidade disfarçada. Tenha cuidado, minha amiga, não sirva de assunto pra uma conversa frívola entre rapazes:

- Vais sair com fulana? Ah! Muito bem, ela é bonita e abraça muito bem.
- Ei? Não! É apenas um flerte agradável, isto é tudo. Ela não é uma moça com quem a gente se case. (apud BASSANEZI, 1992, p. 82)

A iniciativa do flerte, por demonstrar uma intenção de conquista, deve partir do homem. Não ficam descartadas, porém, possíveis artimanhas das quais as moças podem se utilizar para “agarrar” um marido:

Indiscrição...

O garoto: - Você é algum peixe?

O futuro cunhado: - Não. Por quê?

O garoto: - Então por que é que a mamãe e a minha irmã costumam dizer que você mordeu o anzol! (JM – 22/10/1942)

As moças são orientadas para evitarem atitudes levianas, para não ficarem mal-faladas e reconhecidas por apelidos pejorativos, comuns na época, tais como “vassourinha”, “maçaneta”. Para casar, os homens se interessam por “moças de família”, recatadas, que se conservam fiéis e “puras”. As piadas seguintes negam as virtudes femininas:

Desconfiança...

(figura: a noiva sentada no colo do patrão)

- Quer falar com o meu noivo, senhor Campos? Ele não acredita que eu tenho de trabalhar até tarde no escritório. (JM – 14/08/1941).

Alarme inútil...

- Seu palerma! Por que tanto ciúme? De todos que eu namoro, só estou comprometida contigo. Não me casarei com outros...(JM -25/02/1943)

A sexualidade e sensualidade femininas precisam se controladas e disciplinadas. Aos homens eram permitidas maiores liberdades. Para Bassanezi, isto faz parte da manutenção da hierarquia de gêneros e justifica a dupla moral sexual que favorece as liberdades de manifestação da sexualidade masculina e restringe as femininas. Assim é que as revistas femininas preocupam-se em passar para suas jovens leitoras os parâmetros entre “certo” e “errado”. Quaisquer atitudes que dêem margem a críticas ou difamações podem acabar com as chances de casamento. Nesse sentido, uma série de recomendações é passada às moças. Devem evitar críticas, difamações ou comportamentos que manchem sua imagem de pureza e recato; devem evitar ficarem sozinhas diante da presença masculina (uma pessoa da família ficará “segurando vela”); fugir das futilidades ou dos *flertes* sem conseqüências etc. Até nas pequenas lides domésticas as moças são preparadas para, depois de casadas, desempenharem bem o seu papel: esposa dedicada aos desejos do marido, mãe cuidadosa e dona de casa exemplar. Assim, as mocinhas são aconselhadas a serem prestativas, a auxiliarem a mãe nos trabalhos domésticos e a cuidar dos irmãos menores. Tudo feito sem quaisquer demonstrações de raiva e contrariedade, sem gritos ou “choros” desnecessários. Um treinamento para, no futuro, ser uma pacata e calma dona de casa.

O **namoro** adquire fundamental importância, pois é uma fase de sondagem, adaptação e avaliação das perspectivas de um futuro casamento. Ele é, acima de tudo, um compromisso muito sério, pois leva ao noivado e ao casamento. Embora as revistas femininas, de maneira geral, silenciem sobre questões de sexualidade, as moças são alertadas para os perigos das “intimidades silenciosas e familiaridades excessivas”.

Fase preliminar, preparatória ao casamento, o namoro é considerado o período fundamental da relação entre o casal. Por isso, é regido por normas e padrões de comportamento, sempre objetivando a garantia da instituição do matrimônio conforme o modelo dominante de família. Durante essa fase cabe à moça e ao rapaz provarem certas virtudes: discreta, pura, recatada, fiel, prendada, para a moça e, honesto, responsável, trabalhador e respeitador, para o moço. O namoro pelo namoro é impensável; ele deve ser encarado com responsabilidade, pois é a etapa preparatória para o noivado e o casamento.

Dúvida...

- *Não sei se brigo com ele ou agradeço o elogio.*
- *Que disse ele?*
- *Que eu era o tipo ideal para um passeio no seu conversível.* (JM – 03/02/1955).

Solteirão...

- *Eu só me casarei com mulher inteligente, bonita, discreta, elegante...*
- *Você quer é um harém.* (JM - 24/04/1958)

De maneira geral as moças são aconselhadas a escolherem, como namorados, rapazes estudiosos, responsáveis, com emprego fixo, capazes de responsabilizar-se pelo sustento do lar. Vários conselhos são passados às moças que namoram: não tomar às pressas um sentimento tão sério como o amor; não fazer promessas que não irão cumprir a seus admiradores; não fazer demonstrações de carinho em lugares públicos; não aceitar ou oferecer presentes a um rapaz, a menos que haja um compromisso; não usar maquiagem excessiva ou com tonalidades audaciosas, para não ser confundida com uma moça de baixo nível; vestir-se com discrição, não desagradar o namorado para que possa conservá-lo...

Os contos e narrativas das revistas femininas da época mostram que as boas moças, as que agem de acordo com os padrões morais vigentes, são “premiadas” com um bom casamento, e as outras, rebeldes, doidivanas, mimadas demais, temperamentais, prepotentes etc., terminam por estragar suas vidas (e a dos outros) e no final recebem uma lição ou castigo. O final das histórias para essas moças nunca é feliz: são abandonadas pelos pretendentes.

Certamente, **os pais** terão grande influência no namoro e noivado dos filhos. *Jornal das Moças* reserva uma seção especial (“Evangelho das Mães”) para aconselhar às mães, responsáveis diretas pela educação dos filhos, como vigiar, vetar as relações de namoro ou noivado. Os pais não só têm o direito, mas o dever de preocupar-se com o namoro dos filhos, e de utilizarem seu poder de influência e autoridade em nome da felicidade destes. Se o casamento não der certo, os pais são responsabilizados, pois que não orientaram direito. Os jovens são criticados quando buscam, através de casamentos apressados, sua independência. As mães são severamente criticadas se não souberem educar suas filhas.

Atrelado a essa relação inicial, deve estar o sentimento amoroso. O **amor** que deve atingir homens e mulheres, embora seja entendido como um sentimento natural da mulher:

Desde que a menina começa fazer-se mulher até que a mulher entre nos umbrais da senectude, o amor é motivo central único em torno do qual giram todos os seus sentimentos. Por isso se diz que Deus fez as mulheres exclusivamente para o amor.

Nos passeios, nos teatros, nos bailes, nos escritórios, nas fábricas, nas tarefas domésticas, a mulher vive sua vida sem abandonar um só momento o assunto do amor [...] É algo consubstancial à ela mesma, algo que nasceu com ela e com ela

morrerá [...] (TORRES, R.M., *Bom dia Senhorita*, JM 20.12.55, apud BASSANEZI, 1992, p. 90)

O artigo parece sugerir que na cabeça das mulheres não há nada mais sério a ser pensado: há uma certa incapacidade feminina em pensar algo que não seja o amor. Além disso, ao afirmar que o amor acompanha a mulher até que ela “*entre nos umbrais da senectude*”, o artigo sugere que o amor não é um sentimento que pode fazer parte da vida de mulheres mais velhas.

O sentimento do amor atrela-se ao ideal do “casamento por amor” e não se confunde com a **paixão**. Casamento e paixão constituem uma combinação disfórica. A paixão, entendida como um sentimento negativo, não pode ser concebida entre um casal sério, entre marido e mulher ou entre noivos. A paixão implica em uma união *irracional*, alimentada pela imaginação e fantasia, “realidade de pessoas infantis e ignorantes”. O amor é concebido como um sentimento apoiado nas sensações de espírito, em valores seguros e não em sensações físicas. O casamento só pode acontecer quando há amor, única forma possível de realização plena entre homem e mulher. Amor e paixão formam uma combinação impossível, pois são entendidos como sentimentos semanticamente contraditórios, marcados pela oposição entre “certo” e “errado”, lucidez e loucura, juízo e exaltação. Parâmetros da ordem moral separam os sentimentos legítimos (amor) dos ilegítimos (paixão).

[...] (o amor) verdadeiro é aquele que se enquadra em nosso juízo e razão (...). Paixão é a exaltação, efervescência do juízo [...]. O amor-sem-necessidade-de-ser-apaixonado tem em si mesmo a virtude substancial que o faz ponderável e heróico até à santidade e ao sacrifício.

[assim é o amor das mães e esposos – transformando-se de amor-idílico em amizade à medida que a velhice avança].

O amor-apaixonado é um jogo artificioso; um fogo-fátuo fugaz e exaltado. Nasce do exacerbamento instantâneo de um capricho [...].

[a paixão provoca ações insensatas como a de moças que se apaixonam por aventureiros].

As resoluções extremas, os disparates que se cometem em nome do amor [...] estão longe de ser conseqüências do amor. O amor jamais causa danos [...] – (TORRES, R. M., *Bom dia senhorita*, JM 21.10.1953, apud BASSANEZI, 1992, p. 93)

A mulher é considerada superior ao homem, pois tem “maior capacidade de amar”, de doar-se, de sacrificar-se, de ser fiel...etc. Os deveres de esposa e mãe devem estar acima de quaisquer sentimentos românticos. Bassanezi observa que faz parte da construção social dos

gêneros esse discurso que submete a mulher a uma moral diferente daquela que rege o comportamento masculino: da mulher são “naturais” os sacrifícios e a fidelidade, já que mais forte. Do homem, implicitamente “mais fraco e inferior”, ficam justificadas e legitimadas as infidelidades e irresponsabilidades.

Porém, se o amor é necessário, ele não basta ao casamento, alerta o *Jornal das Moças*. Se o amor é importante para a união conjugal, não são menos importantes as compatibilidades e afinidades entre o casal, *além de uma sólida base financeira*.

[...] como sempre, o jovem renuncia ao seu senso comum quando discute com o sentimento.

- O amor é suficiente, dizem. Eis aí o grito eterno do coração, mas a vida de cada dia se incumbe de mostrar que só o amor não basta para a estabilidade de um casamento. Isso porque o amor não sustenta ninguém e precisa de uma base financeira adequada para se sustentar [...].

Um casamento sem amor é cinza e pó, mas o casamento que só tem amor é um globo belíssimo, colorido, que arrebenta em nossas mãos tal como se fosse uma bola de borracha.

Não basta o marido e a mulher se amarem.[...]

Quando termina a lua-de-mel e começam as feias e severas realidades da vida, quando cessam os arrulhos e começam as discussões por causa do dinheiro, o casamento então se converte numa pesada cadeia de obrigações. As emoções não perduram. Nenhum casal pode continuar pensando romanticamente durante 30 ou 40 anos seguidos. (Glyeia Galvão – *Bazar Feminino*, JM 07.04.55, apud BASSANEZI, 1992, p. 95)

Encontramos neste texto algumas ambigüidades que são polêmicas no discurso sobre o casamento. Deve-se casar por amor, mas não só por amor. Não se deve casar por dinheiro, mas o casamento sem dinheiro está fadado ao fracasso. O texto estabelece dois momentos do casamento: o da felicidade, por isso mesmo chamado de “lua de mel” e outro, de prováveis infelicidades, quando termina a lua de mel e o casamento se converte numa “feia e severa” realidade, palco de “discussões”, transformando-se numa “pesada cadeia de obrigações”. Certamente, o texto fornecesse uma visão nada bonita sobre o casamento. Acreditamos que as piadas não deixam passar impunes discursos tão contraditórios e polêmicos:

Telefonema...

- *Querida, ganhei 2 milhões na loteria. Queres casar comigo?*

- *Claro que sim...Alô...Alô... quem está falando?* (JM – 15/12/1955)

Decepção...

O noivo: Escuta, minha filha: eu não vou casar-me contigo por nenhum interesse. O dinheiro não dá felicidade.

A noiva: - Ah! Então vamos ser muito felizes. Ainda ontem penhoramos tudo que papai tinha. (JM – 13/5/1943)

Para Bassanezi, a relativização da importância do amor romântico, e as críticas às grandes paixões, surgem como uma maneira de se manter a ordem estabelecida:

[...] uma forma de ordenar os sentimentos para que se mantenham as relações sociais estabelecidas: ridicularizam-se sentimentalismos (normalmente atribuídos ao feminino) e ilegitimam-se desejos que podem subverter as instituições do matrimônio e da família constituída; garante-se a força dos discursos moralistas; evitam-se ameaças às desigualdades econômicas e culturais de classe (que poderiam ocorrer, por exemplo, com relações afetivas entre indivíduos de grupos sociais distintos ou com a contestação do modelo dominante de família burguesa); resguarda-se a reprodução dos padrões familiares conservadores com suas desigualdades de gênero intocadas. (p.83)

As revistas femininas, embora alimentem nas jovens o ideal do amor romântico, alertam para os perigos dos casamentos feitos com base neste sentimento. O homem (o príncipe encantado) é capaz de dar “toda felicidade do mundo” à mulher, mas isto requer uma série de “sacrifícios que só a mulher sabe fazer”. Para isto, ela deve pôr “o pé no chão”, livrar-se das idealizações românticas e exercer bem suas obrigações de esposa e mãe, estar acima de decepções, ciúmes, paixões proibidas ou caprichos. Nos discursos das piadas a história é outra: as noivas ou esposas são ciumentas; briguentas, cheias de caprichos....

Férias...

- Onde irás passar as férias?

- Não escolhi ainda.

- E tua mulher?

- Está esperando que eu resolva para contrariar-me (JM – 04/03/1954).

Incompreendida...

- Por que brigaste com ele?

- Ele concorda com tudo o que faço e digo... (JM – 20/10/1955)

Outra ameaça que ronda uma moça é o risco de ela “ficar para titia”, **solteirona**, principalmente se já ultrapassou a casa dos 20 anos. A mulher solteira está condenada à solidão e

a tristeza de não ter marido e filhos. Na sua vida “vazia”, talvez, o consolo seja a presença de “um animalzinho de estimação”. Ficar solteirona é sinal de fracasso e à moça, nestas condições, resta cuidar da família, dos pais velhinhos, irmãos doentes, sobrinhos órfãos etc. A dedicação ao trabalho é uma forma de compensar e substituir a maternidade. Para evitar o risco do celibato, são ensinadas, às moças, técnicas para conhecer e agradar homens promissores. Alertam, porém, para o risco de que, diante do medo de ficar solteira, a moça acabe escolhendo mal seu pretendente ou encontre alguém interessado apenas no seu dinheiro, no caso de tê-lo. As piadas revelam o medo de ficar solteira:

Conselho...

- *Pensa bem minha filha. Olha que o casamento é uma coisa muito séria.*

- *Ora, papai, eu acho que mais sério será se não me casar. (JM – 03/12/1942).*

Casamento de **mulher mais velha** com homem mais novo, só em último caso. Ele é totalmente desaconselhável quando a diferença ultrapassa 10 anos, mas, eventualmente, ele pode dar certo se a diferença for menor. Todavia, se o casamento com homem mais novo tiver que acontecer, ele pode trazer, para a mulher, a vantagem de poder, com sua maior maturidade, “manejar” melhor o marido:

[...] Se o eleito é bom, educado e tem hábitos e educação iguais aos seus, case-se com ele. Terá maiores oportunidades de ser feliz, porque os anos que já viveu lhe ensinarão como **manejar** seu marido (Glycia GALVÃO, apud Bassanezi, 1992, p. 137)

Certamente o termo *manejar* é curioso e contrapõe-se ao discurso da docilidade e delicadeza feminina: marido é alguém que pode ser *manejado* e, quanto mais velha a mulher, mais experiência ela terá para fazê-lo. Ainda hoje, questões sobre a diferença de idade entre mulheres mais velhas e homens mais novos, apesar de grandes mudanças nos padrões de relacionamento homem-mulher, ainda estão na pauta das discussões e dos preconceitos.

A **conquista feminina** requer certos cuidados. A mulher pode ter “mil maneiras”, ou “artimanhas”, dentro dos limites da moral e dos bons costumes, para conquistar um homem sem que ele perceba e sem feri-lo no seu “orgulho” de conquistador. A iniciativa de conquista deve, preferencialmente, ser dos homens, pois eles “gostam de conquistar”, mas no caso de ela partir da

mulher, é preciso que o rapaz fique na ilusão de ser ele o conquistador. Com discrição e sutileza, sem sair do “seu lugar”, as moças podem “lançar sua rede” de conquista:

[...] os homens se consideram melhores do que as mulheres. Claro que não o são...mas não custa deixá-los na ilusão e incensar sua vaidade [...]. Estimule ou fira esta vaidade [...] segundo o caso e seu problema (conquistar o homem) estará resolvido. (JM 14.03.57, apud BASSANEZI, 1992, p. 100)

Nas piadas as moças atiram-se “descaradamente” às conquistas:

A melindrosa...

- *Seu guarda, aquele moço está me insultando.*
- *Como, senhorita, se ele nem a olha?*
- *Pois é por isso mesmo, seu guarda (JM – 25/09/1958)*

Embora nas representações de gênero os lugares sejam bem delimitados, *Jornal das Moças* mostra que com o “jeitinho feminino” e “poder de dissimulação” as mulheres, no jogo da conquista, podem manter a aparência de que não estão subvertendo a hierarquia de poder dos gêneros. Às jovens, são ensinadas “artimanhas” e maneiras de se comportar diante dos rapazes, para que eles possam vê-las como “boas-moças-que-servem-para-casar”. Vale a pena reproduzir um teste, utilizado como exemplo por Bassanezi (1992) e publicado pelo *Jornal das Moças*, em 1955. Tendo como título *Sairá ele com você uma segunda vez?*, as respostas sugeridas, mesmo que não sejam verdadeiras, estão conforme os padrões de moralidade estabelecidos e criam a imagem da “boa moça”.

[...]

2 – E se ele lhe deixa escolher o lugar aonde irão?

- a) pede para que ele venha buscá-la em casa?
- b) propõe que se encontrem num restaurante?
- c) pergunta onde ele acha melhor?

R: a resposta (a) é preferível, mas tenha cuidado, se você vive sozinha, ele interpretará isso como um convite arriscado.

11 – Se ele lhe conta uma história um pouco ousada destinada a fazê-la rir, mas cujo humor lhe parece condenável...

- a) você ri ruidosamente?
- b) assume um ar glacial?
- c) sorri dizendo que seu espírito não compreende prontamente este gênero de histórias?

R: (c)

12 – A questão do vinho...

- a) deixa que ele encha a sua taça todas as vezes que estiver vazia e bebe-a imediatamente?
- b) se a garrafa esvazia, deixa que ele encomende outra mesmo sabendo que o jantar está quase no fim?
- c) você não toca na taça que está cheia diante de si?

R: Zero para **(a)** e **(b)**. Não despreze o vinho, mas beba pouco. Os vinhos generosos fazem sempre a gente cometer tolices. Ele se divertirá...mas julgará você leviana...

15 – Quando chega o momento de pagar...

- a) você se oferece para partilhar as despesas?
- b) você o deixa pagar?
- c) você coloca delicadamente uma nota sobre a mesa para pagar com tato?

R: **(b)**

23 – Se ele tentar abraçá-la antes de ir embora...

- a) você permite?
- b) repele-o com um ar escandalizado?
- c) você desprende-se gentilmente e estende-lhe a mão?

R: Zero para **(a)** e **(b)**. Não o repila grosseiramente, é melhor adotar **(c)**.

As respostas sugeridas refletem padrões de comportamento adequados para a época, mesmo que façam parte de um “jogo de faz de contas” (como por exemplo “fingir” que não entendeu a “história ousada”). Eventualmente, as perguntas feitas para as moças de hoje poderão ter respostas completamente opostas.

Para Bassanezi, textos desse tipo, podem ter, pelo menos, duas significações: colocam as opiniões de desejos masculinos como reguladores do comportamento feminino e, numa sociedade onde existe um consenso de que o homem deve dominar e a mulher se submeter, as mulheres têm formas de controlar situações.

Espera-se que as moças saibam seus lugares, que não sejam muito modernas (ousadas e conscientes de seu poder de sensualidade), nem muito antiquadas (não saber animar uma conversa). No jogo da conquista é fundamental que as moças demonstrem possuir uma louvável bagagem cultural. O crescimento intelectual da mulher não é apresentado como uma forma de ela adquirir sua auto-satisfação ou emancipação pessoal, mas tão somente uma forma de atrair a atenção masculina. Os homens gostam de uma mulher inteligente, capaz de manter uma conversa “dentro do lar”. Nas piadas, inteligência e cultura devem ser escondidas:

Estratégia feminina...

- *A inteligência e a cultura não prejudicam a mulher?*

- *Não se ela souber escondê-la atrás de um grande charme. (JM – 21/05/59)*

Nesse contexto, a **conquista masculina** é muito maior, mais direta e explícita. Cabe ao homem a iniciativa, - aproximação, declaração, convites, propostas. As moças devem, porém, tomar cuidado com os possíveis avanços masculinos. Cabe-lhes impor os limites, já que, os homens, mesmo que tentem ultrapassá-los são absolvidos em nome da sua masculinidade: “ele é homem, não é bobo”. Curiosamente, ao mesmo tempo em que as revistas ensinam as táticas e armadilhas femininas para a conquista, ou para vencer as resistências masculinas, elas advertem para os perigos das táticas de conquista e sedução masculinas, - as mulheres são presas fáceis dos homens que sabem abordá-las em seus pontos mais fracos. As revistas alertavam para os perigos de um “D.Juan”, - os homens são cheios de máscaras e artifícios e “as mulheres, se não forem orientadas, poderão ser enganadas facilmente, pois são românticas, ingênuas e influenciáveis”. (p. 105). Esse romantismo e ingenuidade são contestados pelas piadas:

Idílio...

O namorado: - Dize, querida. Sou eu o primeiro a quem tu beijas?

A namorada: - Livra! Mas que mania têm os homens! Todos perguntam a mesma coisa... (JM - 09/04/1942)

“Conquerant”...

Ele: - Senhorita, eu coloco a seus pés o meu coração em chamas.

Ela: - Veio mesmo a calhar seu oferecimento. Eu tenho os pés tão gelados. (JM -14/11/1940).

O rapaz “**bom partido**”, contrapartida masculina das “moças de família”, deve reunir uma série de qualidades: ter recursos suficientes para sustentar a família (garantia de que a esposa não precise trabalhar e possa dedicar-se totalmente ao lar). Qualidade tais como “moço sério”, “bom partido”, “rapaz de futuro”, “rapaz bem de vida”; “moço pobre, mas honesto, orgulhoso e trabalhador”, “alguém que certamente vai subir na vida com o próprio esforço”, estão presentes nos discursos que reproduzem/constroem os ideais dominantes dos candidatos a marido e reforçam a possibilidade de relacionamentos estáveis. Já os rapazes “rudes”, “grosseiros”, “ignorantes”, “insensíveis”, “atrevidos”, “irresponsáveis” “mulherengos”, etc devem ser imediatamente afastados. Na piadas as qualidades desaparecem:

Adão foi o único homem da Terra que não mentiu quando disse a Eva:

- És a única mulher na Terra a quem eu amo. (JM – 12/05/1955).

O **noivado** é a fase de oficialização do compromisso com o casamento. Enquanto que a noiva e a mãe se encubem do enxoval, o noivo deve procurar a estabilidade econômica, já que lhe cabe, como futuro marido, o sustento da família. É uma fase delicada e “perigosa”, propícia aos avanços das intimidades sexuais. Se é difícil, ao homem, o controle de sua “natureza masculina”, cabe à moça refrear os seus avanços, pois ela não pode colocar em risco a sua reputação. Assim, as moças são aconselhadas a não ficarem a sós como o noivo, para não correrem os riscos de se deixarem levar pelos instintos. A atração entre os noivos deve ficar mais no plano espiritual que físico – carícias “avançadas” e relações sexuais são moralmente proibidas para o casal antes do casamento. Os rapazes são interpelados para manter os limites morais diante de suas noivas. O rompimento do hímem é uma transgressão ilícita imperdoável. Mas, nas piadas as moças são “avançadas”:

Garotas de hoje...

- *Por que tu não deste um grito bem alto quando ele te beijou?*
- *Eu!!! Então você acha que sou tola? Ele me ameaçou...*
- *Não diga! E o que foi que ele lhe disse?*
- *Que se eu gritasse ele não me beijaria outra vez... (JM 31.08.61)*

As moças noivas recebem conselhos, formas de comportamento e técnicas para conservar o noivo. Para isto, elas devem evitar discussões ou tentar sobrepor-se a eles. É fundamental que elas se mostrem “perfeitamente femininas para que o homem, assim sensibilizado, se torne cheio de boa vontade para com o sexo frágil” (p. 128).

O noivo deve ser muito bem escolhido, analisadas suas condições financeiras e profissionais. Se, passada a fase do namoro, revelar um temperamento autoritário, dominador, grosseiro, propenso ao uso da força física, o noivado deve ser terminado. Casamento impensado é infelicidade na certa e pode terminar em separação, embora esta possibilidade não seja abertamente admitida. O discurso da manutenção da união estável e da valorização do modelo dominante de família coloca quase que uma impossibilidade de separação, - “casamento é para sempre”, até por que “mulher separada não é bem vista”. Em nome dessa estabilidade, se acontecer que os maridos se revelem sem as qualidades necessárias, as mulheres, com “jeitinho” e “sacrifícios”, podem manter o equilíbrio do lar. Reforçam-se, assim, as representações tradicionais de gênero: a mulher é a esposa dedicada que se sacrifica pela paz do lar, dedicação ao marido e cuidados com os filhos.

O ideal é que o **tempo/duração do namoro ou do noivado** não seja muito breve ou muito longo. Os relacionamentos intermináveis são severamente criticados, - podem por em risco a reputação da moça. Mesmo educada dentro de “saudáveis princípios morais”, qualquer mulher está sujeita a “momentos de fraqueza”, podendo perder “o que ela tem de mais precioso”, - sua virgindade. O argumento da censura social sobre relacionamentos prolongados fundamenta-se, principalmente, na garantia do ideal de virgindade das moças, seu “selo de qualidade” e garantia para o casamento.

A **idade para casar** varia para o homem e para a mulher. Uma moça com mais de 25 anos é considerada “uma moça de certa idade”, e uma forte candidata a permanecer “**solteirona**”. Essa idade é maior para os homens, - o ideal é que ele se case depois dos 30 anos, pois terá adquirido melhores condições financeiras e mais experiências para o casamento. Ficar “solteirão”, para o homem, não é uma sina, pode ser uma opção. Para a mulher, o estado de solteira traz uma série de restrições (não poder sair sozinha a noite, mostrar-se indiferente aos homens, não flertar...) e controle rigoroso de sua reputação. Torna-se um peso para a família e um perigo para os “homens bem casados”, na sua provável “ânsia” de encontrar um pretendente.

Os solteirões conhecem as mulheres muito melhor que os casados; por isso são solteirões. (JM – 15/11/45)

Outro aspecto a considerar é o da **perda da liberdade**. Ela nunca se refere à liberdade feminina. Mesmo que as moças vejam no casamento uma “válvula de escape” para sair de casa em busca de uma certa autonomia, o casamento implica novas dependências. Para os rapazes, o casamento adquire uma conotação de perda da liberdade, por isso são comuns, nos compromissos sérios que eles assumem, referências tais como “foi fígado”, “está enforcado”. Com o casamento o homem perde sua independência, principalmente a sexual. Mas, a traição masculina é bastante tolerada: “algo na natureza do homem o impele na busca de novas mulheres”. O importante, sugerem os conselhos, é que suas atividades extraconjugais não atrapalhem seus deveres de “bom marido” e pai de família:

Não se espera que o matrimônio canalize ou restrinja suas atividades sexuais. Normalmente um homem se considera livre para ter relações com tantas mulheres diferentes quantas conseguir. (WILLEMS, 1954, apud BASSANEZZI, 1992, p. 133)

Na piada abaixo o adultério masculino é abertamente admitido, o problema está na empregada que cometeu um equívoco com a entrega da carta:

De quem é a culpa...

- *De quem era realmente a culpa, quando vocês pediram o desquite?*
- *Da empregada! A imbecil entregou à minha mulher uma carta endereçada a mim.* (JM – 16/10/1958)

Mas, não faltam argumentos para provar que o casamento também faz bem aos homens pois que, através dele, podem adquirir, “dentre outras coisas, estabilidade emocional, segurança afetiva, dignidade, responsabilidade e maior aceitação social” (136). Com o casamento e o amor, existe a possibilidade de que os solteirões convictos, os boêmios e os mulherengos, possam mudar, iniciando, assim, “o caminho da perfeição que todo homem encontra ao lado de uma mulher” (p. 134). As piadas contam que, para os homens, o casamento está longe do caminho da paz e da felicidade:

Dedução...

- *Casado?*
- *Não...! Triste por natureza.* (JM – 03/02/1955)

Na guerra...

- *Por que vieste como voluntário para esta luta?*
- *Porque sou solteiro e quero saber como é a guerra. E tu?*
- *Porque sou casado e quero conhecer a paz.* (JM – 07/02/1957)

Nos discursos sobre a **sexualidade** impera a dupla moral sexual, - o que é proibido para as mulheres (experiências sexuais e perda da virgindade) é permitido aos homens. De todo modo, o sexo é considerado tabu nos anos 40 e 50: o ideal é que se evite falar dele para não despertar o interesse “premature” dos jovens. Há em torno do sexo um aparente silêncio. A castidade pré-marital é fundamental e sua violação garante, ao homem, o direito de anulação do casamento. A perda da virgindade é um erro irreparável e as mulheres, nesta situação, são sempre culpadas e podem, em decorrência, serem condenadas ao celibato, ou mesmo, à prostituição. As moças que ultrapassam os “limites permitidos” da sexualidade ficam “faladas”, - sua companhia será evitada pelas “moças de família” e dificilmente atrairão rapazes que tenham, com elas, sérias intenções de compromisso. Os homens têm muito mais liberdade. Desde a adolescência, são liberados (e estimulados) a interessar-se pelas questões sexuais, até porque sua virilidade é

valorizada e avaliada considerando suas experiências sexuais com outras mulheres. Mesmo com o casamento, eles não perdem o direito a essas “liberdades”.

Driblando...

- *Então! Falando no ouvidinho da secretária? Peguei-te em boas!*
 - *São segredos profissionais, minha querida esposa. O segredo é a alma do negócio.* (JM – 25/10/1956)

Para Bassanezi, a colocação da honra feminina na dependência de sua virtude sexual é uma forma de favorecer “o controle masculino sobre a sexualidade das mulheres”. A vigência da dupla moral sexual privilegia a hegemonia do poder masculino na hierarquia de gênero.

[...] a velha regra, segundo a qual as mulheres devem abster-se de experiências sexuais pré-maritais, tem sido mantida rigidamente. Entrevistas aplicadas durante o período de doze anos, mostraram que mesmo os homens de mentalidade mais liberal tornam-se subitamente intransigentes quando se lhes indaga a atitude diante da possibilidade de se casarem com alguma mulher com experiências sexuais pré-maritais. A maior parte dos homens pensa que cometeria uma loucura se acedessem em casar-se com uma mulher deflorada por outro homem . (WILLEMS, 1954, apud BASSANEZI, 1992, p. 143)

Bassanezi observa que, apesar dos conselhos, proibições e ameaças, algumas moças burlavam as regras, independentemente de suas conseqüências e, rebeldes, desafiavam a moral estabelecida permitindo e participando de intimidades proibidas a moças de família. Mesmo que “mal faladas” elas resistiam e se voltavam contra as representações fixas. De alguma maneira, “suas atitudes fazem parte das forças que promovem mudanças nas relações de gênero ao longo do tempo”.(P. 151). Na piada abaixo o trocadilho revela que alguém não segue os padrões determinados.

Elas...

- *Você acha que a Creusa se veste bem?*
 - *Não, ela é hábil em despir-se...* (JM 30/05/1957)

Falar de **sexo** é tabu. Informações sobre sexualidade ou a educação sexual praticamente não existem. As poucas informações que circulam são esparsas, desvirtuadas e carregadas de preconceitos. Há, entre pais e filhos, de maneira geral, uma total ausência de diálogo. Em alguns discursos onde o sexo aflora, como no discurso religioso, ele tem uma conotação negativa, algo sujo, vergonhoso, pecaminoso. O sexo é justificado apenas dentro do casamento com o objetivo

de procriação. Não se fala em “prazer sexual”, mas numa “missão” que a mulher deve cumprir como esposa e como mãe. A escola também cala sobre a sexualidade feminina. Ela busca manter afastadas as ameaças dos novos hábitos e costumes. A educação das moças enfatiza, principalmente, a sua preparação para as atividades do lar. As referências sobre questões de sexualidade, quando muito necessárias, deveriam ser muito sutis.

Questões sobre o **trabalho feminino** nos anos 40 e 50 não podiam deixar de ser extremamente polêmicas. Bassanezi entende que “a moral conservadora e o discurso que procura sustentar a dominação masculina nas relações de gênero encaram o trabalho feminino fora do âmbito doméstico como uma ameaça a sua estabilidade”. (p. 206). O trabalho feminino é secundário em relação às funções da dona de casa e mãe de família. As mulheres que trabalham, mesmo que por dificuldades financeiras, são motivos de vergonha para os pais e para maridos, que se sentem diminuídos no seu papel de “provedor” do lar. Casamento e profissionalização feminina são incompatíveis. As mulheres são alertadas para os “perigos” que encontrarão fora do lar e não faltam discursos que diminuem ou ridicularizam o trabalho feminino, tal como o de algumas piadas. As grandes mudanças que ocorrem após a II Guerra Mundial irão, certamente, transformar as condições femininas e reverter o papel da mulher no trabalho. Esse processo de emancipação, todavia, não é tranquilo, pois conviverá com as visões tradicionais dos papéis masculinos e femininos. A ironia no pensamento chistoso, marca a visão da “boa secretária”.

Aquela pequena, num cruzar de pernas, mostrava como era boa secretária. (JM – 02/05/1957)

As “mulheres modernas” são advertidas para o fato de que seu trabalho fora de casa pode se a causa dos “lares infelizes e destroçados”. Na ânsia de demonstrar que podem competir com os homens, as mulheres acabam por repudiar o seu “papel feminino”. O trabalho feminino fora do lar se justifica em caso de extrema necessidade, uma forma de “ajudar o marido a tomar impulso na nova vida que se inicia”, mas isto deve ser temporário, uma situação durante a qual a mulher vai “compartilhar” e não “competir” com o marido, sem esquecer, nunca, que sua função primeira é a de ser esposa e mãe. As “desvantagens” apontadas para o trabalho feminino são muitas. As mulheres são acusadas de, na ânsia de se igualarem aos homens, abandonar o lar, perder sua feminilidade, aumentar a “crise de ocupações”, abraçar as vantagens materiais,

renunciar aos agrados e carinhos dos homens, com os quais passam a competir. O trabalho dá a existência da mulher “um sentido vão e estéril”.

5.4 As relações de gênero depois do casamento

Bassanezi (1992) observa que as revistas voltadas para o público feminino, favorecem “um modelo de família de modo a manter e reforçar determinadas relações e a hierarquia de poderes contida nelas”. (p. 241). Desigualdades e poderes de dominação delimitam os espaços e as características do marido e da mulher: na mulher, a capacidade criadora e dedicação ao lar e, nos homens, o trabalho e a manutenção da família. O casamento deve ser, neste modelo particular de família, o sonho que povoa a mente dos jovens e das jovens “de boa índole”.

Homens ou mulheres imaginam desde logo com seu lar, seus filhos, sua vida feliz sob um teto que será a consagração suprema de sua felicidade. (Jornal da Moças, 05.10.44, apud BASSANEZI, 1992, p. 242)

Que conselhos são passados para homens e mulheres casados? As revistas, ao aconselharem, distinguem bem os diferentes papéis reservados para maridos e esposas. Ela, a **“rainha do lar”**, e ele, o **“chefe da casa”**. O desempenho das tarefas domésticas (cozinhar, lavar, passar, limpar, costurar, organizar...), os cuidados com os filhos, são tarefas exclusivas das mulheres. A cozinha é o espaço de mulher e, em hipótese alguma o homem deve lá entrar:

[...] o marido perfeito [...] não deve entrar na cozinha nem que o guisado lhe atraia o olfato. (Jornal das Moças, 24.5.45, apud BASSANEZI, 1992, p. 244)

O artigo acima deixa bem clara a divisão das tarefas domésticas. Funciona como uma advertência às mulheres que eventualmente possam reclamar da falta de colaboração dos maridos nas atividades do lar. A única contribuição/obrigação do marido deve ser a financeira. Um artigo ironiza as mulheres que reclamam:

[...] as esposas que fazem estas queixas seguramente nunca fazem objeção quando o marido traz um bom cheque para que elas possam gastar à vontade. (JM, 06.04.50, apud BASSANEZI, 1992, p. 245)

Creemos que as piadas trabalham bem este conflito quando ridicularizam duas situações: a mulher, para quem o “lugar correto” é a cozinha, que não desempenha bem, ou nem sequer desempenha, seus dotes culinário (1); o homem, cujo lugar não é a cozinha, e que acaba por substituir a mulher nos seus deveres, até porque assim ela “exigiu” (2):

(1) **Promessa cumprida...**

- *Meu esposo prometeu-me uma surpresa, assim que eu aprendesse a cozinhar*
- *Qual foi a surpresa?*
- *Despediu a cozinheira. (JM – 10/03/1955)*

(2) **Tempos modernos...**

- O marido (lavando pratos na cozinha): - Tu pretendes voltar a que horas?*
- A esposa (pronta para sai): - Quando eu tiver vontade*
- O marido: - Mas que não passes um minuto, ouviste? (JM-20/11/41)*

A participação masculina nas atividades do lar deve ser entendida como uma forma de ajuda esporádica: o homem ainda é o chefe de família e como tal deve ser respeitado. Mesmo assim, as revistas alertam para o fato de que o homem que, eventualmente, lavar pratos, corre o “risco” de fazê-lo o resto da vida. Além do mais, “homem de avental é ridículo” (Bassanezi, 1992, p. 247)

Os artigos vão construindo os “deveres” da mulher, já que ela tem o “dom natural” das ciências domésticas, da arte de cozinhar, e aptidão para a ordenação. Deixar a casa bem arrumada é uma forma de não aborrecer o marido:

[...] Imaginem o que significa [...] para o marido, chegar em casa e receber a impressão de arrumação inteligente e de bom gosto, onde predominam as flores como adorno [...] (JM, 09.09.54, apud Bassanezi, 1992, p. 248)

No desempenho de suas atividades, a mulher não pode negligenciar suas atenções para garantir o bem estar do marido: deve ser amiga, companheira e integrar-se na existência dele. Além disso, deve cumprir bem “suas obrigações conjugais”.

Na hierarquia do poderes o homem é “naturalmente” superior à mulher. Essa superioridade é confirmada pelo Código Cível de 1916 que considera a mulher casada como “relativamente incapaz”. Neste modelo de família patriarcal, pai ou marido são as autoridades maiores da sociedade conjugal, e a eles cabe todo poder de decisão das questões familiares e o

poder sobre os membros da família: esposa e filhos. As mulheres são alertadas a não quebrarem essa “hierarquia natural”.

[...] em toda família bem constituída existe uma hierarquia de autoridade. O marido é o chefe a quem cabem as decisões supremas. Logo abaixo vem a autoridade da esposa [...] Entretanto, existem inúmeras famílias em que impera a desordem justamente por não ser respeitada essa **hierarquia natural**. E há outras em que há ordem, mas é à esposa que cabe sempre a última palavra. É particularmente dessa **esposa verdugo** que nos ocuparemos [...] (M. Teresa, Cr 23.4.55, apud BASSANEZI, 1992, p. 251).

Algumas piadas contestam essa hierarquia: nelas as mulheres são mais fortes e mandam nos maridos.

Retrato de casamento...

(Na sala, a mãe tricotando ouve o filho, enquanto o pai lava a louça na cozinha. Sobre a lareira, um retrato de casamento).

- Mamãe, essa fotografia é do tempo em que o papai começou a trabalhar para a senhora? (JM – 22/10/1959)

Ao longo da história, as legislações vêm reforçando as diferenças e os valores de dominação do masculino sobre o feminino. O Código Civil garantia a anulação do casamento diante da constatação da não-virgindade. A Legislação Trabalhista de 1932 dá direito ao pai ou marido de rescindir o contrato de trabalho do menor ou da mulher casada, se o trabalho ameaçasse o “vínculo familiar”. O Código Penal de 1940 pune a bigamia e o adultério, mas os homens só são punidos por adultério se “mantêm, em caráter durável, uma relação amorosa” (não é o caso de uma “aventura”) e são punidos por bigamia, se comprovada a formação de uma nova família. Pune ainda, as mulheres, pela prática do aborto. O Estatuto da Mulher Casada de 1962, mesmo dando à mulher “capacidade jurídica plena”, atribui ao homem a obrigatoriedade de manter a casa, podendo, a mulher, “colaborar” com o orçamento.

A “**felicidade do lar**” é quase que exclusivamente responsabilidade da esposa e está atrelada ao seu bom desempenho nas atividades domésticas. Culpas e erros são atribuídos à mulher que não soube administrar a harmonia do lar. Filhos e marido (e especialmente este) devem ser o centro da sua atenção. A felicidade da mãe e esposa está no seu “sacrifício” pelo bem estar da família. As revistas femininas passam às mulheres uma série de conselhos para ajudá-las na conservação da “felicidade conjugal”. Além dos **cuidados com a casa** a esposa não

pode negligenciar os **cuidados com a aparência**. A mulher não se arruma para si mesma, mas tão somente para agradar ao marido. Embora deva dedicar-se inteiramente aos afazeres domésticos, é fundamental que ela ache tempo para estar sorridente, bem vestida, penteada, arrumada para o marido que vai chegar em casa, até porque ele, “cansado depois de um dia de trabalho”, vai gostar de encontrar “uma esposinha arrumadinha, cheirosinha”, para agradá-lo. Os cuidados com a aparência não de servir, também, para que os maridos não se cansem das esposas e procurem outras mulheres. Bassanezi observa que as revistas nada dizem sobre a aparência dos maridos e o “risco” das esposas deixarem de sentir atração por eles. Pelas piadas, as esposas não estariam seguindo os conselhos, pois são feias, desarrumadas e não têm boa aparência:

Educando...

- *Você chamou sua mãe de feia?*

- *Chamei sim, papai.*

- *Está perdoado, filho. Gosto que diga a verdade. (JM – 25/09/58)*

Dentre as qualidades fundamentais das esposas destacam-se as “**prendas domésticas**”. *Jornal das Moças* preenche suas páginas com uma série de “ensinamentos úteis”, sob a forma de aulas de bordado, tricô e crochê; aulas de línguas, música, moda, culinária etc., atividades que certamente reforçam as diferenças entre o masculino e o feminino: o que é correto e necessário que as mulheres saibam. Quanto mais habilidades a mulher demonstrar, maiores as possibilidades do casamento dar certo, e tanto mais ganhará o reconhecimento do marido. Em algumas piadas as “prendas domésticas” são ridicularizadas.

Almoço...

O marido: - Esta salada está com um gosto horrível! Tu a lavaste?

A esposa: - Naturalmente, lavei-a com sabão. (JM - 18/02/1943)

Não se pode negar que um dos aspectos mais polêmicos e delicados do casamento está ligado às “**questões financeiras**”. A estrutura tradicional do casamento pode ser definida do seguinte modo: o homem é quem trabalha, é o dono do dinheiro, mas ele deve dar à esposa a quantia necessária para as despesas do lar. Ela, por sua vez, deverá fazer o melhor uso desse dinheiro, sempre dentro dos princípios da economia e do bom senso. Esta estrutura, certamente, reforça a dependência da mulher. Os conflitos e atritos por questões financeiras são preocupações das revistas femininas. As mulheres são alertadas para que não gastem desnecessariamente ou

gastem demais e que não discutam com os maridos por motivos financeiros. Ao gastarem “o dinheiro do marido”, ou o dinheiro que o marido “ganhou trabalhando”, as mulheres ganham fama de gastadeiras. Bassanezi levanta algumas hipóteses que podem explicar essa fama feminina.

Algumas hipóteses para tentar explicar a constância da imagem criticada e ridicularizada da “gastadeira” [...] seriam: - uma forma de disciplinar as mulheres no sentido de contenção dos gastos; - uma tentativa masculina de manter um poder sobre a administração do orçamento doméstico feita pelas esposas; - uma reação dos maridos à responsabilidade de únicos (ou principais) provedores do lar; - um reflexo (ou um freio) da falta de planejamento nos gastos ou dos impulsos consumistas (formas de compensação por uma vida monótona, sensação de poder ou maneira que as donas de casa encontram para saírem de casa) de algumas mulheres; - uma conseqüência indireta do fato de a propaganda tomar a mulher como um alvo privilegiado exatamente, porque é ela que faz as compras domésticas (p. 265)

Seja qual for a validade das hipóteses, os conflitos relacionados aos aspectos financeiros do casamento serão inevitáveis. As piadas de casamento que tratam destes aspectos são, certamente, as mais recorrentes. Nelas as esposas gastam demais:

Equívoco...

(Figura: marido equilibrando uma imensidade de pacotes diante de uma loja)

- Não “seu” guarda, não estou fazendo nenhuma demonstração pública.

Estou somente à espera da minha esposa. (JM - 25/12/1941).

Outro cuidado das mulheres casadas, alertam as revistas, deve ser com sua **reputação**. A esposa não deve agir como no tempo de solteira e nem ser vaidosa demais, para evitar “comentários maldosos” ou cair na boca das “más línguas”, ou mesmo, provocar o ciúme do marido. Sair sem a companhia do marido é uma atitude altamente condenável. O reduto do lar é o lugar mais seguro para resguardar sua honra e reputação. Nas piadas, as mulheres largam os maridos em casa e saem, sem quaisquer preocupações. Quanto aos maridos, os padrões estabelecidos são bem mais flexíveis em relação às suas saídas, às suas aventuras amorosas, farras com amigos etc., embora as piadas não deixem de atacá-los.

Indignação...

A esposa: - Quem foi que te pôs o nariz avariado?

O marido: - Um sujeito, porque beijei a esposa dele depois da cerimônia nupcial

A esposa: - Ora, beijar a noiva, depois da cerimônia, é um costume adotado!

O marido: - Sim, mas é que a beijei dois anos depois de casada... (JM - 19/11/1942)

Os **ciúmes** no casamento são um defeito feminino. Certamente os homens sentem ciúmes, mas eles não são aconselhados a disfarçá-los. Diante dos ciúmes dos maridos, as mulheres são aconselhadas a agir de modo a não provocá-los. As revistas femininas alertam as mulheres para não “incomodarem” os maridos com cenas e escândalos. Elas não devem se preocupar com os atrasos do marido para o jantar ou com lembranças bobas de alguma aventura do seu passado. Aconselham, ainda, que não procurem descobrir “aventuras” ou “pequenos deslizes” que os maridos possam ter cometido. “Fechar os olhos” pode ser uma atitude correta para a preservação da “felicidade matrimonial”. Ciúme, além de irritar o marido, não garante a sua reconquista. A melhor técnica é ignorar e redobrar os carinhos e provas de afeto. Mais uma vez prevalece a dupla moral sexual. Nas piadas, pelo menos, as esposas não parecem dispostas a ignorar “os pequenos deslizes”.

Estas foram suas últimas palavras: “Podes falar querida. A bruxa da minha mulher está dormindo...” (e não estava). (JM - 22/11/1956)

Boa esposa e companheira perfeita, eis a esposa ideal. As revistas femininas não se cansam em enumerar os predicados que vão fazer da mulher uma boa esposa e uma companhia perfeita. Dessas virtudes depende, mais uma vez, a “harmonia conjugal”. Como as esposas devem agir para serem consideradas companheiras perfeitas, esposas modelo? O *Jornal das Moças*, através de seus artigos e contos, dá uma série de sugestões. Dos textos apresentados por Bassanezi (p.271 à p. 274), destacamos alguns “mandamentos”:

- (1) “acompanhe-o nas opiniões”;
- (2) “não faça observações sobre seus parentes ou amigos”;
- (3) “esteja sempre ao seu lado, cuidando dele, animando-o [...] reconhecendo seus gostos e desejos”;
- (4) “saber realçar-lhe as qualidades de espírito e coração, o valor pessoal e até incensar a sua vaidade”;

- (5) “jamais [...] imiscuir-se nas atividades profissionais do marido a não ser para expressar sua aprovação pelas suas obras e, **a não ser que o homem seja realmente incapaz**, ela evitará opinar sobre suas decisões”;
- (6) “interessar-se pelos assuntos internacionais [...] para poder comentar esses fatos com o marido quando esse regressa ao lar depois de haver passado o dia inteiro no escritório ”;
- (7) “não telefone para o escritório de seu esposo, a menos que seja importante”;
- (8) “não interrompa o seu trabalho para discutir frivolidades que perturbem a sua atenção e que o aborreçam. ”;
- (9) “não deverá armar uma briga pelo simples fato de ele deixar casualmente cair cinza no seu tapete. [...] **deixar uma boa quantidade de cinzeiros espalhados pelos cantos da casa** a fim de evitar discussões sobre o assunto”;
- (10) “não demonstre aborrecimentos quando o vê sem gravata, mesmo que você não goste [...] ou quando ele fuma charuto[...] **Não torne a existência dele difícil** e procure ter o máximo de compreensão **quase adivinhando os desejos íntimos de seu marido** ”.

Além desses conselhos, muitos outros são dados. As esposas os seguiam? As piadas que vamos analisar no próximo capítulo dizem que não.

Em síntese, não há sacrifícios que uma esposa não possa fazer em prol da harmonia do lar. A mulher ideal passa por cima de seus próprios desejos, opiniões, inseguranças, sonhos... E, não importa se o marido é intransigente, egoísta, mulherengo, ignorante, porcalhão etc., a mulher será sempre a culpada pela dissolução do lar.

A função da “boa esposa” é proporcionar, sem questionamentos, sossego e **liberdade** ao seu marido. A idéia da perda da liberdade, tema tão explorado nas piadas de casamento, é reforçada pelas revistas femininas. Um artigo publicado pelo Jornal das Moças, critica as mulheres que não dão “um dia de liberdade por semana para o marido”:

Nenhuma esposa que tenha esse egoísmo pode ser feliz nem esperar que o marido a atenda em seus desejos. Essa maneira de atuar é como a de uma criança e faz com que o marido se aborreça da vida conjugal [...] (JM 17.04.52, apud BASSANEZI, 1992, p. 277)

Algumas piadas confirmam a perda da liberdade dos maridos:

Encontro casual...

- *Oh! Quanta alegria por vê-lo, depois de tanto tempo. Disseram que a sua esposa está veraneando em Teresópolis.*
- *É verdade! Estou em liberdade provisória... (JM - 25/03/1943)*

A questão da liberdade do marido no casamento remete a um outro aspecto: as revistas condenam as **mulheres dominadoras**:

Não seja dominadora, lembrem-se de que você é mulher e faça um esforço para dominar seus caprichos (JM 27.10.55, apud BASSANEZI, 1992, p. 280).

A “esposa mandona” é um tema bastante recorrente nas piadas de casamento. Quem manda em quem? Embora o discurso dominante defenda o poder masculino sobre o feminino, há uma espécie de resistência das mulheres a esse domínio. Socialmente há de se manter a impressão de que os homens mandam e são donos da última palavra e das decisões mais importantes. Se as piadas ridicularizam esposas mandonas é de se supor que existam esposas que mandam, o que certamente modifica a hierarquia de poderes nas relações de gênero:

Fervilham os preparativos para as bodas de Roberto e Marta. O noivo é enérgico e sabe o que quer.

- Desejo que os convidados não sejam mais de trinta. Quero que a cerimônia seja celebrada às 17 horas, que o banquete não se prolongue, porque desejo partir à lua-de-mel às 21 horas precisamente!

A futura sogra escuta aturdida, depois se inclina para a filha e diz:

- “Eu quero, eu quero, eu quero”. Será possível que você...

- Não se preocupe – interrompe Marta. – Roberto está ditando as suas últimas vontades.. (JM – 16/10/1958)

Ao lado dos conselhos, as revistas ensinam estratégias e subterfúgios para que a esposa, com “**seu jeitinho feminino**”, também possa realizar algumas conquistas e desejos, vencendo as resistências do marido. Sutilmente a mulher é capaz de “quebrar” a resistência masculina (para um capricho, conseguir mais dinheiro, comprar uma roupa ou chapéus novos...). Algumas piadas tratam desses “truques femininos”.

Não confundir...

O marido: - Tu não disseste que não comprarias mais vestidos neste mês?

Que estavas disposta a fazer economia, suprimindo os vestidos?

A esposa: - Sim, querido: mas este não é um vestido, é um modelo. (JM - 24/4/1941).

A **esposa perfeita** deve amar o marido sem impor condições, sem reservas, para que, assim, ele possa retribuir esse amor. A mulher que ama nada cobra, pretende apenas a felicidade do cônjuge. O amor que dedica ao marido é uma garantia de que ele permanecerá ao seu lado,

uma garantia de que ela não terminará seus dias na solidão, pois as mulheres “não foram feitas para viverem sozinhas”. Não se enquadrar aos padrões de uma boa esposa implica, para a mulher, o risco de seu casamento acabado e o conseqüente abandono do esposo. A esposa deve estar atenta, pois o seu grau de importância ao lado do marido é tanto quanto o da escova de dentes e o pente dele:

[...] Só porque sua cama, sua escova de dentes e seu pente estão perto de você, não imagine que ele não pode abandonar esse leito, essa escova, esse pente e você. Ele pode sim [...] E se não o faz, mas pensa que gostaria de fazê-lo, você já o perdeu para sempre (JM, apud BASSANEZI, 1992, p. 284)

Acima de quaisquer sentimentos da mulher está o bem estar, a liberdade e a felicidade do marido. Quaisquer deslizes dele serão perdoados ou ignorados. Está nas mãos da mulher a manutenção de seu casamento. O amor é uma varinha mágica que só ela sabe manejar:

A “varinha mágica” que mantém os casamentos pode ser a submissão às imposições sociais (sujeitar-se ao poder dominante masculino), a “submissão” consciente (deixar que o marido seja o “chefe”, o “mestre”) ou a adoção de subterfúgios (procurar manejar, seduzir ou iludir o marido sem que ele perceba)... (Bassanezi, 1992, p.286)

Outro ponto, bastante abordado na revistas femininas está ligado às **discussões e reclamações femininas**. A esposa é a principal responsável pela paz do lar e, de maneira geral, nas brigas do casal, quem sempre tem razão é o homem. Cabe à mulher evitar, em quaisquer situações, cenas de mau humor, ciúmes e raiva. Alguns artigos reconhecem que “o homem, pela sua natureza, é mais explosivo”, mas que depois de algumas esbravejadas volta à calma. A mulher, “mais rancorosa”, dificilmente sabe perdoar e é capaz de “infernizar” a vida do marido, atitude que pode levá-lo a “procurar consolação fora de casa”. Conforme as revistas, mesmo que com razão, as reclamações e queixas das mulheres só pioram a situação: sentindo-se culpado, o marido, para evitar eternas discussões, passará a esconder, através de mentiras, suas falhas. A dupla moral coloca homens e mulheres em patamares diferentes: a ele, cabem os direitos da “liberdade” e da “razão”, e a ela, o da “submissão”. Qualquer atitude de reação da mulher, principalmente se manifestada através de “reclamações”, é “subversiva”, uma vez que inverte a ordem estabelecida. Homens podem reclamar das mulheres e eles sempre têm razão. Se as mulheres reclamam dos homens, eles ainda têm razão:

No terreno do amor conjugal, a mulher deve sempre suportar com paciência que dá o amor verdadeiro, deixando que ele [o marido] encontre no lar tudo que deseja dando-lhe, então, motivos para que, sozinho, veja os erros cometidos fora de casa. Cabe à mulher manter no homem a vontade de voltar para junto dos seus, no lugar reservado para ele, **onde encontrará a felicidade esperando-o de braços abertos**. (Jornal das Moças, apud Bassanezi, 1992, p. 290, o grifo é nosso).

Não sabemos se essa “fórmula” funcionava sempre. O fato é que as piadas da época diziam que as mulheres estavam descontentes com algumas atitudes dos maridos e, apesar dos conselhos, continuavam reclamando. Essa idéia de mulher “reclamona”, “infernizadora”, é bastante explorada nas piadas. São críticas feitas às mulheres ou revelam “rebeldias” que, ao longo dos tempos, culminam por inverter a ordem estabelecidas nas relações dos gêneros? Podemos considerar as duas hipóteses.

Outro aspecto, bastante discutido nas revistas femininas, refere-se ao **nervosismo feminino**. Como as revistas entendiam este nervosismo? O texto abaixo responde a esta questão:

O mito dos nervos feminino é apenas um álibi para enganar os homens e nada mais. Prova que as mulheres são muito imaginosas, que gostam de representar uma comédia ante os homens, e que preferem seu bem estar à felicidade daqueles a quem dizem amar. Um pouco de **lucidez**, um pouco de **coragem**, um pouco de **generosidade** serão os remédios mais eficientes e, também, a certeza de que as mulheres nervosas não são amadas [...] (JM 21.08.52, apud Bassanezi, 1992, p. 290)

O nervosismo feminino é imperdoável. Os ataques de nervos são considerados estratégias das quais a mulher se utiliza para enganar o marido..

. Um artigo publicado no *Jornal das Moças*, sob o título “*Madame é insuportável? Quer saber a razão?*”, de natureza bastante ambígua (sério ou irônico?), sugere que a maior parte dos problemas femininos é de origem glandular. As pretensas respostas de um tal psiquiatra (cujo nome não aparece), aos maridos que reclamam de suas esposas, têm algo de cômico ao analisar os comportamentos desajustados das esposas. O artigo parece funcionar como um lembrete para as esposas: o que elas não devem fazer para desagradar aos maridos. Nele, a preocupação não é com a saúde da mulher, e sim com o sossego do marido e a paz do lar. No artigo, cada uma das reclamações é bastante reveladora das diferenças de gênero que permeiam as relações marido/mulher: qualquer atitude feminina que desequilibre “a paz do lar” e a ordem estabelecida, sejam quais forem suas origens, é alvo de críticas.

O seu marido teve licença para gozar seu tempo de férias; cumpre-lhe ser uma esposa adorável e perfeita. No entanto, temos recebido cartas com queixas contra alguns defeitos femininos. Um psiquiatra a quem consultamos a respeito, revelou-nos que o mal é de origem glandular. Eis aqui algumas das causas invocadas. Cure as suas glândulas e não desagradará mais ao seu esposo.

- **Madame anda agitada...** – Minha mulher é mimosa, dedicada, e até me arrependo de lhe ter certa raiva quando a vejo tão ativa no trabalho. **Quando volto do serviço, à noite, gostaria de encontrar um pouco de paz em casa.** Com ela, isto é impossível... Até mesmo à mesa ela acha um meio de estar tricotando entre os pratos; após o jantar é ela, evidentemente, quem sugere “irmos dar um giro por aí”, mesmo nas noites em que não agüento mais...

Resposta: - Um tratamento que reduza a proporções normais a atividade exagerada da glândula supra-renal dará a esta senhora uma atividade moderada.
- **Madame está sempre atrasada...** – Os senhores conhecem o suplício de quem tem uma esposa que nunca está pronta na hora exata? Chego do escritório e encontro-a no banho. **O almoço, naturalmente, não está pronto.** Desde que estamos casados, nunca cheguei a um espetáculo que não fosse quando o filme está na metade da segunda parte... sou desses maridos displicentes, mas por vezes fico a pique de rebentar...

Resposta: - Aqui, trata-se nitidamente dum caso de insuficiência tiroideana – responderia o médico. Não é o único caso, pode acreditar, e bastaria um tratamento apropriado para que a sua esposa readquirisse o senso da pontualidade
- **Madame tem caprichos...** – Minha esposa é dessas que mudam de humor sem ninguém saber porque, nem como. De manhã estava alegre como um passarinho, e na hora do almoço fez cara feia, sem nenhum motivo explicável. A todo instante ela sente a necessidade de mudar o lugar dos móveis, ou de liquidá-los a fim de comprar outros...O que é pior, no meio de tudo isso, é que não tenho meio de saber si ela me adora ou me odeia...

Resposta: - Caso de instabilidade tiroideana. Qualquer mudança no tempo basta para modificar-lhe o funcionamento desta glândula, que passa a ter uma secreção exagerada ou insuficiente.
- **Madame está sempre fatigada:** - São **inúmeras as mulheres que andam constantemente cansadas.** A simples perspectiva de terem uma amiga para jantar consigo basta para as deprimir. Uma viagem, ou uma saída, representa para ela uma espécie de expedição ao Pólo Norte. A sua vida nada tem de agradável assim, em tão tristes condições, nem para o marido que, embora adorando a sua mulher, necessita de alguma distração.

Resposta: - É o mau funcionamento da glândula supra-renal o responsável por esta astenia, que bem pode desanimar qualquer esposo de boa vontade, como parece que é o autor da carta.
- **Madame tem voz ativa:** - A minha esposa quer governar tudo com uma varinha. Diante dos meus amigos ela me trata com um desembaraço que me envergonha. **Ela resolve tudo, tem idéia formada acerca de tudo. Nunca será capaz de me pedir a minha humilde opinião sobre qualquer assunto,** e põe tudo em polvorosa si por acaso tomo uma decisão sem havê-la consultado de antemão. Não pretendo absolutamente ser um tirano, mas assim mesmo gostaria de poder tomar parte das decisões.

Resposta: - A sua senhora sofre de um **desarranjo na hipófise que lhe confere o gosto do mando,** aliás exagerado, como o demonstram certas mulheres, especialmente... quando na estão mais muito jovens.

- **Madame é muito pessimista...** – Minha mulher, que era tão jovial, tornou-se, após alguns anos de matrimônio uma verdadeira trouxa... Relaxou completamente até no trato da sua pessoa e, embora tenhamos meios de aparecer entre os nossos amigos, ela apresenta-se com seus vestidos velhos e não procura mais se embelezar, assim como não se incomoda em parecer agradável às suas amigas e ao seu marido.
Resposta: - Um tratamento tiroideano que levantasse o tônus do nervo simpático, restituiria a esta senhora o gosto de viver, de agradar, de ser bela, que parece haver perdido inteiramente.
- **Madame é negligente...** - Estou longe de ser desses maridos que desejariam que a sua mulher fosse capaz de fazer tudo, mas assim mesmo existem **certos trabalhos caseiros aos quais uma boa dona de casa deve se submeter**. A minha mulher é duma preguiça incrível... A maior parte do ano, meus filhos e eu nos alimentamos com um pouco de frios, que ela própria, à última hora, vai comprar aí perto. Isto não se atura!
Resposta: - É um caso simples de insuficiência supra-renal; eis o responsável por tal preguiça, que pode ter serias conseqüências para a saúde do marido e dos filhos, bem como para a tranqüilidade do lar [...] (JM - 05.12.1940, p. 25)

Imaginamos se as mulheres, após a leitura do artigo, ficavam tentadas a “entrar na linha”, o que significaria, jamais ocupar o tempo do marido com bobagens, em nenhum momento deixar de dar-lhe atenção ou atrasar-se, jamais ter alterações de humor ou ficar cansada, jamais manifestar opinião própria ou descuidar da aparência, jamais deixar de *submeter-se* aos trabalhos caseiros... Estes “descontroles femininos”, como veremos, serão abordados pelas piadas.

Como afirmamos no início deste capítulo, não podemos ignorar, na análise das piadas de casamento, que a relação entre homem e mulher é uma relação de gênero. No próximo capítulo pretendemos mostrar que aquilo que se diz nas piadas de casamento não pode se lido sem que se levem em conta os significados de gênero. As relações entre marido e mulher são construídas, socialmente, dentro de parâmetros de poder e hierarquia, determinantes dos papéis sociais estabelecidos para o ser homem e o ser mulher. Acreditamos, porém, que as piadas de casamento têm um duplo poder: elas contribuem para a reprodução de valores estabelecidos, quando reforçam preconceitos, ou podem atuar como crítica a valores arraigados, como por exemplo, a crença da superioridade do masculino sobre o feminino.

6 O HUMOR DE “ANTES” E DE HOJE

6.1 Do que falavam as piadas de casamento “antes” (1924 a 1959)

O que estamos chamando, neste capítulo, de “humor de antes”, se refere, principalmente, às piadas sobre casamento veiculadas em um magazine feminino, *Jornal das Moças – Semanário Ilustrado e Literário*, publicado no Rio de Janeiro. Nascido em 1914, *Jornal das Moças* apresentava-se como uma revista a serviço da sociedade e da família, própria para senhoras e senhoritas, pois que lhes trazia “cousas úteis e ensinamentos interessantes que formam de um lar um verdadeiro paraíso”. A grande maioria das piadas antigas, selecionadas para análise, foi retirada de exemplares publicados no período de 1939 a 1943.

Outras piadas, publicadas entre 1945 e 1959, foram extraídas de Bassanezi (1992). Da autora, utilizamos, ainda, textos do mesmo período, que se referem aos ensinamentos, conselhos que *Jornal das Moças* passava às suas leitoras, discursos sérios que utilizamos como contraponto dos discursos “não-sérios” das piadas. De exemplares da revista feminina *A Cigarra*, publicados no período de 1939 a 1950, extraímos textos que, também sob a forma de conselhos (*Consultório Sentimental de Maria Helena*) passavam às suas leitoras (ou eventuais leitores) os padrões de comportamento exigidos na relação entre homens e mulheres. Se os textos sérios (os ensinamentos) dizem que as esposas têm a obrigação de cozinhar bem para agradar ao marido, as piadas dizem que elas não sabem cozinhar; se os textos sérios dizem que as esposas não podem ser “mandonas”, nas piadas elas o são.

Os objetivos dos conselhos das revistas femininas estão bem definidos em um dos textos de *Consultório Sentimental de Maria Helena*, publicado na revista *A Cigarra*, n. 62, maio de 1939. Na sua reprodução, preferimos manter a ortografia oficial da época.

Há uns conselhos que todas as moças devem ouvir. Dizem que conselhos não se oferecem, mas **tenho quase a certeza de que o êxito sentimental de muitas senhoritas residiria simplesmente em aplicar algumas das sugestões que vou indicar aqui**. Não pensem, entretanto, que estas palavras são uma receita infalível para o sucesso no amor; não é disso que se trata. Refiro-me a **um grande número de cuidados que, se algumas mocinhas tivessem, decerto conseguiriam atrair e prender o rapaz de quem gostam, e para sempre**. Quantas vezes, por exemplo, uma pequena phrase desmancha toda uma

aproximação que poderia resultar num casamento feliz? Quantas moças existem que, depois de uma rusga, tem o bom senso inútil de reconhecer que “não deviam ter dito isso”, ou “não deviam ter falado aquilo”? (p. 89 – os grifos são nossos)

Um pouco mais antigas, algumas anedotas analisadas foram publicadas por Beatriz Al-Chediak K. Kruschewsky (1982) em seu livro *Colcha de Retalhos*. Nesse livro a autora diz reunir, à guisa de lembranças, “uma coletânea de pensamentos, provérbios, sentenças, adivinhações, charadas, perguntas e *anedotas sadias*, reunidos com muito carinho, ao longo do tempo, nas minhas horas de lazer e meditação”. Dessas lembranças, fazem parte anedotas colecionadas pelo irmão da autora entre os anos de 1924 e 1925, que merecem um capítulo especial em seu livro. Para nós, são bastante importantes, pois constituem algumas das piadas mais antigas a que tivemos acesso.

De outra obra, publicada em 1950, e que traz na capa a autoria de Manoel Maria Barbosa de Bocage, autor português que viveu de 1766 a 1805, retiramos uma série de anedotas interessantes . Os editores apressam-se, porém, a observar que “não se conhece nenhuma coletânea de anedotas, repentes e improvisos chistosos do exímio poeta, não se podendo, pois, provar a autenticidade delas, isto é, como sendo deles”. No capítulo denominado “anedotário”, os editores confirmam que selecionaram anedotas que “embora não sejam de autoria do poeta, por certo cairão no agrado do leitor” De todo modo, independentemente da veracidade da autoria, as piadas veiculadas nesta obra interessaram-nos pela data em que foram publicadas.

O critério para analisar o que chamamos piadas “de antes” não obedece a nenhum padrão rigorosamente científico mas, a uma percepção de que, a partir do final da década de 1950, a sociedade brasileira começa a sofrer profundas transformações de valores, particularmente dos femininos. Na década de 1960, o movimento feminista brasileiro adquire grande força. Valores sociais arraigados, preconceitos sociais relativos à participação da mulher no mercado de trabalho e nos acontecimentos políticos, estereótipos sobre as diferenças entre o masculino e o feminino, as necessidades e interesses das mulheres que ultrapassam os papéis que lhes eram pré-determinados constituem alguns aspectos e valores dessas transformações. Há, principalmente, significativas mudanças nos papéis sociais atribuídos às mulheres (seus deveres no lar; as relações de trabalho fora do lar; estudo...). Assim, diante da necessidade de estabelecermos um,

critério, estamos considerando, como “de antes” as piadas de casamento veiculadas no período de 1924 a 1959. Que diziam as piadas de casamento “antigamente”?

6.1.1 Sobre as esposas

Durante a realização de um trabalho de pesquisa sobre humor, chamou-nos a atenção o fato de que alguns periódicos mais antigos, voltados para o público feminino, neste caso o *Jornal das Moças*, dedicava-se à publicação de piadas que, de maneira geral, faziam referências nada elogiosas às mulheres, particularmente às mulheres-esposas. Nessas piadas, as esposas são os principais alvos e merecem uma sorte enorme de referências negativas, quando não, pejorativas.

Tivemos, inicialmente, certo impasse na separação do “corpus” a ser analisado, pois muitas referências feitas às esposas, nas piadas, identificavam-se com as referências feitas às mulheres: os “defeitos” das esposas são “defeitos” socialmente atribuídos às mulheres de maneira geral. Os papéis sociais da mulher e da esposa não são exatamente distintos. A visão que a sociedade tem da mulher não desaparece totalmente quando ela se torna esposa, embora esse novo “status” possa acrescentar novos atributos à mulher. Faz parte do “senso comum” acreditar que mulher “fala demais”, “é fútil”, “dirige mal”, ou que “seu lugar é na cozinha” etc. Nas piadas, as esposas falam demais, são fúteis, dirigem mal etc. Sendo assim, optamos, na seleção das piadas, por aquelas que falam das mulheres no contexto do casamento, as que se referem, de maneira geral, às esposas. “Falar demais” é um defeito das esposas ou das mulheres? Parece que nas piadas de casamento, esse defeito das mulheres piora quando elas se transformam em esposas.

Record...

- *A minha mulher, se tiver assunto, é capaz de falar um dia inteiro.*
- *Pois a minha, mesmo sem tê-lo, fala uma semana. (JM, 12/6/1941)*

Todavia, no papel de “esposa”, a mulher recebe outros atributos ou referências além daqueles que já tem por ser mulher, como, por exemplo, o fato de que as esposas tiram a liberdade dos maridos. Não encontramos piadas que digam o contrário: que “maridos tiram a liberdade das esposas”.

Satisfação...

(Figura: os presos, na cela, contentes com a oportunidade de poderem fugir naquela noite)

- Olha! A esposa do guarda proíbe-o de sair nesta noite. (JM, 01/10/1942)

6.1.1.1 As esposas são incompetentes

A incompetência feminina, nas piadas, geralmente se refere ao exercício de suas atividades dentro do lar. Nas revistas femininas, os conselhos voltam-se, principalmente, para a formação da jovem que pretendem ser, no futuro, uma boa dona de casa. Ser competente, para a mulher, é saber administrar com eficiência uma casa:

Um grande passo deu o ensino feminino em sua última reforma. Cuidando da educação intelectual das meninas e moças, foi incluído entre as matérias do curso secundário o ensino de economia doméstica. Antes tarde que nunca!

Agora já vemos as mocinhas interessadas em saber como se governa um lar, como se administra uma casa, como se cumpre **um dos mais sagrados deveres de uma mulher. Sem estes ensinamentos a mulher não se completa.** (Jornal das Moças, 17/9/1942, p. 16 – grifo nosso).

Enquanto o texto destaca a importância do ensino da economia doméstica no currículo das futuras donas de casa, as piadas confirmam que as esposas não são competentes ao cumprirem seus “sagrados deveres”. Assim, vejamos.

. As esposas não têm dotes artísticos

Prendas domésticas ou dotes artísticos são qualidades que devem fazer parte das virtudes das moças casadoiras. Essas qualidades, somadas a uma série de outras mais, são garantia de conquista de um pretendente e de um provável casamento. O periódico *Jornal das Moças* apresenta seções especiais para as jovens aprenderem a arte de ser uma “boa esposa”. Para tanto, trazem seções especiais sobre conselhos sentimentais, culinária, bordado, moda, contos, poesias, lições de francês, espanhol, italiano e inglês, tudo voltado para contribuir com o desenvolvimento das habilidades e cultura das futuras donas de casa. Apresenta, ainda, uma seção especial com letras de canções populares e partituras musicais. Saber cantar ou tocar um instrumento musical,

são habilidades desejáveis para uma esposa, e que podem agradar muito ao marido. Na coluna “*Consultório Sentimental*” da revista *A Cigarra* (maio, 1945), a consultora aconselha a consulente a mudar seus hábitos:

Não condeno absolutamente o fumo para as mulheres. Acho somente que o cheiro de tabaco nem sempre é agradável a quem está junto delas, mormente outra pessoa fumando também. Por que me pergunta, Miss França: quer aprender a fumar? Trate primeiramente de saber se os rapazes que a procuram em festas apreciam esse gênero de meninas...pois está arriscada a perder irremediavelmente os parceiros de danças. Sua letra revela um temperamento agitado em extremo, pouco lógico e de tendência ainda obscura. **Talvez você tenha jeito para a música – já experimentou tocar piano?** Confusão absoluta de idéias, princípios e de reações. Que emaranhado, essa cabecinha!”.(maio, 1945. p. 102)

Embora afirme “não condenar o fumo”, a consultora observa que rapazes podem não apreciar “esse gênero de meninas”. Para convencer a “confusa”, “agitada”, “ilógica” e “obscura” menina a trocar de idéia, o conselho é que ela se dedique a algo mais inofensivo e adequado a meninas casadoiras e provavelmente mais apreciado pelos rapazes: *aprender a tocar piano*.

Os cuidados com a voz são imprescindíveis para uma mulher. A voz bem cuidada é um atrativo a mais nela, - *tem o poder de enfeitiçar e atrair*:

Em todo reino animal, o feitiço da voz é irresistível; eletrifica, diríamos, qualquer individuo do sexo oposto, desde os pássaros e os insetos até os mamíferos evoluídos. Em todas as relações da vida, as notas vibrantes da voz de uma mulher repelem ou atraem demais. A voz tem um poder extraordinário. (Jornal das Moças, 10/9/1942, p. 43/44)

Mesmo demonstrando seus “dons artísticos”, as esposas, nas piadas, não são perdoadas em suas cantorias. Talvez as piadas estejam dizendo que essas “virtudes” não são dons verdadeiros, mas artimanhas utilizadas pelas moças com o objetivo de impressionar bem seus prováveis pretendentes. Depois do casamento não há mais aparências a serem mantidas: as piadas revelam que as esposas cantam muito mal e tocam de maneira lastimável seus instrumentos musicais.

Desacordo...

O marido: - Esse bebê está insuportável!

A esposa: - Vou cantar uma coisa para niná-lo.

O marido: - Não, querida! Prefiro que ele fique chorando... (JM - 05/09/1940).

Comodismo...

- *Então, não te incomodas que a tua esposa cante no rádio?*
- *Absolutamente! Se eu posso mudar de estação...* (JM - 01/01/1942).

Diligência...

- (Figura: os policiais, armados, invadindo a casa e inquirindo a mulher sentada ao piano)*
- *Onde está o Sr. Mozart? Telefonaram para a delegacia dizendo que aqui o estavam matando.* (JM - 12/06/1941).

Anfitriões...

- O marido: - Já estou farto de festa. Agora eu dormiria de bom gosto.*
- A esposa: - E como faríamos para que os convidados se fossem?*
- O marido: - Tenho uma idéia: põe-te a tocar piano.* (JM - 26/02/1942).

. As esposas não possuem dotes culinários

Há um discurso recorrente, obviamente discriminatório, que “lugar de mulher é na cozinha”. Porém, nas piadas, nem no lugar que “lhe é de direito” a mulher consegue desempenhar bem suas funções, principalmente a de “saber cozinhar”. As revistas femininas, de algumas décadas atrás, alertam as moças sobre a importância das habilidades culinárias, uma das virtudes mais importantes para a futura dona de casa. As propagandas dos produtos utilizados na culinária reforçam esse discurso: “agarre seu homem pelo estômago”, “deixe a sua família feliz”, “ganhe um elogio agradando à gulodice de seu marido”.

Toda mulher que se casa tem a intenção de fazer feliz o homem com quem se une, é desnecessário confirmar. Deseja, outrossim, tornar seu lar em um paraíso terrestre; por isto não deve esquecer que para tal conseguir é preciso considerar a arte culinária como uma ciência. Assim a felicidade matrimonial, depois de haver feito sua entrada triunfal pela sala, não se escapará pela porta da cozinha. (JM, 01/10/1942, p.16)

Mas, as piadas dizem que as mulheres casam sem entender bem (ou quase nada) dos assuntos culinários.

(1) Almoço...

- O marido: - Esta salada está com um gosto horrível! Tu a lavaste?*
- A esposa: - Naturalmente, lavei-a com sabão.* (JM - 18/02/1943).

(2) Desposada...

(Figura: a noiva recém-casada, saindo da igreja com o noivo)

A noiva: - Eu começo, neste momento, a ser dona de casa. Francamente, não sei o que é que hei de preparar para o jantar. Dá-me uma idéia! (JM – 04/06/1942).

(3) Entrevista...

O repórter: - Qual é, na sua opinião, a maior desvantagem de possuir uma grande fortuna?

O novo-rico: - A maior, para mim, foi a minha mulher deixar de cozinhar... (JM – 29/04/1943)

Em (1) a esposa não sabe lavar uma salada. Em (2) ela mal casou e já anuncia sua incompetência na cozinha. A piada (3) parece ter um sentido ambíguo. Depois que o entrevistado ficou rico, a esposa parou de cozinhar. O que ele quer dar a entender com “a maior desvantagem em possuir uma grande fortuna”? Que a esposa cozinhasse bem e agora ele come mal ou, em consequência da nova riqueza, a esposa abandonou o “lugar onde deveria estar”, isto é, a cozinha?

A piada (4), abaixo, é uma verdadeira “pérola”. O que quer ela dizer? Que, dentre todos os dotes o mais importante e fundamental para a mulher é saber cozinhar? Reforça o discurso de que uma das razões que leva o homem a decidir-se pelo casamento está na possibilidade de encontrar alguém que cozinhe ou faça outros serviços para ele?

(4) Referências...

A dama: - Eu não digo porque ela seja minha filha, mas Zizinha é uma jovem muito prendada: desenha, toca piano, fala quatro línguas, monta a cavalo..

O cavalheiro: - Se eu soubesse cozinhar me casaria com ela. (JM – 22/10/1942).

Além disso, dizem as piadas que, no preparo das refeições, a esposa não tem higiene:

Ao jantar...

A esposa (sentimental): - Mas como se conhece a aproximação da primavera! Há perfumes no ar, flores nas plantas ...

O marido (aborrecido): - É verdade! E cabelos na sopa...(JM - 12/09/40)

. As esposas estragam as coisas do marido

A “verdadeira” dona de casa é aquela que cuida do bem estar dos filhos e do marido, é prestimosa e cuidadosa, além do que, sabe respeitar o espaço e as coisas do esposo. Nas piadas isto não funciona assim:

Boa navalha...

A esposa: - Já não tens razão de dizer que não podes fazer a barba com essa navalha.

O marido: - Por quê?

A esposa: - Porque ainda hoje cortei com ela o linóleo e vi que ela trabalha perfeitamente bem. (JM - 04/09/1941)

. As esposas são incompetentes no trabalho fora do lar

Bassanezi (1992) observa que “a moral conservadora e o discurso que procura sustentar a dominação masculina nas relações de gênero encaram o trabalho feminino fora do âmbito doméstico como uma ameaça a sua estabilidade”. (p. 206). As revistas femininas reforçam a importância da mulher permanecer no lar, exercendo seu papel de dona de casa, esposa e mãe. Mesmo que ela faça a opção por estudar e trabalhar fora do lar, não pode esquecer que a profissionalização está sempre em segundo plano em relação aos seus deveres no lar. O trabalho justifica-se, em último caso, pela necessidade de ajudar a família ou o marido. Mesmo assim, pais e maridos sentem-se envergonhados pelo fato de “terem filhas ou esposas trabalhando fora do lar, pois isto poderia representar socialmente sua incapacidade em cumprir como *dever masculino* de provedor da casa” (WILLEMS, 1954, apud BASSANEZI, 1992. p. 209). O trabalho do lar é, declaradamente, a profissão mais indicada para a mulher:

É freqüente ouvir as mães se consultarem sobre o destino que devem dar às filhas moças. Devem ser funcionárias públicas ou comerciais, advogadas ou médicas, contadoras ou secretárias. As perguntas são mais ou menos estas. **Melhor seria educá-las como perfeitas mães de família e administradoras de um lar. Parece ser esta a profissão mais indicada para a mulher.** E tão pouco se pensa nisto!... (Jornal das Moças, 03/9/1942, p. 13, *Evangelho das mães* – grifo nosso)

Em uma entrevista à *Revista Cigarra* (outubro, 1948, p. 109) uma enfermeira, ao ser inquirida sobre o trabalho da mulher fora do lar, esclarece a própria visão da mulher sobre o assunto:

- . Sobre o trabalho feminino fora do lar:

Uma fonte de experiência que permite à mulher ter mais iniciativa para o trabalho no lar, moldando-a em ajudadora eficiente e compreensiva do homem. **O ideal, porém, seria, que a mulher-mãe se dedicasse exclusivamente à direção de seu lar e educação de seus filhos.** (grifo nosso)

- . Sobre o maior problema que a mulher que trabalha fora enfrenta:

A falta de compreensão e apoio de criaturas que vêm na mulher que trabalha fora do lar, **o desejo ilógico de fazer concorrência ao homem**, e não uma necessidade que lhe foi imposta pela vida atual. (grifo nosso)

- . Sobre o que pensa da mulher, em geral, e do seu papel no mundo de hoje:

Continua sendo **a responsável direta pelo destino de um povo**, pois em suas mãos está colocada a grande responsabilidade da educação dos filhos, e futuro dos homens (grifo nosso)

- . O que pensa sobre o casamento:

É a base moral de um povo e **dele não deverá fugir a mulher prudente.** (grifo nosso)

As respostas da entrevistada são muito interessantes, pois, mesmo exercendo uma profissão fora do lar, ela não deixa de repetir os estereótipos comuns à época: o trabalho visto como uma experiência preparatória para as atividades do lar; é secundário em relação à criação dos filhos; é uma necessidade imposta pelas condições sociais. Enfim, o casamento continua a ser o ideal da mulher “prudente”.

Em uma piada, publicada em 1942, o marido faz uma observação jocosa ao comentário da esposa, uma atriz. Uma forma de resistência ao trabalho feminino fora do lar? Pode ser.

Falta de educação...

A atriz: - Quando eu entro em cena, já todo mundo se acha de boca aberta.

O marido: - Que falta de educação! Bocejar numa sala de espetáculo! (JM - 31/12/1942).

Certamente o efeito da piada está na dupla interpretação da expressão “boca aberta”. O marido desqualifica a profissão da esposa, ao definir, numa visão bastante machista, que “boca

aberta” só pode significar o bocejo de tédio da platéia e jamais um gesto de admiração pelo seu trabalho como atriz. A mulher que trabalha fora do lar não consegue realizar suas “obrigações domésticas”:

Recém-casados...

A datilógrafa, retirando a carne queimada do forno:

- Querido, vai comprar depressa outro quilo de carne para bife antes que eu faça uma asneira...(JM - 11/3/1943)

A esposa, uma datilógrafa, recém-casada, queima a carne. A referência à profissão exercida pela esposa reforça o discurso de que ela, provavelmente, não aprendeu bem suas obrigações (saber cozinhar), já que se dedica a uma outra profissão. As revistas femininas da época enfatizam, sempre, que o dever primeiro da mulher é aprender a ser uma boa esposa, dona de casa, mãe extremosa e dedicada... Alertam para os “perigos” que cercam as mulheres que se “arriscam” em trabalhar fora do lar. Bassanezi (1996), observa que “a moral conservadora e os discursos que procuram sustentar a dominação masculina nas relações de gênero encaram o trabalho feminino fora do âmbito doméstico como uma ameaça à sua estabilidade”. (p. 208)

O discurso de impedimento ao trabalho feminino fora do lar inicia-se antes do casamento, quando as moças são aconselhadas a deixarem de lado quaisquer pretensões ligadas ao estudo, considerado secundário. Na revista *A Cigarra*, de junho de 1945, na coluna *Consultório Sentimental de Maria Helena*, a consulente recebe o seguinte conselho:

Se seu pai é risonho e delicado com os outros e arrebatado e brusco dentro de casa, deve ter motivos para isso, Sandra. Talvez na esteja bem de saúde. Talvez também viva descontente por ninharias, por pequenas incompreensões da família....Experimente mesmo, para ver a sua reação, **prometer largar os estudos contanto que ele seja seu amigo**...chegue-se com carinho, com cuidado, para não ferir a sua susceptibilidade e faça esse trato. Quem sabe dá bom resultado? Tenha especial cuidado, porém, de não demonstrar desgosto nenhum pelo enorme sacrifício a que se vai submeter. **Afinal os seus estudos estão em plano secundário – devem estar, pelo menos, ante o amor paterno participante e a paz da família ameaçada. Não acha?** (p. 93 – grifo nosso)

A mulher “aprende” que quaisquer sacrifícios são válidos para evitar que a paz da família seja ameaçada. Abnegação é o adjetivo que melhor a qualifica. A mulher jamais deve ser “egoísta” a ponto de colocar seus interesses à frente dos interesses da família.

. As esposas dirigem mal

Provavelmente, um dos preconceitos mais arraigados contra as mulheres é a crença de que elas dirigem mal. Seria uma espécie de vingança masculina pelo fato de as mulheres ocuparem um espaço que tradicionalmente foi seu?. Dizem os estudiosos do gênero que esta seria uma das razões. Nada mais natural, então, que uma piada sobre esposas denuncie mais esta “incompetência”.

Experiência...

(figura: mostra a mulher do capitão entrando num tanque de guerra)

- Esta é a última experiência que se faz com o “tank”. Se a mulher do capitão não conseguir arreventá-lo ele está à prova de qualquer canhão... (JM-8/10/1942)

6.1.1.2 As esposas têm muitos outros defeitos

Além da incompetência, as piadas revelam uma outra série de defeitos das esposas. Bassanezi (1996) entende que as piadas veiculadas no *Jornal das Moças* podem ter uma tripla função: (1) funcionam como uma forma de controle (aprovação e desaprovação) do comportamento feminino, e reforço à ordem e à “hierarquia dominante que atribui ao masculino, superioridade ao feminino”; (2) revelam críticas aos valores sociais “tais como felicidade no casamento, a autoridade paterna, o consumismo, a manutenção das aparências a qualquer custo, o romantismo etc”; (3) ou, revelam a possibilidade de se pensar mudanças nos padrões sociais “mostrando possibilidades e ampliando opções de comportamento em situações como mulheres ousadas, namoradeiras, casamentos por interesse, esposas com poder sobre homens submissos, relações extraconjugais”.

Controlar, criticar, mudar, afinal que pretendem as piadas? Elas podem estar fazendo tudo isso, mas é certo, também, que estas não são suas funções primárias. As piadas têm como propósito divertir, provocar o riso, mas, não há como ignorar que elas estão reproduzindo discursos que, de alguma maneira, já estão circulando. A piada é apenas uma outra forma de circulação desses discursos.

Quais são os principais defeitos das esposas abordados como temas das piadas de casamento?

. As esposas são muito ciumentas

As revistas femininas aconselham que **ciúme** é um sentimento que a esposa não deve manifestar, jamais. Ela não pode “incomodar” o marido com suspeitas sobre sua conduta, tampouco duvidar das explicações de seu atraso ao chegar do serviço. Mesmo que a mulher desconfie de traição, cenas de ciúmes devem ser evitadas, pois “nenhum homem gosta de ser corrigido”, “porque os homens já sabem perfeitamente quando procedem mal e não precisam de ninguém para dizer-lhes quando estão errados” (Bassanezi, 1996. p. 306). Sendo assim, a estabilidade do casamento, nessas ocasiões, é responsabilidade exclusiva da esposa, que deve suportar com paciência os desvios e leviandades do marido, já que “são atitudes próprias dos homens”. Ela estaria evitando, dessa maneira, “o risco” de ser abandonada. Se a traição é um desvio de conduta impensável para as mulheres, a traição masculina, pela dupla moral social, é considerada natural, algo próprio da “natureza dos homens”. Em Bassanezi (1996), encontramos alguns textos que ilustram conselhos para mulheres ciumentas:

Cabe à mulher manter no homem a vontade de voltar para junto dos seus, no lugar reservado para ele, onde encontrará a felicidade esperando-o de braços abertos. [...]
 Mais do que orgulho, o seu dever é mais forte [...] passe uma esponja sobre um desvio, **uma leviandade tão própria dos homens. Caso contrário, quando ele a abandonar, acha que seu ataque de nervos**, a sua crise de orgulho, secará suas lágrimas? (p. 307 - o grifo é nosso)

Ciúme, nas revistas femininas, aparece como um defeito da mulher (nas piadas, os homens parecem não sentir ciúme das esposas). As revistas femininas reforçam o perigo das cenas de ciúme que podem colocar em risco a estabilidade do casamento:

A moça ciumenta prejudica-se por duas razões: a primeira porque desce de sua dignidade de mulher para tornar-se um vulgar espia do marido. **Segundo, porque seus ciúmes muitas vezes injustificados exageram e excitam ao pecado. Mais o homem é vigiado, mais tem vontade de se vingar, escapulindo de todas as maneiras.** (A Cigarra, jan. 1947, p. 106 – grifo nosso).

Mesmo diante dos “sábios” conselhos, nas piadas, as mulheres continuam ciumentas:

Já sabia...

A esposa: - Que é que tu achas da nova empregada?

O marido: - Esplêndida!

A esposa: - Eu já sabia. Acabei de despedi-la por isso mesmo (JM-26/12/1940)

A procura...

- O senhor viu por aí uma rapariga vendendo rifa?

- Por quê? Quer comprar alguma?

- Não, eu estou procurando o meu marido. (JM - 13/11/1941)

No magazine de modas...

- Escuta aqui: tu não viste a minha esposa por aí?

- Não! Mas, se te perdeste dela põe-te a conversar com uma das caixeiras; verás que ela aparece num instante (JM – 17/04/1941)

Ciúme...

(figura: a esposa, segurando um fio de cabelo e dizendo ao marido careca):

- Estás manchando a honra de nosso lar. Olha o que encontrei. Um fio de cabelo no teu pente. (JM – 17/02/1942)

Não foram encontradas, no corpus analisado, piadas que tivessem como tema o ciúme masculino. A tentativa da esposa, em algumas delas, em despertar o ciúme do marido, se reverte em total indiferença:

Galanteria...

A esposa: - Sabes que foi que me disse esse jovem? Que eu tenho uma beleza dos contos de fada.

O marido: - Claro! Esses contos costumam começar: Era uma vez... (JM - 06/02/1941).

. As esposas são feias

As “belas” jovens pelas quais os homens se apaixonam, quando solteiros, parecem transformar-se, com o casamento, de “anjos” em “bruxas”, de “belas” em “feias”. E, qualquer

elogio que um estranho faça à esposa será, provavelmente, produto de um terrível engano ou consequência de uma deficiência visual:

De duas, uma ...

- *A tua esposa é um anjo!*

- *De duas, uma: ou tu não conheces minha mulher, ou nunca viste um anjo em toda tua vida. (JM - 25/07/1940)*

A piada não esclarece o conceito de anjo. Podemos entender “anjo de bondade” ou “anjo de beleza”. De todo modo, acredita-se que os anjos são bons e belos.

Velho casal...

A esposa: - Um desavergonhado teve hoje o atrevimento de beijar-me na rua!

O marido: - Um desavergonhado?! Não teria sido um pobre cego? (JM - 04/02/1943)

Em outra piada, parecida com a piada acima, o sujeito desconhecido que beija a mulher, não é um cego, mas provavelmente um apaixonado por “antiguidades”. A idade é um problema de beleza diante do estereótipo da mulher que deve parecer sempre jovem. Nas piadas, a esposa, geralmente, é feia, velha, exageradamente gorda...

Horrorizada...

A esposa: - Estou horrorizada! Um sujeito desconhecido, com quem esbarrei, me beijou na rua...

O marido: - Não será um apaixonado por antiguidades? (JM - 26/02/1942)

As revistas femininas alertam as mulheres sobre a importância dos cuidados com a aparência, considerada uma virtude fundamental para a manutenção da felicidade conjugal; a mulher tem a obrigação de embelezar-se para o marido. Mesmo dando conta de toda a arrumação do lar, a mulher deve apresentar-se “arrumadinha” quando o marido chega em casa. Uma forma de garantir a “caça bem presa”:

Vista-se, depois de casada, com a mesma elegância e bom gosto de solteira. Lembre-se: **é uma verdade que a caça já foi feita**, mas agora você deve tê-la bem presa [...]. (Jornal da Moças, 1955, apud BASSANEZI, p. 256 – grifo nosso) [...] a mulher, antes de agradecer os outros [...] **tem a obrigação de embelezar-se para o marido**, que é o homem mais importante de sua vida. (Jornal da Moças, 1959, apud BASSANEZI, 1992, p. 256/257 – grifo nosso)

Manter-se bem humorada, arrumada, atraente, sem descuidar dos afazeres do lar e dos filhos, é uma garantia de que o marido esquecerá as mulheres bonitas que ele admirou na rua. A mulher é responsável pelas eventuais traições do marido “que vai procurar fora do lar aquilo que não encontra dentro”:

[...] Não há homem que não aprecie chegar em casa, depois de um dia de trabalho agitado no escritório [...], e encontrar a esposa arrumada com um aspecto atraente [...] O homem que chega em casa e encontra a esposa assim [...] esquece a mulher que admirou na rua e se sente feliz e satisfeito de ter em casa, alguém talvez ainda mais atraente, - a sua esposa (Jornal da Moças, 1959, apud BASSANEZI, 1992, p. 257)

Um “aventuzinho” por cima do vestido simples, pode fazer toda a diferença para manter a marido atraído:

E como as **outras** continuam parecer-lhe jovens e atraentes, serão inevitáveis as comparações com conseqüências fáceis de imaginar . (...) Para vencer a indiferença masculina, a mulher deve procurar tornar-se mais atraente. Aos homens não agrada ver uma mulher, **mesmo sendo uma cozinheira** de mão cheia (...), embrulhada num roupão desbotado. **Um aventuzinho elegante sobre um vestido simples pode dar um toque de agradável coqueteria** (*Para ler na viagem de núpcias – Cl 07.62*, apud BASSANEZI, 1992, p.258 – grifos nossos)

Mas nas piadas as esposas são feias:

Exposição de pintura...

- *Livra! Mas que quadro horrível!*
- *Cavalheiro, sou eu o autor desse trabalho.*
- *O qualificativo - horrível - não se aplica, no meu espírito, ao quadro em si, mas ao modelo.*
- *Esse modelo, cavalheiro, é minha esposa... (JM - 06/02/1941)*

As características físicas das “esposas” as aproximam de megeras, “verdadeiras bruxas”. Nas piadas acompanhadas de desenhos ilustrativos, se as figuras das moças solteiras são graciosas e sensuais, as figuras da esposa são, de maneira geral, grotescas: elas são feias, desganhadas, têm pernas peludas e tortas, são excessivamente gordas ou magras, com nariz desproporcional e verrugas.

A esposa: - Não viverei a teu lado! Vou-me embora e nunca mais saberá de mim...Adeus!

O marido: - Já vai tarde...Quando você desaparecer, darei parte à polícia, e os jornais publicarão: Desapareceu a sra. Tal. Características: dentadura postiça, número de calçado 44, nariz comprido, pele manchada...

A esposa: - Basta! Eu...não vou...Fico.(Bocage, 1950, p.97)

Mesmo quando a esposa tenta obter um ar mais jovial, tal como um novo corte de cabelo, para o marido ela continua parecendo uma velha, ou melhor um “velho”:

Novo aspecto...

A esposa: - Agora que eu cortei meu cabelo à la garçonne, já não podes dizer que pareço uma velha.

O marido: - Não! Pareces um velho. (JM - 25/07/1940)

Através do tracadilho “uma velha/um velho”, a piada revela uma outra crítica, provavelmente muito adequada aos anos 40: apresentar-se com cabelos curtos, “à la garçonne”, era uma atitude não muito “feminina” e uma afronta às normas vigentes, já que o padrão ideal para as mulheres, na época, era usá-los compridos.

. As esposas gastam o dinheiro do marido ou gastam demais

“As mulheres gastam o dinheiro do marido”, ou “gastam demais”, estes são alguns dos principais temas das piadas de casamento. Nelas, e em muitos outros discursos, o marido aparece como aquele que “trabalha e ganha o dinheiro” e a mulher, aquela que “fica em casa e gasta o dinheiro do marido”. As revistas femininas delimitam o papel social do homem e da mulher: ele, o chefe da família, único responsável pelo sustento da esposa, filhos e despesas do lar e ela, esposa, mãe e dona de casa:

É uma afirmativa incontestável de que os pequenos gastos conduzem os pródigos aos gastos grandes, pelo que **as mães de família devem atentar para as pequenas despesas que possam deixar de ser feitas**, senão, sem que se apercebam, estão fazendo gastos excessivos. Há dignidade em toda tentativa de economia. A economia é um produto da experiência, do exemplo e da previsão; é também consequência da educação e da inteligência. E a ninguém melhor que a mulher pode corresponder a tarefa sagrada da economia doméstica. (Jornal das Moças, 21/5/1942, p. 59 – grifo nosso)

As piadas não perdoam mais esse “defeito” feminino.

Justa causa...

- *Senhora!* – exclama a criada, o patrão está desmaiado em seu quarto com uma caixa em uma das mãos e um papel amarrotado na outra.
- *Ah, bem!* – diz a esposa sem se inquietar. Já sei o que aconteceu. Trouxeram meu chapéu novo... com a conta. (KAUARK, 1924-1925, apud KRUSCHEWSKY, 1982, p. 170)

Equívoco...

- (Figura: marido segurando grande pilha de pacotes diante da loja)
- *Não “seu” guarda, não estou fazendo nenhuma demonstração pública. Estou somente à espera da minha esposa.* (JM - 25/12/1941)

Morte suspeita...

- O comissário:* - *O senhor está na convicção de que o homem se suicidou?*
A testemunha: - *Eu não tenho a menor dúvida. Vi perfeitamente que ele tinha na mão uma fatura da costureira de sua mulher.* (JM - 03/09/1943)

Experiência...

- *Não sei que hei de oferecer a minha esposa no dia do seu aniversário.*
- *E por que não lhe perguntas o que ela deseja?*
- *Oh! Não. O meu dinheiro não dá para tanto.* (JM - 12/12/1940)

Em algumas piadas as esposas têm total controle sobre o dinheiro que o marido recebe:

Entre maridos...

- *Quanto recibes de saldo do teu ordenado no fim de cada mês?*
- *Nada.*
- *Nada? Mas como?*
- *Sim, a minha mulher vai à oficina todos os dias de pagamento e ela mesma recebe o saldo* (JM - 29/08/1940)

Apuros...

- O marido, entrando em casa e seguido de um assaltante armado:*
 - *Querida, atende a este senhor. Ele me assaltou e não quer acreditar que és tu quem guarda o dinheiro* (JM - 08/05/1941)

O hábito de “gastar demais” faz da esposa uma ladra, - ela não dispensa oportunidades para “tirar” dinheiro do marido, mesmo que, para isto, tenha que roubá-lo:

Indireta...

- O marido:* - *Escuta, o nosso filho tirou-me dinheiro do bolso.*
A esposa: - *Ora, João, como é que podes dizer isso? Parece até que me acusas?*

O marido: - Não, querida, eu não te acuso; deixaram-me uns níqueis na carteira (JM - 13/03/1941)

A piada abaixo parece sugerir que o ladrão, “politicamente correto”, precisando de roupas, roubou só as roupas da vítima. A esposa, gananciosa, o censura por não ter roubado o dinheiro. Ela parece ser “pior ladrão” que o marido.

Interrogatório...

*- Mas como você roubou as roupas da vítima e não lhe tocou no dinheiro?
- Mas até vossa excelência, senhor delegado? Ainda há pouco, a minha mulher também me censurou por causa disto (JM - 24/12/1942)*

. As esposas são oportunistas

As esposas não perdem quaisquer oportunidades para tirar proveito das situações:

(1) *Impaciência...*

A dona da casa: - Estou ansiosa para ver que presente o meu marido vai me trazer.

A visita: - Hoje é dia do teu aniversário?

A dona da casa: Não, é que nós brigamos nesta manhã. (JM - 29/10/1942)

(2) *Defesa...*

A esposa: - Não te esqueças de que o meu aniversário é no dia 20 e o do meu padroeiro é dia 30.

O marido: - Bem, vou fazer-te um presente no dia 25 (JM - 12/6/1941)

Em (2) embora a lembrança das duas datas possa parecer um oportunismo da esposa, para ganhar dois presentes, a resposta do marido pode sugerir “pão-durismo”.

(3) *Colhendo verde...*

A vizinha: - Ouvi dizer uma coisa do seu marido, senhora Brown, que chega até a arrepiar.

Senhora Brown: - Então, conte-me depressa: eu estou precisando de um chapéu novo (JM - 03/10/1940)

Na piada (3), a esposa não está exatamente curiosa sobre o “fato arrepiante” que a vizinha tem a relatar sobre o marido, mas percebe, no acontecimento, uma oportunidade para chantageá-lo, para lhe tirar dinheiro.

. As esposas são fúteis e volúveis

Vimos que as mulheres, ao longo de muitos séculos, foram consideradas “naturalmente incapazes” e, por isso, não podiam/conseguiam se dedicar às coisas mais sérias. Ocupadas, principalmente, com as coisas do lar, suas “cabecinhas” se voltam para as futilidades:

Exercício...

O marido: - Tu ouviste o que o médico disse. É conveniente que faças muito exercício.

A esposa: - E achas pouco o que eu faço, trocando de vestido seis vezes por dia? (JM - 20/03/1941)

Não confundir...

O marido: - Tu não disseste que não comprarias mais vestidos neste mês? Que estavas disposta a fazer economia, suprimindo os vestidos?

A esposa: - Sim, querido: mas este não é um vestido, é um modelo. (JM - 24/04/1941)

Aflicção...

- Doutor, não me oculte a verdade por mais triste que seja. Qual a doença da minha mulher? É grave?

- Gravíssima. O senhor não tem outro remédio senão comprar-lhe uns dois ou três vestidos para acalmar-lhe os nervos. (JM - 13/04/1944)

Além de fúteis as mulheres, nas piadas, são caracterizadas por certa inconstância de caráter, são volúveis:

Volubilidade...

Uma amiga conversando com outra: - O meu marido é um homem tão volúvel! Por mais que eu mude de idéias, ele sempre concorda comigo. (JM - 12/11/1942)

. As esposas são muito curiosas

Diz-se que “mulher é um bicho curioso”. A curiosidade é, pelo senso comum, um traço feminino e, portanto, está presente nas atitudes da esposa:

Cena comum...

A esposa, ao marido: - Pára. Desliga o rádio! Os vizinhos do lado estão brigando...(JM - 23/01/41)

. As esposas são muito agressivas.

Há um discurso corrente que a mulher é o “sexo frágil”, discurso reforçado pelas teorias do patriarcado que atribuem ao sexo feminino uma “natural fragilidade”. Talvez, decorra daí o ditado popular “*Em mulher não se bate nem com uma flor*”. Mas, as estatísticas comprovam que a mulher é mais suscetível de sofrer as agressões do “sexo forte”, particularmente dentro do lar. Os boletins de ocorrências policiais, hoje, confirmam que a grande maioria das agressões que ocorrem dentro do lar é contra as mulheres. Nas sociedades patriarcais, o silêncio sobre as agressões sofridas pela mulher, decorre de uma espécie acordo tácito: tais agressões são consideradas problemas da vida privada e devem ser resolvidos exclusivamente ente marido e mulher.

Mas, as piadas, de maneira geral, caminham em sentido contrário. Nelas, as esposas são mais fortes e quem apanha são os maridos. Em algumas piadas ilustradas, as esposas são grandes, corpulentas, e os maridos, pequeninos e frágeis. O “pau de macarrão” que sempre aparece na mão da esposa é a sua arma favorita. Estariam as piadas, desviando a atenção da agressividade que as mulheres sofrem dentro do próprio lar?

Curiosamente, em um texto publicado no *Jornal das Moças*, na coluna intitulada *Evangelho das Mães*, aparecem alguns conselhos que um pai deve dar ao filho que vai se casar.. Os conselhos, evidentemente, destacam a autoridade do marido sobre aquela que estará sob seu poder . Expressões tais como “mandar”, “dirigir”, “ensinar”, correspondem às atitudes que devem fazer parte das ações masculinas no casamento:

Conselhos de um pai a um filho em vésperas de casar-se.

- Escolha tua mulher **como teus empregados**.
- Tem cuidado de que não padeça de enfermidades hereditárias, nem do corpo e nem da alma.
- **Manda-a** como seu senhor e estimula-a com tua companheira.
- **Dirige-a** como tua discípula e satisfaze-a em todas as coisas razoáveis.
- **Ensina-a** a não ser curiosa nas coisas que lhe não interessam.
- **A ti corresponde mandar; a ela obedecer.**
- Nunca te enfades ao mesmo tempo em que ela.
- **Ensina-lhe cuidadosamente a ser boa, mas as mulheres são o sexo mais frágil.** (JM – 26/11/1942 – os grifos são nossos)

No item em que o marido é aconselhado a “ensinar cuidadosamente” a mulher a ser boa, estaria implícita a possibilidade do uso da força física, já que em seguida há o alerta para a fragilidade feminina? Nas piadas as mulheres não são frágeis:

Erro de diagnóstico...

O frenólogo: - Essa saliência que o senhor tem na testa indica um gênio violento, feroz...

O cliente: - É verdade: o gênio de minha mulher. Atirou-me um prato pela cabeça e me fez este galo.(JM - 20/3/1941)

Zanga no lar...

O marido: Estás zangada porque ontem de noite cheguei com um olho inchado?

A esposa: - Não, estás muito enganado! Ontem, quando chegaste em casa, não tinhas o olho inchado. (JM - 7/8/1941)

Casa assaltada...

- Tu sabes? Nessa madrugada um ladrão entrou na minha casa.

- E carregou alguma coisa?

- Não. A minha mulher supôs que fosse eu que entrasse bêbedo e ele agora está no Pronto Socorro. (JM - 10/9/42)

A agressividade das esposas é tanta que, nas piadas, elas são comparadas a animais ferozes:

Retorno ao lar...

A esposa (voltando de uma estação de repouso): - Oswaldo, que é que faz esse leão aí deitado na sala?

O esposo: - Ah! querida, eu estranhei tanto a tua ausência... (JM - 050/6/1941)

. As esposas estão sempre atrasadas

Um dos estereótipos mais comuns atribuídos às mulheres é que elas estão sempre atrasadas, demoram muito para se arrumar ou para outras coisas mais. As piadas confirmam isto:

De malas prontas...

A esposa (fazendo o “maquillage”): - Creio que chegaremos a tempo para o trem das 9h38...

O marido (à espera, sentado): - Creio que sim. Faltam vinte e quatro horas. (JM-12/09/1940)

Esta piada, além de confirmar o atraso da esposa, é um excelente exemplo da importância da *inferência* na compreensão do sentido da língua: se estão faltando vinte e quatro horas para o próximo trem, o casal acabou de perder o das 9h38. Mas, as mulheres atrasam, também, no cumprimento de seus afazeres domésticos:

O atraso do almoço...

O marido: - Mas então o almoço não está pronto?!

A esposa: - Espera ao menos quinze minutos.

O marido: - O almoço ainda não estará pronto.

A esposa: - Mas eu estarei vestida para ir contigo. (JM-3/10/1940)

. As esposas são “burras”

O estudo era secundário na vida das mulheres. Para serem boas esposas, exímias donas de casa e mães extremosas, elas não precisavam estudar. O casamento, o lar, o marido e os filhos devem estar em primeiro plano. O estudo, se acontecer, deve ser uma forma de a mulher agradecer ao companheiro, inteirando-se dos assuntos do interesse dele ou, então, deve ser uma forma de ela melhorar seus dotes culinários. O estudo não é entendido como algo que pode contribuir para o crescimento intelectual da mulher. Por outro lado, há o risco de a mulher estudada humilhar o companheiro, demonstrando maiores conhecimentos que ele.

Os assuntos que os homens conversam devem ser sempre importantíssimos, quando se trata da pessoa amada. Há sempre em todos eles uma grande vaidade, quanto ao seu trabalho. Devemos sempre procurar mostrar uma curiosidade constante sob este aspecto; **se for possível, devemos mesmo estudar os assuntos da predileção do namorado, do noivo, do esposo. Para que ele sinta prazer**

em estar ao nosso lado. Para que ele não fuja de nós, quando aparecer a necessidade de trocar idéias sobre seus conhecimentos, ou sobre seu *métier* diário. (A Cigarra, *Consultório Sentimental*, maio de 1939, p. 89 – grifo nosso)

Na seção *Consultório Sentimental* aparecem vários conselhos para que as moças estudem, mas estudar jamais é preparo para uma profissão futura. O estudo é uma forma da moça *ocupar seu tempo de modo mais útil*, ou de *melhorar a letra da próxima carta* que ela estaria endereçando à coluna.

As piadas parecem “confirmar” que cultura e inteligência não eram atributos das esposas.

Desvelo...

O marido (lendo): - Um tiro na nuca quase sempre é mortal.

A esposa (assustada): - Que horror! Escuta, querido, quando tu saíres, debes ter sempre o cuidado de levantar a gola do paletó. (JM - 07/11/1940)

Aborrecida...

A esposa: - Eu quisera dizer duas palavras ao alfaiate que te fez esse traje.

O marido: - Por quê?

A esposa: - Já é a quinta vez, numa semana que eu te coso o mesmo botão. (JM - 12/06/1941)

“Week-end”...

O marido: - Flores, pássaros, ar embalsamado... Eu hoje me sinto bucólico.

A esposa: - Bucólico? Eu não te disse ontem que não comesse tantas ameixas? (JM - 03/09/1943)

No teatro...

A esposa: - Alexandre, dá-me o binóculo.

O marido: - Para que?

A esposa: - Quero conhecer essa Acústica de que estão falando no camarote ao lado e que eu não vejo em parte alguma. (JM - 02/07/1942).

. As esposas falam demais ou não deixam o marido falar

Outro estereótipo, bastante comum, atribuído às mulheres, é a crença de que elas “falam demais” e, talvez, por isso, justifica-se a grande quantidade de piadas que tratam desse assunto. Ao tornarem-se esposas, esse defeito parece piorar e as mulheres fazem com que seus maridos fiquem impossibilitados de abrirem a boca.

Bom remédio...

- *Doutor, eu desejo que o senhor me receite qualquer coisa para o meu marido; ele passa a noite inteira a falar dormindo.*
- *É muito simples: deixe-o falar um pouco, durante o dia. (JM - 12/12/1940)*

Cena real...

- *Tu tens muito a falar na nova comédia?*
- *Não! Eu faço o papel de marido. (JM - 23/01/1941)*

Resignação...

- *Há dois anos, seguramente, que não falo com minha mulher.*
- *Mas, por quê?*
- *Porque não tenho coragem de interrompê-la. (JM - 13/03/1941)*

Record...

- *A minha mulher, se tiver assunto, é capaz de falar um dia inteiro.*
- *Pois a minha, mesmo sem tê-lo, fala uma semana (JM - 12/06/1941)*

Meio prático...

- *Por que mandaste gravar num disco a voz de tua mulher?*
- *É a única maneira que posso fazê-la calar-se quando quero. (JM - 11/09/1941)*

Troca de idéias...

- *A tua esposa é uma criatura interessante. Pode-se passar horas inteiras a escutá-la.*
- *Eu que o diga. Desde que nos casamos, nunca fiz outra coisa. (JM - 27/11/1941)*

Vaidade...

- *Todo mundo fica mudo, diante da beleza dos meus quadros.*
- *Queres ofertar-me um ? Levá-lo-ei para a minha mulher. (JM-17/9/1942)*

Dotes...

- *Pode-se possuir muito bem, dotes oratórios, sem que, entretanto, se encontre uma oportunidade para demonstrá-los.*
- *Isso é uma verdade !Eu também sou casado. (JM - 1/10/1942)*

Contraproducente...

- *Tu não sabes o que se dá com o Zacarias?*
- *Não.*
- *Ora, passou a vida inteira estudando línguas e mais línguas, e agora, depois que se casou, a mulher não o deixa pronunciar uma palavra. (JM - 24/12/1942)*

Decepção...

A esposa: - Imagina que o dentista me tirou todos os dentes!

O marido:- Como são as coisas! E deixou-te ficar a língua... (JM - 31/12/1942)

Prejuízo grave...

A mulher (lendo o jornal)

- No último descarrilamento, uma senhora, muda durante alguns anos, recobrou a fala em consequência do susto.

O marido:

- Oh! E o jornal não diz de quanto foi a indenização que o marido exigiu da companhia? (KAUARK,1924/25,apud KRUSCHEWSKY, 1982, p. 170)

. As esposas são exageradas

As mulheres são aconselhadas a não serem exageradas revistas. O exagero é outro traço que marca a natureza feminina nas mais variadas situações:

. As esposas são *exageradas no volume de roupas* que levam para viajar, embora não faltem, nas revistas femininas, conselhos sobre a arte de arrumar as malas: “Antes de fechar a mala de viagem pensemos bastante nos objetos que ela deve conter, para que não nos arrependamos amargamente de não o termos feito”. Na piada abaixo, o conselho é seguido ao pé da letra.

De excursão...

O marido (figura: arqueado, carregando imensas malas da esposa): - Não nos preocupemos com os ladrões, se assaltarem nossa casa. Lá não pode ter ficado muita coisa... (JM - 13/03/1941)

. As esposas são *exageradas na quantidade de comida* que preparam:

Economia doméstica...

(Figura: o marido sentado à mesa abarrotada de comida)

- Ah! mulher, quando será o dia de encontrares uma receita de cozinha para duas pessoas somente. (JM - 21/8/1941)

. As esposas são egoístas

Diziam as revistas femininas que “mulher é sinônimo de sacrifício”. Ser mãe e esposa significa que a mulher deve esquecer de si mesma para dedicar-se e, se possível, sacrificar-se totalmente pelo marido e filhos. Nas piadas as mulheres não se sacrificam por ninguém, exceto por elas mesmas:

Distraída...

- *A minha mulher é distraída.*
- *Mas como?*
- *Ora, Ainda há poucos dias dei-lhe cinqüenta mil réis para comprar uma camisa; ela acabou foi comprando um chapéu. (JM-13/11/1941)*

. As esposas são um mal que ninguém merece

Nas piadas, o relacionamento entre marido e esposa beira o insuportável. A esposa, na visão do marido, é um “mal” que ele não deseja a ninguém. Não encontramos, porém, piadas que dissessem que os homens são um “mal” na vida das mulheres. Os homens se ressentem mais de estarem “presos”, pelos laços do matrimônio, a uma única mulher? Pode ser.

Rusga...

- A esposa: - Tu querias, naturalmente, que eu me casasse com outro, não é?*
- O marido: - Deus me livre! Eu não desejo o mal de ninguém. (JM - 27/11/1941)*

Expedição científica...

- *Professor, os selvagens carregaram a sua esposa...*
- *Coitados! Que pena que eu tenho deles. (JM - 11/12/1941)*

A esposa é um mal tão grande que chega a dar indigestão no “coitado” do leão:

Jardim zoológico...

- A esposa: - Que é que tu dirias, querido, se esse leão arrebetasse a jaula e me devorasse?*
- O marido: - Ora, meu bem, que é que haveria de dizer? Que o coitado teria uma indigestão. (JM - 01/10/1942)*

. As esposas são desobedientes, nunca estão de acordo com seus maridos

Vimos que na história das relações de gênero, e nas teorias do contrato, é contada a história da obediência das mulheres. Pelo contrato original, a mulher submete-se ao poder do homem. Mas, as esposas, segundo as piadas, não cumprem o contrato, são desobedientes e nunca estão de acordo com seus maridos. Que pode significar essa desobediência? Que as mulheres não cumprem seus votos de “obediência” jurados perante o altar porque são volúveis, ou porque se rebelam contra eles?

Nem assim...

O marido: - Escuta, querida, eu estive pensando em nossa discussão de ontem e acabei convencido de que estás, realmente, com a razão. Por isso, resolvi estar de acordo contigo.

A esposa: - Pois não penses que adiantaste alguma coisa. Eu acabei de mudar de idéia. (JM - 14/08/1941).

Uma eventual possibilidade de acordo entre marido e mulher só diante de um caso de vida ou morte:

Divergências no lar...

- Só uma única vez eu e minha mulher estivemos de acordo.

- Quando foi?

- Foi quando a nossa casa pegou fogo. Nós dois corremos ao mesmo tempo e para a mesma porta. (JM - 31/07/1941)

. As esposas são desobedientes e mandonas (Quem manda em quem?)

Quem manda em quem no casamento? De quem é a última palavra? A tradição afirma que os maridos são os mestres e senhores e, portanto, são os que mandam no lar, na esposa e nos filhos. Na sociedade conjugal, na qual o pólo dominante é o masculino, a obediência feminina marca a relação marido e mulher. O marido é o chefe da casa e a ele cabem todas as decisões, - à mulher cumpre acatá-las. As revistas femininas criticam as mulheres desobedientes e mandonas. Algumas vezes, porém, ensinam que elas podem, efetivamente, ter o domínio do lar, do marido e dos filhos. Tudo é uma questão de “técnica” e de “jeitinho”, para que o marido não perceba que é ela quem tem o controle da situação.

Algumas mulheres chegam a governar seus maridos, mas estes dificilmente conseguem ser ouvidos em seus conselhos, porque ordens... que marido se anima a dá-las? Onde está esse? (Jornal das Moças, 25/3/1943, p. 44)

A mulher, dona de um lar, deve prevalecer-se de sua inteligência, sem altivez e **sem que seu esposo suspeite jamais que ela é quem o conduz no lar**, para fazer com que ele compreenda que ela cumpre com seus deveres no lar. (Jornal da Moças, 01/4/1943, p.17, *Evangelho das mães* – grifo nosso)

As piadas revelam que as mulheres não cumprem seu juramento de obediência.

Na hora da briga...

O marido: - Lembro-te, Olga, de que me juraste toda obediência perante o altar.

A esposa: - Perante o altar, é verdade: mas agora nós estamos em nossa casa. (JM - 27/07/1940).

Nas piadas publicadas pelo *Jornal das Moças*, o tema das mulheres mandonas é bastante explorado. Observamos, porém, que não encontramos piadas sobre maridos que mandam. Talvez porque não há nada de estranho nisso. O diferente pode ser a esposa mandar, e isto é objeto de riso. É engraçado pensar que esposas possam mandar ou, são as esposas que efetivamente mandam em seus maridos enquanto estes pensam que mandam?

Plena harmonia...

- Então, tu nunca discutiste com tua mulher?

- Nunca. Ela faz o que bem entende e eu também...tudo o que ela quer. (JM - 07/11/1940)

Alta roda...

- Os teus lenços são elegantes. É a tua esposa que os faz?

- Realmente; aliás, é a única coisa em que ela me deixa meter o nariz. (JM - 20/02/1941)

Consulta às cartas...

A cartomante: - O seu falecido esposo ordena que, quando sair daqui, siga imediatamente para casa.

A consulente: - Pois, então, escute: a senhora é uma impostora. O meu marido nunca se atreveria a dar-me ordens (JM - 15/04/1943)

Conjugais...

(Figura – o marido comprando passagens no guichê com a esposa ao lado)

- Uma passagem... Para onde vamos, querida? (JM – 12/06/1941)

Na piada seguinte, o marido tenta manter a aparência de que é ele quem manda. A piada inverte os papéis sociais: o marido lava louças e a mulher sai sem dar satisfações. O título da piada, “*tempos modernos*”, pode indicar uma crítica que é feita aos novos costumes ou à nova onda de liberação feminina

Tempos modernos...

O marido (lavando pratos na cozinha) - Tu pretendes voltar a que horas?

A esposa (pronta para sai) - Quando eu tiver vontade.

O marido - Mas que não passes um minuto, ouviste? (JM-20/11/1941)

E afinal de quem é a última palavra? Diz a piada seguinte que a última palavra é sempre da esposa, mesmo que ela esteja discutindo com o seu próprio eco:

Falsa Notícia...

- Disseram-me que a senhora do Armando ficou louca.

- Não, o que há de verdade é que ela teima em querer dar sempre a última palavra.

- E com quem discute ela?

- Com o eco. (JM-19/11/1942)

. As esposas não são românticas

“As mulheres foram feitas para o amor”. As revistas femininas reforçam a idéia de que as mulheres são românticas por natureza. A delicadeza de gestos e sentimentos, o amor, o romantismo marcam o estereótipo do perfil feminino.

Desde que a menina começa fazer-se mulher até que a mulher entre nos umbrais da senectude, o amor é o motivo central e único em trono do qual giram todos os seus sentimentos. Por isso se diz que Deus fez as mulheres exclusivamente para o amor. [...] Nos passeios, nos teatros, nos bailes, nos escritórios, nas fábricas, nas tarefas domésticas, a mulher vive sua vida sem abandonar um só momento o assunto de amor. (...) é algo consubstancial à ela mesma, algo que nasceu com ela e com ela morrerá (...) (Roberto M. Torres, “*Bom dia Senhorita*”, JM 29.12.55, apud Bassanezi, 1992, p. 90).

As piadas contam que esse “romantismo” natural atribuído à natureza feminina não é um traço constante do perfil da mulher:

Entre elas...

- *Mas como foi que tu conheces-te o teu marido atual?*
- *Da maneira mais romântica. Imagina: foi ele quem atropelou com seu carro o meu primeiro marido. (JM - 05/03/1942)*

Desprendimento...

- O marido: - Morreu o capitalista Amaral e deixou dois mil contos para a viúva. Tu não tens inveja?*
- A esposa: - Não. Eu não quero ser viúva de ninguém... Só de ti, unicamente. (JM- 21/05/42).*

Coisas pretas...

- A esposa: - Eu te achei tão mal que resolvi chamar alguém que viesse te ver.*
- O marido doente: - Mas quem foi que chamaste? O médico?*
- A esposa: - Não, um corretor de seguros de vida. (JM-3/10/40)*

Na piada acima, os sentimentos de amor pelo marido são substituídos pelo interesse. Diante do marido doente, o mais importante é a garantia do seguro de vida. Isto nos leva a um outro item, que é o casamento por interesse.

. As esposas são interesseiras:***A golpe de foice...***

- O marido: - Eu, quando estou perto de ti, esqueço-me de tudo, querida.*
- A esposa: - Oh! Quanto me alegras, meu amor! Mas, escuta: não te esqueças do colar de pérolas que tu me prometeste. (JM - 04/02/1943)*

. As esposas são más

Assim como as belas moças se transformam em feias, depois de casadas, as boas moças se transformam em más. Elas, que deveriam ser as responsáveis pela harmonia e felicidade do lar, se transformam em megeras. A piada abaixo deixa como certo o fato de as esposas são más e infligem sofrimentos aos seus maridos. Ao juiz, cabe aconselhar a noiva que não faça o futuro marido sofrer demais...

No pretório...

O juiz de casamento (dirigindo-se à noiva): - Eu não lhe direi, minha senhora, que faça o seu marido feliz, mas limitar-me-ei a rogar-lhe que não o faça sofrer demasiado. (JM - 04/02/1943)

. As esposas são culpadas das escapadas do marido.

As revistas femininas reforçam, constantemente, o discurso de que as mulheres são as principais responsáveis pelo equilíbrio, harmonia e felicidade da família. Elas não podem, jamais, negligenciar suas funções de “rainha do lar”, não podem deixar de fazer as tarefas domésticas, não dar atenção ao marido e aos filhos. Qualquer problema em qualquer uma dessas funções é considerado culpa exclusiva da mulher. Se o marido não pára em casa, a culpa é dela. Pela moral vigente, não cabe ao homem ser um “marido perfeito”: é a esposa que o faz perfeito. As mulheres que ousassem subverter a ordem hierárquica dos papéis sociais estabelecidos para o masculino e o feminino pagariam um preço bem alto, principalmente se estivessem influenciadas por “idéias perigosas” sobre “emancipação feminina”:

(...) o que se entende por um “marido perfeito”? Simplesmente isto: que a mulher não leve muito longe seu espírito de independência, de liberdade, que é provocado pela “emancipação feminina”.

No que concerne à mulher é certo que (...) nestas últimas décadas seu raio de ação e atividade foi ampliado de maneira admirável, mas não é menos verdade que o **trabalho de dona de casa** continua o mesmo: exercer entre as quatro paredes do lar, **um conjunto de deveres que colaborem para o bem estar do marido e de sua pequena comunidade.** (Jornal da Moças, 02.04.59, apud BASSANEZI, 1992, p. 247)

Idéias de emancipação poderiam contribuir para que a mulher abandonasse o lar e, como conseqüência, ao marido, aborrecido de ficar sozinho, restaria passar *a vida inteira no clube.*

Nua e crua...

- *É verdade que o teu marido passa a vida inteira no clube?*
 - *É verdade, querida! Ele se aborrece tanto de ficar sozinho em casa...(JM - 18/03/1943)*

. As esposas não cuidam dos filhos

Ser mãe, dizem as revistas da época, é a principal função da mulher, a coroação da “natural aptidão feminina para a maternidade”. Nada pode ser tão sublime para a mulher como a sua dedicação e cuidados com os filhos. A maternidade deve estar acima de qualquer outra aspiração e se constitui numa obrigação:

(...) a mulher pode e tem o direito de desejar ser uma letrada ou cientista, de saber cozinhar e lavar, mas jamais deve ignorar as funções de mãe. (Jornal das Moças, 21.03.46, apud Bassanezi, 1992, p. 329)

O texto acima já admite que as mulheres podem ter uma outra ocupação, contanto que coloquem em primeiro plano as suas funções de mãe. Mas, as piadas dizem que as esposas não estavam, também, cumprindo bem suas funções de mãe:

Pontos nos iis...

(figura: a filha, segurando o carrinho do bebê, para a mãe, de avental, que varre a casa)

A garota: - Mas, mamãe, eu nino o bebê durante todo o dia e o papai atura-o durante a noite inteira. Ele, afinal de contas, pertence a quem? Não é seu filho mesmo? (JM - 25/05/1943)

A filha reclama que cuida do bebê durante “todo o dia” e o pai “atura-o durante a noite inteira”. Se hoje, já se discutem as responsabilidades mútuas do casal em cuidar dos filhos, em 1943, a responsabilidade era exclusivamente da mulher. Que as filhas ajudassem a olhar os irmãos menores era natural e até aconselhável. O que não era natural, para a época, seria os maridos cuidarem de crianças ou se dedicarem a qualquer outra tarefa doméstica.

Doce Lar...

(Figura: a mulher sentada na cama e o marido, de pijama, em pé, no meio do quarto, segurando o nenê que chora)

- Oh! João, não seja tão sentimental. Dei-lhe a criança para você fazê-la acabar com esse berreiro. (JM -16/10/1941)

. As esposas tiram a liberdade do marido

Um dos discursos recorrentes é o que afirma a perda da liberdade (masculina) em consequência do casamento. As festas denominadas “despedida de solteiro” eram (e ainda são) um exemplo da crença de que, com o casamento, o homem perde sua liberdade. As festas femininas, que antecedem as bodas, não eram denominadas “despedida de solteiras”, mas, “chá de cozinha”. As mulheres não parecem estar perdendo a liberdade com o casamento, já que passam da submissão ao poder do pai para a submissão ao poder do marido. O “chá de cozinha” é uma tradição que ratifica o espaço que a mulher deve ocupar com o casamento: o da cozinha. Neste contexto, o casamento é visto como uma verdadeira prisão, para o homem.

Encontro casual...

- Oh! Quanta alegria por vê-lo, depois de tanto tempo. Disseram que a sua esposa está veraneando em Teresópolis.

- É verdade! Estou em liberdade provisória... (JM - 25/03/1943)

Nas piadas de casamento, a responsável pela perda da liberdade do homem é a esposa controladora. Nelas, o homem só consegue sentir-se feliz quando consegue escapar a esse controle:

Encontro na rua...

A dama: - Por que o senhor supunha que eu estivesse viajando?

O cavalheiro: - Já lhe explico: eu ontem vi o seu marido e achei o coitado tão alegre... (JM - 03/04/43)

O controle que a esposa tem sobre a vida do marido aparece sob as mais diversas formas e situações:

a) O marido não tem liberdade para sair

Um marido em apuros...

O policial da ronda: - O senhor tem qualquer explicação para estar na rua a esta hora da madrugada?

O interpelado: - Se eu tivesse já há muito tempo que estaria em casa. (JM - 19/09/1940)

Na piada abaixo, o papel da inferência é fundamental para que se possa compreendê-la: duas horas não são suficientes para o marido contar tudo o que a esposa lhe diz quando chega tarde em casa:

Pouco tempo...

João: - Mas, afinal, que é que diz a tua mulher, quando chegas tarde em casa?

Augusto: - Isso tu ouvirás noutro dia. Eu, hoje, só tenho duas horas para estar contigo (JM - 03/9/1943)

Um marido em apuros...

O policial da ronda: - O senhor tem qualquer explicação para estar na rua a esta hora da madrugada?

O interpelado: - Se eu tivesse já há muito tempo que estaria em casa. (JM - 19/9/1940)

Pouco tempo...

João: - Mas, afinal, que é que diz a tua mulher, quando chegas tarde em casa?

Augusto: - Isso tu ouvirás noutro dia. Eu, hoje, só tenho duas horas para estar contigo (JM - 03/9/1943)

b) O marido não tem liberdade para trabalhar

Satisfação...

(figura: os presos, na cela, contentes com a oportunidade de fugirem)

- Olha! A esposa do guarda proibe-o de sair nesta noite (JM - 01/10/1942)

c) O marido não tem liberdade para beber

Um dos conselhos que o *Jornal das Moças* passava às esposas, recomendava que elas fossem bastante carinhosas com o marido, caso ele gostasse de bebidas alcoólicas:

Se teu esposo gostar de bebidas alcoólicas, rogará a ele com carinho que proceda com temperança, lembrando-lhe que dele depende o futuro da família. (*Jornal das Moças*, 01/4/1943, p. 17, *Evangelho das mães*).

Creio que o conselho não funcionava bem. Nas piadas, a esposa aparece como verdadeira tirana do marido que bebe. Este, geralmente, sai escondido para beber com os amigos e, quando

volta para casa encontra uma mulher furiosa, aguardando-o com um pau de macarrão nas mãos. Para escapar da vigilância da esposa ele utiliza subterfúgios, no que nem sempre é bem sucedido. Na piada abaixo, o marido reconhece o domínio da esposa, pois só pôde sair para beber porque ela estava doente e fraca:

Explicação...

- *Então tu te entregas à bebida por motivo de doença! Francamente, eu não compreendo...*
- *É que a doente é minha mulher. Ela está tão fraca que não pode me impedir de beber. (JM - 12/11/1942)*

Quando não, o marido lança mão de um ataque de sonambulismo para poder “driblar” a esposa.

Sonambulismo...

- *A esposa: Vamos ver se acabas com isso de uma vez! Cada noite que tens ataque de sonambulismo a garrafa de rum fica reduzida à metade (JM - 11/12/1941)*

d) O marido não tem liberdade para fumar

Força de vontade...

- *Então o seu marido deixou de fumar... É preciso força de vontade.*
- *O senhor tem razão, doutor. Quanto trabalho isso me custou! (JM - 12/06/1941)*

e) O marido não tem liberdade para assistir à televisão

Televisão...

- *Que é isso que o teu pai tem na cabeça?*
- *É um pano que a mamãe lhe põe quando aparece qualquer coisa que não deve ser vista no aparelho de televisão (JM - 11/12/1941)*

f) O marido não tem liberdade para usar o seu próprio dinheiro

Apuros...

*O marido, entrando em casa e seguido de um assaltante armado:
- Querida, atende a este senhor. Ele me assaltou e não quer acreditar que és tu quem guarda o dinheiro (JM – 8/5/1941)*

. Lugar de mulher é em casa

Jornal das Moças reforça constantemente o papel das mulheres dentro do lar. Depois de casadas, elas devem limitar sua vida social, principalmente na ausência do marido. Os cuidados com a reputação ainda são necessários. Fora do lar os perigos “espreitam” a mulher. A casa é o espaço onde a “rainha do lar” estará mais segura. A piada seguinte é curiosa pois nela aparece bem determinado esse papel da mulher. Quando solteira e secretária do marido, era levada a passear “em todos os lugares”. Casada, não o acompanha mais: a condição de esposa condena a mulher ao confinamento do lar.

Bem explicado...

*- Que vejo?! Tu, passeando sozinho? Que é feito da tua secretária, que levavas a todos os lugares?
- Ora! Casei-me com ela... (JM-12/12/1940)*

6.1.2 Sobre os maridos

Os maridos também não são poupados nas piadas de casamento. Embora as referências negativas, a eles atribuídas, não são tantas quanto as que se referem às esposas, essas referências merecem algumas considerações.

Os papéis sociais estabelecidos para a “rainha do lar” e o “chefe da casa” são bem definidos nas revistas femininas (1939 a 1950). Ao marido cabia, com o seu trabalho, garantir a manutenção adequada da família e “fazer face a todas as despesas da casa”. Certamente as obrigações masculinas são mais valorizadas do que as femininas e, por isso, todos os cuidados e atenção devem voltar-se para o provedor da família. As revistas femininas se desdobram nos conselhos às mulheres, para que evitem aborrecer os maridos com problemas domésticos, afinal,

“eles voltam para casa cansados depois de um exaustivo dia de trabalho”. As esposas devem evitar, a qualquer custo, solicitar a ajuda dos maridos nas lides das tarefas domésticas:

...mostre-se feliz quando ela passar alguns dias longe de seus negócios, em casa, podendo desfrutar de calma absoluta, mesmo quando for domingo e nesse caso, não peça para ele ajudá-la na limpeza do apartamento ou em outros afazeres. **Pelo contrário, convença-o de que precisa descansar bastante e recuperar as energias perdidas no trabalho da semana**, para que ele possa retornar alegre e satisfeito ao serviço na 2^a. feira. Dê-lhe sugestões. **Convença-o a passar uns dias fora, numa estação de repouso, caçando ou pescando (...) ele voltará mais saudável (...) e lhe agradecerá (...) redobrando seus carinhos.** (*Siga estes 10 mandamentos*, Jornal das Moças, 27.10.55, apud BASSANEZI, 1922, p. 245 – grifo nosso)

Embora as revistas femininas elogiem o papel da mulher como dona de casa, considerando-o “a mais nobre das funções”, este papel fica relegado a um segundo plano diante do trabalho masculino. A relação trabalho feminino no lar e trabalho do homem fora do lar, estabelece uma diferença muito nítida entre quem trabalha e quem não trabalha: a esposa fica em casa fazendo suas obrigações domésticas (e isto não é considerado trabalho) e o marido, aquele que sai para trabalhar e, por isso, volta cansado para casa. Por essa razão, aconselham as revistas, ao regressar ao lar, ele deve ser recebido com todas as regalias de que é merecedor.

Assim como são estabelecidos os deveres da “boa esposa”, também são definidas as virtudes de um “bom marido”. As revistas femininas traçam o perfil do “marido perfeito”: ele deve apresentar algumas qualidades fundamentais, tais como, boa educação, lealdade, inteligência, capacidade de trabalho, iniciativa e se possível, boas condições econômicas já que é o provedor da família.

As piadas não vão deixar escapar a oportunidade de, também, contrapor às virtudes desejáveis para os homens, uma série de defeitos. Assim, vejamos.

. Os maridos são comparados aos animais ou coisas insignificantes

Na hierarquia da autoridade familiar, o marido ocupa o mais importante e alto posto, o de “chefe” da família. A ele cabe o papel de provedor e o poder das decisões supremas. À mulher cumpre respeitar suas decisões, sem questionamentos ou queixas. Pelo Código Civil de 1916, todo poder pertence ao chefe da sociedade conjugal, e a mulher, sem capacidade jurídica plena,

deve-lhe respeito e submissão às suas decisões. Mas, no discurso das piadas, respeito e submissão não existem. Nelas, as referências que as esposas atribuem aos seus maridos são desrespeitosas e agressivas, pois que eles são comparados, em alguns momentos, a verdadeiros “animais” (“asnos”, “pato”, “animal domesticável”), ou a coisas insignificantes:

Balneário...

A banhista (querendo atira-se ao mar): - Sai daí, pedaço de asno...

O banhista (nadando): - Como?!

A banhista: - Ah! Desculpe, meu senhor... Pensei que era o meu marido.

(JM - 19/09/1940).

O bebê...

A esposa: - Ah! meu querido! O nosso bebê já começou a falar.

O marido: - Mas, como foi?

A esposa: - Eu levei-o ao Jardim Zoológico e, assim que ele viu o hipopótamo, começou a gritar: Papai! Papai! (JM - 13/05/1943)

No mercado...

A vendedora: - Que deseja o senhor?

O freguês: - Quero comprar o maior pato que tiver no mercado.

A vendedora: Espere um pouco. Vou chamar meu marido. (JM - 17/07/1946)

Assim como um cachorro, o marido é um animal domesticável:

Domadora...

O marido: - Tu nunca hás de conseguir que este cachorro te obedeça.

A esposa: - Que tolice! É só uma questão de paciência. Eu também encontrei contigo muita dificuldade, a princípio. (JM-12/09/1940)

Quando não são comparados aos animais, os maridos são tratados como “coisas” insignificantes:

Conjugais...

O marido: - Se eu, por acaso, morresse, tu terias muita pena de mim?

A esposa: - Ora, sem dúvida! Tu sabes que eu choro por qualquer insignificância. (JM - 25/12/1943)

. Os maridos não trabalham, são vagabundos

As revistas femininas colocavam como virtude do moço “bom partido”, ideal para marido, aquele que demonstrasse vocação para o trabalho. Provedor “natural” da família, o homem trabalhador é a garantia da sua estabilidade econômica. Isto, certamente, não está ligado ao fator riqueza. Um homem pode ser pobre mas, o mais importante é que ele seja honesto, orgulhoso e não tenha preguiça de trabalhar. Os papéis masculino e feminino de gênero definem bem as funções do homem e da mulher: aquele o trabalhador e provedor e esta, dona de casa, sustentada e dependente do marido. Todavia, as piadas vão dizer que os maridos não gostam de trabalhar:

Enfermidade...

O médico: O seu marido está muito mal; é preciso que ele não trabalhe.

A dona de casa: - Ah! Doutor. Há vinte anos que ele vem adotando esse remédio. (JM-22/5/1941)

. Os maridos apanham das esposas

A agressividade aparece, nas piadas, como um dos atributos das esposas, - elas batem em seus maridos. Sobre a violência masculina, Bassanezi (1992) observa que é significativa “[...] a ausência de artigos em *Jornal das Moças* que façam qualquer menção a maridos violentos ou autoritários demais defendendo, ou ao menos aconselhando, as mulheres com relação a estes comportamentos depois do casamento”. (p. 130). O silêncio sobre a violência contra as mulheres tem como paradigma as teorias do patriarcado: o marido é o senhor do lar e de todos de nele habitam e, neste espaço, tudo o que acontece entre o casal é um problema de ordem privada. Um dos paradigmas mais difundidos sobre a violência no lar parte da consideração de que, em uma sociedade patriarcal, a violência masculina é uma forma de os homens controlarem as mulheres e submetê-las à sua dominação. Mas, para as revistas femininas, depende da mulher, com paciência, “jeitinho feminino” e amor, modificar o comportamento agressivo do marido. Mas que pretendem as piadas que tratam da violência feminina no lar? Camuflar o discurso da violência masculina contra a mulher, ou apontar para a possibilidade da reação feminina?

Na piada abaixo, através da inferência, fica estabelecido que o homem machucado só pode ser casado (está machucado porque apanhou da mulher):

Qualificação...

(figura: o empregador preenchendo a ficha do homem todo machucado)

- *Casado?*

- *Não. Isto foi consequência de um automóvel (JM-15/10/1942)*

Maridos são “esbofeteados” pelas esposas:

Em plena rua...

A dama (indignada) - Insolente! Como é que se atreve a me tomar pelo braço, se eu não sou sua mulher?

O D. Juan (esbofetado) - E se eu não sou seu marido, como é que se atreve a me dar uma bofetada? (JM - 16/10/1941)

Mas, se algumas piadas contam, eventualmente, que os maridos agredem as esposas, o fato engraçado está no desvio do foco narrativo: o marido, que se diz *gentil*, atira uma floreira de *Sèvres* na cabeça da mulher ou que, *por azar*, ao invés de quebrar a cabeça da mulher quebra o guarda-chuva com que a agrediu:

Na delegacia...

- *Confessa ter agredido a sua esposa?*

- *Senhor comissário, eu sou muito gentil com o belo sexo. O que eu lhe atirei à cabeça foi uma floreira de porcelana de Sévres. (JM - 29/10/1943)*

Delegacia...

O comissário: - Por que o senhor quebrou o guarda-chuva na cabeça da sua mulher?

O acusado: - Foi puro azar, senhor comissário. Eu bem que não queria quebrá-lo. (JM - 21/01/1943)

. Os maridos se arrependem de ter casado

O casamento é motivo de arrependimento masculino. Não encontramos nenhuma piada em que a mulher se diga arrependida de casar. Provavelmente, isto está ligado à idéia de que o “o sonho” de casar é particularmente um ideal feminino, algo “natural” ao espírito da mulher:

Em geral toda mulher deseja casar-se. É raro aquela que, por temperamento, não nutre esse ideal. Desde pequena já manifesta tendências para dona de casa e, quando mocinha, passa a sonhar com o príncipe encantado(...). (Cr.03.09.55, apud BASSANEZI, 1992, p. 75).

As revistas femininas pretendiam orientar as moças, e não os rapazes, para o casamento. Os termos “escolha”, “conquista” são recorrentes nestes conselhos e quase sempre se referem a uma atitude da mulher. O casamento é o resultado de uma conquista, de uma escolha da mulher, da qual o homem será o prêmio principal.

É certo que uma moça nunca deve tomar a iniciativa de uma declaração. Mas esta reserva não deve ir a ponto de fazer com que ela finja indiferença que não experimenta, quando em presença de um rapaz [...] **a mulher tem 1000 maneiras, dentro do limite da moral, de conquistar um rapaz. Ela pode conquistá-lo [...] dando-lhe a ilusão de que está sendo conquistada [...]** (Maria Teresa Cr 12.02.55, apud BASSANEZI, 1992, p.99 – grifo nosso)

[...] os homens se consideram melhores do que as mulheres. **Claro que não o são... mas não custa deixá-los na ilusão e incensar seu vaidade [...]**. Estimule ou fira esta vaidade [...] segundo o caso e seu problema (conquistar o homem) estará resolvido [...] (JM 14.03.57, apud Bassanezi, 1992, p. 100 – grifo nosso)

O noivo tem gênio forte? Pois amanse-o. **Qual o papel da mulher senão este mesmo? Com jeito se consegue tudo do homem** que nos ama e que amamos. Estude o seu **melhor meio de ataque** e ponha-se a trabalhar ativamente. Mas não escolha o da violência, pois duro com duro não faz bom muro, já diz o provérbio sempre sábio (A cigarra, dez. 1946, p. 115 – grifo nosso)

Nas piadas, “os conquistados” e “amansados” acabam arrependidos:

Arrependimento...

- *Antes do meu casamento, eu seria capaz de devorar minha mulher. Amava-a tanto!*
- *E agora?*
- *Agora lamento não tê-lo feito...* (JM - 19/11/1942)

Ressentimento...

- *Senhorita, eu nunca lhe perdoarei ter me recusado há dois anos atrás.*
- *Ora! Não deve senti-lo tanto, pois que se casou com outra.*
- *Pois é por isso exatamente que não lhe perdôo.* (JM - 26/2/1942)

Arrependimento...

A esposa: - Tu não te lembras do dia de hoje. Faz dez anos que me raptaste de casa e papai obrigou-nos a casar-nos.

O marido: - Fui um ladrão, é verdade! O remorso acabará comigo. Nunca será bastante o meu arrependimento. (JM - 05/3/1942)

A guerra...

A esposa: - Foi a guerra quem levou o meu primeiro marido. Deves a ela teres te casado comigo.

O marido: - Que coisa horrível, a guerra! (JM - 31/12/1942)

. Os maridos são covardes

Valentes, corajosos, destemidos. Estas são qualidades esperadas naqueles que são considerados os protetores das mulheres, dos filhos e do lar. Há um discurso recorrente que afirma que “homem que chora é mulher”, “homem não pode ter medo”. Choro e medo são coisas de mulher. Nenhuma atitude de fraqueza deve perpassar o comportamento masculino. Mas, as piadas dizem que os homens não são corajosos:

De madrugada...

A esposa: - Eu creio que há ladrões dentro da casa, Antonio. Estás acordado?

O marido: - Não. (JM - 24/12/1942)

O rádio do “boxeur”...

O vizinho de apartamento, ao boxeur: - Ponha mais baixo o rádio, seu idiota. Foi a minha mulher quem mandou dizer-lhe isso! (JM - 18/02/1943)

. Os maridos são beberrões.

As moças eram aconselhadas a tomarem certos cuidados na escolha de seus futuros maridos. Particularmente, os rapazes dados ao vício da bebida deviam ser descartados. Mas, se depois de casado, o marido apresentar o vício da bebida, cabe a esposa, com “carinho e perseverança”, fazê-lo vencer o vício ou então, descobrir o que o está desagradando em casa e que o leva a beber. Mais uma vez, a hipótese da infelicidade no casamento aparece como uma provável culpa da esposa:

Por amor...

A esposa: - Ah! Como eu sou infeliz! Tu vens sempre embriagado para casa. Já não me tens amor, depois de quatro anos de casados!

O marido: - Eu não te tenho amor? Pois se passo os dias inteiros bebendo à tua saúde!. (JM - 20/05/1943)

Em alguns momentos, a bebida é consequência de um casamento do qual os maridos se arrependem e querem esquecer:

Embriaguês...

A esposa: - Tu não tens vergonha de voltar assim bêbedo para casa?

O marido: - Perdoa-me, querida! Eu já estou bem castigado só em ver-te pelo dobro... (JM - 30/12/1942).

6.1.3 Sobre o casamento

O casamento é a base social sobre a qual, tradicionalmente, se constitui a família. Tratamos no capítulo IV sobre alguns aspectos históricos que parecem justificar sua existência, importância e modo com ele se organiza nas sociedades modernas. Casar por amor e não por interesse, casar para encontrar a felicidade ao lado de um parceiro, casar para garantir os descendentes, casar para aumentar os bens e riquezas... Mas, mesmo diante de tantas justificativas a favor do casamento, nas piadas mais antigas ele não parece bem (e, vamos ver, nem nas piadas mais recentes).

6.1.3.1 Casamento por interesse

O amor aparecia como condição essencial para o casamento (“ele só deve acontecer se houver amor”), embora, as revistas femininas não descartassem outras condições para o sucesso do matrimônio, particularmente as econômicas:

O amor é suficiente, dizem. Eis o grito eterno do coração, mas a vida de cada dia se incumbe de mostrar que só o amor não basta para a estabilidade de um casamento. Isso porque o amor não sustenta ninguém e precisa de uma base financeira adequada para se sustentar [...] (Glycia Galvão, - *Bazar Feminino*, JM 07.04.55, apud BASSANEZI, 1992, p. 95)

Mas, a exigência de condições financeiras não justificava um casamento por interesse. Há, certamente, um conflito entre casar por amor e casar somente mediante condições financeiras adequadas. As piadas dizem que o interesse sobrepõe-se ao amor e é a razão primeira do casamento. Nas piadas analisadas, o discurso do casamento por interesse não é exclusividade de um ou de outro sexo. Nelas, homens e mulheres casam por dinheiro. Um bom número de piadas que envolvem a relação homem e mulher, no casamento, direta ou indiretamente, abordam o tema “dinheiro”.

. O interesse feminino

Embora as revistas femininas aconselhem as moças a procurar os seus “príncipes encantados” e que só casem por amor, alertam, também, para a importância de um casamento com rapazes que tenham estabilidade financeira e estejam em condições de sustentar um lar e dar conforto à família. A questão do dinheiro perpassa o discurso do casamento nas piadas e aparece sob as mais diversas formas: a esposa gasta o dinheiro do marido ou gasta demais, a noiva só casará se o pretendente for rico...

Projetos...

O noivo: - Tu me amas, querida?

A noiva: - Sim, profundamente.

O noivo: - Poderás viver com meu ordenado?

A noiva: - Eu posso. Agora não sei como te arranjarás...(JM- 12/02/1942)

Resignação...

- Então, a Mafalda já se conformou com a ruptura do seu noivado?

- Ora! O noivo deixou-lhe todas as jóias que lhe tinha oferecido. (JM - 09/04/1942.)

Oh! O amor...

A noiva: - Ele é baixo, gordo, careca e tem meio milhão de contos.

As amigas (em coro): - Oh! Luíza, que sorte a tua! (JM - 13/8/1942)

Colóquio...

Ela: - Ouvi dizer que apostaste como eu te aceitaria quando te declarasses a mim.

Ele: - É verdade! Queres casar-te comigo?

Ela: - Depende. Quanto apostaste? (JM - 21/01/1943)

Segurança...

- *Então, vais te casar com o dono de uma confeitaria afamada!*
- *É verdade! Mas só o faço para garantir a minha lua de mel... (JM - 6/5/1943)*

Indecisão...

- (figura: a moça mostrando, para a amiga, um anel de brilhante no dedo)*
- *Eu escrevi-lhe uma carta rompendo o nosso noivado, mas, no dia seguinte, recebi este presente. Que é que eu devo fazer? (JM - 6/5/1943)*

Entre as duas...

- Uma: - Por que razão tu deixaste o teu noivo, aquele parlamentar tão simpático?*
- A outra: - Porque ele foi nomeado ministro... sem pasta. (JM- 12/12/40)*

Galanteria...

- *A senhora seria capaz de casar-se com um idiota só porque tem dinheiro?*
- *Dê-me tempo para pensar, cavalheiro. A sua pergunta me encontrou completamente desprevenida. (JM-16/10/41)*

Debacle...

- O marido: - Ai, meu Deus! Eu estou completamente arruinado!*
- A esposa: - Mas não te desespere, querido. Eu farei de conta, de hoje em diante, que me casei por amor. (JM-27/2/1941)*

. O interesse masculino

Também aos rapazes interessa o dinheiro da futura esposa:

Generosidade...

- Marta: - Má notícia, querido Júlio. Papai acaba de arruinar-se.*
- Júlio: - Está bem. Sei qual é o meu dever: portar-me como homem de honra.*
- Marta: - Como és bonzinho, Júlio!*
- Júlio: - O teu pai, há quinze dias, concedeu-me a tua mão . Como hoje, em face da sua situação, tu és o seu único tesouro, não quero arrebatá-lo de suas mãos, devolvo-te a tua palavra: és livre, Marta. (JM - 22/05/1941)*

Maledicência...

- *Tu já viste a mulher com quem se casou o Zacarias? É fina como uma tábua.*
- *Claro! A sua tábua de salvação... (JM - 05/6/1941)*

Pedido...

- *Eu preciso do seu consentimento para casar-me com sua filha*
- *Vamos lá, rapaz! Fale com toda franqueza: de quanto “precisa” você?*
(JM - 01/01/1942).

As revistas femininas alertavam as moças para terem cuidado com os pretendentes que pudessem estar casando por interesse. As moças que tinham uma profissão corriam esse risco, principalmente as professoras.

Se o rapaz diz que vai casar com uma ricaça, só por interesse, que é que ainda pode querer com ele? Você deve ter ficado bem contente de ter sabido a verdade antes de se apaixonar de verdade. Uma moça não deve ter interesse em casar com um homem que se casa por interesse... (A Cigarra, *Consultório Sentimental de Maria Helena*, outubro de 1948, p. 117)

Nas piadas os casamentos são feitos por interesse:

Noivado desfeito...

- *Tu sabes? Eu já não me caso mais com a Lolita. Apurei que todos os meses ela paga uma conta de quinhentos mil réis à costureira.*
- *E que é que pensas fazer?*
- *Muito simples: eu já me declarei à costureira.* (JM - 26/02/1942)

Amor...

- (figura: O rapaz fazendo o pedido de casamento para o pai milionário)
- *Então, o senhor quer pedir a mão da minha filha, não é? Pois eu lamento. Ela, ontem, fugiu, de noite, com o meu secretário.*
 - *Meu Deus! Estou desgraçado!* (JM - 04/06/1942)

Caçadores de dotes...

- A esposa: - *Bem dizem que tu só te casaste comigo porque tenho cinco mil contos.*
O marido: - *É uma calúnia! Eu casar-me-ia mesmo que só tivesses mil.*
(JM - 10/12/1942)

Recriminação...

- A esposa: - *Tu te casaste comigo pensando que eu tivesse uns cobres!*
O marido: - *Otimista!... Pensava que tivesses muitos...* (JM - 17/12/1942)

Entre amigas...

- A noiva: *Ouvi dizer que ele tem muito dinheiro. É uma qualidade de que eu aprecio num marido...*(JM - 03/09/1943)

Tiro pela culatra...

- *Dizem que o Pires se casou com uma mulher feíssima.*

- *É verdade, mas trouxe-lhe cem mil cruzeiros.*
- *Como dote?*
- *Não, como indenização... (JM - 20/05/1943)*

As duas piadas abaixo dizem a mesma coisa, apenas os discursos invertidos revelam que o casamento por interesse envolve os dois lados, marido e mulher:

Casar por amor...

A esposa: - Dize, querido, por que não me falaste, antes do nosso casamento, que tinhas a dentadura de ouro?

O marido: - Para que não te casasses por interesse. (JM - 09/01/1941)

Receio...

O marido: - Dize-me, querida, por que não me falaste, antes do nosso casamento, que tinhas dentadura de ouro?

A esposa: - Com receio de que só te casasses por interesse...(JM - 18/03/1943).

Mas, mesmo diante das críticas, um casamento que se realiza sem uma situação financeira estável pode parecer um gesto de loucura ou uma idiotice. A mãe da noiva, sem dote e sem beleza, estranha o pedido de casamento do rapaz, considerando-o um gesto de loucura:

Pedido de casamento:

- Então o senhor quer se casar com minha filha, que não tem dote nem beleza! Há algum louco na sua família?

- Não, senhora, eu sou o primeiro. (JM- 12/08/1940)

A moça também é considerada uma “idiota”, por querer casar com quem tem pouco dinheiro:

Desconcertante...

- Eu, amanhã, não poderei vir trabalhar, porque me caso, patrão.

- E quem é a idiota que se vai casar com um homem como você, que apenas ganha trezentos mil réis por mês?

- A sua filha, patrão. (JM - 03/07/1941)

6.1.3.2 Casamento com pessoas mais velhas

O casamento com homens mais velhos, ou mulheres mais velhas, geralmente não era entendido como resultado de um caso de amor. Todavia, as relações estabelecidas para um ou outro não eram as mesmas. O casamento de mulheres jovens com homens mais velhos não representa grandes problemas e era visto com bons olhos, pois se considerava um fator positivo, a experiência do marido mais velho. Mas, o casamento de mulheres mais velhas com homens mais novos não era bem aceito. Várias desvantagens serviam de argumento contra esse tipo de união. As mulheres mais velhas poderiam estar sendo enganadas por pretendentes interessados em seu dinheiro; o envelhecimento da mulher poderia favorecer que ela fosse trocada por outra mais nova etc. As “desvantagens eram tantas” que as moças eram desencorajadas a tentarem esse tipo de relacionamento:

Salvo raríssimas exceções, acho sempre arriscada essa história de casar com homem mais moço. **Há tantas desvantagens que, francamente, não compensa a tentativa de felicidade.** Em todo caso, como cada um sabe onde lhe aperta o sapato, você deve saber perfeitamente se está ou não em condições de se colocar entre as exceções. (A Cigarra, mar. 1944, p. 151 – grifo nosso).

Mas, conforme o caso, se o conselho era no sentido da aceitação do homem mais novo, a maior idade da mulher poderia lhe dar a vantagem de poder **manejar** o marido:

[...] Se o eleito é bom, educado e tem hábitos e educação iguais aos seus, case-se com ele. Terá maiores oportunidades de ser feliz, porque os anos que já viveu **lhe ensinarão como manejar seu marido** (Glycia Galvão, apud BASSANEZI, 1992, p. 137 – grifo nosso)

A piada abaixo, um certo cinismo feminino confirma que o casamento de mulheres mais velhas com homens mais novos, tem por base o interesse financeiro:

Boa resposta...

A amiga pobre: Eu estranho que tu, com sessenta anos de idade, tenhas casado com um homem tão jovem.

A amiga rica: Ora, Joaquina, para um homem pobre qualquer milionária não tem mais de trinta anos. (JM - 8/5/1941)

6.1.3.3 Casamento é um gesto de loucura, irracionalidade, cegueira...

O gesto do casamento é associado, nas piadas, a um ato irracional de idiotice e loucura masculina, tão somente.. Não encontramos nenhuma piada nas quais uma voz feminina estivesse dizendo estar arrependida do gesto louco e impensado do casamento. Pensamos que a justificativa pelo “arrependimento masculino” pode estar no discurso que faz do homem o objeto, o prêmio do trabalho de conquista das mulheres. Expressões como “conseguir”, “fisgar”, “agarrar um marido”, são constantes nos textos que orientam as mulheres para o casamento. Os homens, através de artimanhas e manipulações, são envolvidos nas tramas femininas de conquista e, sem que se apercebam, acabam casados. As revistas informam que “toda mulher sonha casar”, “o casamento é a realização máxima da mulher”, mas este sonho ou forma de realização não faz parte do “ideal masculino para o casamento”. O casamento para o homem é um gesto de loucura e desatino.

No pretório...

*A noiva (estupefata, vendo o noivo fugir): - Que foi que houve, meu Deus?
Será que ele perdeu o juízo?*

Um espectador: - Ao contrário, creio que o recobrou. (JM-19/09/40)

Arrependimento...

- Nunca mais tornarei a declarar-me a uma mulher.

- Por quê? Foste “barrado” outra vez?

- Não, ao contrário. Desta vez deram-me o “sim”. (JM-3/10/1940)

A razão...

- Afirmo-te, sob minha palavra: quando vi a Odete pela primeira vez, fiquei louco, perfeitamente apaixonado.

- E por que não te casaste com ela?

- Porque depois eu a vi algumas vezes mais. (JM-29/10/1942)

Preocupação...

- Agora é que principio a pensar no casamento seriamente.

- Mas por que? Vais te casar?

- Não, eu já me casei há oito dias. (JM - 21/01/1943)

Demasiado tarde...

O marido: Que diabo! Peixe, outra vez, ao jantar?

A esposa: Mas, João, tu sabes que desenvolve a inteligência? Tua mãe nunca te deu peixe quando eras rapaz?

O marido: Não! Antes o houvesse feito... (JM - 03/04/1941)

Quinta da boa vista...

A esposa: - Lembras-te, Anacleto? O nosso primeiro encontro foi debaixo daquela árvore.

O marido: - É verdade! E olha: há outro imbecil à espera. (JM - 29/10/1942)

Assombro...

- Caramba! Há três dias tu me pediste uma esmola, dizendo-me que eras cego!

- Eu o era, de verdade. Mas cometi a loucura de casar-me e isso me pôs com os olhos abertos. (JM - 14/01/1943)

Nas piadas abaixo, as vozes femininas confirmam o gesto irracional ou a loucura dos pretendentes e, em uma delas, a moça reconhece que só conseguirá casar se o rapaz não tiver juízo:

Advertência...

A mãe: - Por que tu namoras o Roberto, se sabes bem que o pai dele não o deixa casar sem que tenha tomado juízo?

A filha: - Ora, mamãe! Quando ele tiver juízo é que não se casará mesmo... (JM - 04/3/1943)

Compreensão...

- Patroa, anda por aí um doido que eu creio que fugiu do hospício.

- Então agora compreendo! Deve ser o sujeito que, nesta manhã, me pediu que eu me casasse com ele. (JM - 05/09/1940)

6.1.3.4 Casamento significa guerra, brigas, ofensas...

O relacionamento entre marido e mulher, nas piadas, parece se deteriorar com o tempo ou então, logo após o casamento. Ofensas, grosserias, xingos e desrespeito, marcam a relação entre o casal. Se possível, o marido não mede esforços para se livrar da esposa e ela, dele.

Perspectiva...

- Roberto amanhã embarca para a Europa.

- Como!? Vai à guerra?

- É muito provável: vai encontrar-se com a mulher e a sogra (JM - 22/10/1942)

Matrimônio...

(Figura: a noiva brigando com o noivo na frente do padre)

- *Por favor, vocês terão tempo de sobra para isso!* (JM - 26/11/1942)

Nesse clima de guerra, o tratamento entre o casal é de total falta de respeito. O marido fala secamente com a empregada, pensando ser a esposa:

Ao jantar...

A esposa: - A cozinheira despediu-se porque parece que, de manhã, tu falaste secamente com ela ao telefone.

O esposo: - Ah! Foi ela quem atendeu? Eu pensava que fosses tu...(JM - 6/2/1941)

Não faltam idéias e mecanismos para que marido e mulher tentem se livrar um do outro. A morte do parceiro é claramente desejada:

Recém casados...

(Figura: O marido medindo, com um moldura de quadros, o rosto da esposa ainda vestida de noiva)

- Ficarás magnífica na galeria dos antepassados. (JM-05/09/1940).

Desesperada...

- Mamãe, eu estou quase louca! Não há meio do Artur satisfazer a minha vontade.

- Mas, que é que tu lhe pediste, minha filha?

- Nada, mamãe! Que ele me deixe viúva... (JM - 15/04/1943)

Corrida de saco...

(Figura: a mulher participando de uma corrida de sacos, amarra o marido dentro)

- Não senhora, o seu marido não precisa ficar completamente fechado no saco! (JM - 3/4/1941)

Remédio seguro...

O médico: - Fez efeito o remédio que eu noutra dia receitei para o seu esposo?

A dona de casa: - Estupendo, doutor. Duas horas depois de havê-lo tomado, ele estava morto. (JM - 14/8/1941)

A viagem do cônjuge é um período de verdadeiras férias conjugais:

Ótimo truque...

- Eu vou mandar minha esposa a uma estação para as férias.

- Que férias?

- As minhas. (JM-7/8/1941)

Bota-fora...

A esposa: - Adeus querido! Daqui a uns três ou quatro dias, eu te escreverei.

O marido: - Mas, escuta, eu não te dei dinheiro suficiente para um mês? (JM - 07/01/1943)

Troca de idéias...

A esposa: - Tu não gostarias que eu me dedicasse ao cinema? Não gostarias que eu fosse uma estrela?

O marido: - Bastante! Ainda mais quando penso que a mais próxima está a milhões de quilômetros de distância... (JM -14/01/1943)

Despedida...

A esposa: - Adeuzinho, querido! Só passaremos no campo uma semana. Breve, estaremos de volta.

O marido: - Mas, não te parece que uma semana é pouco para as crianças? Fica ao menos um mês por lá. (JM - 4/02/1943)

Arroubo...

Ele: Há certos trechos de música que me transportam a regiões desconhecidas

Ela (ao piano): Diga um deles, que o tocarei imediatamente. (JM - 08/05/1941)

O marido suicidou-se, por desespero, porque a mulher que havia fugido voltou para casa:

Ante o cadáver...

O parente do suicida: - Isso já era de esperar. A mulher dele tinha fugido...

O comissário: - Mas não é caso para suicidar-se.

O parente: ...mas, na manhã de hoje, ela voltou... (JM - 18/03/1943)

6.1.3.5 Casamento é uma infelicidade, um desastre, uma tragédia...

“Casaram-se e foram felizes para sempre”. O esperado final feliz do casamento transforma-se, nas piadas, em verdadeira tragédia. Destaca-se a grande quantidade de piadas sobre o tema.

Desastre...

- O empregado: Eu me casei há dias, de modo que vim pedir-lhe um aumento no meu ordenado.

- *O patrão: Mas, é impossível. A casa só responde pelos desastres que acontecem no trabalho. (JM - 05/09/1940)*

Sentido comum...

- *Que tal? Gostaste da peça a que assistimos?*
- *Gostei, mas só não pude compreender se aquilo é drama ou se é comédia.*
- *Tu pareces tolo! É uma tragédia, homem, uma tragédia!*
- *Mas, por quê?*
- *Tu não vez que acaba num casamento?! (JM - 05/06/1941)*

Casamento...

- O garoto: - Mamãe, por que é que toda noiva se veste de branco?*
- A mãe: - Porque o branco é a cor da felicidade.*
- O garoto: - Então o desgraçado é sempre o noivo” (JM-8/10/1942)*

Rei sábio...

- *Dize-me: quem foi o rei sábio da antigüidade que teve muitas mulheres?*
- *Não sei, não, confesso-o. Mas não devia ser tão sábio assim, quando não se enjoou de uma só... (JM -16/10/1941)*

Pílulas amargas...

- A esposa: - Sabe, João, no mês que vem, casam-se a Brederódes e a Astrogilda. Mandaram-nos uma participação. Agora precisamos arranjar a roupa e um belo presente...*
- O marido (iracundo): - Esta é boa! Que é que nós temos que ver com a infelicidade alheia? (JM - 11/2/1943)*

Morte repentina...

- *O meu esposo faleceu repentinamente. Não estivemos casados mais que duas semanas.*
- *Mas, afinal, é um consolo se ter sofrido pouco... (JM - 13/4/1944)*

Dos males...

- *A Rosa é uma pequena bem alta, e a Elza é baixa. Com qual das duas tu te casarias?*
- *Francamente, eu preferiria a que é alta, mas, refletindo, acho que convém mais a que é baixa. Dos males, o menor... (JM - 22/04/1943)*

6.1.3.6 O casamento é uma relação de enganos e fingimentos

Nas piadas o casamento é entendido como uma espécie de jogo de aparências: os parceiros procuram um “jeitinho” para enganar uns aos outros, ou então, fingem sentir o que não sentem.

Expediente...

- *Como é que te arranjias para não dar presente à tua esposa quando ela faz anos?*
- *É muito simples. Uns dias antes, eu faço com que ela brigue comigo.* (JM - 031/12/1942)

A mesa do general...

- *Quem foi o demônio que pôs aqui estas flores?*
- *Foi sua esposa, senhor.*
- *Ah! Que lindas! São deliciosas, não são?* (JM-24/4/41)

6.1.3.7 No casamento se revelam os caracteres.

No jogo da conquista, os parceiros parecem esconder os seus prováveis defeitos. As revistas femininas chegam, mesmo, a aconselhar as moças para que evitem atitudes que possam “assustar” seus prováveis pretendentes. Mas, na piadas, após o casamento caem as “máscaras” e os caracteres se revelam:

Bisbilhotice...

- *Papai, como foi que o senhor conheceu a mamãe?*
- *Casando-me com ela...* (JM - 14/01/1943)

No tribunal.

- *Senhora, conhece o cavalheiro aqui presente?*
- *Não senhor.*
- *Como não? Não é a esposa dele?*
- *Sim, senhor. Mas se o conhecesse, não teria casado com ele.* (Anedotas de 1924 a 1925, in KRUSCHEWSKY, 1982, 175)

6.1.3.8 Não existe romantismo no casamento

O clima de romantismo que marca a fase do namoro e do noivado desaparece com o casamento. Embora as revistas femininas fizessem a apologia do amor romântico, as mulheres eram criticadas quando levavam para o casamento as idéias românticas solteiras. Elas eram aconselhadas a não importunar os maridos com manifestações de carinho:

Não se precipite para abraçá-lo no momento em que ele começa a ler o jornal; não lhe peça para levá-la ao cinema quando ele estiver muito cansado; não use sem bolero o vestido que ele acha muito decotado; não o interrompa quando ele começa a contar uma história; não o acaricie muito em público. (Jornal da Moças, apud BASSANEZI, 1992, p. 284)

Nas piadas, as esposas cobram as atitudes românticas do marido mas, elas parecem nunca ter existido...

Diferente...

A esposa: - Antes de casarmos, tu passavas horas e horas com minhas mãos entre as tuas.

O marido: - É verdade, querida. Mas era só para impedir que tu tocasses o piano. (JM - 3/9/1943)

6.1.4 Sobre o pretendente

As moças que desejavam arrumar marido não podiam deixar de fazer uma análise rigorosa das virtudes e traços do caráter de seus pretendentes. “Inteligente”, “simpático”, “educado”, “respeitador”, “trabalhador” eram características fundamentais dos futuros maridos. Mas, uma outra virtude caracterizava um pretendente “bom partido”: a estabilidade financeira, necessária para prover, com segurança, o sustento da família. Nas piadas, a condição financeira do pretendente ganha especial destaque: ou ele tem dinheiro e disso a família da noiva quer tirar proveito, ou é ele mesmo o aproveitador:

Homem franco...

- Eu venho pedir-lhe a mão de sua filha. Ganho o suficiente para sustentar uma família.

- Está muito bem, eu a concedo. Mas, previno-o de que somos oito. (JM - 19/09/1940)

Decepção...

O noivo: - Escuta, minha filha: eu não vou casar-me contigo por nenhum interesse. O dinheiro não dá felicidade.

A noiva: - Ah! Então vamos ser muito felizes. Ainda ontem penhoraram tudo que papai tinha. (JM - 13/5/1943)

Diz a tradição que o pai, geralmente, sente ciúme do genro. Homem nenhum parece ter semelhança à sua imagem e caráter e, portanto, não merece a mão de sua filha. Os pretendentes são, certamente, uns “idiotas”, “imbecis”... As piadas confirmam:

Advertência...

- *Então tu pensas que eu vou consentir que te cases com ele? Só a cara de idiota que ele tem!*

- *Não exagere, papai. Ele é menos idiota do que parece. (JM -7/11/1940)*

Pedido de casamento...

O pai da jovem: - Escute, rapaz, eu não criei minha filha para viver com um imbecil.

O pretendente: - Não tenha cuidado, cavalheiro. Depois que nos casarmos, viveremos sozinhos, bem longe do senhor. (JM-28/11/1940)

Namoro...

O apaixonado: - Tu achas que a tua irmã gosta de mim?

O garoto: - Eu creio que sim. Pelo menos, quando papai diz que tu és idiota, ela responde que não devemos julgar pelas aparências. (JM - 03/09/1943)

A moça, mesmo que ame o rapaz, deve atentar para o seu caráter, verificar de se ele se mostra autoritário, grosseiro, intransigente, violento... Depois do casamento, o arrependimento será tarde demais. Além das virtudes ideais é fundamental que os pretendentes se declarem “perdidamente apaixonados”. Porém, nas piadas, as moças não estão interessadas em rapazes românticos e apaixonados. As piadas estariam contestando a “natural aptidão feminina” para o amor romântico?

“Conquerant”...

Ele: - Senhorita, eu coloco a seus pés o meu coração em chamas.

Ela: - Veio mesmo a calhar seu oferecimento. Eu tenho os pés tão gelados. (JM - 14/11/1940).

Ou o amor romântico não é algo que as moças consigam perceber na vida real?

Rival...radiofônico..

(Figura: a moça, ouvindo rádio, ao rapaz ajoelhado a seus pés)

- Eu agora não tenho tempo de ouvir sua declaração; vou sintonizar uma linda novela de amor. (JM-4/9/41)

Por outro lado, os pretendentes também não são sinceros nas suas intenções ou declarações de amor:

Tática de noivo...

- *Deixaste tua noiva?*
- *Sim, já estava cansado dela.*
- *Mas procedeste como um malvado!*
- *Não creias. Tenho um processo para terminar sempre bem esses casos.*
- *E qual é?*
- *Tendo terminado nossas relações, eu digo: “Já sei de tudo”; e como esse “tudo” pode se referir a tantas cousas, elas compreendem que não devem pedir-me explicações. (JM - 13/03/1941)*

Provavelmente o rapaz, na piada acima, esteja agindo como um “malvado”, mas há uma outra possibilidade: as moças sempre têm algo a esconder, talvez uma traição. Sendo assim, a tática do rapaz sempre funciona.

Os pretendentes, nas piadas, revelam-se volúveis. Um traço da impossibilidade da fidelidade masculina?

Apaixonado...

- *Sarita, tu sabes que te amo desde tantos anos e não posso viver sem tua resposta? Queres ser minha esposa?*
- *Eu não já te disse que não na semana passada?*
- *Ah! Foste tu? (JM - 03/04/1941)*

Declaração de amor...

- A jovem, com modéstia: Não me diga isso. Há por aí outras jovens muito mais bonitas do que eu.*
- O jovem: Pode me dizer onde moram? (JM - 24/04/1941)*

As revistas femininas empenhavam-se em ensinar às jovens algumas técnicas de conquista. É certo que o processo de conquista era bem vigiado: as moças eram alertadas para os perigos do flerte, de ficarem “mal vistas”, ou pior, se demonstrassem leviandades ou fossem namoradeiras, poderiam receber uma série de apelidos: “vassourinhas”, “maçanetas”.

Uma mulher deve saber conservar a todo o momento, o seu lugar. (...). Espere que a iniciativa venha dele. O homem gosta de conquistar e não que o conquistem e se apesar disso você intentar, deve fazer com que ele não perceba suas intenções diretas (...). (Jornal das Moças, 05.05.55, apud Bassanezi, 1992, 100).

Mas, dentro dos limites da moral permitida, as mulheres podiam usar de mecanismos para “fisgar” um provável futuro marido, mesmo que “por sorteio”. As técnicas de conquista são ridicularizadas nas piadas:

Indiscrição...

O garoto: - Você é algum peixe?

O futuro cunhado: - Não. Por quê?

O garoto: - Então por que é que a mamãe e a minha irmã costumam dizer que você mordeu o anzol? (JM - 22/10/1942)

Casamento...

(figura: o padre perguntando ao rapaz de fraque)

- O senhor é o noivo

- Não, reverendo. Fracassei nas eliminatórias. (JM - 19/11/1942)

Declaração...

A dama: - Sinto muito, mas eu tenho noivo.

O cavalheiro: - Oficial?

A dama: - Não, apenas sorteado. (JM - 31/12/1942)

6.1.5 Sobre sogros e sogras

6.1.5.1 A sogra

Por que se fala tão mal de sogras nas piadas? Por que aquelas que, enquanto mães, respeitadas, consideradas as “responsáveis pela civilização”, exemplos de heroísmo, amor, piedade cristã etc., passam para a categoria de pessoas detestáveis. Nas piadas as sogras são odiadas. Não acreditamos ser possível responder com total exatidão à questão. Em um artigo de jornal, no qual descreve o perfil das *Mulheres do Sul*, no final do século XIX (PEDRO, 1997) sugere que as modificações do modelo de “família nuclear”, da qual participavam os vários parentes do casal, podem ter contribuído para esses discursos que falam mal das sogras:

[...] No embate entre a nova ordem que se pretendia implantar e os costumes locais, morar com a sogra passava a não ser mais “civilizado”. Era fazer parte de uma tradição que estava sendo desqualificada.

A nova família “civilizada” que se pretendia compor deveria ser diferente do restante da população: qualquer parente, além de pai-mãe-filhos, atrapalharia. Assim, a imagem da sogra passou a vir associada a características negativas na década de 80 do século XIX. (PEDRO, in Priori, 1997, p. 286).

Um outro texto, bastante interessante, sob a forma de um recado aos namorados, veiculado pelo *Jornal do Comércio*, em 1886 (apud PRIORI, 1997, p. 286) mostra que, o novo modelo de família ideal implica na exclusão de todos os parentes (que, no modelo patriarcal de família, conviviam no mesmo teto), mas, principalmente, na exclusão da sogra:

Aos namorados

Quem se casar nesta terra
Não more com sua sogra,
Porque o sossego não logra,
 E vive em contínua guerra:
 Grita o genro, a filha berra,
Urta a sogra destemida,
 Acode a chusma atrevida
 dos cunhados fariseus, e
 por milagre de Deus, escapa
 um homem com vida

Ainda no *Jornal do Comércio*, 1883, uma piada retrata o sentimento de antagonismo do genro pela sogra:

- *O senhor já experimentou o remédio do Dr. Lacerda contra mordeduras de cobras?*
 - *Já, e posso afirmar que é infalível. Faço uso dele todas as vezes que brigo com minha sogra (Jornal do Comércio, 30/01/1883, in PRIORI, 1997, p. 287)*

No *Jornal das Moças* encontramos uma grande quantidade de piadas que têm como tema a sogra, sempre odiada pelo genro. Transcrevemos aqui todas as piadas de sogra do *Jornal das Moças* publicadas num período de quatro anos (1940 a 1944). O número supera o de qualquer outro tema, o que pode ser uma indicação de que a presença da sogra na vida do casal, ou do genro, é uma das questões mais sérias do casamento. Em nenhuma delas o conflito se dá entre nora e sogra. Isto significa que noras se dão melhor com as sogras do que os genros? Necessariamente não. Talvez, genros falem mal de sogras porque não se importam em aborrecer as esposas. As mulheres, aconselhadas a não aborrecerem os maridos com problemas domésticos, evitam manifestar seus sentimentos de antagonismo com a sogra. É uma hipótese. De todo modo, os genros não poupam subterfúgios para livrarem-se da sogra e, se preciso, até mesmo matá-la.

Hereditariedade..

- *E o senhor atribui essa excrescência à hereditariedade?*
- *Sim, doutor, minha esposa herdou o caráter irascível de sua mãe.* (JM-21/11/1940).

Alternativa...

- A mãe: - Se o Alberto pedir tua mão, dize-lhe que venha falar comigo.*
- A filha: - E se ele não pedi-la?*
- A mãe: - Dize-lhe que então eu falarei com ele.* (JM - 05/12/1940)

A eterna sogra...

- A esposa ao marido, vendo o quadro da mãe pendurado entre as feras empalhadas na parede: - Tu podes me dizer por que achas que esse é o melhor lugar para colocar o retrato de mamãe?* (JM -12/12/1940).

O retrato da sogra...

- O cliente: - Com que espécie de pintura fez o retrato de minha sogra?*
- O pintor: - Com pintura a óleo.*
- O freguês: - Fez mal, muito mal! Devia pôr-lhe um pouco de vinagre...* (JM-19/12/1940).

Entre vizinhos...

- *Sabe que o seu cachorro mordeu minha sogra?*
- *Oh! Lamento-o sinceramente! Quer alguma indenização?*
- *Nenhuma! Eu só lhe pelo que me venda o cachorro...* (JM -04/09/1941)

No lar...

- *A esposa: - Recebi uma carta de mamãe. Ela se queixa de viver tão só. Se tu concordasses...*
- *O marido: - Bem, dar-lhe-emos um rádio para que ela se divirta.* (JM-16/10/1941)

Novidade...

- O empregado: - Patrão, eu queria acompanhar o enterro da minha sogra.*
- O patrão: - Ora, grande novidade! Quem não queria acompanhá-lo?* (JM - 26/3/1942)

Quisilia...

- *Incomodá-la-ei, se fumar, minha querida sogra?*
- *Não, meu filho, de modo algum.*
- *Bem, pois então não fumo.* (JM - 21/5/1942)

Na “gare”...

- O marido: - Eu telegrafei dizendo-te que não trouxesses tua mãe e acabaste por trazê-la.*
- A esposa: - Pois mamãe leu o telegrama primeiro que eu!* (JM -13/8/1942)

Entre amigas...

Uma: - Dá-te muito trabalho arrancar dinheiro do teu marido?

A outra: - Nenhum. Eu digo-lhe que vou trazer mamãe para casa e ele cede logo. (JM - 10/09/1942)

Noção de trabalho...

- Mas então tu não assististe o enterro de tua sogra?

- Não, eu tenho muito que fazer e para mim o trabalho está acima de qualquer diversão. (JM - 08/10/42)

Piada semelhante a esta, foi contada, há alguns anos, num programa de televisão:

- Mestre, o que me aconselhas? Não sei se vou ao enterro de minha sogra ou se vou trabalhar?

- Vá trabalhar. Primeiro a obrigação, depois a diversão. (Programa A praça é nossa, 02/5/1998, SBT.)

A única vez...

- Pois é verdade: só houve uma única vez em que entrei na casa de minha sogra sem que nós dois brigássemos.

- Quando foi? Dize-me!

- Foi quando a acompanhei ao cemitério para enterrá-la. (JM-29/10/1942)

Experiência...

- Ouvi dizer que irás à Itália e levarás contigo a tua sogra.

- É verdade. Como sempre se diz “ver Nápoles e depois morrer”; vou experimentá-lo. (JM-12/11/42)

Coroas fúnebres...

A sogra: - Que lindas coroas! Como são preciosas!

O genro:- Qual é que deseja para a senhora? (JM-26/11/42)

Hospitalidade...

(Ilustração: o marido colando cartazes de viagem no quarto da sogra)

- Não há nada querida. Eu apenas estou enfeitando o quarto para a tua mãe com estes cartazes de viagem à volta do mundo (JM - 28/01/43)

Jardim zoológico...

A sogra: - Aí! Meu Deus! Como aquele tigre me olha com tanta insistência.

O genro: - Eu creio que ele se assustou quando viu a senhora... (JM - 16/3/44)

6.1.5.2 O Sogro

Os sogros têm mais sorte que as sogras nas piadas, já que as referências a eles não são tão agressivas ou, pelo menos, eles não parecem ser odiados. De maneira geral, nas piadas, o sogro é vinculado ao casamento por interesse. Alguns ditados populares fazem referência a isto: “Sogro é que nem feijão, só dá resultado debaixo do chão”, “Sogro e porco só dão lucro depois de morto”.

Pedido de casamento...

O futuro sogro: - E quais são suas perspectivas para o futuro?

O futuro genro: - Magníficas! Se são exatas as informações que a sua filha me deu... (JM - 20/03/1941)

Argüição...

- Vamos, rapaz, explique-se... Que é que vem me pedir: a mão de minha filha ou dinheiro emprestado?

- Eu deixo o senhor à sua vontade... (JM - 17/04/1941)

O traço que caracteriza o sogro, na piada abaixo, pode ser o seu pão-durismo: ele não hesita em conceder a mão da filha ao rapaz, mas alega não conhecê-lo o suficiente para emprestar-lhe dinheiro:

Compromissório...

- Então o senhor vem me pedir a mão de minha filha, não é? Pois lhe está concedida.

- Pode emprestar-me cem cruzeiros?

- É impossível. Não costumo emprestar dinheiro a quem não conheço. (JM - 13/04/1944)

Outro aspecto curioso ligado ao sogro, e que pode estar implícito na piada acima, é o seu lado de “pai da noiva”. Diante do pedido de casamento, o pai se apressa no consentimento, como se quisesse livrar-se o mais rápido possível da filha. Dissemos, anteriormente, que os filhos podem, em algumas sociedades, representar benefícios para os pais, quando significam mais braços para ajudar no sustento da família. Mas, os filhos podem significar mais despesas quando são bocas a mais para alimentar. No caso das filhas, quando elas não se casam, passam a significar despesas para os pais além de correrem o risco de ficarem para tias... Provavelmente, por isso, os pais, nas piadas, ficam alegres e agradecidos quando aparece um pretendente:

Apuro...

O pretendente: - Eu queria casar-me com sua filha o mais breve possível.

O pai: - Muito bem! Que parece fazermos isso amanhã mesmo. (JM - 25/07/1940)

Confidência...

- A minha última filha solteira casou-se ontem.

- É verdade? E quem foi o felizardo?

- Um segredo aqui entre nós: o felizardo fui eu. (JM - 14/08/1941)

6.1.6 Solteirões e solteironas

Filhas solteironas, condenadas a ficarem para “titia”, eram motivos de preocupação, tanto para os pais, que teriam que continuar tendo despesas com elas, quanto para as moças, criadas para o “ideal do casamento”. Uma filha que já passou da “idade para casar” era motivo de muita tristeza, um “estigma”.

A mulher solteira com mais de 25 anos é estigmatizada com o rótulo de “solteirona” – que reflete (mesmo que seja por opção pessoal) uma situação socialmente indesejável – a mulher “incompleta”, que não é esposa, nem mãe. Mesmo sujeita às “gozações” gerais e muitas vezes a sentimentos de culpa, a “solteirona” não escapa ao controle obrigatório sobre sua reputação: não deve sair sozinha à noite ou “mostrar-se indiferente ante os homens”, e está proibida de “manter flertes de mocinhas” ou insinuar-se abertamente para um homem. (Bassanezi, 1992, p. 138)

O texto demonstra com clareza a situação da moça “solteirona”: mulher incompleta, sujeita a “gozações”, e a um controle rigoroso sobre sua reputação. Não flertar, mas, não ser indiferente diante dos homens – o limiar de seu relacionamento com algum homem é indefinível.

Tristeza...

- Você tem visto, Patrício, algo mais triste que um casamento sem filhas?

- Sim senhora. Uma filha sem casamento, quando vai passando da idade. (JM-13/3/1941)

Conselho...

- Pensa bem, minha filha. Olha que o casamento é uma coisa muito séria.

- Ora, papai, eu acho que mais sério será não me casar (JM-3/12/1942)

A “solteirona” era vista como a mulher que deixou escapar a oportunidade de casamento, por ser feia, pobre, exigente demais... Podia ser, também, um “castigo” por algum desatino de comportamento ou por não ter sabido preservar sua reputação: perda da virgindade, envolvimento com homens casados ou homens de má índole. A crença de que a mulher solteirona está sempre a “caça” de um marido, coloca-a numa situação de “mulher perigosa”, já que pode por em risco a estabilidade de algum casamento feliz, – os maridos de outras mulheres podem ser “presas fáceis” dessas “caçadoras de marido”.

O trocadilho com a expressão “estar livre” sugere o mal entendido da piada abaixo:

Taxi...

A solteirona:- Chauffeur, o senhor está livre?

O chauffeur: - Não senhorita, sou casado, com sete filhos... (JM-19/12/1940)

A situação de solteiro não era um estigma para o sexo masculino. Homens maduros eram vistos como eventuais bons partidos, pois que, mais experientes. Para o homem, estar solteiro poderia ser uma opção e não uma condenação: “não quis casar”, “não encontrou a cara metade”. Sobre solteirões encontramos uma piada, que reforça a idéia de que, para o homem, ficar solteiro era uma grande vantagem. O personagem da piada abaixo, quando sente vontade de casar procura uma roda de homens casados, certamente para desistir da idéia:

Bom sistema...

(Figura: O homem numa roda de amigos, em um clube para homens casados):

- Não meu amigo, eu sou solteiro. Só venho aqui quando sinto vontade de casar-me...(JM-21/8/1941)

6.1.7 Sobre a infidelidade conjugal

Bassanezi (1992) observa que a “dupla moral social” olha com indulgência a infidelidade masculina e condena rigorosamente a infidelidade feminina. A adultério feminino é justificativa suficiente para os crimes passionais: o marido pode agir, em casos de adultério, em legítima defesa da honra.

Se encontrados em flagrante delito, os amantes podem ser mortos ou feridos pelo marido encolerizado que, sob a alegação de ter agido por justificável emoção, fica provavelmente livre de responsabilidades legais. Em todo caso, se a esposa sobrevive depois de descoberta em flagrante, a separação real e legal é uma conseqüência quase inevitável (...) Um homem incapaz de fazer uso dessas medidas radicais parece perder sua posição na sociedade dos homens. A designação de **cornos manso**, um dos piores insultos, ser-lhe-á aplicada. (Willems, 1954, apud BASSANEZI, 1992, p. 343).

Todavia, cumpre observar que, nas piadas encontradas nas revistas femininas, o tema do adultério feminino, quando aparece, ocorre de maneira mais ou menos velada. Não há referências a maridos “cornos”. As piadas apenas sugerem, veladamente, a traição feminina :

Que sorte!...

O marido: - Quando você disse a este sujeito que não estou em casa, que foi que ele respondeu?

A esposa: - Respirou fundo e disse: - Que sorte! (JM - 16/01/1941)

Paradoxo...

(Ilustração: a mulher sentada à mesa de um restaurante, acompanhada de um cavalheiro)

- Meu marido está sempre atarefado escrevendo novelas sobre o que acontece aos esposos muito ocupados. (JM - 07/01/1943)

Talvez, na piada acima, os maridos estejam sendo alertados de que, se esquecerem suas esposas por causa do trabalho, correm o risco de serem traídos. Maridos que viajam também correm o mesmo risco:

- Olá! Que foi nesse olho? Caíste?

- Caí de fato! Conhece aquela linda morena que...

- Cujo marido está na Europa?

- Que na Europa! Chegou ontem e é essa a causa do estado em que estou com meu olho... (KAUARK, 1924/25, apud Kruschewsky, p. 171)

A traição feminina explícita ocorre antes do casamento mas, depois dele, não passa de um sonho com o distante herói dos cinemas:

Desconfiança...

(Figura: a noiva, sentada no colo do patrão)

- Quer falar com meu noivo, senhor Campos? Ele não acredita que eu tenha de trabalhar até tarde no escritório. (JM -14/08/1941)

Pesadelo...

A esposa (acordando):

- Que sonho horrível eu tive! Sonhei que me disputavas com Clark Gable - e que tu ganhavas! (JM - 12/09/1940)

As traições masculinas eram entendidas como normais, justificadas por fatores biológicos, escapadelas que deveriam ser relevadas pelas mulheres se elas quisessem manter a paz em seus lares. A “propensão” para a infidelidade do homem era entendida como algo inerente “à índole masculina”, mas cabia a esposa “saber como evitar” a traição do marido. Geralmente, a esposa aparece como a única culpada da traição masculina: “o homem vai buscar fora do lar o que não encontra dentro dele”. Mas, diante da traição, a mulher deveria ignorar, perdoar ou conformar-se para não piorar o clima dentro do lar, ou pior, perder o marido de uma vez. Cabia, a ela, “com ternura”, reconquistá-lo. Os contos do *Jornal das Moças* narravam exemplos de mulheres que reconquistaram o marido:

Afinal, de que lhe valia brigar com Jaques por causa da aventura que tivera com outra mulher? **Sabia que ele a amava profundamente, que a culpa fora dela, deixando-o muito sozinho.**

Era preciso esquecer e pensar que **quase todo homem é naturalmente polígamo.** O ciúme morava no seu coração, mas a ternura era tão grande que este esmorecia [...] Jaques [...] beijando-a com ardor falou:

- Tu és a melhor mulherzinha do mundo (Jornal da Moças, 10.06.54, apud BASSANEZI, 1992, p. 348 – grifos nossos)

Diante da comprovada infidelidade masculina, as revistas aconselhavam as mulheres sobre “a atitude correta” a ser tomada. Uma enquête, apresentada pela autora, é uma verdadeira “preciosidade” de exemplo

Suponhamos que você venha a saber que seu marido a engana, **mas tudo não passa de uma aventura banal, como há tantas na vida dos homens.** Que faria você?

1. uma violenta cena de ciúmes?
2. fingiria ignorar tudo e esmerar-se no cuidado pessoal para atraí-lo?
3. deixaria a casa imediatamente?

Resposta:

. a primeira resposta revela um temperamento incontrolado e com isso arrisca-se a perder o marido, que após uma dessas pequenas infidelidades volta mais carinhoso e com um certo remorso.

. a segunda resposta é a mais acertada. Com isso, atrairia novamente seu marido e tudo se solucionaria inteligentemente.

. a terceira é a mais insensata. **Qual a mulher inteligente que deixa o marido só porque sabe de uma infidelidade? O temperamento poligâmico do homem é uma verdade, portanto é inútil combatê-lo. Trata-se de um fato biológico que para ele não tem importância.** (Jornal das Moças, 17.04.52, apud BASSANEZI, 1992, p. 346 – grifos nossos)

Nas piadas antigas, o adultério masculino surge de maneira mais explícita:

Entre noivos...

- *Por que tu não te casas comigo o mais depressa possível?*
 - *Porque a minha secretária proibiu-me de ter esposa bonita.* (JM - 08/05/1941)

Freguês entendido...

- *Senhorita, desejo um lápis de batom que não marque o beijo... Quero fazer um presente a uma amiguinha, mas sou casado.* (JM -12/11/1942).

Porém, uma esposa “esperta” pode tirar um bom proveito da traição do marido:

Da vida real...

(*figura : a esposa apresentando um cheque ao marido que se barbeia*)
 - *Olha querido! Um cheque do jornal para o qual escrevi a cena que fizemos quando te surpreendi beijando a criada.* (JM - 05/03/1942)

O cinismo masculino diante da traição:

Indignação...

A esposa: - Quem foi que te pôs o nariz avariado?
O marido: - Um sujeito, porque beijei a esposa dele depois da cerimônia nupcial
A esposa: - Ora, beijar a noiva, depois da cerimônia, é um costume adotado!
O marido: - Sim, mas é que a beijei dois anos depois de casada... (JM - 19/11/1942)

Na piada seguinte, a esposa aceita como “normal” o fato de os maridos se apaixonarem pelas suas secretárias. A piada sugere que não é normal que algum marido não faça o mesmo:

Homem diferente...

(*A mulher bordando, para o marido que a está beijando*)
 - *Ora, João, quando é que acabas com isso? Por que não te apaixonas pela tua secretária, como fazem todos os maridos?* (JM – 19/01/1941)

6.2 O que dizem as piadas de casamento hoje?

O que dizem as piadas de casamento hoje? As evidências das modificações sociais, que se refletem nos padrões das relações entre homens e mulheres, desde o namoro até o casamento, num período de aproximadamente cinquenta anos, também estão presentes nos discursos das piadas? Podemos responder que sim, na medida em que as piadas veiculam certos estereótipos na representação identitária dos sujeitos que participam do contexto do casamento (“a esposa não deixa o marido falar, a esposa gasta demais, a sogra é uma megera, o casamento tira a liberdade dos homens etc”), pois que, essa identificação é imaginária e socialmente construída. Preconceitos sociais são fortemente enraizados e difíceis de serem superados, e as piadas podem ter uma boa parcela de responsabilidade na sua manutenção. Podemos responder que não, na medida em que as piadas veiculam discursos que refletem mudanças sociais nas relações que envolvem o casamento: traição, divórcio, sexo, “ficar” antes de namorar...

Identificamos como “piadas de hoje” algumas piadas de casamento publicadas em livros, revistas e magazines a partir do ano de 1990, além daquelas que, sob o mesmo tema, circulam pela Internet. Entre o período de veiculação das piadas mais antigas, analisadas nesta pesquisa, e das piadas mais recentes, temos um espaço de quase 50 anos. Para alguns historiadores (Berquó, 1989, apud Bassanezi, 1992, p. 242) o ano de 1965 é considerado, no Brasil, o “ano da ruptura que marca o início de transformações nos esquemas familiares”. As profundas mudanças sociais e os avanços tecnológicos que marcam os vinte anos seguintes ao término da II Guerra Mundial, serão determinantes nas transformações dos modelos de família conjugal até então vigentes. Os exemplos dessas mudanças são evidentes em todos os espaços das sociedades modernas. Seria possível supor que essas transformações estariam ocorrendo, também, e nas mesmas proporções, no discurso humorístico. Se fosse fato, algumas piadas contadas há mais 50 anos atrás não deveriam ou poderiam estar circulando hoje.

Certamente, os discursos humorísticos que têm como assunto as relações homem/mulher no casamento (e fora dele) não podem abandonar de vez os temas abordados pelos discursos mais antigos. Não se pode apagá-los repentinamente, pois os preconceitos, crenças, estereótipos que permeiam os discursos sobre o casamento, de alguma maneira, encontram espaço para sua reprodução e as piadas constituem um excelente espaço para isto. Apesar de todos os avanços da sociedade, liberação de costumes, igualdade de direitos, diminuição de preconceitos em relação

às mulheres, as oposições que socialmente se fazem entre os gêneros, os conflitos entre o masculino e o feminino, entre marido e mulher, continuam polêmicos.

Mas, é fato também, que novos temas passam a fazer parte das piadas hoje, como é o caso da traição no casamento, principalmente a traição feminina, ou então, piadas sobre o sexo no casamento. Estes temas, considerados “tabus”, eram totalmente ignorados, silenciados, nas revistas femininas de algumas décadas atrás.

Por outro lado, não encontramos, hoje, revistas femininas (pelo menos nas que são mais popularmente comercializadas nas bancas de revista – Cláudia, Capricho, Querida, Nova, Desfile, Marie Claire, Ella, etc), a exemplo do *Jornal das Moças*, que apresentem páginas especializadas em contar piadas sobre mulheres ou esposas. Provavelmente, exista uma compreensão maior sobre a natureza preconceituosa de certas piadas. Mas piadas sobre casamento, esposas, maridos, sogros e sogras etc., continuam circulando livremente por outros meios, revistas especializadas, livros, discos, CDs, Internet, ou sob a forma de “piadas de salão”, na roda de amigos ou amigas. Provavelmente, esta última forma de circulação das piadas foi, e é, bastante produtiva. Alguém sempre tem “a última” para contar.

Dentre todas as formas de circulação das piadas (e de milhares de outras coisas mais) a Internet é, hoje, um dos mais importantes veículos de divulgação de discursos anônimos. Embora as piadas continuem a ser contadas “face-a face”, a Internet não deixa de ser um dos meios mais seguros para contá-las. Através dela, sujeitos anônimos são livres para, sem o risco de eventuais críticas ou sanções, contarem piadas consideradas imorais, “sujas”, racistas, machistas, sexistas...

Todavia, antes de considerarmos a análise das piadas gostaríamos de fazer algumas considerações. Já dissemos que não encontramos revistas femininas com páginas especializadas em piadas, pelo menos as que têm maior circulação nas bancas de revista, a exemplo do que fazia *Jornal das Moças*. Sinal de que as mulheres, hoje, são mais conscientes sobre os preconceitos que as discriminam, ou as piadas têm outros espaços próprios de circulação? O fato é que, hoje, há uma infinidade de publicações especializadas em piadas, desde aquelas dedicadas ao público infantil, como aquelas dedicadas a assuntos específicos, como por exemplo, piadas sobre sexo. Algumas destas publicações são especializadas em piadas retiradas das próprias páginas da Internet, tal como a “Coleção de Piadas” da Editora Escala (s/d).

Possenti (1998) observa que, pelo menos três razões justificam a circulação das piadas: tratam de temas que são socialmente controversos, operam com estereótipos e veiculam um

discurso não oficial, subterrâneo. Se considerarmos que as piadas de casamento funcionam como o contra-discurso dos discursos “sérios” que tratam do mesmo tema, cremos que pode ser interessante descobrirmos o que tais discursos (os oficiais e não-subterrâneos) estão dizendo sobre a relação marido/mulher no casamento. Em virtude da grande quantidade de publicações que tratam das relações homem/mulher, no casamento ou fora dele, optamos por duas publicações: uma voltada particularmente para o público feminino, a revista *Claudia*, e outra, de cunho mais jornalístico, a revista *Veja*, ambas da Editora Abril. Partimos da hipótese que os discursos que oficialmente circulam nessas duas revistas não são totalmente diferentes dos que circulam em outras, embora cada publicação possa ter um caráter mais conservador ou mais revolucionário.

Além da Internet, utilizamo-nos de duas outras publicações para levantamento do corpus de piadas: a revista *Seleções do Readers Digest* e a revista *Playboy*. Uma das características da revista *Seleções* é a publicação de fatos narrados pelos seus leitores que contam situações, fatos incomuns e engraçados da vida real. Há, na revista, uma série de seções dedicadas ao humor e que aparecem sob o título de “Flagrantes da vida real”. “Piadas da Caserna”, “Ossos do ofício”. “Rir é o melhor remédio”. Os textos humorísticos, dessas seções, são relatados como de fossem acontecimentos da vida real, e os temas ali tratados se assemelham àqueles abordados pelas piadas: falam de sogras, esposas desastradas, gastadeiras, faladeiras etc. Tais textos são interessantes na medida em que parecem ratificar, como verdadeiros, alguns discursos das piadas. De maneira geral, as piadas de *Seleções*, em virtude ao público a que se destina podem ser consideradas como “piadas de salão”, - piadas que, eventualmente podem ser lidas ou ouvidas por toda a família. As piadas retiradas de *Playboy*, revista particularmente voltada ao público masculino (embora mulheres possam ser suas leitoras), são de uma outra natureza, “mais fortes”, “sexistas”... Existe, ainda, uma série de revistas encontradas em bancas de jornal que publicam piadas que poderiam ser consideradas, talvez, piadas pornográficas.

Que os discursos sobre casamento, relação marido/mulher, ou outros afins, estão mudados é fato. Vivemos um período de ampla liberdade de costumes. Os temas relacionados à sexualidade masculina e feminina, por exemplo, passam a fazer parte das revistas, que dedicam a eles seções especializadas. Questões que provavelmente eram discutidas em rodas fechadas e restritas (“conversas de homem”, “conversas de mulher”, divã do analista), passam a ser discutidas abertamente através dos meios de comunicação. Surgem as revistas e seções

especializadas (“Sexo”, “Sexo bem resolvido”, “Ele x Ela”, “Relações Delicadas”), onde especialistas em relacionamentos humanos, sociólogos, sexólogos e tantos outros “logos” têm a vez da palavra.

Talvez, uma das mudanças mais sensíveis nas relações homem/mulher esteja ligada à sexualidade. Nunca se discutiu tão abertamente sobre o assunto, mas nem por isso as relações humanas que envolvem o sexo deixaram de ser problemáticas. A grande maioria das piadas trata de sexo. A Internet, as revistas, os programas humorísticos, os quadros de humor, de maneira geral, apelam para a sexualidade: fazem referência à anatomia feminina, ao sexo na cama, à homossexualidade... Nunca, os discursos sobre a sexualidade humana se proliferaram tanto. Quebra de *tabu*? Certamente. Segundo Foucault (1988), a sexualidade humana permaneceu, ao longo de vários séculos, reprimida, proibida, “fadada à inexistência e ao mutismo”. Sua existência esteve quase que exclusivamente a serviço da procriação. Confiscado pela família conjugal o sexo permaneceu encerrado no único espaço social onde era legitimado: o quarto do casal. No século XXI, ele é amplamente discutido, provavelmente reflexo de certa “vontade de saber que não se detém diante de um tabu irrevogável, mas se obstinou - sem dúvida através de muitos erros – em constituir uma ciência da sexualidade” (FOUCAULT, 1988, p. 17/18). Não que os tabus sobre a sexualidade humana, não existam, não que algumas restrições a façam, ainda, calar-se. Mas não podemos ignorar que, atualmente fala-se de sexualidade, com muito mais liberdade. Ela está presente no discurso científico (biológico, sociológico, psicológico, jornalístico etc.), no discurso pedagógico (o da educação sexual), no discurso humorístico etc.

Mas, o que os textos “sérios” dizem sobre as relações homem/mulher no casamento? Na impossibilidade de abordarmos a imensidade de veículos de comunicação por onde circulam esses textos, optamos, como já dissemos, por duas publicações: a revista semanal *Veja* e a revista mensal *Cláudia*, publicações da Editora Abril Cultural. Uma amostra dos títulos e extratos de artigos pode dar um panorama interessante sobre o que se anda dizendo sobre casamento e outros temas ligados à relação entre casais. A intenção dessa apresentação é, apenas, uma amostra dos discursos “sérios” sobre casamento, aspectos, sentimentos que envolvem o relacionamento entre homens e mulheres.

. Amor e romantismo:

[...] **A gente aprende a acreditar que o amor deve durar para sempre e que o casamento é o melhor lugar para exercê-lo.** No passado não havia o otimismo quanto à longevidade da paixão. Romeu e Julieta não é uma história feliz, é uma tragédia. **O mito do amor romântico** que leva ao casamento e à felicidade é uma invenção do fim do século XVIII. Nas últimas décadas, **a expectativa quanto ao casamento como o caminho para a realização pessoal cresceu muito. A decepção e a insatisfação cresceram junto.** (Laura Kipnis, Veja, 19 de maio de 2004, p. 11)

. Casamento

O casamento transforma pessoas agradáveis em tiranos domésticos. Criticar os hábitos do parceiro torna-se a conversa-padrão do casal e a diversão favorita passa a ser modificar o comportamento do cônjuge. **Existe algum momento na vida do casal que não seja permeado por regras, desde o modo como você coloca os pratos na máquina de lavar louça, até o que pode dizer em uma festa?** (Laura Kipnis, Veja, 19 de maio de 2004, p. 14)

A instituição casamento vai desaparecer? [...] **Mas eu não acho que a instituição casamento vá acabar. Vai, isso sim, mudar muito.** A primeira mudança é econômica. Cada vez mais os cônjuges têm independência financeira um do outro. A segunda mudança é que mais e mais jovens estão tratando seu primeiro casamento como algo temporário. **Ou seja, as pessoas começam um casamento no qual elas já imaginam que não vão ficar.** É só mais uma experiência de vida. (Laura Kipnis, Veja, 19 de maio de 2004, p. 14)

. Cozinha

Quem cozinha melhor?

[Ele] **O homem, porque é mais refinado.** Não há dúvida que o homem se dá melhor na cozinha. Ele concebe a boa mesa como um todo – planeja entradas, pratos principais, sobremesas e vinhos que combinem. Acredita que não basta fazer direito, tem de impressionar. E, mesmo se cozinha por hobby, assume uma postura profissional. [...] **Na ânsia da independência, as mulheres se afastaram demais do assunto e hoje chegam a cometer absurdos.** [...] As que sabem cozinhar podem até quebrar o galho no dia-a-dia, mas não têm refinamento. Na gastronomia quem garante o glamour é o homem.

[Ela] **A mulher, porque é mais sensível.** Nós crescemos vendo mães, tias, avós e amigas em volta do fogão. [...] Na cozinha, a mulher é mais sensível, organizada, segura e criativa. [...] **A grande diferença é que o homem cozinha para mostrar conhecimento e ser enaltecido, e a mulher para dar afeto, nutrir e homenagear o outro.** [...] Para mim, cozinhar bem tem a ver com a capacidade de emocionar. E aí a mulher é imbatível [...] (Cláudia, Ele x ela, 2004, p. 37)

. Falar Demais

Mulher fala demais?

(O marido) – Sim, a tagarelice dela atrapalha. Não sei se todas as mulheres falam demais, mas a minha exagera. Tanto que acabou perdendo a autoridade. Em casa, nem os cachorros nem as crianças a obedecem mais.

(A esposa) – Não, sou resolvida, não faladeira. [...] A verdade é que tenho iniciativa e falo com quem for preciso para solucionar um problema rápido. [...] Até hoje discutimos por causa do meu temperamento, mas sinto que as diferenças nos completam – no casamento e no trabalho. (Cláudia, Ele x ela, maio 2003, p. 106)

. Férias Conjugais

Você daria férias conjugais ao seu par?

(Ele) - Não, prefiro minha mulher por perto.[...] Isso não significa que eu seja radical, até poderia embarcar para algum lugar com um amigo, eventualmente, assim como a Sabina já viajou sozinha, misturando trabalho e lazer. Não tenho ciúme. **Apenas acho que, se você é bem casado, não fica programando férias conjugais.**

(Ela) – Sim, acho ótimo que ele vá surfar. [...] De quatro anos para cá, também tiro uns dias de folga só para mim, pois adora fazer programas culturais em cidades européias, e o Guilherme prefere a natureza. O legal é que ficamos com muita saudade e, na volta, a paixão reacende. **Mas preciso confessar que nem sempre considere essa independência saudável.** No começo do casamento, tinha aquela idéia romântica de que devíamos fazer tudo sempre juntos. (Cláudia, Ele x ela, junho 2003, p. 84)

. Namoro ou casamento por interesse

Moro com uma amiga íntima que namora um homem mais velho somente por interesse: ele pode lhe apresentar as pessoas certas para fazer a sua carreira deslançar. [...] **Agora ela começou a trair o atual namorado** com o ex (por quem é apaixonada. (Cláudia, Relações delicadas, junho 2004, p. 59)

. Parceiros Ideais

Como evitar o homem errado: Mudar o homem é difícil – quase impossível. Por isso, escolher bem é a arma mais eficiente da mulher que **espera colher os frutos psicológicos e econômicos de um casamento estável e recompensador.** (Veja – Mulher, 2002, p. 52)

[...] enquanto antes as pessoas sofriam porque os casamentos eram arranjados, **hoje sofrem porque acham que devem encontrar a pessoa ideal?** Exato. Imagine alguém dizer que é contra o amor. É considerado um herege. As propagandas, as novelas, os filmes, os conselhos dos parentes, tudo contribui para promover os benefícios do amor. Deixar de amar significa não alcançar o que é mais essencialmente humano. O casamento é envolto pelo mesmo tipo de cobrança. E, quando cai por terra a expectativa do romance e da atração sexual

eternos, surge a pergunta: “O que há de errado comigo?”. O diagnóstico dos terapeutas é “inabilidade para se estabelecer” ou “imaturidade”. Não é à toa que as pessoas consomem cada vez mais anti-depressivos. A questão que eu coloco é? **Talvez o problema não seja do indivíduo, mas da incapacidade do casamento em cumprir as promessas de felicidade.** (Laura Kipnis, Veja, 19 de maio de 2004, p. 13/14)

A herança evolutiva explica, entre outras coisas, **por que sexo e dinheiro – ou melhor, sexo e status – sempre estiveram intimamente ligados.** Nem mesmo uma revolução como a conquista dos direitos da mulher alterou significativamente as velhas táticas de sedução e os sinais de atração. (Veja, 23 de julho, 2003, p. 69)

. Príncipe encantado

Não adianta todos dizerem que ele não existe. Tenho 50 anos, sou separada, mãe de filhos já moços que vivem em outro país, e continuo esperando que o príncipe encantado venha fazer parte da minha história. [...] penso que muitos de meus problemas e tristezas seriam resolvidos se eu encontrasse o homem da minha vida. Será que isso é infantilidade da minha parte? **Eu me sinto dividida entre insistir ou desistir de vez destas idéias românticas.** (Cláudia, Relações delicadas, setembro 2003, p. 59)

. Sexo

Menos submissa e reprimida, a mulher tornou-se mais feliz na cama. Mas como trabalha mais, anda reclamando de falta de desejo. (Veja – Mulher, 2002, p. 44)

No entanto, para o sexo ser gostoso é necessário que os dois se divirtam com ele. O que deve e o que não deve ocorrer numa troca sexual depende do acordo entre o casal. (Cláudia, 2003. p. 51)

Eu mantenho relações só para não desapontar meu marido. Fiz 40 anos e tudo mudou. **Rapazes musculosos me atraem, música romântica me excita e desejo transar com amigos.** Tenho até sonhos eróticos, acordo suada. É compulsão? (Resposta) - Não se trata de compulsão, mas, provavelmente, de grande ansiedade. Aos 40 anos uma longa estrada já foi percorrida. Em geral, nessa etapa, uma mulher realizou a vida profissional, conquistou bens materiais, desmistificou exigências sociais e adquiriu sabedoria. Tudo isto resulta em maturidade e, conseqüentemente, pode abrir espaço para o sexo. [...] Sentir-se atraída por um corpo bonito, ser tocada por uma música e enxergar a sensualidade que os homens despertam é normal. Mas nem sempre socialmente aceito. Daí a censura. Você não deve ficar apavorada com os novos sentimentos [...] O que precisa é administrar essa energia e conduzi-la para um relacionamento saudável. Experimente com o seu marido: você pode ter uma surpresa muito gostosa e interessante. (Cláudia, Sexo bem resolvido, agosto 2003, p. 59)

Um conflito ameaça meu casamento, que já dura 19 anos. Meu marido quer mais uma mulher na nossa cama. Diz que é o seu maior desejo. Temo que, não

atendendo ao pedido, ele realize essa maluquice fora de casa. Ao mesmo tempo acho que, se me amasse, estaria feliz somente comigo.

(Reposta) - Fantasia sexual e amor são coisas diferentes. Podem vir juntos e se complementar deliciosamente, como feijão com arroz. Mas nem sempre a fantasia de um coincide com a do outro. O fato de seu marido querer mais uma no sexo não quer dizer que não a ame ou que via substituí-la pro outra que tope a parada. Agora, se fazer sexo a três avilta você, não se submeta. [...] Por outro lado, analise: seu marido demonstra ter liberdade de expor seus desejos mais excêntricos. É uma prova de confiança, querer dividir essa experiência que muitos casais consideram excitante. Pergunte a si mesma se a realização da fantasia não traria algum benefício a você. Mas não tome decisões movida pelo medo de perdê-lo. (Cláudia, Sexo bem resolvido, março 2004, p. 42)

. Solteiros e solteiras

Solteiros são mais felizes que pessoas casadas? Aparentemente não. O solteiro é tratado como um perdedor. [...] É difícil falar de felicidade se você vai contra a norma social, que é casar-se e constituir um lar tradicional. (Laura Kipnis, Veja, 19 de maio de 2004, p. 15)

A sociedade ainda trata a solteira como a mulher que não conseguiu um marido, quando na verdade pode ter escolhido viver sem um parceiro. [...] A mulher se sentirá feliz quando encarar que ser solteira é uma forma entre várias, de se realizar. (Cláudia, A nova solteira, maio 2003, p. 200)

. Traição

Os biólogos fazem pesquisas tentando demonstrar que o homem tem uma tendência natural à poligamia. Mas as estatísticas mostram que, quanto mais as mulheres avançam no mercado de trabalho, mais elas traem. Ou seja, a independência financeira dá mais liberdade e mais oportunidades para as mulheres pularem a cerca. Logo elas alcançam os homens também nesse quesito. (Laura Kipnis, Veja, 19 de maio de 2004, p. 15)

Os textos acima têm, como dissemos, a intenção de identificar os principais discursos correntes sobre a relação homem e mulher no casamento ou no relacionamento a dois. Certamente, são evidentes as diferenças entre os discursos sérios de hoje e os de ontem. Hoje, fala-se abertamente em sexo, na possibilidade da mulher ser mais feliz na cama, no sexo como prazer e diversão. Reclama-se do sexo ruim com o parceiro e da realização sexual fora do casamento, revelam-se fantasias sexuais com outras pessoas que não são os cônjuges, fala-se de um terceiro parceiro na cama do casal. Solteiros e solteiras ainda são socialmente tratados como perdedores, mas homens e mulheres podem realizar-se plenamente fora do casamento. Homens e

mulheres traem e as mulheres, quanto mais avançam na sua dependência financeira, segundo algumas opiniões, mais adquirem condições de trair.

De que maneira as piadas abordam os novos hábitos e costumes? Em que aspectos as piadas, hoje, são iguais ou diferentes, das piadas mais antigas? Vejamos os que elas estão dizendo.

6.2.1 Sobre as esposas

Em época que se fala de liberação feminina, em crítica aos comportamentos machistas, as piadas continuam contribuindo para a reprodução de conceitos e preconceitos. Assim, nas piadas de casamento, circulam discursos que ridicularizam, diminuem o papel das esposas/mulheres, e que, provavelmente, funcionam como forma de controle dos papéis sociais atribuídos à relação homem/mulher ou, um discurso machista que reforça a hierarquia que determina a superioridade do masculino sobre o feminino

Quais “defeitos” das esposas as piadas de hoje “revelam”:

. As esposas são incompetentes

- Nos cuidados com a aparência:

- *Minha esposa está tentando perder peso. Por isso monta muito a cavalo.*
- *E qual o resultado?*
- *O cavalo perdeu 10 quilos na semana passada. (Seleções, jul./97, p. 117)*

Na piada, a tentativa da esposa em perder peso resulta negativa. Os padrões de beleza estabelecidos exigem pessoas cada vez mais magras. Provavelmente, em virtude de cobranças estéticas menos flexíveis, as mulheres são mais propensas a adotar formas de emagrecimento, ou outras formas de embelezamento estético, de maneira mais radical. A piada tanto pode estar se referindo ao excesso de peso da esposa, - tão gorda que fez o cavalo perder peso ou, talvez, à inutilidade de esforços despendidos, pelas mulheres, na tentativa de emagrecimento

- Nos “deveres domésticos”:

A mulher pega o paletó do marido e berra:

- *O que significa essa cabelo louro na sua roupa?*
- *Significa que esse paletó não é lavado desde o tempo em que você oxigenava seu cabelo.*

A piada ratifica a incompetência feminina em realizar as atividades que, no passado, constituíam sua obrigação natural: cuidar o melhor possível do marido e de suas coisas. Crítica às mulheres que abandonaram os “deveres” do lar ou constatação de uma nova ordem social? A piada seguinte parece confirmar a hipótese de que as mulheres não querem fazer mais o que elas faziam antes, mesmo que isto tenha que custar a morte do marido:

O homem agonizava no leito do hospital, quando o médico chamou a esposa para uma conversa particular:

- *Olha, minha senhora, o caso dele é grave. Ele anda sob muita pressão e, se as coisas não forem facilitadas, rapidamente ele vai sofrer outro ataque cardíaco. A senhora tem que ajudar tornando a vida dele a mais calma possível. **Leve o café para ele na cama, deixe a roupa dele sempre limpinha e passada, almoço e jantar na mesa na hora certa. Quando ele chegar do trabalho, tira o sapato dele, dê um banho nele, faça uma massagem.** Nenhum estresse, entendeu?*
- *Claro! – respondeu a esposa.*
- Assim que o médico saiu, o marido curioso perguntou à mulher:*
- *O que ele te disse?*
- *Ele disse que você vai morrer! (www.hpa.vilabol.uol.com.br)*

. As esposas falam demais ou não deixam o marido falar

O estereótipo da esposa faladeira, que tira o direito à voz do marido, se repete. As piadas abaixo são muito parecidas com as que eram publicadas no *Jornal das Moças*: o papel de marido tira, do homem, o poder da falar ou de interromper a esposa

Um ator que há anos tentava trabalhar na TV, finalmente consegue seu papel na novela das oito. Feliz ele ligou para casa para contar pra família:

- *Pai, consegui um papel na novela das oito! Eu vou fazer um homem casado há mais de 30 anos com uma mulher*
- *Que bom meu filho! Quem sabe na próxima novela você pode até conseguir um papel com falas, hein? (Internet, 21/11/2000)*

Marido à mulher:

- *Eu não estava bocejando enquanto você falava. Estava tentando dizer alguma coisa. (Seleções, maio.1997, pág.144)*

- *Não falo com a minha esposa há mais de um ano... Não gosto de interrompê-la. (Internet, 01/11/2001)*

Com o casamento, o poder da fala se alterna: primeiro o marido fala e a mulher ouve, depois, a mulher fala e o marido ouve. Finalmente, a comunicação se torna impossível: ambos brigam.

Recém-casado a um amigo:

- *Durante a primeira semana, eu falei e minha mulher ouviu. Na segunda semana, ela falou e eu ouvi. Agora falamos os dois e os vizinhos ouvem. (Seleções, agosto, 1997, p. 54)*

A fórmula do *casal feliz*, abaixo, resume dois aspectos do relacionamento entre marido e mulher: a mulher fala demais (o que justifica o marido surdo) e o homem faz coisas (talvez, traição...) que a mulher não deve ver ou saber (o que justifica a mulher cega):

Casal feliz: Marido surdo e mulher cega. (e-mail, 10 de junho/2002)

. As esposas são interesseiras

Marido: - Quer uma rapidinha?

Esposa: - Em troca do quê? (Internet, 01/11/2001)

Na piada acima além do tema da “esposa interesseira”, há também um outro: o sexo no casamento. Certamente, há de se considerar o lugar onde a piada aparece, onde ela pode ser contada. A piadas antigas analisadas não abordavam questões de sexo: não era de bom tom que tais assuntos circulassem nas revistas e magazines voltados ao público feminino. Provavelmente este tipo de piada circulava em espaços específicos mais fechados (rodas masculinas, entre mulheres...). Hoje, em consequência da crescente liberação dos costumes, as piadas sexistas encontram maior espaço de circulação e sofrem menos controle social.

. As esposas gastam o dinheiro do marido ou gastam demais

As questões ligadas a dinheiro, problemas financeiros, gastos excessivos das esposas, ainda são temas das piadas sobre casamento:

Uma mulher para sua amiga:

- *Fui eu que fiz o meu marido milionário.*
- *E o que o seu marido era antes? – pergunta a amiga.*

A mulher responde:

- *Bilionário. (e-mail, 01/11/2001)*

Um homem comenta com um amigo:

- *Roubaram meu cartão de crédito.*
- *Você já avisou a polícia?*
- *Não, o ladrão está gastando menos que minha mulher!*

(www.hpa.vilabol.uol.com.br)

Para conseguir que o marido lhe dê dinheiro a mulher usa de artimanhas e mentiras. A piada seguinte, além de revelar o “jeitinho” feminino para enganar o marido, pode estar revelando outros discursos sobre o casamento: o marido ainda é quem dá dinheiro a mulher; o marido pão-duro, diante da oportunidade de ficar livre da esposa, dá-lhe o dinheiro para ela vá embora.

Mulher à colega:

- *Finalmente descobri uma forma de meu marido me dar dinheiro. Estávamos brigando ontem à noite e eu disse a ele que ia embora para a casa da mamãe. Ele me deu dinheiro para a viagem. (Seleções, maio, 1997, p. 88)*

. As esposas são desobedientes e mandonas (Quem manda em quem?)

E depois tem aquela do homem que tinha uma mulher tão mandona, mas tão mandona, que começou assim o testamento: - “Estes são os meus primeiros desejos” (Seleções, julho, 1997, p. 116)

. As esposas dirigem mal

A mulher telefona para o marido:

- *Querido, tenho uma notícia boa e uma má!*
- *Lamento, mas estou no meio de uma reunião supertensa, me diz só a boa!*
- *O airbag do seu carro está funcionando direitinho! (www.piadas.com.br)*

. As esposas traem

Já dissemos que a possibilidade da traição feminina não era discutida nas revistas femininas. Ela era impensável, inadmissível e imperdoável. Se em alguns dos contos do *Jornal das Moças* eram mencionados episódios de traição, o castigo para a mulher era trágico, pois geralmente terminava em degradação ou morte. Em nenhuma situação, (mesmo um casamento que implicasse em desrespeito ou violência do marido contra a mulher), o abandono do lar, ou a traição, jamais se justificavam. À mulher cabia suportar tudo, com resignação e paciência, em nome do bem estar da família e dos filhos. As revistas femininas de hoje, certamente, não fazem a apologia da traição, mas apontam para a possibilidade de um novo relacionamento se a mulher não está feliz no casamento. Mas, as piadas de hoje não deixam impunes as possibilidades da traição feminina: da piada seguinte, inferimos a traição da mocinha logo no primeiro mês de casamento. Marido “viajando”, ainda funciona, nas piadas, como possibilidade de traição.

A mocinha chega chorando em casa da mãe:

- *O que aconteceu, minha filha?*
- *Meu marido me bateu! Me deu uma surra logo no primeiro mês de casamento!*
- *Mas eu pensei que ele estava viajando!*
- *Pois é, mamãe! Eu também...* (e-mail, 10 de junho/2002)

O marido traído não clama pela *legítima defesa da honra*, quer suicidar-se. A mulher, cínica, admite a traição.

O marido pegou a mulher traindo e ficou inconformado. Subiu no último andar do prédio e, quando ia se jogar, a esposa gritou:

- *Seu burro, eu lhe coloquei um par de chifres, não de asas.* (e-mail, 10 de junho/2002)

Para o marido valentão, que quer matar o amante, a mulher confessa ter tido traições anteriores. Pensamos que as piadas de traição feminina, de alguma forma, ridicularizam uma comum reação machista do homem diante da traição.

O marido chega do trabalho mais cedo e pega a mulher no flagra, trepando com o amante. Puto da vida ele pega o revólver, aponta para o indivíduo e diz:

- *Vou te matar, cabra da peste!*

No mesmo instante, a esposa se enfia na frente da arma, desesperada, e diz:

- *Pelo amor de Deus, não mate o pai dos nossos filhos!* (e-mail, 10 de junho/2002)

. Sexo com a esposa não é bom

As piadas falam explicitamente de sexo. A piada abaixo dá uma “alfinetadinha” na sogra, mas o objeto de ataque é a esposa:

Tinha dois homens conversando...

- *Amigo, fala uma coisa ruim, uma coisa ruim mesmo!*

- *Minha sogra.*

- *Não cara, uma coisa ruim de comer!*

- *A filha dela!!!* (www.orapois2.com.br)

O que as mulheres mais odeiam ouvir quando estão tendo sexo de boa qualidade?

- *Querida, cheguei.* (www.traída.net/humor)

. As esposas não recebem bem os amigos do marido

Se a esposa recebe com alegria a notícia da visita dos amigos para jantar, só pode ter sido um engano de ligação:

O cara liga do serviço para casa.

- *Oi, amor! Hoje vou levar alguns amigos para jantar em casa e...*

- *Que ótimo, querido! Vou preparar uma comidinha deliciosa...*

- *Desculpe, acho que liguei para o número errado.*

(www.orapois2.com.br)

. As esposas controlam os maridos

Ainda é recorrente nas piadas o discurso de que as esposas controlam seus maridos.

Madrugada de domingo. O marido chega da farra quando o dia já amanhece. Pé ante pé, entra no quarto, senta-se cuidadosamente à beira da cama, tira os sapatos e, quando está descalçando as meias, a mulher desperta:

- *Ah, bandido! Isso são horas de chegar em casa? Pois saiba que desta vez...*

- *Calma, calma! Ficou louca? Quem falou que estou chegando? Estou me trocando para ir à missa! (Playboy, agosto 1996, p. 232)*

. As mulheres não são “castas”

Casar virgem, ter a primeira experiência sexual com o marido, estes eram certamente, os conselhos que as moças ouviam há algumas décadas. A gravidez antes do casamento era um erro imperdoável e a moça teria muita sorte se, depois de grávida, o pai da criança, ou outro pretendente, quisesse casar com ela. Mas, nas piadas, hoje, se diz que as moças têm experiências sexuais antes do casamento e que este pode ser um bom motivo para o casamento:

Por que você se casou com esse seu marido? – pergunta a fofoqueira. – Afinal, vocês não parecem ter nada em comum!

- *Ah, é aquela velha história da atração dos opostos, - respondeu a outra.*
- *Eu estava grávida e ele, não. (Playboy, abril 1999)*

O marido, ainda espera que, como antigamente, ele seja o primeiro homem na vida de sua esposa. A piada diz o contrário: a resposta da esposa sugere que ele é um dentre os vários homens que passaram pela vida dela:

Na cama, o marido se vira pra jovem esposa e pergunta:

- *Querida, me diga que sou o primeiro homem de sua vida.*
- Ela olha pro babaca e responde:*
- *Pode ser... sua cara não me é estranha...*

. As esposas são burras

Reminiscências de um passado onde a mulher era reconhecida como individualmente incapaz, física e intelectualmente? O estereótipo da incapacidade feminina diante da inteligência masculina se repete na piada abaixo:

Adão não se conformou, a princípio:

- *Mas, Senhor, vou ficar com uma costela a menos do que ela?*
- Ao que o Criador, em sua divina sabedoria, respondeu:*

- *O que é uma costela? Espera só para veres quantos milhões de neurônios te darei a mais!* (Playboy, outubro de 1997, p. 232)

À burrice da esposa soma-se a sua feiúra. Nas piadas as esposas ainda são figurativizadas de forma grotesca.

A mulher, toda dengosa, pergunta para o marido:

- *Benhê, o que você prefere, mulher bonita ou inteligente?*

E o marido, bem carinhos:

- *Nenhuma das duas, meu amor, eu gosto de você.*

(www.hpa.vilabol.uol.com.br)

. As esposas bebem

O estereótipo comum nas piadas, de ontem e de hoje, é o marido bebedor. Mas, em época de liberação de costumes as mulheres também bebem. É o que diz a piada:

A mulher vê o marido chegar em casa:

- *Nossa, Roberto! Como cinco uísques te modificam!*
- *Que papo é esse, mulher? Eu não bebi cinco uísques.*
- *Mas eu bebi...* (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

. As esposas são ciumentas

O eterno ciúme feminino. A esposa está sempre “de prontidão” com as moças bonitas que conversam com o marido. Nas piadas antigas, apresentamos um exemplo de piada muito parecida com esta:

O sujeito no supermercado chega para uma garota e diz:

- *Não estou encontrando minha esposa. Poderia ficar conversando com você por alguns minutos?*
- *Claro – disse a garota – mas por quê?*

E o sujeito:

- *É que sempre que estou conversando com uma garota bonita, minha esposa aparece do nada!* (www.piadas.com.br)

6.2.2 Sobre os maridos

Assim como mudaram os papéis femininos nas relações do casamento, mudaram os papéis masculinos.

Se antes as seções das revistas femininas se voltavam exclusivamente para as obrigações e deveres da mulher dentro do lar, excluindo o homem de quaisquer atividades ou obrigações nas tarefas domésticas, hoje, homens e mulheres são coadjuvantes nessas atividades. Às vezes, homens e mulheres competem para ver quem é melhor, por exemplo, na arte de cozinhar. Mas, velhos conflitos ainda permanecem nas relações entre marido e mulher.

. Os maridos querem ficar livres de suas esposas

Ainda se diz, nas piadas, que os homens se arrependem do casamento.. Qualquer oportunidade é válida para que o marido possa “ficar livre” da esposa:

Um homem colocou nos classificados: “Procura-se esposa”. No dia seguinte ele recebeu centenas de cartas, todas dizendo a mesma coisa: “Pode ficar com a minha”. (Internet, 01/11/2001)

Esta piada já apareceu nos exemplos das piadas antigas:

Um homem chega correndo em casa e exclama para sua mulher:

- Pode fazer as mala! Ganhei na loteria!

A mulher pergunta:

- É para pegar roupa de inverno ou de verão?

Ele responde:

- Pegue todas. Você vai embora! (Internet, 21/11/2000)

Certa mulher queixou-se ao seu conselheiro matrimonial:

- Meu marido ganhou uma viagem para dois ao Hawaí. Ele foi sozinho duas vezes.

(Seleções, jul.97, pág. 117)

Para obter a liberdade, a morte da esposa é muito bem vinda:

Um cara diz, orgulhoso:

- Minha mulher é um anjo!.

O amigo observa:

- Você tem sorte, a minha ainda está viva!. (Internet, 01/11/2001)

O efeito humorístico da piada acima é dado pelo sentido da palavra anjo. Provavelmente o sentido de anjo do primeiro marido foi “anjo de bondade” ou qualquer outro sentido positivo. Para o segundo marido, esposa para ser anjo, só depois de morta. Encontramos uma piada parecida no Jornal das Moças de 1940:

De duas uma...

- *A tua esposa é um anjo!*

- *De duas, uma: ou tu não conheces minha mulher, ou nunca viste um anjo em toda tua vida. (JM - 25/07/1940).*

Se o marido teve a sorte de a esposa ter partido, ele vai lutar para que ela não volte jamais. Na piada abaixo, a traição da esposa que fugiu com o guarda foi um golpe da sorte e a possibilidade de ela ser “devolvida” é impensável:

Um sujeito está voltando para casa, dirigindo acima da velocidade permitida. Olhando pelo retrovisor, ele vê um carro de polícia buzinando, com um guarda fazendo gestos para ele parar.

Ele pensa: - Corro mais do que ele, - e pisa fundo no acelerador. O carro dá uma arrancada e a polícia segue-o numa corrida desenfreada – 100, 120, 140, 160 km/h. Quando o velocímetro chega a 180 e a polícia continua atrás dele, o sujeito desiste e encosta. O guarda chega na janela e diz:

- Olha, eu tive um dia cansativo hoje, e só quero ir para casa. Me dê uma boa desculpa e eu o deixo ir.

O sujeito pensa por um momento e diz:

- Há três semanas minha mulher fugiu com um guarda. Quando eu vi seu carro no meu retrovisor, eu pensei que fosse o senhor e que estivesse tentando devolvê-la! (www.piadas.com.br)

Férias, só longe da esposa:

A empregada ao telefone:

- *O doutor Alonso não está, ele viajou...*

- *De férias?*

- *Não, a patroa também foi. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)*

. Os maridos fazem o serviço de casa

Embora as discussões mais sérias sobre os papéis femininos e masculinos dentro do lar apontem para mudanças, às vezes radicais nesses papéis, as piadas ainda abordam, jocosamente, o fato dos homens desenvolverem atividades domésticas. Resistência às mudanças? A piada abaixo, com um interessante jogo de sentidos, produzido pela pergunta “E a sua mulher?” (o que ela faz) e o entendimento equivocado (quem a lava?), parece sugerir isto:

- *Nós somos um casal moderno – anunciava o rapaz recém-casado. – Dividimos todas as tarefas da casa. Eu lavo a louça, a roupa, o banheiro...*
- *Espera aí! – interrompe o amigo. –E a sua mulher?*
- *Minha mulher, não! Ela se lava sozinha. (e-mail, 10 de junho/2002)*

. Os maridos não são bem dotados

As referências à anatomia feminina ou masculina são constantes nas piadas. Seios descomuns nas mulheres (ou sua total ausência), tamanho desproporcional dos órgãos genitais (pequenos nos homens e grandes nas mulheres) são aspectos explorados nas piadas. A repetição, nas piadas sexistas, de estereótipos sobre o tamanho dos órgãos sexuais, seria, segundo alguns teóricos, um traço universal, considerada a sua presença nas mais diversas culturas. Embora, no caso masculino, a ciência e os especialistas continuem a enfatizar que o tamanho dos órgãos é irrelevante no desempenho sexual, as piadas não desistem de explorar o assunto. Por mais que os especialistas se esforcem em desmistificar a crença de que o desempenho sexual dos homens e a conseqüente satisfação sexual das mulheres estejam diretamente ligados ao tamanho do pênis, há uma certa cultura que trata de sua manutenção. Há uma crença de que quanto maior o órgão sexual masculino, maior a virilidade do homem, assim como, a crença de que mulheres de seios grandes seriam mais sensuais ou “gostosas”. Estas crenças são tão sérias que interferem nos padrões de beleza vigentes: há, o que chamaríamos de “uma brutal apelação” para que homens e mulheres mudem sua forma anatômica natural.

- Num dia de muito calor, o marido sai do banho pelado, chega pra esposa e fala:*
- *Meu bem, está muito quente. O que você acha que os vizinhos vão dizer se eu for cortar a grama assim, completamente nu?*
- A mulher olha pra ele e responde:*
- *Provavelmente que eu casei com você por dinheiro! (Internet, 21/11/2002)*

Duas mulheres fofocam.

- *Eu soube que seu marido é circuncidado...É verdade?*

- *Não, imagina! Se fosse, não sobrava nada!* (Playboy, maio 1998, p. 176)

A piada seguinte é interessante por duas razões: primeiramente por ser uma piada sexista ao abordar, como tema, a questão do tamanho do órgão sexual masculino e segundo, porque revela que as mulheres não são mais ingênuas e inexperientes antes do casamento, como eram antigamente:

Na noite de núpcias, querendo testar a experiência sexual de sua jovem esposa, o marido ficou inteiramente nu e, apontando para o símbolo de sua masculinidade, perguntou:

- *Você sabe o que é isto?*

- *Claro. É um pintinho.*

Encantado com a ingenuidade da mulher, ele disse, complacente:

- *Pois, de hoje em diante, você pode chamar de pênis.*

Ela deu uma risada e lançou de bate-pronto:

- *Deixa disso, bobo, Pênis eu estou cansada de ver. Isso aí não passa mesmo de um pintinho.* (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

. Os maridos não satisfazem as esposas

As piadas dizem que as esposas não estão contentes com o desempenho sexual dos maridos:

Por que as mulheres casadas são mais gordas que as solteiras?

A solteira chega em casa, vê o que tem na geladeira e vai pra cama; a casada vê o que tem na cama e vai pra geladeira. (www.traída.net/humor)

No teatro, o marido não parava de gargalhar. A mulher pergunta o que estava acontecendo.

- *Estou pensando em que reação teria o público se de repente eu saltasse lá no palco e transasse com uma das bailarinas.*

Dali a pouco, a mulher começa a rir e ele quer saber por quê.

- *Pensei no que você faria se o público gostasse e pedisse bis!*
(www.traída.net/humor)

. Os marido são “cornos”

Em tempos modernos os maridos são traídos.

Um detetive particular presta contas a sua cliente:

- *Segui o seu marido na noite passada como a senhora pediu. Ele foi a três bares, quatro boates e um motel.*
- *O quê? – grita a esposa, espantada – E o que esse desgraçado foi fazer em todos esses malditos lugares?*
- *Não tenho certeza – respondeu o detetive, - mas pelo que deduzi ele estava seguindo a senhora... (www.piadas.com.br)*

Nas piadas, as mulheres traem e os maridos aceitam mansamente suas traições. Dentro de uma sociedade machista, ser considerado “corno” é um atributo que os homens não admitem jamais e, de maneira geral, as reações diante da constatação do adultério podem ser as mais violentas. Até há pouco tempo, o adultério feminino consistia-se numa justificativa jurídica para a defesa de crimes passionais. Nas piadas as prováveis reações violentas dos maridos traídos são substituídas por reações “mansas”:

O menino entra no boteco gritando:

- *Depressa, seu João, sua mulher está na cama com outro!*
- O homem sai correndo. Dez minutos depois, está de volta. Senta-se, pede uma cerveja e diz aos amigos:*
- *Alarme falso. Era o mesmo de sempre.*

. Os homens são incompetentes para se vestir bem

Parece que o “jogo de advinha” abaixo faz, indiretamente, um raro elogio ao papel da esposa: para um homem se vestir bem, precisa do bom gosto da mulher:

- *O que se diz quando se vê um homem bem vestido*
- *Que sua mulher tem bom gosto. (Internet, 01/11/2001)*

. Os maridos são dispensáveis

Escolha a alternativa correta para a seguinte pergunta: O que você faz se a sua amiga foge com seu marido?

() sente pena dela

() sente falta dela

De toda maneira as duas alternativas não dão a opção “sentir falta do marido”. Ele parece ser perfeitamente dispensável. Esta piada foi veiculada num site da Internet (21/11/2002) intitulado “Vingança feminina”. É a resposta feminina às piadas nas quais os maridos “descartam” suas esposas? É bem provável.

. São os maridos que mandam?

Algumas piadas dizem que são os maridos que têm os direitos:

O marido:

- Como o casal moderno deve dividir tudo, fiz um trato com minha esposa sobre direitos e deveres: eu fiquei com os direitos. (e-mail, 10 de junho/2002).

Mas, em outra piada, a esposa reclama do poder de decisão que passam para ela. O marido não está nada interessado em repartir as responsabilidades. Talvez, a piada esteja mostrando que a mulher moderna, além de seu papel de mãe, acaba por assumir outras responsabilidades, até mesmo aquelas que, tradicionalmente, eram de o marido:

Conversando com o marido, a mulher declara que está farta de ter de tratar de todos os assuntos da família.

- É mesmo? – retruca o marido. – Acha que dependemos demais de você?

- Pense um pouco! – exclama a mulher, - Não só cozinho, limpo e organizo, como ainda sou quem resolve a maior parte dos problemas. Se há um desastre, chame a mãe. Se há um recado a dar, chame a mãe. Se há uma decisão, um compromisso ou uma encrenca, chame a mãe!

- Hum, - diz o homem. E o que você acha que devemos fazer a respeito?

(www.piadas.com.br)

O segredo do casamento duradouro, pode, enfim, estar no fato do marido aceitar que a esposa mande:

Ao ver o amigo casado há tanto tempo, o sujeito, indignado, lhe pergunta o segredo.

- Ora, meu caro, é muito simples! Nos primeiros quinze dias do mês, eu deixo minha mulher fazer o que ela quiser.

- E nos outros quinze?

- Aí, eu faço o que ela quiser!

6.2.3 SOBRE O CASAMENTO

Pelo que se diz nas piadas, o casamento ainda é uma questão mal resolvida. Tal como acontece nas piadas de antigamente, nas piadas modernas o casamento também marca o final do amor e o início de eternas brigas e desavenças. A relação entre o casamento e a felicidade parece impossível e a incompatibilidade entre o casal é a regra geral. O sofrimento e o arrependimento que advém com o casamento, atinge, principalmente, os homens, embora, em algumas piadas, as esposas já se arriscam em afirmar que o casamento não lhes trouxe felicidades.

. Casamento, amor e romantismo são inconciliáveis

O amor a primeira vista é a causa de um casamento do qual o marido se arrepende:

O casal conversando:

- Querido... você acredita me amor a primeira vista?

- É lógico que sim. Se tivesse te olhado mais vezes, não teria casado.

(www.piadas.com.br)

A piada seguinte trata da falta de romantismo entre os casados. Novamente o jogo de palavras cria o equívoco e o efeito cômico da piada: “fazer o mesmo”, para a esposa, significa que o marido poderia se lhe trazer flores, tal como o vizinho faz com sua mulher. O marido entende que “fazer o mesmo” é dar flores para a vizinha:

- Você já percebeu como vive o casal que mora ai em frente? Parecem dois namorados! Todos os dias, quando chega em casa, ele traz flores para ela,

abraça-a e o dois ficam se beijando apaixonadamente. Por que você não faz o mesmo?

- *Mas, querida, eu mal conheço essa mulher!* (www.piadas.com.br)

No casamento não há gentilezas. Na piada abaixo, o casal de noivos resolve fingir que estão casados há muito tempo. A encenação sugerida é o marido mostrar-se mal educado com ela

A noiva ao entrar no hotel diz ao noivo:

- *Querido, vamos fingir que estamos casados há muito tempo?*

O noivo:

- *Ok, meu bem. Você carrega as malas!* (www.piadas.com.br)

. Casamento é rotina e monotonia

Um dos discursos sobre aspectos negativos do casamento trata da rotina do relacionamento entre o casal. As revistas femininas, hoje, ensinam técnicas para se quebrar a rotina do casamento. A piada abaixo, que também já apareceu com personagem feminina, trata dessa rotina:

Por que homem solteiro é sempre magro e o casado é gordo?

- *Porque o solteiro chega em casa, abre a geladeira e diz “sempre o mesmo!”, e vai para a cama. O casado chega em casa, vai para a cama e diz “sempre o mesmo!”, e abre a geladeira.* (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

- *Papai, como se pode definir a condição daquele que tem duas esposas?*

- *Bigamia.*

- *E daquele que tem cinco?*

- *Poligamia.*

- *E daquele que tem só uma pessoa?*

- *Monotonia.* (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

. Casamento é uma tragédia, um inferno, uma infelicidade, uma praga rogada...

Um cara dizia antes de casar: - Por ela, eu iria até o inferno!

- *Pois bem, ele casou com ela.* (Internet, 21/11/2000)

O casamento, nas piadas aparece como um marco divisório que separa dois momentos na vida do homem: um período de paz, vivido antes do casamento, e outro período de inferno, vivido depois do casamento. Se o casamento é comparado ao inferno, não podemos deixar de observar que, na grande maioria das piadas, este ponto de vista é particularmente masculino. Não há dúvidas que as piadas sobre casamento são, muitas vezes, marcadas por discursos machistas e pelo conflito das diferenças que se estabelecem entre os gêneros e, nesses discursos, o insucesso do casamento é, ainda, culpa das mulheres. Pelo menos, nas piadas, quem se mostra infeliz e arrependido é o marido:

Um amigo para o outro:

- *Eu e minha mulher fomos verdadeiramente felizes durante 20 anos.*
- *E então, o que aconteceu?*
- *Bem, aí nós nos casamos* (Seleções, agosto 1997 – pág.60)

Após muitos anos de casados, a mulher acorda muito feliz e diz:

- *Meu amor! Hoje estamos fazendo meio século de casados. O que devo matar, uma galinha ou um porco?*
- *Querida! Que culpa tem os coitadinhos da burrada que fizemos??*
(www.piadas.com.br)

O casamento só pode ter sido praga rogada:

Um sujeito vai ver um pai-de-santo para ver se dá para desfazer uma praga que lhe foi rogada há quarenta anos. O pai-de-santo diz:

- *Pode ser, mas eu preciso saber quais as palavras exatas que foram usadas na praga.*
- O sujeito responde sem hesitar:*
- *Declaro-os marido e mulher.*

. O casamento é um gesto de loucura, irracionalidade, cegueira...

A idéia de que o casamento é um erro ou um ato impensado continua sendo tema dos discursos humorísticos:

Um jovem moço, recém-casado, foi se confessar. O jovem pergunta ao padre:

- *Padre, o senhor acha certo as pessoas ganharem dinheiro com os erros dos outros?*
- *Não meu filho! Claro que não!*

O jovem:

- Então, devolva o dinheiro do meu casamento!!! (www.piadas.com.br)

As mulheres parecem estar dando o troco. O casamento pode ser algo de que elas, agora, também se arrependam.

Num coquetel, uma mulher diz à outra: - Você está usando sua aliança no dedo errado...

A outra respondeu: - Estou sim, casei com o homem errado!. (Internet,01/11/2001)

O pensamento confirma: insistir no casamento só pode ser burrice:

O primeiro casamento é ilusão; o segundo casamento é insistência; o terceiro casamento é burrice (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

. Casamento é uma prisão

Voltamos à comparação entre o casamento e prisão. O marido descobre que o casamento é pior do que a prisão, pois, se tivesse optado por ir preso ao invés de casar, depois de vinte anos de cadeia já estaria livre:

A mulher acorda no meio da noite e constata que o marido não está na cama. No silêncio da noite ela ouve um resmungo no andar de baixo.

Ela desce as escadas, o procura por toda parte mas não consegue encontrá-lo. Escuta um lamento, como alguém soluçando. Ela então desce até o porão e encontra o marido, encostado num canto do cômodo virado para a parede e soluçando como uma criança. E ela pergunta:

- O que aconteceu?

Ele responde:

- Lembra-se do dia que seu pai nos flagrou duas alternativas? – continua ele – ou casava com você ou pegava vinte anos de cadeia?

- Sim, lembro – concorda ela.

O marido quase se desmanchando de chorar:

- Hoje é o dia em que eu estaria saindo da cadeia. (Internet, 21/11/00)

. Casamento sai caro

Casar fica caro:

O filho pergunta para o pai: - Papai, quanto custa para casar?

E o pai responde: - Não sei, filho, ainda estou pagando. (Internet, 01/11/2001)

Mas, descasar pode ficar mais caro ainda:

Uma dessas brigas comuns de casal:

- Você não gosta mais de mim! – diz a mulher, chorando.

- Você só está nervosa. Por que você não compra alguma coisa para se sentir melhor? – fala o marido, tentando acalmar a situação.

- Como o quê? – soluça a mulher, parando de chorar.

- Que tal uma viagem pela Europa?

- Não.

- Que tal um novo Mercedes?

- Não.

- Então, o que você quer? – berra ele, voltando a ficar nervoso.

- O divórcio.

Então, depois de uma pausa, ele responde:

- Eu não estava pensando em gastar tanto!!! (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

. Casamento por interesse

O tema “casamento por interesse” ainda está na pauta das piadas: homens e mulheres casam por interesse.

Um casal estava discutindo sobre as finanças. O marido explodiu e falou:

- Se não fosse pelo meu dinheiro esta casa não estaria aqui.

A mulher respondeu:

- Querido, se não fosse pelo seu dinheiro, EU não estaria aqui!”. (Internet, 01/11/2001)

A piada acima tem dois aspectos relevantes: o primeiro está na observação do marido que diz ser o “seu dinheiro” gasto no lar. Voltamos a velha história do “dono do dinheiro”. O dinheiro da casa é o dinheiro do marido. O segundo aspecto é o que destaca a idéia do casamento por interesse: a mulher afirma que a razão de estar casada é o dinheiro do marido.

Um recém-casado perguntou à mulher:

- Você teria casado comigo se meu pai não me tivesse deixado uma fortuna?

- Benzinho – respondeu a mulher, com meiguice -, eu teria me casado com você não importa quem lhe tivesse deixado uma fortuna. (Seleções, novembro, 1997, pág. 55)

- Não compreendo! – exclamou a formosa mocinha. – Como um rapaz tão bem apessoado como o Frederico pôde se casar com aquela antipática da Felisberta. Ela já passou dos quarenta...

- Ora! – respondeu um cavalheiro. - Quando se precisa de papel-moeda, não se verifica a data da emissão. (Seleções – outubro, 1997, p. 101)

Na piada acima temos não apenas o discurso do casamento por interesse, mas um outro que reforça a tese corrente de que uma mulher mais velha, quarentona, vai “arrumar” casamento se for rica: a idade tira da mulher a possibilidade de casar-se por amor. Parece que, socialmente, ainda há uma idade “certa” para o casamento e o amor. Fora desses limites, ainda se desconfia das intenções do casamento.

. Casamento, Infidelidade e Traição

Já afirmamos que o tema da infidelidade no casamento não aparece de forma explícita nas piadas antigas que analisamos. Pelo menos esse assunto não aparecia nas piadas publicadas pelo *Jornal das Moças*. Hoje, o tema da traição, nas piadas, é bastante recorrente e explícito, maridos e esposas traem. Mostramos, ao tratar das piadas sobre esposas, que algumas delas abordam o tema da traição feminina. Apresentamos, aqui, outras piadas que tratam de traição, que muitas vezes aparece como uma espécie de jogo consensual entre marido e mulher:

O casal estava super animado na cama quando são interrompidos pelo telefone. A mulher atende, e após desligar, fala ao companheiro:

- Era meu marido... ele disse que vai chegar mais tarde hoje porque está jogando pôquer com você... (Internet, 21/11/00)

Durante uma análise das finanças, o marido diz: - Se você aprendesse a cozinhar e conseguisse limpar essa casa, nós poderíamos demitir a empregada.

A mulher responde: - Ah é? Bom, se você aprendesse a fazer amor nós poderíamos demitir o motorista e o jardineiro. (Internet, 01/11/01)

A felicidade parece ser possível somente nas relações extraconjugais:

*Um homem se queixando para um amigo: - Eu tinha tudo – dinheiro, uma casa bonita, um carro grande, o amor de uma linda mulher, então...tudo se acabou.
- O que aconteceu? – perguntou seu amigo.
- Minha mulher descobriu. (Internet, 01/11/01)*

Maridos e esposas não se abalam diante da descoberta da traição:

*Um homem e uma bonita mulher estavam jantando à luz de velas num restaurante de luxo. De repente, o garçom notou que o homem escorregava lentamente para baixo da mesa. A mulher não parecia reparar que o companheiro tinha desaparecido.
- Perdão, senhora – disse o garçom – mas acho que seu marido está debaixo da mesa.
- Não está, não – disse a mulher, olhando calmamente para o garçom. – Meu marido acabou de entrar no restaurante. (Seleções, setembro, 1997, p. 44)*

*Numa roda de amigos, no boteco, um deles pede ao garçom uma dose dupla e a entorna de um só gole.
- A coisa tá ficando preta – resmungo, com ar abatido. – Minha mulher decretou que só vamos transar duas vezes por semana.
O companheiro ao lado bate em suas costas e procura consolá-lo:
- Calma, calma, imagine que podia ser pior. Com alguns de nós, por exemplo, ela reduziu para uma! (Playboy, maio, 1999, p. 160)*

A traição masculina que envolve a figura da empregada da casa é um lugar comum das piadas:

- *Oswaldo, a nossa empregada...*
- *Isto é problema seu!*
- *Ela...ela está grávida!*
- *Isto é problema dela!*
- *E ela disse que o filho é seu!*
- *Isso é problema meu! (www.piadas.com.br)*

Na piada seguinte, a traição chega a um ponto extremo da relação extraconjugal: a esposa se prostitui diante da possibilidade de trazer algum dinheiro para casa. Ingenuidade ou burrice feminina, o fato de ela vender-se por apenas um real?

O marido já estava desempregado há mais de um ano e as dívidas acumulavam a cada dia, quando a mulher resolveu entrar na vida fácil... De tanto insistir, acabou convencendo o marido de que o jeito era rodar bolsinha, e lá foi pra esquina. Lá pelas 4 da manhã ela volta, toda acabada, cansada, e encontra o marido preocupado:

- Benzinho, ainda bem que você chegou... tá tudo bem??? Quanto conseguiu arrecadar??

- Sim, estou bem – respondeu a mulher – consegui arrecadar 501 reais!!

- Que maravilha! – respondeu o marido – Mas, vem cá, quem é que foi que te pagou 1 real???

- Todos! – respondeu a esposa. (www.piadas.com.br)

Na piada seguinte, a traição feminina parece ter um “gostinho” de revanche.

O marido vivia caçoando de sua esposa. Até mesmo na frente dos amigos. Certo dia, a mulher teve que viajar para a França, e o marido, e mais alguns amigos, a levaram ao aeroporto. O marido ri dela, dizendo:

- Me traz uma francesinha de presente.

A mulher nem dá bola e embarca. Chega o dia da volta, e lá vai o marido buscá-la no aeroporto, juntamente com seus amigos. Quando a vê, pede:

- E aí? Me trouxe a francesinha?

E ela responde:

- Não sei, espere nove meses para descobrir. (www.piadas.com.br)

. Casamento e homossexualidade

Enquanto um dos temas sociais mais controvertidos e polêmicos, o tema da homossexualidade não poderia deixar de aparecer nas piadas de casamento. Possenti (1998) já observara que as piadas versam sobre temas socialmente controversos, além do que, veiculam discursos proibidos, subterrâneos, não oficiais. Creio que as piadas sobre homossexualidade têm essa dupla característica: tratam de um tema controverso e ainda proibido. Ao levar a homossexualidade para dentro do casamento, a piada aprofunda ainda mais a polêmica sobre o assunto. O efeito cômico, na piada abaixo, criado pela esposa ao explicar a compatibilidade de gênios, que se estende à preferência do casal por homens, cria o inusitado e provoca o riso.

Uma mulher envia ao juiz uma petição pedindo divórcio, e o juiz a questiona:

- A senhora tem certeza do que está me pedindo? A senhora quer divórcio por compatibilidade de gênios? Não seria o contrário?

- Não. Meritíssimo, é por compatibilidade mesmo. Eu gosto de cinema, o meu marido também, eu gosto de ir a praia e ele também, eu gosto de ir ao teatro e ele também, eu gosto de homem e ele também! (e-mail, 21/11/2000)

O cara chega arrasado ao bar e pede dois uísques duplos.

- *O que aconteceu para você estar tão arrasado? – pergunta o barman, servindo a bebida.*

- *Descobri que meu irmão mais velho é gay.*

Tomou os uísques e saiu arrasado. No dia seguinte voltou mais arrasado ainda e pediu quatro uísques.

- *Descobri que meu irmão mais novo também é gay!*

O garçom fica espantado.

- *Mas que coisa, hein? Será possível que ninguém gosta de mulher na sua casa?*

- *A minha esposa. (www.piadas.com.br)*

. Casamento significa guerra, brigas, ofensas...

O clima de agressividade e falta de gentilezas ainda caracterizam, nas piadas, a relação entre marido e mulher. A “preparação” para esse clima, parece ter início, pelas piadas, na fase preparatória para o casamento, durante o namoro e o noivado:

E a menina, toda orgulhosa...

- *Eu tenho um namorado novo.*

- *Como você sabe que ele é seu namorado?*

- *Porque ele me mandou ficar quieta e calar a boca! (Novas anedotinhas do Bichinho da Maçã)*

Um casal vinha por uma estrada do interior, sem dizer uma palavra. Uma discussão anterior havia levado a uma briga, e nenhum dos dois queria dar o braço a torcer. Ao passarem por uma fazenda em que havia mulas e porcos, o marido perguntou, sarcástico:

- *Parentes seus?*

- *Sim, respondeu ela. Cunhados e sogra. (www.piadas.com.br)*

. O casamento não dura para sempre

O casamento não dura para sempre, mas, nas piadas, quando dura, certamente é fruto de um equívoco:

Nas bodas de ouro de meus pais, perguntaram à mamãe se sabia explicar o motivo de tantos anos de casamento.

- Quando a gente casou, não sabia que podia desistir – explicou ela. (Seleções, jul./97, pág. 117)

O tom humorístico da narrativa acima, que pretende ser uma piada da vida real, é uma publicação típica da revista Reader's Digest Seleções. O que é interessante nela é a contraposição de dois discursos: um antigo, que afirmava a indissolubilidade do casamento (“o que Deus uniu o homem não pode separar”), e um mais recente, que coloca a possibilidade da separação conjugal sem tantos tabus e preconceitos. Cabe lembrar, que a questão da separação conjugal esbarrava, há algumas décadas, em fortes preconceitos, como por exemplo o de que mulheres separadas não eram bem vistas pela sociedade. Separadas ou viúvas cabia a mulher “resguardar-se das tentações” e “recolher-se ao ambiente sagrado do lar”, para exercer o que ela tinha de melhor: “sua vocação para cuidar dos filhos”. Talvez, a resposta esperada para a confirmação da durabilidade do casamento, no texto acima, fosse algo padrão (a durabilidade se justificaria pelo amor ou respeito entre o casal), mas, a narrativa quebra esse discurso e instaura um outro: “casaram-se e viveram juntos para sempre porque não sabiam que o casamento poderia ser desfeito”.

. O casamento é uma relação de enganos e fingimentos

Certos discursos sobre as esposas enfatizam a “impossibilidade” de se entendê-las. Certamente, eles repetem outros discursos sobre as mulheres, do tipo “mulher é um bicho complicado”, ou, “quem entende as mulheres”?. Na piada abaixo, só o casamento vai revelar defeitos da mulher, que talvez ela esconda na fase do namoro ou noivado. Observe-se o estabelecimento do humor pelo jogo de sentido que se faz do verbo “conhecer”: conhecer = não ter visto a esposa antes do casamento, na África e conhecer = desconhecer seus defeitos, que só aparecem depois do casamento.

O filho: - Pai, é verdade que em alguns lugares da África o homem não conhece sua esposa até casar com ela?

O pai: - Aqui também é assim, filho. (Internet, 01/11/2001)

. Casamento: cada um para si...

As piadas, hoje, já admitem que o casal pode divertir-se separadamente, algo impensável há alguns anos:

- *Hoje não tem nada que preste na televisão. Que tal a gente saísse e fosse se divertir um pouco?*
- *Excelente idéia, - concorda o marido. – O primeiro que voltar deixa a chave embaixo do capacho!* (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

6.2.4 Sobre sogras

As sogras continuam a ser um dos temas favoritos das piadas, e sempre odiadas pelos genros. Pode ser que existam, mas não encontramos piadas onde as noras digam mal das sogras ou que genros e noras digam mal dos sogros. O tema “sogra” é tão recorrente no discurso humorístico, que, na maioria dos sites de piadas, da internet, ele merece um item especial, a exemplo de outros temas também muito explorados (bêbado, casamento, judeu, gaúcho, papagaio, português, louco, loira burra etc.). Não encontramos, porém, indicações de piadas específicas sobre “sogro”. Embora, na vida real, conflitos entre noras e sogras possam ser bastante comuns, não encontramos, também, piadas que tratassem dessa relação. O mesmo não ocorre na relação genro e sogra. Pensamos, como já afirmamos, a hipótese de que essa reação de “incômodo” que a sogra parece despertar no genro, pode estar ligada ao seu papel de mãe, guardiã e conselheira perpétua da felicidade da filha. Eventualmente, esses cuidados e conselhos, após o casamento, são entendidos como “interferências” na vida do casal.

Um marido diz a sua mulher.

- Não, eu não odeio sua família. Aliás, eu gosto da sua sogra muito mais do que da minha. (e-mail, 21/11/00)

- *Qual o nome que se dá à sogra em Russo?*
- *Estorva.*
- *Qual o nome que se dá à sogra, depois de morta, em Russo?*
- *Estorvava.* (www.piadas.com.br)

Na piadas, hoje, a exemplo das piadas mais antigas, as referências às sogras são as piores possíveis, bruxas, cobras

. A sogra é uma bruxa, uma cobra

Um homem chegou a outro e disse:

- *Minha sogra caiu do céu.*
- *Por que, ela é um anjo?*
- *Não, perdeu a vassoura!* (www.racheobico.com.br/piadas)

Dois colegas recém-casados estão conversando:

- *Você já viu uma cobra voadora?*
- *Não.*
- *É só jogar sua sogra pela janela.* (www.piadas.com.br)

. A sogra faz da vida do genro um inferno.

A garota chega para a mãe, reclamando do ceticismo do namorado:

- *Mãe, o Mário diz que não acredita em inferno!*
- *Case-se com ele, minha filha e deixe comigo que o farei acreditar.*
(www.piadas.com.br)

. O genro quer ver a sogra morta

Os discursos de repúdio às sogras atingem, nas piadas, seu ponto alto, quando a mais viável solução para os genros se livrarem da sogra é a morte. Matá-la, enterrá-la viva, cremá-la, evitar que ressuscite etc. – nas piadas, tudo é válido para manter a sogra bem “mortinha”.

Um homem encontra um gênio. O gênio lhe diz que ele pode ter o que ele quiser, mas que a sogra dele receberá o dobro do que ele pedir.

O homem pensa por um instante, e pede:

- *Quero um milhão de dólares e que você me bata até eu ficar meio-morto.*
(Internet, 21/11/2000)

A mulher comenta com o marido:

- *Querido, hoje o relógio caiu da parede da sala e por pouco não bateu na cabeça da mamãe...*
- *Maldito relógio! Sempre atrasado...* (www.orapois2.com.br)

Pare evitar que a sogra, depois de morta, retorne (ressuscite), é aconselhável que se tome severas precauções. A piada abaixo já era contada em 1940.

Viajando pela Europa, um industrial recebeu um telegrama de seu sócio:

- Sua sogra faleceu. Que devemos fazer: enterrá-la ou cremá-la?

Resposta:

- As duas coisas. Não podemos facilitar... (Seleções, novembro, 1997, p. 56)

Sabe por que a sogra tem que ser enterrada de bruço? Porque se ela acordar e começar a cavar ela vai mais para o fundo. (www.orapois2.com.br)

Um sujeito levou a sogra e a esposa para conhecer Jerusalém. Chegando lá, a velha não agüentou a emoção de conhecer a Terra Santa, teve um ataque cardíaco e morreu. Depois de tomar as providências necessárias, o casal descobriu que transladar o corpo de volta para o Brasil custaria \$ 10.000 dólares.

- Meu bem, disse a esposa, - Se você quiser, nós podemos enterrar a mamãe aqui mesmo. Eu não me importo...

- Não!! – disse o marido – aqui em Jerusalém eu não a enterro de jeito nenhum!!

- Por que, meu amor?

- Teve um sujeito que foi enterrado aqui e depois de 3 dias, ressuscitou... (www.orapois2.com.br)

A sogra era uma verdadeira peste, vivia atormentando o cara. Eis que um dia ela passa muito mal, e bate as botas.

Na hora do enterro, um dos homens que ajudava a carregar o caixão tropeça num toco e o caixão cai no chão, e a tampa se abre, e a velha se levanta e sai, deixando todos espantados. Vendo que não tinha outro jeito, o genro leva a sogra de volta para casa.

Passando um tempo, a velha morre pra valer.

E chega o dia do enterro, estão carregando seu caixão, quando o genro vê um toco e exclama, desesperado:

- Cuidado com o toco, cuidado com o toco!!! (www.piadas.com.br)

A notícia da morte da sogra continua sendo uma boa notícia, e seu enterro, é pura diversão:

Na sala de espera de um hospital, o médico chega para um cara muito nervoso e diz:

- Tenho uma péssima notícia para lhe dar... A cirurgia que fizemos em sua mãe não...

- Ah! Ela não é minha mãe...é a minha sogra, doutor.

- Nesse caso, então, tenho uma boa notícia para lhe dar.

(www.orapois2.com.br)

Se a sogra está à beira da morte, “preparar-se para o pior”, na piada, só pode ser a notícia de sua recuperação:

O marido chega em casa vindo do hospital, aonde havia ido visitar sua sogra. E a esposa pergunta:

- Como está a minha mãe?

- Sua mãe está muito bem, saudável como um cavalo e ainda viverá por muito tempo, Na semana que vem ela receberá alta do hospital e virá morar conosco para sempre.

- Como pode ser? Ontem mesmo ela parecia estar no seu leito de morte e a equipe médica dizia que ela teria poucos dias de vida!?

E o marido responde:

- Eu não sei como estava ontem, mas hoje, quando perguntei ao médico sobre o estado de sua mãe – ele me respondeu que deveríamos nos preparar para o pior... (www.orapois2.com.br)

A piada abaixo é constantemente contada nos sites e revistas de humor, com pequenas variações, mas a conclusão é sempre a mesma: acompanhar o enterro da sogra é um motivo de diversão:

Um homem trabalhador, cansado, plena terça feira, mas firme e forte no trabalho, quando entra a secretária e diz:

- Senhor não tenho boas notícias para o senhor!

- Pode dizer. O dólar subiu né?

- Não, pior que isso!

- Não sei, diga logo estou nervoso.

- Sua sogra faleceu e já está sendo velada.

- Obrigado pela informação. Agora, volte ao trabalho.

- Mas o senhor não vai ao enterro?

- Olha, quantas vezes vou ter que te dizer, primeiro o trabalho, depois a diversão!. (www.orapois2.com.br)

A relação entre genro e sogra é tão conflitante que ele pensa em matá-la:

E o delegado para o genro da vítima:

- Eu não consigo entender como é que o senhor ao ver um homem agredindo a sua sogra, pôde permanecer de braços cruzados!

- Pois é, doutor! Eu até que estava com vontade de fazer alguma coisa, mas...

- Mas, o quê?

- Achei que dois caras batendo numa velhinha seria muita covardia. (www.racheobico.com.br/piadas)

O homem leva um susto de sua cartomante:

- *Em breve sua sogra morrerá de forma violenta.*

Imediatamente ele pergunta à vidente:

- *Violentamente? E eu? Serei absolvido?* (www.orapois2.com.br)

- *Se você for pegar cogumelos no mato, sabe quais são os bons?*

- *Ofereça-os a sua sogra. Se ela cair morta, eles são os bons.*
(www.orapois2.com.br)

- *Por que está bebendo tanto? – pergunta ao outro o amigo, na mesa de bar.*

- *Tentando afogar minhas mágoas...*

- *E está conseguindo isso com a bebida?*

- *Não, e bebo assim feito louco justamente porque não consigo. A danada da minha sogra detesta praia, lago, piscina...* (Playboy, outubro 1997, p. 232)

Se for preciso, o genro a enterra viva mesmo:

O Zé chega na casa do amigo todo arreventado, sujo, roupa rasgada, arranhado...

O amigo muito espantado pergunta:

- *Cara! Você ta vindo de onde?*

- *Do enterro da minha sogra... - responde ele.*

- *Nossa! Mas parece que você veio de uma guerra!*

- *Foi mais ou menos isso... - responde o amigo. É que ela não queria ser enterrada!* (www.orapois2.com.br)

Mesmo depois de morta, a sogra parece perseguir o genro:

O sujeito voltava do enterro da sogra e resolve passar num boteco para comemorar. Duas horas depois, já bastante embriagado, está voltando para casa e, ao passar perto de um edifício em construção, é surpreendido por um tijolo que cai a poucos centímetros de seus pés.

- *E não é que aquela desgraçada já chegou no céu! – comenta consigo mesmo.*
(www.piadas.com.br)

. **A presença da sogra é indesejável**

Quaisquer mecanismos são bem vindos para apressar a partida da sogra:

Na minha casa, mandei cortar o rabo do cachorro, para quando minha sogra chegar ninguém ficar contente. (www.orapois2.com.br)

O sujeito abre a porta e dá de cara com a sogra.

- Olá, sogrinha, - cumprimenta ele, fingindo satisfação. Que bom que a senhora veio nos visitar.

Então ele percebe que ela está com uma mala nas mãos.

- Quanto tempo a senhora pretende ficar com a gente? – pergunta preocupado.

- Ah! Acho que até vocês se cansarem de mim!

- Sério? Não vai nem tomar um cafezinho? (www.orapois2.com.br)

O fato abaixo é contado como sendo um “flagrante da vida real”:

O cachorro começou a latir, inesperadamente, todas as noites, por volta das quatro da madrugada. O dono, preocupado com o barulho que poderia estar perturbando os vizinhos, tentou, durante três noites, descobrir o que estava acontecendo. Então, na quarta noite, descobriu que alguém estava jogando pedrinhas na direção do cachorro. Correu ao quintal e encontrou o culpado. Abaixado do outro lado do muro estava um pacato vizinho, a última pessoa de quem se poderia esperar semelhante comportamento. Imediatamente o dono do cachorro pediu explicações para aquela estranha atitude.

- Minha sogra está em casa passando uns dias -, respondeu o vizinho, embaraçadíssimo. – Mas, disse que ia embora se não conseguisse dormir outra noite. (Seleções, outubro de 1997, p. 100)

Mudam os costumes, mudam as piadas, mas isto não impede que alguns estereótipos permaneçam. As piadas continuam repetindo discursos que eventualmente já poderiam ter desaparecido, mas que se apresentam profundamente arraigados. As piadas, hoje, continuam falando que mulheres são incompetentes, dirigem mal, falam demais, controlam o marido, casam por interesse.. Os maridos, nas piadas, querem livrar-se das esposas, são incompetentes, são dispensáveis e não mandam. Casamento ainda é uma tragédia, um inferno, uma guerra, um gesto de loucura, uma prisão. As sogras continuam sendo alvo de piadas. Provavelmente, apesar das mudanças sociais, as piadas revelam a permanência de alguns pontos, ainda polêmicos, nas relações marido e mulher. As piadas são excelentes veículos de manutenção, preservação de discursos que, de alguma forma, já circulam socialmente. No próximo item, trataremos brevemente das piadas infantis que têm como tema o casamento e que funcionam como uma forma de colocar em circulação a repetição de certos estereótipos.

6.2.5 O que dizem as piadas infantis sobre o casamento

Em um suplemento infantil do Jornal de Bauru – JC Criança – há uma seção de piadas denominada “Anedotinhas do Bichinho da Maça”, personagem popularizado pelo cartunista Ziraldo. Neste suplemento, aos domingos, o “bichinho da maçã” conta piadas para crianças. Extraídas de uma coleção editada pela Cia Melhoramentos de São Paulo as piadas surgem como feitas especialmente para crianças. No primeiro volume dessa coleção o autor justifica estar escrevendo um livro de piadas para crianças. Eventualmente poderia ser interessante uma análise dos temas abordados nas chamadas “piadas para crianças”. As piadinhas do *Bichinho da Maça* têm como personagens loucos, bêbados, péssimos professores, conflito entre pais e filhos, piadas de portugueses. Certamente, ali não aparecem piadas declaradamente sexistas e todas parecem ser “politicamente corretas” para serem lidas ou contadas para as crianças. Mas, nem por isso deixam de ser, muitas vezes, racistas e preconceituosas. Se ali não são contadas piadas sexistas (aquelas que comumente são chamadas de “sujas”) ou declaradamente preconceituosas (como, por exemplo, piadas sobre “negros”), não deixam de ocorrer piadas que nada têm de inocentes, pois nelas aparecem temas sobre “a burrice dos portugueses”, “a feiúra da sogra”, “traição”, “esposas mandonas” etc. As piadas do *Bichinho da Maça* veiculam muitos estereótipos sobre o casamento.

6.2.5.1 Sobre as esposas

. As esposas mandam nos maridos

Tarde da noite, e o Joãozinho de olho aberto vendo televisão. A mãe não agüentava mais e berrou lá de dentro:

- Menino... VÁ DORMIR!

E o Joãozinho:

- Mãe, não grita comigo que eu não sou seu marido! (Mais anedotinhas do Bichinho da Maça)

Aquele casamento já durava uma eternidade. Então perguntaram ao marido qual era o segredo do sucesso. E ele respondeu:

- É muito simples. Na metade do dia ela faz o que ela quer. E na outra metade eu faço o que ela quer. (Mais anedotinhas do Bichinho da Maça).

Na sua casa, quem é que manda mais?

- *Meu pai.*

- *Como você sabe?*

- *Quando eu quero sair, eu peço para ele e ele deixa. Aí, eu posso ir se a minha mãe deixar. (Novas anedotinhas do Bichinho da Maçã)*

. As esposas traem os maridos

Dois velhos amigos se encontraram.

- *Como vai a tua mulher?*

- *Você não soube?*

- *O que houve?*

- *Perdi ela na Central do Brasil.*

- *Atropelada?*

- *Não. Fugiu com um maquinista. (Mais anedotinhas do Bichinho da Maçã)*

. A esposa vale menos que uma garrafa de pinga

Desta vez quem estava aos prantos era o bêbado. Entrou no bar arrasado. Era de cortar o coração.

- *Fiz uma coisa monstruosa.*

- *Troquei minha mulher por uma garrafa de cachaça!*

- *Santa mãe! E agora está arrependido, né?*

- *Estou morto de arrependimento.*

- *Você não sabe o que fazer para sua mulher voltar para casa? – perguntou o garçom, compreensivo.*

- *Não, não. Eu não sei como fazer para conseguir outra garrafa. (Mais anedotinhas do Bichinho da Maçã)*

. As esposas controlam os maridos

O marido tirou os sapatos e entrou em casa na ponta dos pés para não acordar a mulher. Mas ela estava esperando furiosa e ainda acordada.

- *Isto são horas de chegar?*

- *Que que há, mulher? É cedo. Você não ouviu o relógio bater dez horas?*

- *Dez horas? Só ouvi uma batida.*

- *Claro! Você já ouviu relógio bater o zero? (Mais anedotinhas do Bichinho da Maçã)*

. As esposas falam demais

Dois amigos conversam:

- *Sua mulher fala muito?*
- *Não posso informar com precisão. Mas, na semana passada, tive um resfriado, perdi a voz por três dias e ela nem percebeu. (As últimas anedotinhas do Bichinho da Maçã)*

6.2.5.2 Sobre os maridos

.Os maridos não têm valor algum

O cara chegou para a mulher e falou:

- *Querida, seu eu morresse você choraria muito?*

E a mulher:

- *Claro! Você sabe que eu choro por qualquer coisinha. (As anedotinhas do Bichinho da Maçã)*

Aí o pobre desempregado andava pela sala lamentando a má sorte. Vivia sem trabalho, cheio de dívidas.

- *Mulher, às vezes me dá vontade de me atirar pela janela!*
- *Não faz isso, meu bem. O síndico vai reclamar que, além de não pagarmos o condomínio, ainda enchemos o pátio de porcaria. (As anedotinhas do Bichinho da Maçã, p. 32)*

. Os maridos querem ficar livres das esposas

O marido brigava muito com a mulher. Um dia ele chegou em casa e ela, tadinha, estava morta.

Na delegacia o delegado quis saber:

- *O chegou em casa, viu sua mulher com a cabeça dentro do forno e não fez nada?*

E o cínico:

- *Pensei que ela estivesse secando os cabelos. (Mais anedotinhas do Bichinho da Maçã)*

O amigo disse pro outro:

- *Coloquei um anúncio no jornal, pedindo uma esposa.*
- *Muitas mulheres te escreveram?*
- *Mulheres, poucas. Mas maridos, mais de trinta. (Novas anedotinhas do Bichinho da Maçã)*

6.2.5.3 Sobre sogras e sogros

. A sogra tem bigode

Na festa:

- *O senhor é a cara da minha sogra. A única diferença é o bigode.*
- *Mas eu não tenho bigode!*
- *Pois é! Minha sogra tem. (Novas anedotinhas do Bichinho da Maçã)*

. O sogro é chato

O moço foi pedir a mão da namorada em casamento. E o pai murrinha quis saber:

- *Você acha que tem condições de dar a ela a mesma vida que ela tem aqui?*
- *Acho que sim. Eu também sou muito chato! (As últimas anedotinhas do Bichinho da Maçã)*

6.2.5.4 Sobre o casamento

. Casamento não traz felicidade

O casal senta num banquinho na praça e o marido fala:

- *Pois é, amanhã fazemos vinte e cinco anos de casados.*
- *Eu sei, marido.*
- *É tempo, hein!?*

A mulher pensou e disse:

- *Olha, marido. Bem que a gente podia matar umas galinhas amanhã, né?*
- *Por que, mulher? Coitadas das galinhas! Que culpa que elas têm? (Novas anedotinhas do Bichinho da Maçã)*

. O casamento é pior que o inferno

O marido morreu e a mulher ficou lá firme, feiosa, bruta, durona na queda . E chata! Muito chata! Como sempre tinha sido durante toda a vida dele.

Um dia ela foi a um centro espírita. O marido baixou lá:

- *É você, marido?*
- *Sim, sou.*
- *Você está feliz, marido?*
- *Muito, mulher. Muito feliz.*
- *Mais feliz do que quando estava aqui comigo, seu bostéia?*
- *Sim, muito mais.*
- *Então, vá: me conta como é o céu.*
- *Quem te disse que eu estou no céu? (Novas anedotinhas do Bichinho da Maçã)*

7 CONCLUSÃO

“Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob as circunstâncias de sua escolha e sim sob aquela com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”. (Marx, *O 18 Brumário*)

Ao concluir este trabalho, vem-nos à mente um dos critérios para definir a noção de *discurso*, ou seja, que falar em discurso implica na consideração do contexto histórico da sua ocorrência, dos fatores externos à língua que podem ser relevantes para explicar por que se diz uma coisa e não outra (por exemplo, por que se diz o que se diz nas piadas de casamento), por que se diz de certa forma e não de outra (tal como, por que se diz algo através de uma piada), ou por que não se pode dizer determinadas coisas em certas circunstâncias e se pode dizê-las em outras (dizer, por exemplo, que casamento é “uma guerra”, ou que sogra “só morta”). Cremos que, ao tratarmos do discurso humorístico das piadas de casamento, estes aspectos foram relevantes e fundamentais para a nossa pesquisa: por que falar do casamento através das piadas, por que as piadas de casamento dizem o que dizem?

É certo que o texto humorístico, para ser entendido como tal, pressupõe uma certa técnica, aspectos lingüísticos ou de gênero que lhe dão uma certa forma. Mas a língua não consegue codificar no enunciado todas as informações necessárias para sua significação, pois há outros fatores que podem contribuir com ela, tais como os fatores ideológicos. Para exemplificar isto, Possenti analisa a seguinte piada:

- *Tio, é verdade que você é solteiro?*
- *Sim, eu não tenho mulher.*
- *Então, quem é que manda em você?*

Achamos que essa piada é excelente para ilustrar a questão dos fatores externos que colaboram para a compreensão do discurso humorístico, já que, para entendê-la, é preciso saber que vivemos em uma sociedade machista onde predomina, nas relações de casamento, uma hierarquia de poder. Historicamente, as teorias do patriarcado relatam a supremacia do poder masculino (marido, pai) sobre o feminino (esposa, filha): biologicamente, a maior força

masculina (física, psicológica, mental...) justificaria o seu poder sobre as mulheres. Muitas teorias do patriarcado caminharam neste sentido. Por outro lado, essa piada pode estar veiculando um outro discurso, um contra-discurso, uma reação à supremacia do poder masculino: são as mulheres que mandam nos homens e, para isto, basta que eles se casem. A pergunta “Então, quem é que manda...” é um discurso sobre a inversão na hierarquia de poder, e também por isto o texto se torna engraçado. Certamente, se não existisse a hierarquia do poder masculino em relação ao feminino, não haveria razão em se falar, de alguma maneira, no poder das mulheres sobre os homens, a piada não teria o efeito de sentido que tem: é engraçado pensar que as mulheres mandam.

Um pensamento chistoso sobre casamento, de autoria de Millor Fernandes (recebido por e-mail em 06/11/2000), pode, também, ilustrar os aspectos contextuais do discurso humorístico: “*Se você realmente deseja ter um lar perfeito – não case*”. O efeito humorístico do “pensamento” está no fato de que há uma crença implícita, em nossa sociedade, de que a realização pessoal está na realização um casamento feliz e na formação de um “lar perfeito”: casar por amor, ter filhos exemplares e “viver feliz para sempre”. A relação que se estabelece entre “não casar para ter um lar feliz” cria o efeito contrário e, por isso cômico. Isto não aconteceria, eventualmente, numa sociedade onde o conceito de lar perfeito não estivesse vinculado ao conceito de casamento.

A nossa proposta nesta pesquisa procurou adequar-se a uma das tarefas da Análise do Discurso, aquela que revela um conjunto de procedimentos que objetivam responder a uma série de perguntas: o que se fala nas piadas de casamento? a partir de onde se fala? o que significa o que se fala?

Outro aspecto que identificamos nas piadas refere-se ao seu lado “anônimo”. As piadas não trazem a identificação de seus autores. Elas circulam socialmente, representadas e repetidas por “atores” sociais, - quaisquer pessoas que em quaisquer lugares as contam: TV, rádio, páginas de publicação, revistas especializada, roda de amigos... Seu caráter anônimo talvez se justifique pelo fato de que os discursos por elas veiculados, embora não traduzam, necessariamente, nenhuma novidade, referem-se a regiões discursivas de temas polêmicos ou mal resolvidos. As piadas não trazem novidades, repetem discursos já ditos, são enunciados de uma ideologia pré-existente, que faz parte da memória social.

Sua novidade pode estar no jogo lingüístico que gera os efeitos de sentido humorístico. Sua novidade pode estar no fato de que elas não têm autor, uma evidência de que há discursos ditos por todos, mas que circulam anonimamente. Sua novidade, provavelmente, está no seu poder dizer, no poder “falar brincando” daquilo que não deve ou não pode ser falado.

Nos teóricos do humor, ou naqueles que por aí se aventuraram, como é o caso de Freud, buscamos argumentos para justificar a importância de estudar piadas. Freud (1905) reconhece nos chistes uma espécie de rebeldia, a possibilidade de poder superar as restrições sociais ou a superação de um obstáculo para a satisfação de um instinto, particularmente nos chistes a que chamou de “tendenciosos” ou “cínicos”. As piadas de casamento são “tendenciosas” na medida em que funcionam como críticas a certos aspectos que envolvem a instituição do casamento e todos que dela participam. Para ilustrar sua teoria de classificação dos chistes, Freud utiliza exemplos de chistes de casamento, nos quais aparece a figura do “agente matrimonial”, mas, segundo ele, estes chistes têm um alvo mais importante que essa figura: fazem crítica aos costumes dos casamentos arranjados e ao ridículo de certas atitudes (trapaças) que envolvem os casamentos contratados em tais bases.

Bergson (1940), ao buscar os determinantes dos processos de produção do riso, destaca a sua “função social”. Ele é um gesto social que castiga os costumes; uma forma de a sociedade castigar as liberdades que se tomaram com ela. Rimos dos gestos involuntários, dos desvios, dos vícios, dos exageros da rigidez social... A comicidade exprime, antes de tudo, uma certa inadaptação particular das pessoas a certos hábitos sociais. A instituição do casamento, com suas regras, vícios e incertezas, tem algo de “attentatoire” que leva a sociedade a manifestar-se contra ela, principalmente através das piadas e do riso.

Possenti (1998) destaca a importância de estudar o humor a partir de mecanismos lingüísticos. Reconhecemos a verdade dessa afirmação, já que a produção de humor depende, sempre, de uma certa técnica, de mecanismos lingüísticos responsáveis pela sua produção: não há temas que são engraçados por si mesmos. Todavia, bem pouco de análise lingüística fizemos nas piadas selecionadas para nossa tese, pois, a nossa proposta principal é a análise do discurso humorístico das piadas de casamento consideradas como manifestações discursivas. Em Possenti, ainda, encontramos os argumentos sobre a importância de analisar piadas sob a ótica da Análise do Discurso. Primeiro, porque as piadas versam sobre temas socialmente controversos e, nelas,

reconhecemos diversas manifestações culturais, ideologias, valores arraigados, dos quais o casamento é um deles.

A vida dura...

- *Será verdade que os homens casados vivem mais que os solteiros?*
- *Não acredito. O que acontece é que a vida lhes parece mais longa.*
(JM – 20/10/1955)

Segundo, porque as piadas operam intensamente com estereótipos. As piadas de casamento operam fortemente com estereótipos: as mulheres casam por interesse, gastam demais, tiram a liberdade do marido...

Elas...

- *Sei que vais te casar. Amor à primeira vista?*
- *Não, à segunda vista. Da primeira vez que o vi ainda não sabia que ele era milionário.* (JM – 25/01/1955).

E, terceiro, porque as piadas, geralmente veiculam um discurso proibido, subterrâneo, não oficial. Em uma sociedade na qual a instituição de casamento ainda é a base da constituição da família, não há um discurso oficial que aconselhe as pessoas a não se casarem, pois isto é um gesto de loucura, particularmente para os homens. Mas, esta idéia aparece nas piadas.

Causa...

- *Doutor, alienação mental não será causa suficiente para o divórcio?*
- *Sua esposa está louca?*
- *Não senhor, louco fui eu quando me casei com ela.* (JM – 02/12/1954).

Circulando anonimamente, as piadas burlam as interdições dos discursos proibidos, e esta característica, permite que os discursos humorísticos veiculem, além de seus sentidos mais apreensíveis, outros que estão vinculados a conceitos/preconceitos socialmente arraigados. Um deles, por exemplo, que considera mulheres menos inteligentes que os homens.

No teatro...

- A esposa: - Alexandre, dá-me o binóculo.*
- O marido: - Para que?*
- A esposa: - Quero conhecer essa Acústica de que estão falando no camarote ao lado e que eu não vejo em parte alguma.* (JM - 02/07/1942).

Embora não sejam produzidas com o objetivo primário de fazer críticas, as piadas podem fazer críticas a costumes arraigados, assim como a novos hábitos sociais, como por exemplo, ao fato de a mulher trabalhar fora do lar.

Secretária modelo...

- Então seu patrão ofereceu-lhe esse bracelete de diamantes pela perfeição com que escrevias à máquina, não é? (JM – 14/06/45).

As piadas são contadas nos mais diversos “salões”. Encontramos piadas de casamento que não conseguimos reproduzir aqui. Pareciam não ser adequadas a um trabalho dessa natureza. Veiculadas oralmente, ou em revistas especializadas, ou através dos sites da internet, as chamadas “*piadas obscenas*” certamente encontram seus lugares de reprodução e seus apreciadores. Há, também, as piadas contadas para crianças e veiculadas em espaços especiais (jornalismo infantil, coleções de piadas infantis...) Mas, nem por isso elas são inocentes ou deixam de manifestar preconceitos e estereótipos.

- Mãezinha, o que é um cavalheiro?

A mãe pensou, pensou e disse:

- Cavalheiro, filhinha, é o que seu pai era até um ano depois de nosso casamento. (50 Piadas de Família).

Diz o médico:

- Seu marido vai ficar bom e dentro de uma semana começará a trabalhar.

- Oh, mas que milagre! Ele nunca trabalhou... (50 Piadas de Família)

Infantis ou não, o fato é que as piadas vão continuar falando do que falam, mesmo que sob uma “capa” de inocência ou brincadeira. Este é o acordo tácito estabelecido: há uma espécie de ritual social que permite a veiculação de piadas, mesmo que elas manifestem discursos altamente discriminatórios, proibidos, interditados. Mas as piadas têm esse poder de “burlar” a interdição. Foucault (1970) já observara que “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”. (p. 9). Sob o simulacro de vozes anônimas, vozes das crianças, do louco, as piadas adquirem um “poder dizer”. Todavia, o próprio Foucault (1988) repensa o seu discurso da interdição e o transforma na “vontade de saber”, uma vontade de “transgressão deliberada”. Embora referindo-se à opressão do sexo ao longo dos séculos, fadado à proibição, ao mutismo e, até mesmo à inexistência, pensamos que outros discursos também sofrem a mesma

opressão, tal como o discurso daqueles que foram condenados (queimados) porque subvertiam a ordem estabelecida. Se, para Foucault, essa “vontade de saber” que colocou/coloca o sexo em discurso não se detém diante de tabus irrevogáveis, acreditamos que essa mesma vontade é produtora de outros discursos que desafiam a ordem estabelecida, que usam um “tom de voz que demonstra saber que se é subversivo, ardor em conjurar o presente e aclamar um futuro para cujo apressamento se pensa contribuir” (p. 12). Cremos que é nessa ordem do discurso que podem ser colocadas as piadas: o que incita o discurso humorístico, que de alguma maneira viola as interdições, tem sua origem nessa humana “vontade de saber”.

Mas, por que os discursos são interditados, controlados, tabus? Possenti (2002), já afirmara que elementos da história são relevantes nas piadas, pelo fato de que elas existem em terrenos que se tornaram lugares de discursos bastante controlados, que sofrem algum tipo de repressão, sendo que “só a história pode explicar a existência desses lugares”. (p. 148). Sendo assim, buscamos, nesta tese, recuperar um pouco as razões histórico-sociais que tornam a instituição do casamento um dos solos mais férteis de piadas.

Recuperar a história do casamento é impossível por várias razões, e uma delas, é que são várias as suas histórias. São muitas as civilizações e muitos os princípios e normas sobre os quais de apóiam as bases do casamento e a sua motivação. Uma dessas histórias nos é contada por Macfarlane (1990), que, ao resgatar a história do casamento e do amor na Inglaterra, do século XIV e XIX, reencontra algumas raízes que justificam as práticas matrimoniais predominantes no mundo Ocidental. Certamente, Macfarlane faz uma análise bastante detalhada sobre o sistema de casamento europeu, tendo como referência a teoria de Thomas Malthus. De sua análise destacamos alguns aspectos importantes. Particularmente, fato de que, na Europa Ocidental, casamento e economia sempre estiveram intrinsecamente interligados: a idade de casamento aumentava ou diminuía na medida em que variava o crescimento da população e a necessidade de mão-de-obra. O casamento não era automático e pressupunha um processo seletivo, uma escolha, resultado de um cálculo de custos e benefícios para os dois lados, homens e mulheres. A regra principal para o casamento era a possibilidade de independência financeira do casal, cujos recursos poderiam vir de um emprego ou bens acumulados pelo casal e seus pais. De todo modo, o casamento tinha como propósito a satisfação das necessidades psicológicas, sexuais e sociais dos indivíduos e os filhos eram uma consequência disso. O casamento caracterizava-se, assim, por um jogo de equilíbrio entre diversos fatores - necessidades econômicas, pressões

psicológicas, biológicas ou outras pressões sociais. A necessidade de equilíbrio entre tantos fatores mais a possibilidade da escolha de um casamento por amor justifica, ainda hoje, a complexidade dos vínculos que unem homem e mulher através do matrimônio.

Outros aspectos da história do casamento encontramos em Pateman (1993), em sua história do Contrato Sexual. Vimos que o contrato de casamento é um contrato sexual, mas, diferentemente dos outros contratos, como, por exemplo, o contrato trabalhista, ele não era considerado relevante. Somente os “indivíduos” (as mulheres não eram consideradas “indivíduos”, em decorrência de sua “natural incapacidade”) tinham capacidade para participar dos contratos e, às mulheres restava submeter-se ao casamento e ao poder do marido. A “natural incapacidade feminina”, será, ao longo dos séculos, “confirmada”, “ratificada” por muita gente importante (Rousseau, Freud, Hegel...). A concepção patriarcal da diferença sexual caracterizará as bases do casamento até o final do século XX e estará presente nos discursos humorísticos que tratam das relações homem e mulher, discursos que falam de obediência, de opressão, de direitos e deveres.

Na hora da briga...

O marido: - Lembro-te, Olga, de que me juraste toda obediência perante o altar.

A esposa: - Perante o altar, é verdade: mas agora nós estamos em nossa casa. (JM - 27/07/1940)

Em Nazzari (2001) buscamos entender a importância do dote no casamento. Mesmo em época que ele deixa de existir, as piadas de casamento ainda falam de dote:

Julgando...

- É pelo dote que o senhor está interessado na minha filha?

- Não senhor!

- Então rua! Não quero um genro idiota. (JM – 18/04/1957)

Noivado...

- Pois bem, concedo-lhe a mão de minha filha. É econômica, modesta e inteligente. Tem dotes magníficos.

- Quanto a dotes, basta um... contanto que seja bom. (JM – 06/08/1959)

A sistema de dote está na base da história do casamento. Ele adquire importância nos séculos XVI e XVII, períodos em que a família funcionava como uma unidade empresarial e as

alianças matrimoniais eram alianças de negócio: os casamentos, por isso, eram arranjados pelos pais. Mas, as mudanças sociais, a partir do século XVIII, e o desaparecimento do sistema de dote, no século XIX, vão gerar grandes transformações no sistema familiar. O homem passa a assumir sozinho a responsabilidade de sustento da família. Embora diminua o número de dependentes, a situação da esposa não é melhor, pois, sem o dote, ela se transforma em mais uma boca para ser alimentada pelo marido. cremos que as piadas de casamento ainda falam desse “peso” em que as mulheres se transformam: relegada à esfera doméstica e economicamente dependente do marido, a mulher perde seu poder de negociação no casamento. Impossibilitada de reverter essa situação, pois que lhe é negado o direito de trabalhar, a mulher permanecerá sob o pátrio poder do marido. Nas piadas de casamento, o tema da mulher que gasta o dinheiro do marido é bastante recorrente e, certamente, uma herança dessa dependência:

Experiência...

- *Não sei que hei de oferecer a minha esposa no dia do seu aniversário.*

- *E por que não lhe perguntas o que ela deseja?*

- *Oh! Não. O meu dinheiro não dá para tanto. (JM - 12/12/1940)*

Na análise das piadas de casamento, não pudemos prescindir de um tema fundamental: as relações de gênero. A relação marido e esposa, no casamento, é também uma relação de gênero. Contamos, para a nossa tese, com a contribuição de Bassanezi (1992,1996), que nos apresentou uma análise bastante detalhada das relações homem-mulher, tais como elas foram registradas em textos veiculados por revistas femininas no passado. Abusamos bastante de seus textos, pois eles serviram de base comparativa entre o que chamamos “discursos sérios”, os conselhos que as revistas femininas passavam para as mulheres, e os “discursos humorísticos”, piadas veiculadas nas mesmas revistas. Procuramos demonstrar que aquilo que se diz nas piadas de casamento não pode se lido sem que se levem em conta os significados de gênero; que as relações marido e mulher são construídas socialmente, dentro dos parâmetros estabelecidos, de poder e hierarquia, e que são determinantes dos papéis sociais estabelecidos para o ser homem e o ser mulher. Acreditamos, porém, que as piadas de casamento têm um duplo poder: elas contribuem para a reprodução de valores estabelecidos, como por exemplo, quando reforçam preconceitos, ou podem atuar como crítica a valores arraigados (a superioridade do masculino sobre o feminino)

No Capítulo VI, chegamos ao propósito básico de nossa tese: verificar o que tradicionalmente se disse nas piadas de casamento e o que se diz, hoje, sobre o mesmo tema. Não fizemos um trabalho de análise lingüística das piadas, no sentido de analisar os mecanismos da língua responsáveis pelos efeitos de sentido do humor, aspecto que, por si só, tornaria importante o estudo das piadas. Dissemos, em vários momentos deste trabalho, que não há temas naturalmente engraçados, mas há uma certa técnica, um certo modo de dizer que fazem com que um texto seja engraçado. As piadas são essas formas engraçadas de dizer coisas que são extremamente sérias. Partimos da hipótese de que nada que se diz nas piadas é gratuito e sem importância. Chegamos, desnecessariamente, em determinado momento, a justificar a seriedade de uma pesquisa sobre o discurso humorístico, citando autores de incontestável importância científica que a ele voltaram seu interesse, como é o caso de Freud e Bergson, dentre outros. Talvez, isso seja uma decorrência do fato de que, em algum momento de nossa vida, tenhamos compartilhado do senso comum de que aquilo que se diz através das piadas não precisa ser levado a sério, já que é uma mera “brincadeira”. Basicamente, nossa tese pretendeu caminhar no sentido de comprovar que tudo o que se diz nas piadas não pode ser abandonado e, mais especificamente, aquilo que se disse/diz nas piadas de casamento não pode ser descartado.

Sob a égide da Análise do Discurso, privilegamos os fatores históricos responsáveis pelo discurso das piadas de casamento, mesmo sabendo que outros fatores, lingüísticos, psicanalíticos, pragmáticos etc., também são relevantes na análise dos discursos. Pensamos encontrar na história do casamento e das relações de gênero, e de outras que envolvem as relações marido e mulher, algumas “pistas”, fatos que, de algum modo, justificam o discurso das piadas de casamento. Se as piadas de casamento, e provavelmente todas, giram em torno de temas que são socialmente polêmicos; se elas operam fortemente com estereótipos, e, ainda, se são um tipo de texto que veicula um discurso que sofre algum tipo de controle, de repressão, buscamos, através dos fatores históricos, alguma compreensão dos discursos sobre o casamento e seu acontecimento nas piadas.

As piadas de casamento giram em torno de temas controversos. A instituição do casamento é polêmica porque envolve relações entre pessoas. A história do casamento se confunde com a filogênese dessas relações: no começo da humanidade, no momento inicial em que um ser homem e um ser mulher se uniram, provavelmente por razões biológicas (necessidade sexual, preservação da espécie...). Se no “contrato original” essas relações eram ou menos

polêmicas, provavelmente nunca saberemos. Durante muitos séculos, a história das relações entre homens e mulheres, no casamento, foi ignorada, silenciada e, quando aparece nas teorias clássicas, é, inicialmente, considerada periférica. Quando os teóricos clássicos do contrato colocam a história do casamento em discussão, o fazem a partir da premissa de que a sujeição das mulheres aos homens tem uma base natural. De maneira geral a história do casamento foi interpretada e reproduzida a partir dos limites patriarcais estabelecidos. Mesmo diante das conquistas femininas, os resquícios dessa história estão na base dos casamentos tal como o conhecemos no Ocidente, pelo menos até o final do século XX. As piadas que colocam em discussão “quem manda em quem no casamento” são reveladoras da existência de um sistema patriarcal no casamento que, provavelmente, numa sociedade como a nossa, esteja sendo modificado.

Marido e mulher empenhavam-se numa discussão terrível, quando um vendedor aperta a campainha. A criada vai atender.

- Eu quero falar com o chefe da casa.

- Tenha a bondade de esperar uns quinze minutos. É o assunto que estão definindo – quem é o chefe da casa. (Anedotas e Piadas de Bocage, 1950)

E depois tem aquela do homem que tinha uma mulher tão mandona, mas tão mandona, que começou assim o testamento: - “Estes são os meus primeiros desejos”. (Seleções, julho 1997, p. 116).

As piadas de casamento giram em torno de estereótipos. No *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, de Michaelis (1998) encontramos a seguinte definição para o termo *estereótipo*: “Imagem mental padronizada tida coletivamente por um grupo, refletindo uma opinião demasiadamente simplificada, atitude afetiva ou juízo incriterioso a respeito de uma situação, acontecimento, pessoa, raça, classe ou grupo social”. Nas piadas de casamento, os estereótipos se apresentam na identificação dos sujeitos que participam da instituição do casamento (marido, esposa, sogra...) ou na identificação da própria instituição. Visão simplificada das coisas? Provavelmente. Reflexo de um “juízo incriterioso”? Acreditamos que não necessariamente. Possenti (2002), ao admitir a hipótese de que as identidades, nas piadas, são representadas através dos estereótipos, observa que, embora a identidade seja uma representação social, imaginária, isto “não significa que ela não tenha amparo no real”. (p. 156). Isto significa que os estereótipos também são sociais, imaginários, construídos, mas que não

nascem ao acaso. Pode ser que a memória social tenha esquecido o “juízo” criterioso que justifica o seu aparecimento. Os estereótipos que aparecem nas piadas de casamento (e em outras) parecem ser decorrentes dos conflitos que historicamente ocorrem na relação marido e mulher: o que se diz das esposas; o que se diz dos maridos; o que se diz de sogras... Os estereótipos constituem discursos tão fortemente arraigados que, mesmo que não sejam verdadeiros, continuam sendo repetidos. Um exemplo poderia estar no fato de as piadas que diziam/dizem que mulheres dirigem mal. Dados estatísticos confirmam que as mulheres são mais cuidadosas para dirigir que os homens e que as Seguradoras, por isto, preferem fazer seguro de motoristas mulheres e que tais seguros são mais baratos que os dos motoristas homens. Mas os estereótipos continuam repetindo que “mulher dirige mal” ou que “as esposas gastam demais” (não encontramos piadas que dizem que maridos gastam demais), que “sogra são insuportáveis” (não se diz o mesmo de sogros) etc. Piadas antigas ou contadas hoje não só repetem os mesmos estereótipos, mas também são absolutamente idênticas.

. Mulher dirige mal:

Experiência...

(figura: mostra a mulher do capitão entrando num tanque de guerra)

- Esta é a última experiência que se faz com o “tank”. Se a mulher do capitão não conseguir arrebatá-lo ele está à prova de qualquer canhão...

(JM-8/10/1942)

A mulher telefona para o marido:

- Querido, tenho uma notícia boa e uma má!

- Lamento, mas estou no meio de uma reunião supertensa, me diz só a boa!

- O airbag do seu carro está funcionando direitinho!

(www.piadas.com.br, 2003)

. As esposas gastam demais:

Obra de mulher...

- Ela fez de seu marido um milionário. Antes de casar-se ele era multimilionário (JM – 25/12/1958)

Uma mulher para sua amiga:

- Fui eu que fiz o meu marido milionário.

- E o que o seu marido era antes? – pergunta a amiga.

A mulher responde:

- Bilionário. (e-mail, 01/11/2004)

. As sogras são insuportáveis, atrapalham os genros:

Noção de trabalho...

- *Mas então tu não assististe o enterro de tua sogra?*

- *Não, eu tenho muito que fazer e, para mim, o trabalho está acima de qualquer diversão.* (JM- 8/10/1942)

- Mestre, o que me aconselhas? Não sei se vou ao enterro de minha sogra ou se vou trabalhar?

- *Vá trabalhar. Primeiro a obrigação, depois a diversão.* (Programa *A praça é nossa*, 02/5/2002, SBT.)

As piadas de casamento também veiculam de um discurso proibido, não-oficial. As piadas terão, sempre, essa característica. As sociedades sempre terão seus valores, ideologias, proibições, tabus... Mas, parafraseando Foucault, elas não conseguem calar essa “vontade de saber”, essas produções discursivas que levam a formular a verdades das coisas ou, então, mentiras destinadas a ocultá-las. As piadas são um forte exemplo de que a língua nos permite “transgressões deliberadas”, nos permite “colocar as interdições em discurso”.

Em nível mais geral, considerando que objetivamos a análise do discurso humorístico, buscamos identificar os aspectos histórico-sociais que são determinantes nas relações entre marido e mulher nas piadas de casamento. Fizemos, para isso, um trabalho documental e uma extensa catalogação de piadas. Este pode ser um dos méritos desta tese: oferecer um farto material para quem possa se interessar pelo estudo de piadas ou piadas de casamento: lingüistas, sociólogos, psicólogos... Em nível mais específico, acreditamos que a principal contribuição desta tese é que não podemos, sob a égide da Análise do Discurso, descartar aquilo que as piadas dizem. Elas podem ser uma evidência da existência de discursos que, mesmo proibidos, interditados, teimam em aparecer na língua; elas são a evidência da existência de temas sociais que são controversos e por isso mesmos são por elas abordados; elas são uma evidência de que a sociedade, através de estereótipos, perpetua conceitos e preconceitos. Em tempo, esta tese pode ter uma outra virtude, talvez divertir quem tiver a oportunidade de sua leitura.

. APÊNDICE

. OS PENSAMENTOS SOBRE CASAMENTO E OUTROS...

Na busca de piadas sobre casamento, encontramos muitos pensamentos sobre o tema. Pela sua natureza, a maioria chistosa, achamos interessante registrá-los neste apêndice. Tal como as piadas, os Pensamentos sobre o casamento destacam/reforçam estereótipos sobre o que se pensa do casamento e dos indivíduos nele envolvidos.

. Casamento por amor

O amor é cego, mas o casamento abre os olhos. (www1.piadas.com.br)

O amor é como um sonho muito longo. O casamento é o despertador. (Internet, 21/11/00)

O amor é lindo; casamento é outra coisa, bem diferente. (www.humor.com.br)

. Casamento e arrependimento

Eu nunca soube o que é estar realmente feliz até casar; mas aí já era tarde demais. (Internet, 01/11/01)

Casamento é uma escola onde se aprende tarde demais. (www.humor.com.br)

. Casamento é ...

Casamento é como submarino: pode permanecer bastante na superfície... mas foi feito para afundar. (Internet, 01/11/01)

Casamento é como a 'Avenida Paulista': começa no 'Paraíso' e acaba na 'Consolação'. (Internet, 01/11/01)

Casamento é como uma gaiola: de um lado os pássaros desesperados para entrar, do outro, desesperados para sair. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

O casamento é um funeral onde o homem sente o cheiro de suas próprias flores. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

O casamento é a única causa do divórcio. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

O casamento é a primeira causa do divórcio (www.piadas.com.br)

O casamento é uma empreitada destinada a encontrar o tipo de pessoa com quem sua esposa gostaria de ter se casado. (Internet, 21/11/00)

O casamento é um período de repouso entre duas aventuras. (Internet, 21/11/00)

O casamento é a única guerra onde os inimigos dormem lado a lado. (Pichado em um muro, dez. 2001)

Se casamento fosse bom não precisava de testemunha. (Internet, 21/11/00)

Casamento é como ir a um restaurante com os amigos. Você faz o seu pedido, mas quando olha a comida do amigo ao lado, você pensa que era o que você gostaria de ter pedido. (Internet, 01/11/01)

Casamento não é uma palavra. É uma sentença. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

Casamento é um período de repouso entre duas aventuras. (www.piadas.com.br)

. Casamento ideal

Para mim, a melhor representação do casamento feliz seria a união de um surdo com uma cega. – Coleridge (Internet, 21/11/00).

Se a solidão lhe dá medo, não case – Tchekov (Internet, 21/11/00)

. Casamento sai caro

Homens que têm ‘piercing’ na orelha estão mais preparados para o casamento... Sabem o que é a dor e o preço de uma jóia. (Internet, 01/11/01)

Como a maioria dos homens define casamento: um jeito muito caro de ter as suas roupas lavadas de graça. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

Um outro pensamento, parecido com este reforça a mesma idéia, só que “roupas de graça” é substituído por “mulher de graça”. Certamente, um modo machista de definir a “utilidade” da esposa: um objeto sexual que substitui a prostituta paga.

Casamento: a maneira mais cara de ter mulher de graça. (Internet, 21/11/00)

. Desentendimentos

A vida de casado é muito frustrante. No primeiro ano de casamento, o homem fala e a mulher escuta. No segundo ano, a mulher fala e o homem escuta. No terceiro, ambos falam e os vizinhos escutam. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

Existem duas fases em que o homem não entende a mulher: antes do casamento e depois. (Internet, 21/11/00)

Quando um homem segura a mão de uma mulher antes do casamento, dizem que é amor. Quando ele o faz após o casamento, dizem que é autodefesa. (www.piadas.com.br)

. Dinheiro

Um homem de sucesso é aquele que consegue ganhar mais dinheiro do que a sua esposa pode gastar. Uma mulher de sucesso é a que consegue encontrar um homem desses! . (www.traida.net/humor)

. Felicidade

Para mim, a melhor representação de um casamento feliz seria a união de um surdo com uma cega – Coleridge (www.piadas.com.br)

. Gentilezas

Quando um homem abre a porta do carro para sua mulher, ou o carro é novo ou é a mulher. (Internet, 21/11/00).

. Homens

A presunção é um traço tipicamente masculino. Por isso os homens devem casar ao menos uma vez, pra que não digam que nunca erraram. (Internet, 01/11/01)

Quando o homem casa, ou trai sua natureza ou trai sua mulher (www.humor.com.br)

. Lugar da mulher

Você sabe que a lua-de-mal terminou quando você liga para casa para dizer que vai chegar tarde e a secretária eletrônica responde que o jantar está no microondas. (Internet, 21/11/00)

. Mudança de atitudes

Uma mulher se casa esperando que ele mude, mas ele não muda. Um homem se casa esperando que ela não mude, mas ela muda. (Internet, 21/11/00)

Quando um homem segura a mão de uma mulher antes do casamento, dizem que é amor. Quando ele o faz após o casamento, dizem que é autodefesa. (Internet, 21/11/00)

. Quem manda?

Uma das melhores coisas do casamento é que, como pai e marido, você pode dizer o que quiser em casa. É claro que ninguém presta a mínima atenção. (Internet, 01/11/01)

Não importa quantas vezes um homem casado muda de emprego. Ele ainda continuará com o mesmo chefe. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

. Separação

Já reparou que quando um homem casa, a mulher fica com o nome dele, mas quando faz um testamento, põe tudo no nome dela? (Seleções, jun./96, pág 14)

Alguns divórcios são amigáveis, mas todo casamento é litigioso. (www.humor.com.br)

. Sexo

Os cientistas descobriram recentemente um alimento que reduz bastante o impulso sexual – chama-se bolo de noiva (Seleções, dez.97, pág.120)

Não faça sexo com sua mulher. Ela é da família. . (www.traida.net/humor)

Sabe por que as mulheres não querem mais casar? Porque por causa de 100g de chouriço elas têm de levar o porco inteiro.

. Sogra

Qual a diferença entre a tragédia e a calamidade?

Tragédia é quando sua sogra cai de um abismo no mar.

Calamidade é quando aparece um salva-vidas pra trazer ela de volta.

(www.piadas.com.br)

O que quer dizer um ônibus desgovernado com 5 sogras caindo num precipício?

Resposta: Desperdício, pois cabiam 40 sogras. (www.piadas.com.br)
A única sogra que presta é a da minha mulher. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

Em dia de tempestades e trovoadas o local mais seguro é perto da sogra, pois não há raio que a parta. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

Feliz foi Adão que não teve sogra. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

Sogra devia ter dois dentes, um para doer e outro para abrir garrafas. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

Enviuei, e casei com a cunhada para economizar sogra. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

Sogra não tem problemas no trânsito, vassoura não engarrafa. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

Sogra não é parente. É castigo. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

Só não mando a minha sogra para o inferno, com pena do diabo. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

Se sogra fosse boa, você não tinha só uma. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

Sogra é como carro a álcool, você ainda vai ter uma. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

Sogra é como cerveja! Só é boa gelada em cima da mesa. (www.orapois2.com.br)

Sogra é igual à macaxeira... As boas estão enterradas. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

Sogras são como batatas: as melhores estão enterradas. (www.piadas.com.br)

. Solidão

Se a solidão lhe dá medo, não case – Tchekov (www.piadas.com.br)

. Traição

Não se incomode com o chifre, Ele é apenas uma coisa que os outros colocam na sua cabeça. (www.traida.net/humor)

Mulher de amigo meu é igual cebola. Eu choro mas como. (www.traida.net/humor)

Se você trancar sua mulher no armário, ele te trai com o cabide.
(www.traida.net/humor)

. FRASES DE PÁRA-CHOQUE

Beijo de mulher casada tem gosto de chumbo. (www.cpdee.ufmg.br)

Casamento é o fim das criancices e o começo das criançadas (www.cpde.ufmg.br)

Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão. (www.cpdee.ufmg.br)

Marido de mulher feia sempre acorda assustado. (www.cpdee.ufmg.br)

Marido de mulher feia tem raiva de feriado. (www.cpdee.ufmg.br)

Mulher desquitada e cana de engenho só deixam bagaço. (www.cpdee.ufmg.br)

Mulher feia vale por duas porque o marido sempre tem outra.

(www.cpdee.ufmg.br)

Não mando minha sogra para o inferno porque tenho pena do diabo.

(www.cpdee.ufmg.br)

. OUTRAS “BOAS” SOBRE O CASAMENTO E CIA.

(1) Antes e depois do Casamento

Antes - Camisa dentro da calça...

Depois - Barriga fora da calça...

Antes - Minha Gatinha, meu Ursinho (bichinhos pequenos e fofinhos).

Depois - Os bichos crescem: Sua Vaca, Seu Cachorro, Sua Galinha.

Antes – Você me tira o fôlego

Depois – Você está me sufocando

Antes - Duas vezes (ou mais) por noite...

Depois - Duas (ou uma) vezes por mês...

Antes - Ela diz que adora o jeito como eu controlo a situação...

Depois - Ela diz que eu sou um maníaco egocêntrico e manipulador...

Antes - Os embalos de sábado à noite...

Depois - O futebol de domingo à tarde...

Antes - Não pára!

Depois - Nem vem...

Antes - Você vai comer só isso?

Depois - Talvez fosse melhor comer só a salada, querida.

Antes - É como se eu estivesse sonhando...

Depois - Estou tendo um pesadelo...

Antes - Concordamos em tudo!

Depois - Ela não pode tomar nenhuma decisão.

Antes - Adoro suas curvas.

Depois - Eu nunca disse que você está gorda?

Antes - O tempo pára.

Depois - Esta relação não vai a lugar nenhum

Antes - Croissant e capuccino.

Depois - Café com margarina.

Antes - Você fica tão sexy de preto...

Depois - Suas roupas são deprimentes...

Antes - Não acredito que tenhamos nos encontrado.

Depois - Não acredito que acabei ficando com você.

Antes - Camarão.

Depois - Sardinha em lata.

Antes - Biquini "Asa delta"...

Depois - Maiô tipo americano...

Antes - Garrafa de vinho.

Depois - TANG sabor uva.

Antes - Vem para cama que eu estou te esperando...

Depois - Levanta seu molenga, que tá na hora...

Antes - Família Manccini.

Depois - Disque Pizza.

Antes – Vem cá benzinho que eu esquento seu pezinho.

Depois - Sai com esse pé frio prá lá...

Antes – Era uma vez...

Depois – Fim. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

(2) Os 5 Mandamentos do Casamento

1. *O homem se casa para vencer a solidão. A mulher, para ficar só.*
2. *O homem se casa por constrangimento. A mulher, por desespero.*
3. *O homem se casa para ser marido. A mulher, para ser mãe.*
4. *O homem se casa para ficar em casa. A mulher, para sair.*
5. *O homem se casa por descuido. A mulher, por precaução. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)*

(3) Curso para Homens

Devido a complexidade e dificuldade de assimilação dos temas, os cursos terão um máximo de 8 participantes. Inscrições abertas.

Tema 1: - *Como encher as formas de gelo (passo a passo, com apresentação de slides).*

Tema 2: *O rolo de papel higiênico: será que nasce no porta-rolos? (Mesa redonda)*

Tema 3: *É possível urinar levantando a tampa e sem respingar no vaso? (Práticas em grupo).*

Tema 4: *Diferenças fundamentais entre o cesto de roupa suja e o chão (Desenhos e gráficos esclarecedores).*

Tema 5: *A louça do almoço: levita sozinha até a pia? (Exemplos em vídeo)*

Tema 6: *Perde-se a identidade se não tiver na mão o controle remoto da TV?*

Tema 7: *Fazer a mala: incompetência nata ou capacidade mental progressiva? (Iniciação lúdica).*

Tema 8: *Como aprender a encontrar coisas, começando por procurar no lugar certo em vez de remexer a casa toda aos gritos. (Passo a passo)*

Tema 9: *Oferecer flores à namorada não é prejudicial à saúde. (Gráficos e montagem audiovisual)*

Tema 10: *Os verdadeiros homens também pedem orientações a estranhos quando se perdem. (Depoimentos verídicos de comprovados machos e conferências)*

Tema 11: *O homem no lugar de co-piloto: é geneticamente possível não dar compulsivamente palpites durante as manobras de estacionamento!*

Tema 12: *Aprendendo a viver: diferenças básicas entre mãe e esposa. (Aula virtual com prática presencial)*

Tema 13: *Como ser acompanhante em shopping, sem protestar. (Exercícios de relaxamento e autocontrole)*

Tema 14: *Com lutar contra a atrofia cerebral: recordar aniversários, outras datas importantes e telefonar quando se atrasa.*

Encerramento do curso e entrega de diplomas aos sobreviventes (e-mail, julho 2002)

(4) Flerte / Caso / Namoro / Noivado / Casamento

Flerte

Quando ela é toda sorriso, você cheio de nove-horas e gentilezas, fica naquela conversa mole por mais de 10 minutos, ri de qualquer merda que ela fala, e quando ela anda, você crava os olhos naquele belo traseiro, imaginando...

Isto é um flerte. Este relacionamento só tem vantagens. Você a chama para sair, é superlegal, a noite toda é só risadas e bons momentos. Depois do primeiro amasso, isso já vira um...

Caso

Grande estágio! Começa a rolar um sexozinho, mas nada muito adiantado, no máximo um sexo oral, afinal "Eu não sou qualquer uma". Daí já pinta aquele negocio de ligar um pro outro a cada quinze minutos, sair mais constantemente, rola um "Temos um relacionamento..." Ainda é bom paca, mas já começa a ter uma cobrança. Afinal, "Eu não sou como as outras garotas que você já teve". Se durar mais de um mês, pronto, já é um...

Namoro

O que significa um "namoro"? Assinou um contrato de exclusividade, meu caro. Isto significa que você não pode mais comer ninguém além dela, nem mesmo dar uns beijinhos. Você tem que ligar todo dia p/ ela, senão... O quê? Sair desabado com os amigos? Esqueça! "Ah, você quer ir pra putaria com aqueles seus amigos galinhas? Você pensa que eu sou idiota? Tem que ir ao aniversário daquele panaca do primo dela e não pode mais ter amigas, "Aquele galinha ta é dando em cima de você! Pensa que eu não vejo? Onde você foi ontem, que chegou tarde? Liguei pra sua casa e você não estava. Nessa fase, você, já apaixonado pra caralho, aceita tudo que ela e fala e ainda acha caro! Você começa a viver em função dela. Você só faz as coisas que você quer se ela tiver outra coisa para fazer, de outro modo, tudo gravita em torno dela. Horários, passeios, amigos, turmas. É fôda! Ai, aquela deusa maravilhosa, mulher da sua vida, linda e desejada, a mais perfeita descrição de um ser humano, tira da bolsa um cabresto, põe em você, pega o chicote, coloca as esporas e monta em você.

Daí, meu filho, tás ferrado. Se você deixar na primeira vez, fodeu! Nunca mais consegue voltar ao que era antes. Vai se sentir mal, desanimado, triste, mas vai continuar porque você gosta dela. Daí é só uma questão de tempo e começam os papos: Quando nós vamos comprar nossas alianças? Já estamos juntos a tanto (8 meses), quando é que eu irei ter uma segurança com você? Vocês irão ver móveis, assim como quem não quer nada. E, já está num...

Noivado

Só falta oficializar, já dançou. Comprometeu-se com Deus e o mundo, se não casar, fica com fama de hipócrita, sem-vergonha, só queria se aproveitar da coitadinha. Você é um babaca. Devia ter parado lá em cima, enquanto estava comendo sem problemas. Daí, se você chegou até aqui e nunca achou nada de errado...

Casamento

E, você casou. Muito bom, vida a dois, estável, só se preocupando em ganhar dinheiro para dar uma boa vida para ela e as crianças. Muito bem, mas... e quanto ao SEXO? Observem bem os seguintes dados:

Anos de Casamento	Quantidade de relações mensais (media)
1	27
2	23
3	18
4	12
5	6
6	5
7	4
8	2
9	2

E velhinho, o sexo cai barbaramente. Aquele tal negócio, "Hoje não amor, estou com dor de cabeça". Nem parece aquela tarada com quem você namorava, lembra? Transavam no carro, na casa dos pais dela, no cinema, praia, de pé, em qualquer lugar. Era um tesão que não acabava mais. Agora, com a vida já feita, prá que tudo isso? Qual foi a última vez que vocês foram a um Motel? Nem lembra, né. Pois é, como eu já disse, devia ter parado antes! Mas você não me escutou, dançou. Agora é levar com a barriga até onde os culhões agüentarem. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

(5) Constituição Federal – Diário Oficial

Emenda de alteração da CONSTITUIÇÃO FEDERAL, visando um relacionamento mais humano, evoluído e moderno, entre casais.

O Presidente, no uso da suas atribuições que lhe confere o artigo 62, da CONSTITUIÇÃO, e nos termos do disposto nos artigos 47 a 50, sanciona e promulga a seguinte lei:

Art. 1º - *Todo desejo do marido é uma ordem.*

§ Único: É dever da esposa adivinhar todos os desejos do marido.

Art. 2º - *Toda esposa tem o direito de expressar sua opinião.*

§ 1º O marido não é obrigado a ouvi-la.

§ 2º Caso a opinião seja inteligente, por ser o chefe da casa, o marido assume a autoria da mesma.

Art. 3º - *É facultativo à esposa dizer a ultima palavra, desde que seja "Sim senhor", ou algo semelhante.*

Art. 4º - *Fica expressamente proibida a esposa de dormir com bobes, cremes, perucas, ou Similares similares, ficando a infratora sujeita aos corretivos impostos pelo marido, de acordo com a gravidade do ato.*

Art. 5º - *E dever da esposa que trabalha ou tenha fonte de renda de qualquer natureza, entregar toda a remuneração ao marido para que este administre com inteligência que só a ele é peculiar.*

Art. 6º - *Fica sem efeito o dispositivo da Constituição Federal com relação à cabeça do casal, que, como era de se esperar, será sempre o marido (tutor).*

Art. 7º - Ficam garantidas 02 (duas) noites e 02 (duas) manhãs livres, por semana, para o marido jogar futebol, truco, beber com os amigos ou alterar qualquer atividade exigida por sua condição de macho e predador.

Art. 8º - Para preservar a tranqüilidade do lar, a esposa fica proibida de ter ataques histéricos, de frescura e quaisquer outros previstos em lei, assim como gritar durante a surra que deverá ser aplicada semanalmente, com a finalidade de manter a esposa na linha e cumpridora dos artigos desta lei.

Art. 9º - A partir desta data, a esposa passa a ser chamada de patroa ou mulher, e esta, poderá caso seja permitido pelo marido, trata-la de "Você", porém em casa e nunca em público.

Art. 10º - Revogam-se todas as disposições em contrário. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

(6) Tipos de Sogras

SOGRA TRANQÜILA

Nome Científico: **Sogronis nadelas**

Uma espécie bem resolvida. Deixa o filhote livre para namorar sem fazer perguntas. E ainda serve chá com biscoitos quando a(o) conhece. Migra varias vezes por ano, deixando a casa liberada.

SOGRA JARARACA

Nome Científico: **Sogronis peçonhentus**

Essa é um perigo. Sua língua venenosa acaba com as tentativas de namoro do filhote; o tipo mais comum.

SOGRA QUERIDA

Nome Científico: **Sogronis simpaticcus**

Espécie amorosa, que adota as(os) namoradas(os), escuta seus problemas e torce pelo namoro. Rara e em extinção, quem captura não solta.

SOGRA INTROMETIDA

Nome Científico: **Sogronis enxeridis**

Se mete quando você menos espera e adora elogiar a(o) ex-namorada(o) dele(a). Vence sua presa no cansaço. Costuma ir morar com o filhote quando ele(a) se casa.

SOGRA DUPLA FACE

Nome Científico: **Sogronis falsidis**

Faz a linha fina, mas na real quer puxar seu tapete. Nunca faz nada contra você perto do filhote para que ele(a) não acredite nas suas reclamações. Dá presentes ou arruma um macho para ela voltar a reproduzir.

SOGRA TRABALHADORA

Nome Científico: **Sogronis workaholic**

Ela tem três empregos, faz hidroginástica, adora levar trabalho pra casa e quando você aparece te põe para trabalhar. Para ela, nora(genro) ideal tem que fazer tudo o que ela faz e ainda estar sempre sexy e bem-humorada(o). Para o(a) filhote dela isso é o mínimo.

SOGRA IDEAL

Nome Científico: **Sogronis defuntus**

Está enterrada a pelo menos 7 palmos do chão. (www.hpa.vilabol.uol.com.br)

. BIBLIOGRAFIA

ANEDOTAS e piadas de Bocage. São Paulo: Edições Paratodos, 1950. 158 p.

BAKHTIN, M./VOLOSHINOV, V.N. (1930). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995. 1996

BASSANEZI, C. B. **Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. 499p.

_____. **Virando as páginas, revendo as mulheres: relações homem-mulher e revistas femininas, 1945-1964**. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de História. São Paulo, 1992.

BERGSON, H. **Le rire**. 7 ed. Paris, France: Presse Universitaires de France, 1993. 158 p.

BORBA, F. da S. **Introdução aos estudos lingüísticos**. 11.ed. Campinas, SP: Pontes, 1991. p.331

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. 3 ed. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994. 96 p. (Série Pesquisa).

BURGUIÈRE, A., KLAPISCH-ZUBER, C., SEGALIN, M., ZONABEND, F. **História da família**. 4 vol. Tradução de Ana Santos Silva. Lisboa, Portugal: Terramar, 1997

CADERNOS PAGU. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero - IFCH/Unicamp, 1993-1998. Anual.

CAHEN, G. (org.). **L'Humour: un état d'esprit**. Paris: Autrement, 1995 p. 230

CASTRO, R. (org.). **O amor de mau humor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 211 p.

_____. **O melhor do mau humor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 154 p.

CAVALCANTI, J. **Potocas, piadas e pilhérias**. João Pessoa: Iterplan, s/d. 291 p.

COUDRY, M. I. H. – **Diário de Narciso: discurso e afasia. Análise interdiscursiva com afásicos**. 3. ed. São Paulo: Martins Pena, 2001. 205 p.

DUBY, G. (org.). **História da vida privada**. 5 vol. Tradução de Maria Lúcia Machado. 5 vol. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.

- DUBY, G & PERROT, M. **História das mulheres**. 5 vol. Porto: Portugal, s/d.
- EGG, E. A. [et al]. **Opresión y marginalidad de la mujer em el orden social machista**. Buenos Aires: Humanitas, 1976. 206 p.
- EICHEMBAUM, L. & ORBACH, S. **Afinal, o que querem as mulheres?** Tradução de Silvia Rocha. Rio de Janeiro: Record, s/d.
- ELIAS, N. **O processo civilizador**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2v
- FEUERHAHN, N. **Le comique et l' enfance**. Paris: Presses Universitaires, 1993. 268 p.
- FONSECA, A. M. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 1995. 144 p.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 79 p (Leituras Filosóficas)
- _____. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999. 152 p. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências).
- _____. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998. 232 p. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências, 15)
- _____. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 6 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999. 246 p. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências, 17)
- _____. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FREUD, S. Os chistes e sua relação com o inconsciente. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1969
- Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero. Mônica Raisa Schpun (org.). Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 1997. 208 p.
- _____. **O mal estar na civilização**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997. 112 p.
- GÊNERO: Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero. NUTEG. Niterói: EDUF, 2001-2003. Anual.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Unesp,

1993. 228 p.

- GOLDENBERG, M. **Ser homem, ser mulher:** dentro e fora do casamento. Rio de Janeiro: Revan, 1991. 126 p.
- GULOTTA, G. **Comédies et drames du mariage:** psycho-guide illustré de la jungle conjugale. 2 ed. Paris, France: ESF Éditeur, 1994. 138 p.
- HAHNER, J. E. **A mulher no Brasil.** Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1978. 175 p.
- HUMORESQUES. Centre de Recherche Interdisciplinaire sur l'Humour – CRIH de l'Université de Paris. Paris: Presses Universitaires de Vincennes. 1192-1996. Annual.
- KOFMAN, S. **Pourquoi rit-on?:** Freud e le mot d'esprit. Paris, France: Éditions Galilée, 1968. 200p.
- KRUSCHEWSKY, B. K. **Colcha de Retalhos.** Rio de Janeiro: Enelivros, 1982. 206 p.
- LOBATO, J. P. **Amor, desejo e escolha.** Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. (Coleção Gênero; 3). 193 p.
- LOBO, A repersonalização das relações de família. Disponível em www1.jus.com.br. Acesso em: 17 abr. 2004
- MACFARLANE, A. **História do casamento e do amor:** Inglaterra: 1300-1840. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras: 1990. 391 p.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso.** Tradução de Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes: Editora da UNICAMP, 1997. 198 p. (Linguagem/Crítica)
- NAZZARI, M. **O desaparecimento do dote:** mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 361 p.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura.** São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988. 118 p. (Coleção passando a limpo)
- PATEMAN, C. **O contrato sexual.** Tradução de Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. 391p.
- PÊCHEUX, M. (1969). **Análise automática do discurso.** In: GADET, F. e HAK T. (orgs). Tradutores Bethânia S. Mariani... [et al]. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 61-161.

- _____. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi...[et al]. Campinas: Editora da Unicamp, 1988. 317 p.
- PEDRO, J.M. e GROSSI, M.P. (orgs.) – **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. 320 p.
- POSSENTI, S. **Os humores da língua:** análises lingüísticas de piadas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. 152 p.
- _____. **Os limites do discurso:** ensaios sobre discurso e sujeito. Curitiba, PR: Criar Edições: 2002. 260 p.
- PRIORE, M. Del. (org.) **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997. p. 678.
- PROPP, V. **Comicidade e riso.** Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992. 215 p.
- SALIBA, E. T. **Raízes do riso:** a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 366 p.
- SAMARA, E. M. **A família brasileira.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 89 p.
- SCHPUN, M. R. (org.) **Gênero sem fronteiras:** oito olhares sobre mulheres e relações de gênero. Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 1997. 208 p.
- SOUZA, L. M. (org..) **História da vida privada no Brasil:** cotidiano e vida privada na América portuguesa. 5 vol. São Paulo: Companhia das Letras: 1997
- WITTGENSTEIN, L. **Aforismos: cultura y valor.** Tradução de Elsa Cecilia Frost. Madri: Espasa Calpe, 1995